SAGA MARFIL

ATRAÍDOS *pelo destino*

VERUS EDITORA



Ele foi contratado
para protegê-la.
Se apaixonar não fazia
parte do acordo.

MERCEDES RON

AUTORA BEST-SELLER INTERNACIONAL

MERCEDES RON

SAGA MARFIL

ATRAÍDOS *pelo destino*

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

1ª edição
Rio de Janeiro-RJ / São Paulo-SP, 2026

VERUS
EDITORA

Título original
Marfil

ISBN: 978-65-5924-531-4

Copyright © Mercedes Ron, 2019
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada ou reproduzida, sob qualquer forma, com a finalidade de treinar tecnologias ou sistemas de inteligência artificial. Esta obra está expressamente reservada à mineração de textos e dados, nos termos do artigo 4o, § 3o, da Diretiva (UE) 2019/790.

Tradução © Verus Editora, 2026
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Argentina, 171, São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ, 20921-380

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R675a

Ron, Mercedes, 1993-
Atraídos pelo destino [recurso eletrônico] / Mercedes Ron ; tradução Sandra Martha Dolinsky. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Verus, 2026.
recurso digital (Saga marfil ; 1)

Tradução de: Marfil
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5924-531-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção argentina. 2. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título. III. Série.

26-105966.0

CDD: Ar863
CDU: 82-3(82)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record e assine nossa newsletter.
Cadastre-se no site www.record.com.br.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Capítulo 34
Capítulo 35

Ao meu pai, obrigada por me ensinar que nem mesmo o céu é o limite

Prólogo

Se alguém me perguntasse que diabos estava fazendo ali, eu teria oitenta mil respostas diferentes, mas nenhuma explicaria tudo. Para ser sincero, nem mesmo a resposta verdadeira.

Meu trabalho exigia tanto de mim que, às vezes, eu me perguntava por que continuava fazendo aquilo, por que não largava tudo. Mas, ao pensar que isso significaria desperdiçar todo o esforço e toda a dedicação investidos, eu simplesmente silenciava minha consciência e prosseguia.

Os homens ali presentes teriam me matado sem hesitar se pudessem ouvir meus pensamentos, mas já fazia muitos anos que minha mente era meu único refúgio. Se bem que, de vez em quando, tinha que controlar os pensamentos para que ninguém lesse em meus olhos as dúvidas que às vezes me dominavam.

Para quem fazia o que eu fazia, ficar em dúvida podia significar a morte.

De longe, certifiquei-me de que minha pontaria seria precisa. Ninguém me cobria, eu estava sozinho, apesar de sermos mais de quinze homens naquele local.

Assim que começaram os tiros, eu soube que iria tudo para o caralho. Mas um disparo — um bem específico — mudaria tudo.

1

Manfil

Duas semanas depois

Olhei a moeda de duzentos pesos colombianos que segurava entre os dedos. Enquanto esperava que Liam chegasse, só conseguia pensar em uma coisa: cara e coroa formavam um todo e nunca se veriam de frente. Parece bobagem, uma moeda é uma moeda, mas, naquele instante, não pude deixar de me identificar com ela. Será que eu também tinha dois lados completamente opostos que nunca se fundiriam? Às vezes, era complicado me entender. Se eu me visse de fora, tenho certeza de que, na maioria das situações da minha vida, a única coisa que me passaria pela cabeça seria: *Afinal de contas, o que você está fazendo?*

Minha irmã, Gabriella, muitas vezes dizia que termos passado toda a nossa infância e adolescência enfiadas em um internato a sete mil quilômetros da nossa casa deixaria sequelas em ambas. Por sorte, eu já havia superado, mas ela, ao contrário, ainda tinha dois anos intensos de normas rígidas e dias nublados. Faltavam poucos meses para ela fazer dezesseis anos e suas únicas preocupações eram nunca ter beijado um garoto e o medo de que, se continuasse cercada de mulheres, acabasse virando lésbica. Só de pensar na reação do meu pai cogitando essa hipótese, já me dava vontade de rir.

Sequelas… eu poderia falar sobre o assunto durante horas. A mais importante ainda conseguia me acordar no meio da noite com o coração apertado e as lágrimas rolando como se eu tivesse quatro anos, não vinte. É incrível como algumas lembranças ficam gravadas para sempre na memória, ao passo que outras desaparecem sem deixar rastros. Segundo a Pixar — isso mesmo, o estúdio de animação que fez o filme *Divertida-Mente* —, nosso cérebro elimina as lembranças que não servem para nada e retém as que considera mais importantes. E é aí que eu me pergunto: de que servia lembrar de como mataram a minha mãe na minha frente?

É evidente que, independentemente do que diga a Pixar, o cérebro faz o que lhe dá na telha.

Enquanto eu divagava sem direção, notei que os caras no balcão à minha direita não tiravam os olhos de mim. Não hesitei: levantei a cabeça e os encarei sem desviar

o olhar. Minha intenção era intimidá-los, ou pelo menos que fossem menos descarados, mas dois deles começaram a rir e o terceiro, alto e de cabelo castanho, sustentou meu olhar sem vacilar.

Eu odiava ser a primeira a desviar o olhar, fosse com quem fosse. Só uma pessoa no planeta conseguia me intimidar a ponto de me fazer baixar a cabeça e até parar de piscar, se fosse necessário; e essa pessoa estava longe demais para eu precisar pensar nela.

E assim começamos a batalha de olhares mais épica da história. Bom, não foi tudo isso — gosto de dramatizar —, mas, sim, foi das intensas. Quanto mais eu o encarava, mais curiosidade sentia, e, quanto mais ele retribuía, mais certeza eu tinha do que estava começando a lhe passar pela cabeça. Será que eu poderia fazer com ele o mesmo que fazia com os outros? Seria divertido…

— E aí, Mar — disse uma voz grave atrás de mim. Ao sentir um toque em minhas costas, dei um pulo e desviei o olhar.

Merda! Perdi.

Virei para receber meu melhor amigo e a frustração evaporou assim que fixei os olhos nos seus. Liam Michaelson era daqueles de deixar estrago: tinha quase um metro e noventa, cabelo preto como a noite, olhos azuis… E, não, não era gay. Mas, sim, era meu melhor amigo. É mais comum do que parece.

— Está esperando há muito tempo? — perguntou, olhando por cima da minha cabeça para os caras na ponta do balcão.

— O suficiente pra você ter que me pagar uma bebida.

Teoricamente, eu ainda não podia beber, muito menos comprar bebida, mas os documentos falsos eram tão comuns que eu achava ridículo que essa lei ainda existisse.

Liam deu um sorriso fofo e chamou a garçonete para pedir as bebidas.

— E qual é a razão de você me deixar aqui meia hora esperando? — perguntei, girando as azeitonas do meu martíni.

Liam deu um gole na cerveja e revirou os olhos.

— Nem queira saber.

— Virginia? Não, espera… Rose?

— Tessi.

Sem poder segurar, comecei a rir.

— Tessi? Você a chama assim por alguma razão que eu desconheça ou…

— Ela quer que eu a chame assim. Que mulher insuportável, caralho!

Liam era um cara que… bom… era um cara. Ponto. Os homens em geral só querem curtir e, em geral, as mulheres querem isso e muitas outras coisas. Eu não

me incluía nessa, mas entendia por que Virginia, Rose e… Tessi queriam algo mais com meu melhor amigo. Ele seria o namorado perfeito… se não quisesse transar com toda mulher que encontrava.

Liam e eu nos conhecemos durante meu primeiro ano na faculdade. Naquela época, eu era uma caloura da cabeça aos pés, não só em relação à universidade, mas também à vida em geral. Tinha passado oito anos estudando fora, cercada de meninas e freiras; só passava dois meses do verão em casa, na Luisiana. Nós dois fazíamos economia na Universidade de Columbia, aqui em Nova York. Ele era três anos mais velho que eu e já estava no último ano.

Tive que brigar com o meu pai para que ele me deixasse vir para Nova York e, embora ainda fosse difícil de acreditar, já fazia dois anos que eu morava sozinha. Pode-se dizer que eu surtei um pouquinho quando me vi com tanta liberdade; tantos anos reprimida não haviam sido nada saudáveis e perdi um pouco a cabeça. Mas eu gostava de pensar que essa época tinha ficado para trás… mais ou menos.

Liam foi o primeiro cara que beijei. Eu tinha acabado de fazer dezoito anos e com ele descobri do que era capaz em termos de conquistar um homem. Meu pai sempre me manteve escondida e me tratava como se eu fosse um tesouro que ninguém podia tocar. Mas Liam tocou… e profundamente.

Não chegamos a transar, mas fizemos algumas coisas, até percebermos que combinávamos mais como amigos, por mais que tenha sido gostoso ficar com ele.

Depois de Liam, tentei ter um relacionamento mais sério com um cara chamado Regan, até descobrir que ele e os amigos tinham apostado dez mil dólares para ver quem me levaria para a cama primeiro. Isso mesmo, dez mil dólares. Ridículo. A partir daí, eu me transformei em uma Marfil que ninguém conhecia — nem eu mesma. O fato de que tudo aquilo que meu pai vivia repetindo sobre os homens, desde que eu me entendia por gente, tivesse se provado verdade me deixou muito mais puta da vida do que alguém imaginaria. Resolvi tomar as rédeas do assunto e, agora, as coisas eram como eu queria que fossem: não havia lugar para meio-termo.

— O cara do balcão está vindo pra cá — disse Liam, meia hora e três martínis depois. — Quer que eu finja que sou seu namorado?

Ri enquanto terminava o meu drinque.

— Seria divertido, mas não — respondi, esperando para ver o que o cara ia fazer.

Senti alguém atrás de mim, mas me fiz de desentendida. Liam, porém, voltou-se para o sujeito.

— Quer alguma coisa, amigo?

— Só vim falar rapidinho com a sua amiga.

Virei para ele com um sorriso divertido nos lábios. Ele era bem bonito, mais

ainda do que eu esperava, agora que o via de perto.

Ele piscou algumas vezes quando nos vimos cara a cara.

— Caralho… você é ainda mais linda de perto.

Eu sabia que Liam estava revirando os olhos outra vez sem nem precisar olhar para comprovar.

— O que você quer? — perguntei com tranquilidade, uma vez que cantadas não significavam nada para mim.

O cara hesitou, mas acabou tirando um cartão do bolso da camisa e o entregou a mim.

— Eu adoraria te convidar pra jantar — disse ele, já um pouco mais calmo e firme.

Olhei o cartão.

HARRY WILSON — ARQUITETO

Sem dúvida, ele nem desconfiava de que eu tinha vinte anos. Isso que dava ir a bares em Wall Street.

— Vou pensar — respondi.

Harry sorriu e vi que ele tinha uma covinha do lado esquerdo. Retribuí o sorriso, e ele se despediu com um aceno. Nem perguntou meu nome…

Guardei o cartão na bolsa e virei para o meu amigo, que me olhava meio divertido, meio contrariado.

— Às vezes fico horrorizado de perceber como você parece comigo.

Neguei com a cabeça, achando graça.

— Você sabe muito bem que a gente não se parece em nada.

— O homem que conseguir transar com você será um cara de sorte — disse Liam.

Fitei-o, censurando-o com o olhar.

— Cala a boca, ou vai acabar descobrindo meu disfarce.

— Você é como uma louva-a-deus. Sabe disso, não é?

— Eu não como ninguém, só pego o que quero e pronto.

— E você não se incomoda com o fato de saírem por aí dizendo que treparam com você até cansar?

Sim, eu me incomodava.

— Se precisam mentir pra se sentir mais homens, que mintam. Se alguém quiser saber a verdade, que venha e me pergunte.

Liam soltou uma gargalhada.

— Às vezes, acho que você não sabe onde está se metendo. Um dia, alguém vai chegar e te deixar louca, e, quando isso acontecer, você vai engolir todas essas ideias feministas de que tanto gosta.

— Isso não tem nada a ver com feminismo. Os homens usam as mulheres desde o início dos tempos, pegam o que querem e caem fora. Qual é o problema de eu fazer o mesmo? Não quero que se aproveitem do meu corpo, eu é que quero aproveitar.

Liam me olhou como se eu fosse muito ingênua.

— Qualquer homem seria feliz só de olhar pra você, Marfil. Mesmo que você só deixe eles te tocarem, pra eles é como se tivessem ganhado na loteria, pode acreditar.

Fiquei um tempo quieta.

— Você é a única pessoa com quem eu transaria, mas só porque somos amigos.

Liam engasgou com a cerveja.

— Quando diz coisas assim, eu percebo que você ainda é uma criança. Vamos, vou te levar pra casa.

Eu não estava mentindo quando dizia que Liam era o único homem a quem eu estaria disposta a oferecer o meu corpo. No planeta inteiro, como ele dizia, Liam era o único em quem eu confiava o suficiente para isso. Eu já tinha pensado no assunto muitas vezes, porque, apesar de lidar muito bem com tudo que vem antes do sexo, tinha medo de ir até o fim. Desde pequena, meu pai tinha enfiado na minha cabeça que a virtude de uma mulher era tudo; as freiras do internato se esmeravam nos detalhes do que aconteceria se cedêssemos à luxúria… Aparentemente, a virgindade enlouquecia as pessoas ao meu redor e, embora no fundo da alma eu quisesse me rebelar — e, à minha maneira, até fizesse isso —, ainda era incapaz de dar esse passo.

Liam me levou para casa em seu Audi cinza, que tinha comprado fazia pouco tempo. Os bancos ainda cheiravam a carro novo. Ao contrário da maioria dos universitários, eu não morava no campus. Meu pai deixou eu vir para Nova York desde que ele mesmo procurasse um lugar para eu morar.

Meu apartamento, que eu não dividia com ninguém, ficava em uma das regiões mais caras da cidade, a quinze minutos da faculdade, no lugar que todo mundo conhecia como Upper East Side. Pode parecer meio arrogante, mas morar em um dos melhores edifícios de Nova York não tinha a menor importância para mim. Eu cresci cercada de luxos e, apesar de muita gente me achar uma idiota por querer estudar, apesar de ser evidente que meu pai me deixaria uma fortuna, sempre tive

certeza de que tentaria construir meu caminho sozinha.

Eu me dava muito bem com números, por isso fazer economia sempre foi meu plano B, porque passei praticamente toda a minha adolescência implorando para o meu pai me deixar fazer a escola de balé de Nova York. Sua resposta sempre fora um categórico não e, embora não tenha adiantado nada, uma dessas ocasiões foi a única vez que decidi enfrentá-lo pra valer. Depois do resultado, jurei a mim mesma que nunca mais passaria por aquilo. Ainda tremia ao recordar sua reação. De qualquer maneira, continuava dançando em casa. Se ter um apartamento só para mim servia para alguma coisa, era para eu poder dançar quanto quisesse.

Eu me despedi de Liam com um beijo no rosto e prometi que nos veríamos antes do fim de semana.

Ao entrar no edifício, cumprimentei Norman, o porteiro, e atravessei o hall até chegar ao elevador. Morar sozinha em Nova York era perigoso, especialmente sendo mulher, mas naquele bairro era tranquilo; a maioria das pessoas eram famílias com filhos cujos pais trabalhavam em Wall Street ganhando uma quantia obscena de dinheiro. Meu pai era um deles.

Decorei meu apartamento de um jeito bem simples — com exceção das almofadas pink. Meu lema era: "quanto menos coisas tiver, menos coisas vai ter que arrumar", e o seguia ao pé da letra. O apartamento não era muito grande: tinha dois quartos, dois banheiros e uma sala com cozinha americana. No fim de um longo corredor ficava a área de serviço, e, como eu não usava, aproveitei para fazer meu pequeno estúdio de dança, e ali passava praticamente todo o tempo que estava em casa. Mandei instalar uma barra para poder dançar e grandes espelhos que refletiam meu olhar sempre que eu relaxava no ritmo da música.

Em uma das paredes da sala, Tamara, minha melhor amiga, tinha começado a pintar um mural maravilhoso, cheio de desenhos sem relação alguma entre si, mas que eu podia ficar olhando por horas, sem enjoar. Havia um monte de frases de livros, imagens nossas, letras de músicas, flores lindas e, especialmente, muitos olhos, de todos os tamanhos, com todo tipo de expressão… Tami adorava os olhares das pessoas, e eu pirava em sua capacidade de registrá-los quase à perfeição em qualquer superfície plana sempre que tinha na mão alguma coisa com que desenhar. Uma vez, ela desenhou um minion para mim em um guardanapo do Starbucks, usando só o canudo e a espuma do meu frappuccino.

Deixei a bolsa no balcão da cozinha e fui direto para a geladeira. Eu era péssima na cozinha, não tinha o menor talento. Lembro que, uma vez, tentei fazer um bolo de carne seguindo a receita da mãe da minha irmã; como eu não estava acostumada a cozinhar, esqueci o bolo no forno e quase incendiei a cozinha.

Preferia pedir delivery.

Como tinha prova de microeconomia na semana seguinte, decidi estudar. Coloquei música clássica de fundo e as horas passaram quase sem que eu percebesse. Quando abri os olhos, me dei conta de que tinha apagado, e em uma posição nada confortável. Levantei do sofá meio tonta, desejando que alguém me levasse no colo para a cama como se eu fosse uma criança.

Não tive tanta sorte.

Deixei o livro na mesinha e fui me arrastando até o quarto. Quando já estava aninhada embaixo do edredom branco, aquela sensação de solidão me envolveu de novo. Eu não era medrosa… bom, um pouco. Vivia cercada de gente; em casa, os empregados estavam sempre por lá; Lupita, a governanta, cuidava de mim como se fosse minha mãe. Tinha também Louis, Peter e até Logan, quando meu pai estava em casa. No internato, eu dividia o quarto com quatro meninas, incluindo Tami, e quase nunca ficávamos sozinhas.

Meu apartamento, às vezes, era o palco de todos os meus medos. Nunca aconteceu de você começar a viajar e, ao menor barulhinho, seus pensamentos se transformarem em um filme de terror dentro da sua cabeça? Eu odiava esses dias…

Fechei os olhos e me enfiei inteira embaixo das cobertas, então comecei a contar mentalmente: um, dois, três, dezoito, quarenta e quatro, quarenta e cinco, duzentos e seis…

Em algum momento entre o duzentos e seis e o quinhentos e quarenta e três, peguei no sono.

A sexta-feira chegou e eu nem percebi. Fui convidada para ir a uma balada na cidade, mas recusei. Não porque não gostasse de sair, ao contrário, mas aquela noite preferia ficar em casa dançando ou vendo um filme. Depois de passar mais de duas horas e meia na barra fazendo *pliés*, coloquei uma camiseta branca larga em cima do collant e fui olhar o cartão do tal Harry, sem saber o que pensar.

Podia ligar para ele e convidá-lo para um jantar na minha casa. Assim, não teria que sair para comprar alguma coisa ou pedir pizza de novo na pizzaria da esquina. Mas, aí, lembrei que ele nem tinha perguntado meu nome. O que eu ia fazer? Ligar para ele e dizer: “Oi, sou a garota do bar”?

Nem fodendo.

Ainda não tinha anoitecido, então coloquei meus tênis preferidos, uma legging, uma camiseta de manga curta e fui correr. Normalmente, corria uma hora por dia, mas não de manhã, porque odiava acordar cedo. Além do mais, eu gostava de ver o

pôr do sol refletido no lago do Central Park.

Cumprimentei Norman com um sorriso e saí naquele dia quente de abril. O Central Park estava sempre cheio de gente, especialmente famílias que aproveitavam para levar as crianças para brincar, passear com os cachorros e alimentar os patos. Quando o sol começou a descer no horizonte, o lugar foi esvaziando e ficaram as pessoas que iam para lá fazer atividade física. Eu conhecia algumas, acenávamos uns aos outros quando nos cruzávamos por ali. Só uma vez flertei com um cara e jurei a mim mesma nunca mais fazer aquilo. Era horrível ter que mudar minha rota de corrida para não ter que encontrar com ficantes passados.

Decidi voltar para casa andando. O dia tinha dado lugar a uma noite linda, o tempo estava ótimo, e as luzes dos prédios se refletiam na água à minha direita. Eu amava aquela cidade. Muitos diriam que era uma loucura, que as pessoas não paravam e que o ar era poluído. Durante toda minha vida eu havia vivido cercada de campos e estar ali me fazia sentir parte de algo único e especial.

Parei em um dos vários bebedouros espalhados pelo parque. Aquele dia, havia ido mais longe que o normal e estava morrendo de sede. Inclinei-me sobre o bebedouro, segurei meu longo rabo de cavalo com uma mão para não molhar o cabelo, e foi quando aconteceu.

Não tive tempo nem de gritar.

Uma mão me pegou pela cintura e me puxou para trás e a outra cobriu minha boca com um pano úmido que tinha um cheiro incrivelmente desagradável. Tentei resistir com todas as minhas forças; o pânico tomou conta do meu corpo e da minha cabeça. Por mais que eu me debatesse, o líquido que umedecia o pano agiu depressa. Meus olhos começaram a pesar, minhas articulações perderam a força. Senti que estava caindo para trás, toda mole, sobre o peito de uma pessoa alta e musculosa.

— Coloque ela na van.

Foi a última coisa que escutei antes de perder a consciência.

2

Marfil

Abri os olhos em um quarto de hospital. Não havia ninguém comigo, só os bipes das máquinas me faziam companhia. Ao olhar para meu corpo, vi que estava com uma camisola verde, um acesso intravenoso na mão esquerda e a mão direita enfaixada.

Meu coração acelerou, mas, como não estava conectada a nenhum aparelho, só eu sentia aquele martelar incessante em meu peito.

O que havia acontecido?

Então, alguém abriu a porta e uma enfermeira se aproximou da minha cama.

— Senhorita Cortés, como está se sentindo?

Pisquei várias vezes, um pouco confusa.

— Onde estou? O que aconteceu?

Tentei descer da cama; não sabia aonde pretendia ir, mas meu instinto parecia querer me obrigar a sair correndo, fugir, me proteger…

Mas me proteger de quem?

— Fica tranquila, está tudo bem…

Meus olhos se encheram de lágrimas e imagens das minhas últimas lembranças voltavam à minha cabeça. Eu correndo, parando pra beber água, alguém cobrindo minha boca, escuridão e depois…

Antes que eu pudesse abrir a boca para perguntar o que tinha acontecido, a porta do quarto se abriu e, para meu alívio, meu pai entrou e correu até mim.

— Marfil… — soltou, me abraçando forte.

Enterrei a cabeça em seu peito e aspirei o aroma da sua pele e do seu perfume. O Eau Sauvage, da Dior, misturava-se com o cheiro dos cigarros que, sem dúvida, ele tinha fumado sem parar.

— Que bom que você acordou — disse meu pai, acariciando meu cabelo.

Como ele sempre morou longe, a gente nunca foi muito próximo, mas acho que nunca fiquei tão feliz de estar nos braços dele. Quando já estava mais calma, eles me explicaram o que tinha acontecido.

— Você foi sequestrada, Marfil — explicou meu pai, contraindo os lábios.

Fui encontrada inconsciente em uma das portas daquele hospital de New Orleans, a uma hora e meia da minha casa em Baton Rouge; por sorte, estava com a

minha carteira, por isso os médicos puderam me identificar e entrar em contato com meu pai.

— Não deixaram nada, nem um bilhete; também não pediram resgate. Vi que havia algo errado quando liguei para falar com você segunda-feira e caiu na caixa postal umas cinco vezes.

Segunda-feira! Meu Deus, eu tinha ficado em cárcere por quase três dias!

— Quando vi que você não estava no apartamento e que ninguém tinha te visto desde sexta à tarde, quando saiu para correr, soube que alguma coisa terrível tinha acontecido.

Balancei a cabeça, sem entender nada.

— A polícia quer falar com você. Tem dois policiais lá fora. Estavam esperando você acordar.

Meu pai saiu do quarto e voltou acompanhado dos agentes. Eu me sentei, nervosa, quando começaram a me fazer perguntas.

Ele não tirava os olhos de mim; nunca na vida tinha visto o meu pai tão nervoso e sério.

— Não me lembro de nada… — falei, sentindo a boca seca e as mãos suadas. — Só do momento que me atacaram…

— Não se lembra de ter estado consciente em nenhum momento? — perguntou um dos policiais.

Neguei com a cabeça, tentando forçar a memória, mas nada, não me lembrava de nada.

— Qualquer coisa que possa nos dizer vai ajudar bastante, senhorita Cortés.

Nervosa, olhei para o meu pai e depois para a enfermeira.

— Desculpa… — sussurrei, com a voz trêmula.

Meu pai deu um passo à frente, olhando fixamente nos meus olhos.

— Há alguma possibilidade de que tenham feito alguma coisa com você?

Meu lábio começou a tremer e o mordi, tentando controlar o terror que dominava meu corpo. Não queria pensar nisso, era horrível saber que fiquei totalmente vulnerável nas mãos de possíveis assassinos ou estupradores… Podia ter acontecido qualquer coisa…

— Responda.

Levantei a vista e olhei para meu pai, assustada.

— Não me lembro de nada… — repeti, morrendo de ódio por não saber o que podiam ter feito comigo.

— Quero um exame completo imediatamente.

Os policiais olharam para meu pai e depois para mim. Pareciam incomodados,

como se o fato de que pudessem ter me violentado os espantasse tanto quanto a mim.

— Vou deixar meu cartão; se você se lembrar de qualquer coisa, por mais insignificante que pareça, não hesite em ligar para a delegacia.

Assenti, com medo de que minha voz tremesse se eu falasse.

Depois que saíram, a enfermeira me pediu que a acompanhasse. Aparentemente, pretendia levar a sério as exigências do meu pai. De certa forma, eu estava tranquila, porque, se tivesse sido violentada, sentiria alguma coisa, por mínima que fosse, e não era esse o caso.

Quando me pediram para sentar na mesa ginecológica e colocar as pernas nos apoios, tive que me segurar para não gritar; só queria fugir daquele pesadelo.

A médica que me examinou foi muito gentil e me tratou com muita delicadeza.

— Já tínhamos verificado se havia resquícios de sêmen ou sangue quando encontraram você inconsciente, mas não tinha nada. Nenhum sinal que indicasse agressão sexual, mesmo assim seu pai exigiu que verificássemos de novo — explicou enquanto me examinava.

Eu entendia meu pai; eu também precisava ter certeza de que não havia acontecido nada do que passava pela minha cabeça naquele momento.

— Você continua virgem — declarou.

Achei a maneira como ela falou meio estranha.

— E aqui estão os resultados do teste de HIV.

Aids? Arregalei os olhos, espantada, mas a médica sorriu com doçura.

— Calma, fizemos só por desencargo. Apesar do susto e da experiência traumática, está tudo bem com você. Não precisa mais se preocupar.

Assenti. Logo depois, devolveram minha roupa para que eu pudesse tirar a camisola de hospital e me vestir. Eu queria sair dali, queria ir para casa e esquecer tudo aquilo.

Peter, o motorista, estava nos esperando na porta do hospital para levar a gente para casa. Meu pai foi sentado no banco do passageiro e não parou de falar ao celular. Eu, ao contrário, nem podia acreditar que quatro dias antes minha única preocupação era a prova de microeconomia.

Não pude evitar olhar para os dois lados quando desci da limusine e subi os degraus da mansão branca com grandes colunas que tinha me visto crescer. Lupita, a cozinheira e a mulher que havia cuidado de mim desde que eu era bebê, foi me receber com lágrimas nos olhos. Ela me apertou com força contra seu corpo, e eu retribuí o abraço, tentando não cair no choro de novo.

— Marfil! — disse ela, enxugando as lágrimas com o avental. — Você não

imagina como estávamos preocupados!

— Eu estou bem, Lupita, já estou em casa — falei para tranquilizá-la, e me senti aliviada por estar segura dentro daqueles muros altos.

— Vou fazer alguma coisa quentinha pra você jantar, ok? Vai tomar um banho, querida.

Meu pai havia desaparecido pelo corredor com o celular colado na orelha e uma cara de quem tinha mil coisas para fazer. Ainda bem que era ele quem tinha que tentar descobrir o que havia acontecido e por que me sequestraram sem pedir nada em troca.

Enquanto tomava banho, não saía da minha cabeça a sensação de que aquilo ainda não tinha acabado. Algo me dizia que aquele sequestro era para alertar meu pai, deixá-lo de sobreaviso.

Mas alertar meu pai sobre o quê?

Não era nenhum mistério que ele tinha muito dinheiro, por isso não fazia sentido não terem pedido resgate. Então, por que sequestrar a filha de Alejandro Cortés?

Quando saí do banho, Lupita me levou uma sopa e carne ensopada com batata assada. Não sabia que estava com tanta fome até sentir o cheiro da comida quentinha. Comi na cama com a TV ligada e a cabeça a mil. Liam tinha me mandado um milhão de mensagens, então liguei de volta para tranquilizá-lo.

— Quando seu pai me ligou, quase tive um infarto, caralho! — exclamou, totalmente alterado. — Ele achava que eu tinha alguma coisa a ver com o seu desaparecimento. Pelo amor de Deus, Marfil, quase morri de preocupação.

— Relaxa. É porque, tirando a Tami, você é um dos meus poucos amigos de que a minha família já ouviu falar. Se não foi você, sobraram poucas opções.

Liam quis saber tudo, o que eu lembrava e o que não, mas isso era a última coisa que eu queria fazer. Precisava descansar, meus olhos estavam pesados e eu odiava perceber que ainda sentia medo, apesar de estar segura em casa.

— Fica tranquila; a gente conversa quando você voltar pra Nova York.

Como será que tinham me levado de Nova York para New Orleans em tão pouco tempo?

Não consegui continuar pensando muito, meus olhos se fecharam sem que eu nem notasse e peguei num sono profundo e inquietante.

O dia começou meio tenso, combinado com meu humor. Olhei pela janela para admirar o campo verde e reluzente que contornava a casa do meu pai. Eu adorava

voltar para casa; saber que minha mãe tinha transformado um lugar tão grande em um lar tão acolhedor me fazia sentir um quentinho no coração.

Coloquei depressa uma legging e uma blusa de moletom e desci para tomar o café da manhã. Peguei o celular e procurei um voo para Nova York; não podia continuar perdendo aulas. Também teria que falar com o professor de microeconomia e rezar para que me deixasse fazer a prova que perdi. Eu sei que deveria estar mais preocupada com o que tinha acontecido comigo algumas horas antes, mas não conseguia me lembrar de nada; com exceção do susto, não podia ter medo de algo que não conseguia visualizar.

Quando entrei na cozinha, vi Lupita descascando batatas. O cheiro do café tomava conta do lugar, o que significava que meu pai devia estar em casa. Nunca vi alguém tão viciado em cafeína; eu, ao contrário, não curto café e sempre preferi um copo de leite quente com mel de manhã.

Lupita sorriu ao me ver e, antes que eu pudesse contar até dez, meu café da manhã já estava debaixo do meu nariz.

— Seu pai pediu para você ir falar com ele no escritório quando acabar, querida.

Assenti e levei uma colher de cereal à boca. Não demorei muito para tomar o café da manhã. Agradeci a Lupita, saí da cozinha e atravessei a sala mobiliada com sofás chocolate, um tapete persa grosso, a televisão de sessenta polegadas e a longa mesa onde jantávamos em ocasiões especiais: Natal, meu aniversário ou o de Gabriella, quando ela não estava com a mãe, Ação de Graças…

Para chegar ao escritório do meu pai eu tinha que atravessar um corredor enorme; um corredor que eu detestava com todas as minhas forças, porque as paredes estavam cheias de cabeças de animais embalsamadas. Meu pai era um ótimo caçador, gastava fortunas viajando pelos lugares mais remotos para encontrar presas raras, que depois pendurava na parede.

Eu ainda me lembrava da vez que ele me levou junto. Meu pai não só me obrigou a matar um cervo, como também me "batizou", me encharcando com o sangue do bicho da cabeça aos pés. Ele e seus amigos riram quando chorei; eu ainda tinha pesadelos com aquele dia.

Minha irmã e eu sempre amamos os animais, e o fato do nosso pai caçar só por diversão nos deixava completamente enojadas. Bati antes de entrar. Meu pai estava sentado diante de sua mesa imensa e à sua frente estava Logan Price. Logan era responsável pela segurança dele desde que eu me conhecia por gente. Sempre que meu pai ia a algum lugar, Logan estava junto. Era tão normal que nunca perguntei de que perigos ele tinha que ser protegido. Meu pai, colombiano, era um multimilionário que emigrou para os Estados Unidos com apenas vinte anos. Era

um homem brilhante, ficou rico praticamente do nada. Comprou terrenos na época que os preços eram baixos e cultivou vinhedos que até hoje abastecem grande parte do sul do país. Também criava cavalos e tinha uma ótima relação com o presidente colombiano, com quem mantinha longas conversas enquanto fumava um charuto em frente à sua imensa lareira.

Sim, Alejandro Cortés era um homem de sucesso, mas muito reservado e quase não falava com minha irmã e comigo sobre seu trabalho ou suas intermináveis viagens. Ele conquistou minha mãe quando esteve na Rússia. Meus pais se casaram um mês depois e, um ano e meio mais tarde, eu nasci. Na lareira à minha direita, ali no escritório, havia uma fotografia dela. Paulina Kozlova era deslumbrante. Tinha as maçãs do rosto altas, lábios cheios e sedutores, cabelos loiros dourados e grandes olhos de esmeralda. Eu era parecida com ela, mas havia herdado o cabelo preto do meu pai. Sempre que olhava aquela foto eu sentia um aperto no coração. Odiava ter só uma recordação dela: os olhos sem vida fixos em mim e o sangue espalhado pelo chão ao seu redor…

Logan se virou para mim quando fechei a porta. Ele se levantou, me cumprimentou com um seco "Bom dia, srta. Cortés", e puxou uma cadeira para eu me sentar.

Meu pai apoiou os cotovelos na mesa e me lançou um olhar decidido.

— Estávamos conversando sobre o que aconteceu, Marfil, e a única conclusão a que chegamos é que você foi sequestrada e trazida para cá sem que pedissem nada em troca simplesmente para mandar um recado. Um recado para me mostrar como foi fácil chegar até você e que poderiam fazer de novo a qualquer momento.

Não houve nenhum: "Como você está, filha?" Meu pai foi direto ao ponto, como sempre. Apertei as mãos com força, tentando não parecer assustada com a possibilidade de que aquilo acontecesse de novo.

— Mas por quê? O que eles querem com isso?

Meu pai se recostou na cadeira, impassível.

— Muita gente me odeia, Marfil, e talvez estejam te usando para me atingir.

Logan continuava em pé em frente à janela e se virou para nós bem sério.

— Enquanto não descobrirmos quem foi e o que pretendia sequestrando você, alguém precisa te proteger, para que isso não se repita.

Não…

Meu pai se antecipou, falou antes que eu pudesse abrir a boca.

— Você me pediu para não colocar ninguém para te proteger, Marfil, e eu fui um tolo concordando. Não dei ouvido às advertências da minha equipe de segurança e, agora, veja o que aconteceu. Poderiam ter te matado… ou te estuprado!

Engoli em seco, sentindo o sangue correr pelo meu corpo.

— Mas…

Meu pai se levantou e foi até o bar que ficava ao lado de sua mesa.

— Nem mas nem meio mas, Mar — interrompeu ele, abrindo a garrafa de uísque e servindo-se uma dose. — Não vou correr riscos com você. Não deveria ter corrido.

Olhei para Logan e depois para o meu pai. Ambos estavam sérios, decididos.

— Não posso levar uma vida normal com um guarda-costas na minha cola, papai.

— Prefere que o que aconteceu se repita?

Não tive um argumento forte para contrariá-lo; que ódio ter que ficar em silêncio.

— Enquanto não esclarecermos o que aconteceu, você terá um segurança vinte e quatro horas por dia. Também reforcei a minha segurança, e sua irmã também terá quando voltar para casa nas férias. Por enquanto, ela está segura no internato, mas não vou permitir que levem uma de minhas filhas de novo.

— Você pretende me vigiar o dia todo?!

Logan se antecipou e respondeu por meu pai.

— Só até esclarecermos o que aconteceu, srta. Marfil — repetiu ele, dando um passo à frente. — Os melhores detetives particulares já estão investigando quem poderia ter te sequestrado.

Detetives particulares?!

— Não é melhor falar com a polícia?

— A polícia é lenta, filha, e tem trabalho demais. Prefiro pagar pelos serviços a esperar que sejam feitos de graça.

Fechei a boca, não tinha nenhum tipo de argumento para rebater o que eles diziam. Não podia correr o risco de que aquilo acontecesse de novo. Tinha lutado muito para convencer meu pai de que não precisava de guarda-costas, e agora toda essa luta acabou dando em nada.

— Já contratamos um dos melhores agentes. Ele serviu cinco anos na força aérea e ganhou muitas condecorações. Foi uma sorte ele ter aceitado o trabalho.

Desisti; a batalha estava perdida.

— Não quero que o pessoal da faculdade saiba que ele é um guarda-costas, papai.

— Já pensamos nisso. Ele vai estar disfarçado, ninguém vai saber o que faz ali, a não ser que você diga. Carla já informou a faculdade, ele poderá te acompanhar se passando por um estudante. Não se preocupe com nada, será como se não estivesse ali. Eu prometo.

Aquilo me animou um pouco, mas eu duvidava de que um cara que havia servido no exército passasse despercebido em um ambiente cheio de jovens universitários.

— Seu apartamento tem uma área de serviço com dois quartos e uma sala; também mandei preparar o local para o sr. Moore.

Merda, meu estúdio de dança!

Não havia como não ficar frustrada e com raiva. Não que eu não valorizasse o que meu pai estava fazendo por mim, mas era uma merda ser obrigada a ter uma pessoa na minha cola. Não queria viver com medo, não queria ter que lembrar diariamente que podiam me fazer mal de novo, ou pelo menos tentar; mas sabia que, diante das circunstâncias, não havia nada que eu pudesse fazer.

— Quanto acha que vai demorar para encontrar o culpado?

Meu pai se sentou de novo.

— Não sei, mas garanto que é a minha prioridade.

Assenti; só queria sair dali.

— Posso ir?

Meu pai assentiu e voltou a prestar atenção em seu computador.

Senhor Moore, seja quem for, já não vou com a sua cara.

3

Manfil

Meu pai deixou tudo certo para que no dia seguinte Logan me acompanhasse até Nova York, onde o sr. Moore estaria esperando para me buscar no aeroporto. Não pudemos ir no jatinho particular porque meu pai também tinha que ir para Porto Rico bem cedo.

Apesar de tudo, eu me sentia segura com Logan sentado ao meu lado na primeira classe. Nunca fui muito fã de aviões, por isso sempre preferia viajar com alguém. Percebi que, além do medo de avião, também estava com medo pelo que tinha acontecido; isso ainda estava muito presente na minha cabeça. Só queria chegar em casa e que tudo voltasse ao normal, mas, quando lembrei de onde tinha sido sequestrada, compreendi que aquela cidade que eu tanto amava havia se tornado uma inimiga.

Ao descer do avião e conectar os dados do meu iPhone, recebi uma mensagem de Liam dizendo que o jantar daquela noite era por sua conta e que eu não me preocupasse com nada, porque ele cuidaria de mim como se eu fosse sua namorada. Sorri. Às vezes, eu me perguntava por que é que não estávamos juntos. Mas era só pensar na nossa amizade que qualquer ideia de ir além desaparecia da minha cabeça.

Eu não tinha nenhum interesse em dividir meu apartamento com um desconhecido, e se esse tal de Moore fosse dormir na minha casa a partir de agora, melhor que Liam estivesse comigo. Eu sabia que não podia prendê-lo ali, mas eu ia pedir para ele que ficasse pelo menos até me sentir à vontade. Guarda-costas me deixavam muito nervosa, eram como um lembrete constante de que alguma coisa ruim poderia acontecer a qualquer momento.

Quando minha mãe morreu, meu pai ficou obcecado por segurança. Logan sempre o acompanhava, nem que fosse para ir comprar uma garrafa de água. Gabriella e eu havíamos tido mais liberdade; presas no internato não precisávamos de nenhum guarda-costas. Além do mais, ao contrário do nosso pai, conhecido por muita gente, nós sempre estivemos longes dos olhos públicos.

Quando fui morar em Nova York as coisas mudaram; já não era mais como na Inglaterra, apesar de meu pai ter sido mais permissivo do que eu imaginava. Mas, depois do sequestro, não haveria pessoa na Terra que o convencesse a tirar a escolta, o que me incomodava, mas também me dava certo alívio. Não vou mentir, a

situação me assustava, e saber que estávamos longe de encontrar o culpado me deixava ainda mais temerosa. Os motivos do meu sequestro ainda eram um mistério e algo me dizia que o pior ainda estava por vir.

Tentei deixar esses pensamentos de lado e acompanhei Logan pelo longo corredor que nos dava as boas-vindas a Nova York. Muita coisa tinha acontecido em tão pouco tempo que, de repente, só queria tomar um banho de banheira bem quente, me enfiar na cama e acordar no dia seguinte e descobrir que tudo tinha sido apenas um pesadelo.

— Não vou com você para o apartamento; meu voo sai em duas horas. Mas o sr. Moore vai cuidar da senhorita de agora em diante, ok?

Cuidar de mim? De repente, passei a me sentir uma criança de três anos.

Assenti em silêncio. Chegamos a uma porta automática que se abriu para um saguão cheio de familiares e homens bem-vestidos com plaquinhas com sobrenomes nas mãos. Procurei meu nome em meio às placas, e então, o vi.

Conforme fui me aproximando do homem que seria meu guarda-costas, meu coração foi se acelerando, sem sentido nem lógica. Logan se adiantou e apertou a mão de Moore, como se já se conhecessem. Para mim, foi como se o ar tivesse sumido dos meus pulmões.

Nunca, até então, um homem havia feito meu corpo reagir daquele jeito. Nunca. Eu poderia até tentar descrever o que senti, mas acho que não iria chegar nem perto.

— Senhorita Cortés — falou, ao me estender a mão —, sou Sebastian Moore. De agora em diante, serei responsável por sua segurança.

Demorei alguns segundos para levantar a mão e cumprimentá-lo, e, quando nos tocamos, senti um friozinho na barriga.

Era sobre isso que Liam tinha falado centenas de vezes, então? Isso era que os homens sentiam quando me viam?

Eu me senti desajeitada, pequena, insignificante… uma sensação desconhecida para mim. Sebastian olhava para mim como quem olha um banco de parque, totalmente indiferente.

Apressada, cobri os olhos com os óculos de sol. Precisava organizar meus pensamentos e, acima de tudo, não demostrar quanto aquele encontro havia me afetado.

— A senhorita está em boas mãos — disse Logan, apertando a mão de Sebastian outra vez.

Sebastian… Ai, caramba. Até o nome dele tinha que ser incrivelmente sexy?

Vi que Logan estava dizendo algo no ouvido de Sebastian, mas não dei muita bola. Sebastian Moore ocupava todos os meus pensamentos.

Era alto, do jeitinho que eu gostava; desses homens que conseguem nos levantar do chão com um braço só, desses que para beijar temos que ficar na ponta dos pés, como Liam. Mas Sebastian era ainda vários centímetros mais alto que Liam. Estava de terno e gravata; poderia se passar por um dos tantos nova-iorquinos ricos que moravam no meu bairro, mas ele era diferente de todos eles; era muito mais jovem.

Quantos anos será que tinha? Vinte e cinco? Vinte e seis? De repente, eu estava morrendo de curiosidade, louca para saber tudo sobre ele.

Seu cabelo era castanho-claro, tinha uma barba baixinha, dessa que pinica quando encostamos. Tinha o maxilar quadrado e o corpo atlético; os bíceps ficavam marcados por baixo do blazer.

"Marfil, pelo amor de Deus, o que está acontecendo com você?"

Ele disse que o carro nos esperava e eu o acompanhei. Quando estava com meu pai, um motorista sempre me levava e buscava quando eu saía, mas em Nova York eu andava de táxi ou Uber, e muito de vez em quando de metrô. Mas naquele dia um Audi preto esperava a gente no estacionamento do aeroporto.

Sebastian se dirigiu ao banco do motorista, e eu ao do passageiro. Antes de abrir a porta, ele falou comigo por cima do capô do carro.

— Prefiro que você sente atrás — disse, sem vacilar.

Pisquei duas vezes. Primeiro, porque ele tinha me chamado de "você", o que era legal, mas ao mesmo tempo estranho; e, segundo, porque não havia se oferecido para abrir a porta para mim. Não que eu fosse uma princesinha nem nada parecido, mas estava tão acostumada ao protocolo que existia entre mim e os empregados do meu pai, que aquilo acabou me pegando desprevenida. Lupe era a única que esquecia a formalidade de vez em quando, e só quando estávamos a sós.

Fiz o que ele pediu. Fiquei o observando pelo reflexo do espelho retrovisor. Parecia se orientar muito bem e, em apenas três minutos, já tínhamos saído do aeroporto e estávamos na avenida Grand Central em direção a Manhattan. Ainda precisávamos atravessar o Queens inteiro, o que levaria mais de meia hora. Será que ele pretendia falar comigo?

— Eu queria saber que ordens exatamente meu pai lhe deu — perguntei, depois de quinze minutos de silêncio sepulcral.

Sebastian desviou os olhos do trânsito e os fixou em meus óculos escuros por um instante.

— Ordens?

De repente, essa palavra parecia ter se transformado em um insulto.

— Bom… indicações, ordens, instruções; como queira chamar.

— Minha obrigação é proteger você e manter seu pai informado sobre qualquer

imprevisto que surja enquanto estiver comigo.

Enquanto estiver comigo… não o contrário. Claro, era eu quem estava com ele.

Eu não quis falar mais nada. Primeiro, porque sua frieza estava começando a me irritar um pouco e, segundo, porque sua voz grave me dava calafrios.

Chegamos à minha rua em tempo recorde. Ficou bem claro que respeitar o limite de velocidade não fazia parte das áreas de segurança de que ele ia se encarregar. Quando estacionamos o carro, ao ver que estava indo comigo até o elevador, lembrei que a gente ia dividir o apartamento.

Inferno…

O silêncio dentro daquele elevador pequeno foi um horror. Acho que nunca tinha passado tanto tempo quieta na companhia de alguém. Liam ia ficar orgulhoso.

Sebastian se adiantou e tirou uma chave do bolso. Abriu a porta e me deixou entrar primeiro.

Nossa, quanta gentileza… mas ele estava com uma cópia das minhas chaves?!

Calma… Ele já tinha ido ao meu apartamento?

Aparentemente, o apartamento estava do mesmo jeito. De repente, lembrei que fui sequestrada a poucos quarteirões dali, só Deus sabia por quê. Da última vez que saí de casa, minha única preocupação era uma prova e se devia ou não ligar para aquele cara do bar cujo nome eu não lembrava.

Deixei a bolsa na ilha da cozinha. Estava inquieta, sem graça, então virei para meu novo colega de quarto:

— Isso é muito estranho — falei, sem poder mais me conter.

Sebastian tirou o blazer e o pendurou no cabideiro que ficava ao lado da porta. Só aí vi que ele portava uma pistola, em um coldre desses de policial.

— Faz de conta que eu não estou aqui.

Ah, claro! Como, se ele ocupava quase todo o espaço?!

— Escuta, se você vai morar comigo e passar vinte e quatro horas do dia na minha cola, então tem algumas coisas que preciso saber…

— Pode perguntar qualquer coisa que tenha a ver com você e sua segurança.

— Quantos anos você tem?

"Ai, meu Deus, sério, Marfil?" Sebastian franziu levemente a testa.

— Isso não tem nada a ver com você nem com a sua segurança.

— Não vai responder?

— Não.

Apertei os lábios, irritada.

— Acho estranho ter um guarda-costas. Já vou avisando que será difícil me acostumar.

— Você vai conseguir.

Tirei os óculos escuros, quando percebi que ainda estava com eles. Nossos olhares se encontraram nos metros que nos separavam. Os dele eram castanhos… com cílios pretos muito bem marcados.

Tive o impulso de desviar o olhar, intimidada, mas me mantive firme.

— Então, faço de conta que não está aqui?

Sebastian pareceu satisfeito com a ideia.

— Sim. Só me avise quando for sair.

Maravilha.

— Não sei se percebeu que no quarto ao lado do seu tinha…

— Não mexi no seu estúdio de dança, fica tranquila.

— Passo muito tempo lá dentro. Teoricamente, esse quarto pertence à área de serviço, mas, para entrar, preciso passar pela salinha. Eu queria continuar ensaiando como sempre fiz.

— O quarto é seu, não me importo se entrar.

Já era alguma coisa. Fiquei com medo de que meu pai tivesse dado fim nele ou que Sebastian tivesse escolhido aquele cômodo para ser o seu quarto. Eu sabia que ele estava me fazendo um favor; o outro quarto era muito menor e, por minha causa, ele ia acabar ficando um pouco desconfortável. Mas eu não tinha intenção de abandonar o meu cantinho preferido. Afinal de contas, a casa era minha.

— Então… vou para o meu quarto.

Não esperei que respondesse; Sebastian me deixava nervosa demais. Virei e saí da cozinha.

Meu quarto estava um caos, exatamente como eu tinha deixado antes de sair para correr.

Não sei por que, mas acabei decidindo arrumar o quarto e fiquei meio obcecada. Não sei se foi por não estar me sentindo à vontade ou por não poder ir para a sala e me jogar no sofá como sempre. A inquietação já estava me dando nos nervos, então comecei a arrumar — a arrumar mesmo! —, até deixar o quarto impecável.

Olhei o celular em cima da mesinha e li que Liam ia chegar dentro de uma hora. Pelo menos, eu ia ter minha sala de volta. Entrei no chuveiro e depois coloquei uma roupa mais confortável: minha calça jeans preferida e uma camiseta branca. Quando me olhei no espelho, parei por uns segundos para me observar com mais atenção.

O que será que Sebastian via quando olhava para mim?

Desde que me entendia por gente, todas as pessoas que eu conhecia me elogiavam e me paqueravam, sempre puxando o meu saco. As garotas no internato ou me odiavam ou tinham medo de mim. Demorou para a classe e as freiras me

aceitarem. Para as freiras foi mais difícil ainda. "Você é o pecado na Terra!", elas me falaram isso um milhão de vezes, e eu, ingênua, não entendia nada. Até que conheci Liam e finalmente ele me explicou.

— Você tem noção de como é linda? — ele me perguntou uma vez.

Nós dois estávamos deitados na minha cama, eu de calcinha e camiseta de manga comprida e ele só com uma calça de moletom. Naquele dia, ele havia me tocado pela primeira vez.

— Só sei que o que vocês veem não tem nada a ver com o que eu sou de verdade — respondi, sem me sentir elogiada.

Sim, eu era bonita, mas, quando as pessoas não veem além da aparência, a beleza se torna nossa pior inimiga, especialmente para quem tem uma personalidade como a minha.

Mais tarde, descobri o poder que isso me dava e aprendi a tirar proveito da situação. Se os homens me tratavam como um objeto, não como um ser pensante, com cérebro, eu ia fazer o mesmo com eles.

Saí do quarto descalça, como se fosse cometer um crime. Já tinha ficado lá dentro mais do que minha personalidade inquieta podia suportar. Estava curiosa para ver o Sebastian de novo.

Será que ele estava na sala?

A sala estava deserta, mas ao olhar para o longo corredor e ver a luz fraca que saía por baixo da porta, entendi que era ali que ele ia passar a maior parte do tempo.

Suspirei e fui até a geladeira. Deveria ter passado no mercado dois dias atrás. Não havia nada no apartamento, nem papel higiênico. Fui até o meu quarto e olhei a hora enquanto colocava os tênis, então comecei a anotar mentalmente o que precisava comprar. Não estava frio, por isso deixei o casaco no cabideiro e peguei só a bolsa.

Parei um instante na frente da porta. Será que precisava avisar o Sebastian que ia ao mercadinho? Ficava só a um quarteirão de casa…

Meu instinto disse que sim.

Atravessei o corredor e bati na porta do quarto dele, hesitante.

Aquilo era muito estranho.

Ele abriu rapidinho. Estava com as mangas da camisa branca arregaçada até os cotovelos, o que me permitiu ver que seu braço direito era cheio de tatuagens. Também estava com uns óculos de armação preta que lhe davam um ar intelectual, e isso gerou uma grande confusão na minha cabeça.

Obriguei a mim mesma a focar no que era importante.

— Preciso ir ao mercadinho comprar umas coisas.

— Me dá um segundo, por favor — disse Sebastian, assentindo.

Quando ele me deu as costas, não me contive e dei uma olhada no quarto. Nossa, não tinha nada a ver com o quartinho da bagunça que havia sido até semana passada. Ali da porta, pude ver um sofá preto de couro e um lindo tapete branco.

Sebastian logo se sentou no sofá, em frente ao notebook que estava aberto, digitou alguma coisa e o fechou, torcendo os lábios.

Será que eu havia interrompido alguma coisa importante?

— Vamos — falou, indicando a porta.

Eu estava encantada com o jeito dele.

Virei e segui pelo corredor até a porta do apartamento. Já na rua, achei muito estranho andar com ele ao meu lado. Os seguranças do meu pai iam sempre atrás dele ou à frente. Sebastian caminhava ao meu lado como se fosse um amigo.

— Vai ser sempre assim? — perguntei enquanto entrávamos no mercadinho.

— Assim como, Marfil?

Seu jeito de pronunciar meu nome mexeu comigo, mas me esforcei para continuar falando como se nada estivesse acontecendo, como se aquele cara que estava ali comigo passando pela gôndola dos xampus, maquiagem e absorventes fosse só mais um.

Absorventes… merda, precisava comprar.

Mas eu teria que comprar absorventes na frente dele? Caralho…

— Assim, com você grudado em mim até para ir ao mercadinho da esquina.

— Vai — respondeu, seco.

Olhei para ele, contrariada por causa da resposta curta.

Deixando de lado os absorventes, fui empurrando o carrinho até os vinhos. Peguei uma garrafa de vinho branco. Sebastian não fez nenhum comentário, então continuei pegando as coisas. Peguei uma caixa de Heineken e fui até as frutas. Enquanto escolhia com atenção os morangos e depois as maçãs, eu me dei conta de que Sebastian também precisava comer.

Virei para ele e notei que ele estava com o olhar fixo na porta do mercado. Olhei também. Dois caras mais ou menos da idade dele tinham acabado de entrar.

— Quer alguma coisa? — perguntei.

— O quê? — disse ele, virando-se para mim, distraído.

— Comida. Não tem nada em casa; a não ser que prefira pedir.

Sebastian negou com a cabeça.

— Não se preocupe comigo, eu cuido da minha comida.

Dei de ombros e continuei pegando mais algumas coisas, como papel higiênico, xampu, que já havia acabado, batata frita, azeitona, leite, açúcar e uma torta de

maçã pronta para comer.

Quando fui pagar, notei que ele não parava de observar tudo com atenção; seus olhos nunca estavam quietos, e sua presença era mais imponente que a de qualquer outro guarda-costas do meu pai.

A moça do caixa ficou me olhando com desconfiança e eu entendi que, para mim, ele parecia um Deus grego, mas para os outros, certamente não passava muita confiança.

Reparei em sua roupa, a calça social preta e a camisa branca. Ele pretendia ir para a faculdade comigo daquele jeito?

Paguei as compra com o Mastercard Centurion do meu pai — ou melhor, com o cartão adicional da conta dele — e Sebastian pegou as sacolas. Reparei que ele deixou a mão esquerda livre. Eu não tinha comprado muita coisa, mas tinha algumas garrafas e umas coisas pesadas. Ofereci ajuda, mas ele rejeitou com um leve balançar de cabeça.

Minha mente não parava quieta. Eu queria perguntar um monte de coisas, saber sobre ele, conversar. Por isso não gostava de guarda-costas; achava impossível estar com uma pessoa sem conversar. Quando eu era pequena, antes de ir para o internato, as babás se revezavam para não ter que me aguentar; pelo menos essa foi a história que meu pai contou antes de me mandar estudar fora.

— Às vezes, Marfil, você não percebe que incomoda. É compreensível, afinal você é mulher, mas feche a boca quando eu estiver por perto — dissera ele.

Aprendi a ficar quieta… mas só de vez em quando.

— Você é canhoto? — perguntei para o Sebastian, andando ao seu lado.

Ele me olhou de um jeito estranho.

— Está carregando tudo com a mão direita… É porque quer ficar com a mão esquerda livre para pegar a arma, se for necessário, não é?

Ele inclinou levemente a cabeça e eu quase pude ver um tique parecido com um meio sorriso em seus lábios. Repito: quase.

— Sou ambidestro, mas fico um pouco mais à vontade com a esquerda, sim.

Ambidestro… reparei em suas mãos, a esquerda solta, relaxada na lateral do corpo, a outra segurando as sacolas como se fossem penas, em vez de garrafas.

Do nada, imaginei aquelas mãos me apertando com força, acariciando minhas costas, minhas pernas…

Coloquei os óculos escuros e o ignorei o resto do caminho de volta para casa.

Felizmente, para minha paz de espírito, Sebastian foi para seu lado do apartamento

e me deixou guardando as coisas. Não que não tenha se oferecido para ajudar, se ofereceu, sim, mas eu precisava ficar sozinha e insisti em que não era necessário.

Ele também não insistiu muito.

Eu tinha acabado de guardar as coisas na geladeira e fui para o meu quarto. Imediatamente, ouvi a campainha do apartamento. Eu sabia que era Liam e estava louca para abraçar meu melhor amigo. Saí quase correndo, tomada por uma emoção que não sabia que estava guardando até que soube que ele estava esperando à minha porta; mas ao atravessar o corredor esbarrei em uma coisa muito mais dura do que eu imaginava ser possível. Mãos grandes seguraram meus braços, detendo minha corrida até a porta.

— Está esperando alguém?

Sentir suas mãos em meus braços me causou um calafrio que percorreu todo meu corpo, desde os cabelos até os dedos dos pés. Sebastian tirou suas mãos enormes de mim como se minha pele tivesse queimado a sua e se virou para a porta.

— É um amigo meu, veio me ver — respondi, desviando dele para abrir a porta.

Sua mão mais uma vez me impediu de fazer o que eu mais queria no mundo. Alto como era, ele me impediu de abrir apoiando a mão na porta por cima da minha cabeça.

Virei para ele com a testa franzida.

— Quem é? O interfone não tocou.

— Ele tem a chave.

Sebastian balançou a cabeça, estreitando os lábios.

— Você dá as suas chaves para qualquer um?

— Eu dei as minhas chaves para o meu melhor amigo.

— Mar! Abra, caralho, vou ter um troço se você demorar mais.

Coloquei as mãos na cintura.

— Qual é o nome dele?

Revirei os olhos, irritada.

— Liam.

— Seu pai deixou claro que não quer saber de homens aqui.

Soltei uma gargalhada.

— Ah, claro! E eu sou Tinky Winky.

Sebastian ficou meio perdido por uns instantes.

— Dos *Teletubbies*… — expliquei, mas não obtive resposta.

Balancei a cabeça e abri a porta com um puxão, ignorando a presença do capanga atrás de mim.

Liam nem me deu tempo de olhar para ele; já foi me abraçando e me levantando

do chão, me apertando com força contra o peito. Senti o cheiro do seu corpo e me senti em casa.

— Caralho, você quase me matou de susto.

Senti meus olhos marejarem. Eu precisei me segurar na casa do meu pai, mas, ao voltar, senti como se minha vida não fosse mais minha vida e minha casa não fosse mais minha casa. Só que, com Liam ali, foi como se tudo voltasse ao lugar, e a paz de que eu precisava com urgência se apossou da minha alma e do meu coração.

— Ainda não acredito no que aconteceu… — falei, com o rosto em sua nuca, sem querer soltar Liam nunca mais.

Ele enterrou o nariz no meu cabelo e no meu pescoço, mas ficou tenso segundos depois. Com apenas um movimento, ele me colocou no chão e fixou os olhos em Sebastian.

— Quem é esse aí?

Revoltada por seus braços não estarem mais me apertando com força, também me virei para Sebastian.

— Meu novo guarda-costas.

Sebastian olhou para Liam de cima a baixo. Quando fechei a porta, o clima pesou em poucos instantes.

— Preciso de um documento seu — pediu Sebastian sem rodeios.

Liam olhou para ele com desconfiança.

— Ela dizer que me conhece não basta?

Sebastian nem piscou.

— Documento, por favor.

Liam levou a mão ao bolso e pegou sua carteira de couro preta. Tirou o documento e o estendeu.

Sebastian examinou o papel durante uns segundos e o devolveu.

— Preciso das chaves. Por questão de segurança, não podemos confiar em ninguém. Além do mais, você pode ser roubado e outra pessoa pode tentar entrar aqui.

O quê? Não! Por que alguém ia querer entrar aqui? Já tinham dado o recado!

Liam arregalou os olhos, impressionado e contrariado ao mesmo tempo.

— Eu nunca ia colocar a Mar em perigo. As chaves estão bem guardadas, e ficam comigo porque pode acontecer alguma emergência e ela precisar de mim.

— Se surgir algum problema ou Marfil precisar de ajuda, ela vai contar comigo a partir de agora.

Os dois ficaram se encarando durante quase um minuto.

— Liam, entregue as chaves para ele. Isso é coisa do meu pai, e a última coisa que

eu quero agora é que ele faça alguma loucura, tipo me obrigar a voltar para a casa dele.

Liam bufou e virou para mim. Por um momento me olhou com medo, mas depois fez o que Sebastian tinha pedido. Assim que pegou a chave, o guarda-costas pediu licença e foi para o quarto, mas não sem antes me lembrar de avisar caso a gente fosse sair.

— Quer uma cerveja? — perguntei ao meu amigo.

Liam assentiu e foi se sentar no sofá; ficou olhando para o corredor por onde Sebastian tinha saído.

— Não acredito no que aconteceu, Mar — disse ele, apoiando os cotovelos nos joelhos e passando a mão no cabelo.

Eu me sentei ao seu lado, entreguei a cerveja gelada dele e dei um gole na minha.

— Nem eu… foi assustador, terrível, mas também não parecia real, foi como um pesadelo. Fiquei sob o efeito de alguma droga a maior parte do tempo, talvez por isso pareça que aconteceu com outra pessoa.

— Mas, caralho, por quê? Por que alguém ia querer sequestrar você?!

Embora todo mundo soubesse que eu era filha de uma pessoa rica, eu nunca falava sobre isso, porque me incomodava, e Liam também não perguntava. Ele era filho de uma professora do ensino fundamental e do dono de um pet shop. Entrou na Columbia graças a uma bolsa e conseguiu tudo que tinha porque possuía uma mente brilhante. Trabalhava à noite nas melhores baladas da cidade para pagar os estudos, porque a bolsa era de cinquenta por cento. No fundo, eu sentia inveja dele, porque, independentemente do que eu fizesse na vida, para os outros sempre seria filha de pai rico, uma garota que tinha tudo desde que nasceu.

Meu pai era dono de tantos negócios que eu nem sabia dizer quais. Era dono do Banco Cortés, um dos mais importantes do país, com filiais em todos os países da América Latina, e criava cavalos Appaloosa, uma raça quase extinta, a terceira mais desejada do mundo. Isso, além de muitos outros investimentos, transformaram meu pai em uma pessoa importante, e não era de estranhar que as pessoas invejassem sua fortuna.

Por essa razão, ele nunca quis expor suas filhas, e fazia o possível para nos manter escondidas. Jamais nos levava às suas festas e nós não conhecíamos seus colegas de trabalho. Na verdade, meu pai quase não falava a respeito dos negócios, só conversávamos sobre cavalos, animais que desde pequenas ele nos ensinou a amar e proteger.

— Não sei… ninguém sabe. Meu pai acha que me usaram para ameaçar ele, porque não pediram nada em troca nem deixaram um bilhete, nada. Isso, inclusive,

é pior que o sequestro em si.

— E agora aquele cara vai ficar na sua cola o dia todo?

Assenti, estreitando os lábios.

Liam acariciou meu rosto e deixou a cerveja em cima da mesa.

— Seu pai fez bem… Você foi sequestrada no Central Park, Mar. Eles podem tentar de novo, se quiserem, ainda mais conhecendo você e sabendo por onde anda — disse Liam, fazendo uma careta de desgosto.

Esse era outro assunto pelo qual eu já havia discutido com ele inúmeras vezes e a gente nunca chegava a lugar nenhum. Ao pensar nisso, lembrei que teria que informar Sebastian e implorar que não contasse nada para o meu pai.

— Não vai acontecer de novo, eu vou tomar cuidado. A única coisa que me preocupa é meu pai… e minha irmã…

— A Gabriella está em Londres, não vai acontecer nada com ela.

— Se você soubesse o que ela apronta na escola…

De repente, pensei uma coisa:

— Caralho, tenho que falar pra ela não sair sozinha do internato!

Como se estivesse tendo um treco, fui voando para o quarto e peguei meu celular. Se ali eram nove e meia da noite, em Londres seriam quatro e meia da manhã; com certeza ela estava dormindo.

Mandei uma mensagem:

> Nem pense em sair do internato. Aconteceu uma coisa, liga pra mim quando acordar. É urgente.

Minha irmã não sabia de nada. Meu pai não quis preocupá-la, mas ele não tinha a menor ideia de que Gabriella tinha aprendido comigo as quatro maneiras que existiam de fugir do internato. Ela podia atravessar o bosque e chegar à cidade sem ninguém perceber.

Se acontecesse alguma coisa com ela, a culpa seria minha!

Ao sair do quarto com o celular na mão, vi a porta do corredor se abrir, e Sebastian veio até mim como se tivesse lido meus pensamentos e soubesse que algo estava errado.

— O que aconteceu?

Liam se levantou do sofá e se aproximou também.

— Minha irmã não sabe do sequestro. Meu pai não contou pra ela, mas o que ele não sabe é que ela costuma dar umas fugidinhas do internato. Ela vai até a cidade com outras garotas e se encontram com uns amigos… Se vieram atrás de mim,

podem fazer o mesmo com a Gabriella.

— Ela deve estar dormindo, Mar; amanhã você fala com ela e explica tudo — aconselhou Liam.

Mas eu não conseguia tirar os olhos de Sebastian. Alguns segundos depois, ele por fim falou.

— Posso fazer umas ligações. Conheço uma pessoa em Londres, vou pedir que vá para lá e dê uma olhada se há algo estranho. Amanhã vou encontrar o seu pai e converso com ele sobre esse assunto.

NÃO!

Dei um passo à frente e segurei Sebastian pelo braço; o medo tomou conta de mim.

— Não conte pro meu pai! Ele vai matar a Gabriella.

Sebastian me observou por uns segundos; pode parecer impossível, mas nos entendemos sem precisar dizer nada.

Ele se afastou em silêncio, e eu tive certeza de que minha irmã ficaria bem.

4

Sebastian

Voltei ao meu lado do apartamento e fiz algumas ligações. Se o que Marfil tinha dito fosse verdade, precisaríamos ter muito mais cuidado com a irmã Cortés mais nova.

William atendeu no segundo toque e, depois de ouvir minha explicação, tomou as medidas necessárias. Eu sabia que ela ficaria bem se William a protegesse.

Aquele dia parecia não ter fim. Meu trabalho tinha acabado de começar e eu já me sentia sufocado. Se não fosse por meu chefe, eu jamais ia precisar proteger Marfil Cortés, mas acabei convocado para a missão e não podia fazer nada a respeito. Ser babá de uma milionária mimadinha não estava na minha lista de desejos. Depois de tirar quatro no teste C-SORT e nota máxima também nas avaliações físicas, ser um fuzileiro naval não podia se comparar a isso, mas me custaria um esforço mental que não se igualava a nenhum teste de inteligência das Forças Armadas estadunidenses.

Trabalhar para Alejandro Cortés estava sendo mais difícil do que eu imaginava.

Sem nem perceber, fiquei observando a tela do computador, que me mostrava as imagens da câmera que eu tinha instalado na sala do apartamento. Ela estava deitada no colo dele no sofá de couro claro; ele acariciava suas costas, até que ela finalmente fechou os olhos.

Ninguém me informou sobre um possível namorado; eu deveria saber disso.

Notei que os cabelos cor de ébano dela contrastavam perfeitamente com o sofá claro e sua pela cor de marfim, que dava sentido ao seu nome. Era tão linda que doía olhar para ela. Nunca fui fã de mulheres deslumbrantes. Minha relação com Samara tinha sido tudo menos saudável, e olha que a aparência dela não chegava nem perto da beleza daquela pirralha. Dava para entender perfeitamente por que o pai queria que ela ficasse dentro de uma jaula.

Marfil não tinha consciência do perigo que representava.

Eu me levantei do sofá e fui até o meu frigobar. Encontrei uma cerveja. Abri e tomei um gole e, sentado em frente ao computador, chequei os outros ambientes. O único lugar onde não eu tinha colocado câmeras era no quarto dela e no banheiro, e isso me deixava nervoso, pois seria bem fácil entrar por aquela janela.

Marfil não sabia da existência das câmeras e achei melhor não avisar, por enquanto. Algo me dizia que, uma hora ou outra, eu ia usar aquilo a meu favor.

Sem perceber, levei a mão esquerda à lateral direita do meu corpo entre a quinta e a sexta costelas. O ferimento já deveria estar cicatrizado, mas fazia semanas que uma infecção me incomodava.

Voltei para a câmera que monitorava a sala e, vendo Marfil ali deitada e dormindo, eu me perguntava se ela tinha noção do perigo que estava correndo.

5

Manfil

Quando abri os olhos, senti que meu rosto repousava sobre um pedaço de papel amassado. Peguei o papel meio sonolenta e li o bilhete que Liam tinha deixado para mim.

> Não quis te acordar; você merece descansar. Venho na quarta pra gente jantar e ver um filme. Amo você, linda..

Sorri, divertida. Era bom ver que tudo continuava igual. Quer dizer, mais ou menos. Apesar de nosso jantar com cinema das quartas-feiras continuar de pé, no fundo eu sabia que tudo tinha mudado.

Olhei o relógio que ficava na minha mesa de cabeceira. Onze e meia!

— Merda!

Dei um pulo e corri para o meu armário. Coloquei uma calça jeans e uma camiseta de listras brancas e vermelhas, minhas botas de motociclista e corri para o banheiro para lavar o rosto e escovar os dentes. Tinha uma marca na minha bochecha direita por causa do bilhete de Liam, mas não dava tempo de me maquiar.

Saí voando do quarto e dei um grito quando vi Sebastian. Estava com uma calça jeans clara, uma camiseta escura e um Nike branco.

Aquele era o mesmo Sebastian que tinha ido me buscar no dia anterior no aeroporto e que parecia mais um diretor de banco que um guarda-costas?

Estava tomando café; uma das minhas xícaras brancas de coração tocava seus lábios bem na hora que cheguei. Um curto-circuito me deixou meio tonta e precisei me apoiar na parede atrás de mim.

Eu estava tremendo.

"Não me assustei, só me apaixonei!", senti vontade de gritar. Só que eu tinha amor-próprio, então tentei me recompor com dignidade — se é que ainda me restava alguma.

— Estou atrasada — disse, indo até o armário da cozinha e me esticando toda para alcançar minha garrafa térmica rosa. Um braço se esticou acima da minha cabeça e a pegou por mim. Quando me virei e o vi muito mais perto do que esperava, demorei alguns segundos para pegar a garrafa que ele me estendia.

— Ob-brigada.

Dei a volta por trás dele, peguei o leite para esquentar, depois coloquei o mel e fechei a garrafa térmica na velocidade da luz.

— Vamos?

Sebastian assentiu, pegou sua jaqueta jeans e a vestiu.

Abri a porta sem olhar para trás e chamei o elevador. Sua presença me incomodava, eu não podia evitar. A atração que sentia por ele me deixava muito nervosa.

Quando entramos no elevador, sua fragrância Hugo Boss chegou aos meus sentidos, e achei que teria um orgasmo ali mesmo.

Pensar em como seria nossa rotina dentro da faculdade também me preocupava. Eu vi que ele estava vestido adequadamente para entrar comigo em todas as aulas e me vigiar o tempo todo, mas o que me preocupava era o que as pessoas iam pensar de nós. Não queria que ninguém soubesse que ele era meu guarda-costas, por isso, quando chegamos no carro, ignorei suas ordens do dia anterior e me sentei no banco do passageiro.

— Você precisa se sentar atrás, Marfil.

Outra vez aquela sensação ao ouvir Sebastian pronunciar meu nome em voz alta.

— Você não é Uber, Sebastian — respondi, saboreando seu nome em meus lábios. — Não quero que ninguém saiba qual é o seu trabalho, e, se eu chegar à faculdade sentada no banco de trás, as pessoas vão começar a fazer perguntas.

— É que os vidros de trás são blindados. É para sua segurança.

Coloquei o cinto sem lhe dar ouvidos.

— Ninguém vai atirar em mim.

Sebastian apertou o maxilar e olhou para a frente. Ligou o carro e eu sorri, satisfeita por ter vencido.

— Temos que pensar no que vamos dizer na faculdade quando as pessoas te verem comigo — falei, cinco minutos depois.

Sebastian agia como se eu não tivesse dito nada.

— Você pode se passar por aluno, mas, se virem a gente chegar juntos todos os dias, vão achar que somos um casal.

"Era o que eu mais queria", pensei comigo mesma. Mas era verdade: se Sebastian e eu chegássemos todos os dias à faculdade no mesmo carro, as pessoas iam falar com certeza. E, para minha desgraça, todo mundo já falava demais de mim.

— O que as pessoas pensam deveria ser sua última preocupação.

— Não quero que saibam que eu ando com um guarda-costas.

— E o que você quer, então? Porque eu sou seu guarda-costas.

Olhei para ele, irritada com seu tom condescendente.

— Pode parar aqui — disse a ele quando chegamos ao estacionamento do campus.

Estávamos longe da entrada da faculdade, justamente por isso ninguém nunca deixava o carro ali. Mas eu não queria que nos vissem.

Sebastian me olhou por um segundo antes de fazer o que eu tinha pedido. Peguei meu caderno na mochila e arranquei duas folhas.

— Esses são meus horários de aulas e o mapa do campus. Não fale comigo dentro da faculdade, mantenha uma distância segura, mas sem levantar suspeitas. Depois do almoço nos encontramos aqui.

Desci do carro sem esperar resposta. Ou eu começava a controlar a situação ou Sebastian Moore teria uma ideia errada da minha personalidade. Eu não deixava ninguém decidir por mim; quem impunha as normas era eu. Mas tinha a impressão de que Sebastian não ia curtir muito isso.

Quando entrei na aula de economia, atrasada, o professor me olhou de cara feia; mas pelo menos me deixou sentar no lugar de sempre — na parte mais alta, no corredor. Só quando peguei meu notebook e abri o APP de notas foi que me permiti olhar para a direita. Como quem não quer nada, Sebastian estava sentado ali, percorrendo a sala com os olhos, até fixá-los em mim. Por alguma razão, eu não quis desviar o olhar quando encontrei seus olhos.

Foi praticamente impossível me concentrar sabendo que ele me observava.

O resto da manhã passou voando. Pedir para o professor para fazer a prova que eu tinha perdido por causa do sequestro foi inútil. Eu não queria contar o motivo real, e ele até achou graça na desculpa que dei, de que estava doente.

— Você vai fazer a prova final com todo mundo, Marfil, e não se fala mais nisso.

Saí pisando duro da sala e fiquei ainda mais mal-humorada quando vi Regan encostado na parede da lanchonete cercado dos seus amiguinhos babacas.

Quando passei por eles, começaram os mesmos assovios e comentários de sempre.

— Caraca, Marfil, sentimos sua falta. Tivemos que voltar à velha pornografia de sempre.

Ignorei seus comentários imbecis, atravessei a lanchonete, comprei uma salada de alface e queijo e fui me sentar à minha mesa de sempre. Eu costumava me sentar ali com uns amigos; na verdade, mais colegas que amigos. Lisa e Stella eram duas das poucas garotas que eu tolerava. Havia conhecido Lisa na orientação acadêmica e Stella no hospital, porque nós duas quase entramos em coma alcoólico na primeira festa do campus.

Eu gostava delas, mas tinha dificuldade para confiar.

— Onde você se meteu?

— Fiquei doente — respondi, levando a garrafa de água aos lábios.

Notei que Sebastian se sentou à mesa ao lado depois de percorrer toda a lanchonete e me observar a distância. Vi que ele deu uma mordida em um sanduíche de queijo. Pelo menos estava comendo; isso era um sinal de que, no fim das contas, não era um Deus grego, e sim um ser humano como qualquer um.

— Pra quem você está olhando? — perguntou Stella, seguindo meu olhar até parar em Sebastian.

— Pra ninguém — respondi depressa, desviando o olhar.

— Quem é aquele ali?!

Lisa também olhou e, assim como os de Stella, seus olhos se iluminaram.

— Quem? — perguntei, me fazendo de boba.

— Como quem? — rebateu Lisa, olhando para mim. — Aquele gostosão no canto. Nunca vi esse cara por aqui! Gato!

— Vai ser gostoso assim lá em casa — disse Stella, sem disfarçar.

Minhas duas amigas, uma loira de cabelo comprido e outra de cabelo castanho-claro cacheado e óculos, não sabiam que estavam olhando para o meu futuro marido, pai dos meus três filhos, e quem eu precisava beijar logo. Não queria que elas pusessem os olhos em cima dele e meu ciúme irracional me preocupou mais que o fato de que, olhando bem, elas não eram as únicas que tinham reparado em Sebastian.

Várias garotas estavam olhando para ele discretamente.

Caralho, Sebastian Moore tinha acabado de se transformar no objeto de desejo de todas as alunas da faculdade. Era assim que ele passava despercebido?

Não nos vimos mais cara a cara até chegarmos ao carro. Já entrei de mau-humor e cansada de andar com os sentimentos à flor da pele sem entender o motivo.

— Você precisa estar em todas as minhas aulas e na lanchonete? Não pode pelo menos esperar do lado de fora? Não vai acontecer nada dentro da faculdade.

— Meu trabalho é proteger você vinte e quatro horas por dia, Marfil.

Fiquei prestando atenção na maneira como ele dirigia. Não estava acostumada a essa indiferença por parte dos homens. Sebastian parecia imune à minha presença, mas a sua me deixava louca.

Não trocamos mais nenhuma palavra, só que em minha cabeça estava começando a se formar um plano que, se colocado em prática, só me causaria problemas.

Em casa, ele foi para o seu quarto e eu para o meu, com um único objetivo em mente. Não que estivesse mudando muito minha rotina diária, mas eu estava dedicando uns minutos a mais para escolher o que ia vestir. Por fim, escolhi meu collant preferido, preto com renda nas costas, e uma saia da mesma cor. Coloquei as meias, as polainas e o bolerinho rosa.

Quando bati à porta, ele me disse para entrar. Como se fosse piada e o destino quisesse me pagar com a mesma moeda, encontrei Sebastian diante de um saco de boxe. Ele já tinha trocado de roupa, estava com uma bermuda de lycra e uma regata branca que deixava à mostra os braços musculosos. Em vez de usar luvas de boxe, ele estava apenas com a mão enfaixada. Meus olhos pararam, curiosos, em suas tatuagens. Eu queria tempo para observá-las, queria poder perguntar sobre cada uma…

Ao me ver entrar, ele parou o saco de boxe — imaginei que devia ter pendurado no dia anterior — e ficou me olhando sem dizer absolutamente nada.

Para minha alegria, ele não conseguiu não descer os olhos pelas minhas pernas e depois voltar ao meu rosto. Eu não costumava me expor assim para os homens — melhor nem explicar por que —, mas me senti uma rainha quando vi que, embora Sebastian Moore fosse de outro planeta, no fundo, eu lhe provocava algum tipo de resposta…

— Vou dançar um pouco… — falei quando ele, sem dizer nada, voltou a dar socos no saco de boxe, que ecoavam no silêncio da sala.

Ele não disse nada, não olhou para mim de novo, e minha frustração deu as caras de novo.

Dentro de meu estúdio de dança tentei esquecer quem estava lá fora. Não adiantava continuar pensando naquilo. Sebastian estava lá para me proteger, só isso.

Coloquei a música, especificamente a valsa da *Masquerade Suite,* composta por Aram Khachaturian, um compositor soviético que me acompanhava em dias como aquele, em que eu precisava esquecer o mundo e me deixar levar pela minha única paixão de verdade. Aqueci uns vinte minutos, mas meus alongamentos na barra pouco ajudaram para que meu corpo se sentisse totalmente preparado para começar a dançar.

Mas não liguei. Comecei a dançar pela sala, com as pontas dos dedos totalmente perpendiculares ao chão; minhas piruetas, quase perfeitas; o arabesque quase impecável…

Quanta falta eu sentia de dançar com alguém… pular nos braços de meu parceiro e ser elevada, me fundindo com a música, como sempre desejei fazer diante de um público que valorizasse o meu esforço e a minha dedicação.

Eu sabia que minha mãe tinha conquistado o título de *prima ballerina* pela companhia de balé do teatro Bolshoi, em Moscou. Era uma das melhores companhias do mundo, se não a melhor. Eu sentia um orgulho infinito por ela ter pertencido àquele mundo e, ainda por cima, ter sido a estrela. O balé era algo que nós duas compartilhávamos; eu herdei essa paixão dela e ninguém, nem meu pai nem meu tio, podiam tirá-la de mim, apesar das tentativas. Eu amava dançar e sempre dançaria. A questão era ter coragem de enfrentar as pessoas que queriam que eu abandonasse a minha maior paixão.

Exausta, eu me larguei no chão e descansei um pouco, com a respiração acelerada, até que meu celular tocou.

Levantei para pegar o aparelho, aliviada ao ver que era Gabriella. Desliguei a música e foquei em uma das pessoas que mais amava neste mundo.

— Você foi sequestrada, Marfil! — gritou quando expliquei para ela o motivo da minha mensagem da noite anterior.

— Não se preocupe, o papai está cuidando de tudo. Mas, por favor, não saia do colégio. Tenho certeza que aí em Londres você está segura, mas eles podem tentar fazer a mesma coisa com você

— Quero te ver — disse ela.

Eu já imaginava minha irmã fazendo a mala e implorando para o papai para faltar alguns dias na escola.

— Estou bem, Gab, de verdade. Ele colocou um guarda-costas aqui.

Fez-se um silêncio do outro lado da linha.

— Você com guarda-costas? Coitado desse cara.

Eu ri ao notar que ela estava mais relaxada e já fazendo piadinhas.

— Mas, sério, quero te ver. Você não pode falar com o papai? Nem que seja só um fim de semana, faz muito tempo que a gente não se encontra, Mar.

— Eu sei… mas agora não é uma boa você voltar. Aí você está mais segura, pelo menos até a gente descobrir quem foi o responsável pelo sequestro.

Minha irmã teimou muito — éramos parecidas nisso —, mas por fim entendeu que não era a melhor hora para irritar nosso pai nem pedir nada para ele. Não pudemos conversar muito, suas aulas iam começar em quinze minutos. Então, nos despedimos e prometemos nos falar logo. Gabriella parecia preocupada ao telefone, mas eu fiquei mais tranquila sabendo que ela me entendeu e não ia sair do internato.

Quando deixei o estúdio, encontrei a sala onde Sebastian tinha feito exercícios vazia. Porém, quando cheguei à minha sala, vi que ele estava ali na frente do fogão, preparando algo que tinha um cheiro bom demais para minha cozinha.

Não estava mais de short e regata, e sim de calça de moletom e camiseta preta básica. E seu cabelo estava úmido.

— O que você está cozinhando? — perguntei, aproximando-me e aspirando o aroma que saía da panela onde uns legumes chiavam e enchiam minha casa de um cheiro caseiro demais para ser real.

— Ovo mexido com cogumelos, legumes e camarão.

Será que ele ia me oferecer um pouco? Parecia tão gostoso. Ou será que colocaria seu prato e levaria a comida para o quarto, me deixando à mercê do macarrão rançoso da esquina?

— Vou deixar um prato pra você, se quiser.

Nossa, aparentemente, ele era educado.

— Vou amar, obrigada.

Fui para o meu quarto, não só porque precisava tomar banho, mas também porque não aguentava ficar tão perto dele e de toda aquela sua frieza. Quando acabei, vesti o pijama e, ao sair do quarto, encontrei a sala vazia outra vez. Na mesa, um prato com os ovos mexidos, um copo e dois talheres muito bem alinhados me esperavam para jantar… sozinha.

Na quinta-feira à tarde, decidi correr um pouco, e comuniquei Sebastian. Ele não gostava de nada que eu fazia, e dessa vez não foi diferente. Sebastian gostou menos ainda quando fui — com ele na minha cola, claro — ao Central Park.

Eu não sabia por que, mas precisava passar pelo lugar onde eu tinha sido sequestrada. Estava com muita raiva por saber que meu lugar preferido em Nova York tinha se transformado em algo de que eu sentia medo, e mais raiva ainda do fato de não ter conseguido me defender. Minhas chances naquele dia foram nulas, e tudo isso por falta de preparo.

Quando chegamos ao bebedouro, quase na mesma hora do sequestro, parei e prestei atenção em tudo que havia ao redor daquele lugar. Reparando bem, ali era o local adequado para um sequestro. Tinha umas pedras que impediam que quem estivesse passando visse alguma coisa; e, por causa das árvores ao redor do bebedouro, acabou sendo fácil me levarem dali.

Reparei também que, um pouco mais para a frente, na rua que contornava o parque, existia uma porta de ferro fundido. Fui até lá por entre as árvores, até que uma mão me pegou pelo braço e me deteve.

— Marfil, pare de desafiar a sorte.

Sebastian estava mais contrariado que nervoso. Eu sabia muito bem que, se

corresse algum perigo, ele não teria me deixado chegar nem perto dali. Não, suas razões eram outras; e, embora me intrigasse saber o que realmente o preocupava, estava mais interessada em descobrir como haviam conseguido me levar dali sem que ninguém percebesse.

— Faz o seu trabalho e fica na sua, é pra isso que você está aqui.

Meu tom foi mais frio do que eu esperava. Também não dei muita importância a isso, ele era frio comigo o tempo todo. Consegui me soltar de sua mão e entrei no bosque até alcançar a grade e a porta.

— Está fechada… — murmurei, mais para mim mesma que para ele.

Segurei o cadeado; uma corrente de ferro contornava a fechadura e, a alguns metros de distância, carros circundavam o parque a uma velocidade moderada.

— Quem me levou devia ter acesso à chave deste cadeado…

— Você não sabe. Eles poderiam ter arrombado a fechadura — rebateu.

A corrente e o cadeado estavam enferrujados.

— Se tivessem arrombado, iam substituir a corrente por uma nova, não por uma que parece estar aqui há anos.

Olhei para Sebastian com uma sensação esquisita no estômago.

— Há alguma coisa estranha nessa maldita história… algo que não faz nenhum sentido.

Sebastian nem piscou.

— Você se lembra de alguma coisa daqueles dias?

Neguei com a cabeça.

— Eu imagino que, se visse a pessoa que me sequestrou, ia conseguir identificá-la. Sonho todas as noites com alguém me perseguindo. Tenho esperança de que, cedo ou tarde, quem fez aquilo acabe atrás das grades.

Saí de perto da porta e retomei a corrida para voltar para casa. Não estava a fim de falar daquele dia nem daquelas pessoas, e muito menos dos meus sonhos, com um cara que, no fim das contas, também era um desconhecido. Sem saber por que, de repente estava louca para estar cercada pelas paredes do meu apartamento. Eu era rápida e, quando acelerei minha corrida, esqueci completamente quem estava atrás de mim.

Ao chegar à portaria do meu prédio, percebi que Sebastian não estava ali comigo. Meu coração acelerou e olhei para os dois lados, comprovando que estava sozinha.

Alguém estava me observando, eu sentia.

— Caralho! — Alguém disse, logo atrás de mim.

Sebastian, puto da vida e com as veias do pescoço saltadas tanto pela raiva como pela corrida, chegou à portaria.

— Achei que você estava atrás de mim.

— Entra em casa, merda.

Fiz o que ele me pediu e vi que ele observava atentamente a rua antes de entrar e me acompanhar até o elevador.

Nós dois respirávamos com dificuldade. Pela tensão que eu notava em seu corpo, vi que ele estava puto comigo. Bom, estava demorando.

Quando entramos, ele fechou a porta com mais força que o necessário.

— Você não pode se afastar de mim. Será que não entende que corre perigo?!

— Você está aqui para me proteger, não é? Pois então proteja! E de um jeito que não atrapalhe a minha vida nem as minhas atividades físicas.

— Você não tem a menor ideia do…

Ele parou de falar e se virou na direção do seu quarto para se trancar de novo lá, mas eu parei na frente dele

— Não vou tolerar que você fale assim comigo.

Sebastian bufou e baixou os olhos para mim. Era tão alto que seu queixo quase tocou seu pescoço na tentativa de sustentar meu olhar.

— Sinto informar, mas a palavra *tolerância* terá que começar a fazer parte do seu dia a dia, linda.

Parei, observando sua reação. Sebastian Moore quase perdendo a compostura! Acho que até curti vê-lo tirar um pouco aquela máscara de frieza infinita e abandonar o autocontrole.

— Você trabalha para mim — fiz questão de lembrá-lo.

Ele me pegou de surpresa, ao segurar o meu queixo e, com o polegar, puxou meu lábio inferior, tão rápido que talvez tenha sido só imaginação.

— Eu trabalho para o seu pai — retrucou.

Sebastian passou por mim e desapareceu pela porta.

Minha respiração acelerou.

6

Sebastian

Merda.

Entrei no chuveiro com a cabeça girando e a imagem de Marfil ocupando todos os meus malditos pensamentos. Desde que a tinha visto dançar, dois dias antes, pelas câmeras de segurança conectadas ao meu computador, a forma como eu a enxergava mudou completamente.

Fiquei encantado com seus gestos, seus movimentos, a maneira como suas pernas e seu corpo, mal cobertos por aquela roupa de balé, giravam realizando movimentos impossíveis. Eu me surpreendi com o desejo incontrolável de tocá-la, nem que apenas por um instante, e comprovar que sua pele era tão suave como parecia. O dedo em seu lábio inferior tinha sido um erro pelo qual, sem dúvida, eu acabaria pagando caro.

"Fique longe dela, Moore. Não seja como todos os outros."

Mas como não, se ela parecia ter literalmente caído do céu, com todos as coisas necessárias para mandar qualquer homem para o inferno com apenas um pontapé?

Ela fugiu de mim no Central Park enquanto eu olhava a corrente intacta e enferrujada do parque. Marfil não era nada boba, pelo contrário, era muito astuta e inteligente. E estava certa, o sequestrador tinha a chave daquela maldita porta. Quando me dei conta, ela já estava com muitos metros de vantagem; era rápida como uma flecha, mas, se eu não estivesse distraído com o cadeado, ela nunca teria me ultrapassado.

Esse maldito erro poderia ter custado a vida dela. Por isso fiquei tão furioso; fui descuidado e, ainda por cima, tive que enfrentar a Marfil, deixando que visse uma parte de mim que precisava manter oculta.

Se não tomasse cuidado, Marfil Cortés acabaria descobrindo mais do que precisava saber; e, nesses casos, quem desse com a língua nos dentes poderia acabar perdendo-a para sempre.

7

Marfil

Aquela noite, eu me arrumei um pouquinho além da conta. Não porque quisesse impressionar Liam, mas sim outra pessoa. O toque rápido de Sebastian naquele dia não significou nada, mas ninguém nunca tinha me feito sentir tanto com tão pouco.

Eu nunca tinha falado sobre isso com Liam porque sentia vergonha de admitir que quase sempre precisei fingir que gostava do que os caras com quem já tinha ficado faziam comigo. Por isso insistia em provocar Sebastian. Queria sentir aquilo que lia nos livros e via nos filmes; queria sentir uma paixão infinita que me levasse às nuvens e me fizesse tremer embaixo dos lençóis.

Só dois tinham chegado perto de algo parecido, e de um deles, eu preferia nem me lembrar do nome.

Mas, sempre que via Sebastian, meu corpo tremia, meu coração se acelerava e meus hormônios pareciam assumir o controle da minha cabeça. Se não tomasse cuidado, acabaria fazendo uma bobagem, e com ele — especialmente com ele —, queria ser tudo, menos boba.

Tami, minha melhor e única amiga além de Liam, me enviou uma mensagem perguntando o que eu ia fazer à noite. Tami era totalmente diferente de mim; enquanto eu adorava uma balada, conhecer garotos e dançar sem parar até tarde, Tami era tranquila, odiava festas e música alta. Seu passatempo preferido era pintar e sair para tomar um café, conversar e… quase só isso. Mas eu a adorava. Tami sabia todas as coisas a meu respeito que eu não tinha coragem de contar para Liam, e ela também me contava tudo. Mas eu tinha certeza de que havia alguma coisa que ela escondia de mim e do resto do mundo por baixo daquela tranquilidade inabalável.

Liam não suportava Tami. Quando apresentei os dois, num dia que Liam me convidou para jantar e eu estava louca para que meus dois melhores amigos se conhecessem, quase provoquei a Terceira Guerra Mundial. Tami ficou constrangida o tempo todo, e, quando Liam perdeu a paciência porque ela mal abria a boca e respondia com monossílabos — isso também me incomodou naquela ocasião —, eles começaram a gritar e a se insultar, e nunca mais conseguiram olhar um na cara do outro.

Não gostava daquela guerra que rolava entre eles porque eu adorava os dois e parecia que eles brigavam para chamar minha atenção quando se encontravam.

Aquela noite, por exemplo, Tami me perguntou se eu tinha algum plano, disse que queria me ver e me chamou para jantar em algum restaurante legal.

Eu já havia combinado de ir ao cinema com Liam, mas também queria ver a Tami; fazia semanas que a gente não se encontrava. No fim, acabei cedendo ao que eu queria mesmo, que era ver os dois aquela noite, e também convidei a Tami para ir ao cinema. Só não comentei que Liam também iria, claro.

Quando Sebastian me viu arrumada para sair, simplesmente me pediu um minuto para pegar suas coisas e as chaves do carro. Não que sua indiferença tenha me surpreendido; afinal, era só o que eu recebia daquele homem desde que a gente se conheceu. Mas eu tinha arrumado o cabelo e me maquiado muito bem, e estava usando meu vestido preto preferido e minhas sandálias douradas só para impressioná-lo.

Talvez o leve toque do seu dedo em meu lábio tivesse sido fruto da minha imaginação.

Mais uma vez, eu me sentei no banco do passageiro e mais uma vez ele me repreendeu por isso.

— Eu fico enjoada no banco de trás — expliquei, dando de ombros e mentindo com facilidade.

Eu era especialista em mentiras; precisei delas durante toda a minha infância.

Sebastian me perguntou para onde a gente estava indo, então passei o endereço para ele. Como se fôssemos amigos, soltei minha personalidade e comecei a lhe fazer perguntas outra vez.

— Você gosta de cinema?

Silêncio.

— Eu adoro. Vou toda quarta-feira; uma semana eu escolho o filme, na outra é o Liam. Ele gosta muito dos filmes da Marvel e de carros que andam a duzentos quilômetros por hora; eu não suporto. Prefiro ver filmes românticos; sei que é um clichê as mulheres gostarem desses filmes bobos que nunca aconteceriam na realidade, mas eu adoro. Principalmente quando os galãs são altos, fortes e beijam a garota com doçura primeiro e com paixão depois…

Eu falava como se meu acompanhante quisesse ouvir tantas bobagens. Mas não; ele dirigia enquanto eu soltava aquela conversinha sem sentido.

— De que tipo de filme você gosta?

— Eu gosto de dirigir em silêncio, Marfil — respondeu, virando à direita com tranquilidade, mostrando um domínio impecável do volante.

— Silêncio significa que não tem nada para falar.

— Exato — concordou, satisfeito.

— Mas eu sempre tenho algo pra dizer — acrescentei quase pisando nele.

— Às vezes, o silêncio diz mais que horas de conversa.

— É mesmo? Então, o que está querendo dizer assim tão calado? — perguntei, gostando de ter um pretexto para observá-lo.

Eu adorava seu perfil; o nariz reto e o maxilar quadrado… Eu poderia passar horas contemplando o Sebastian.

— Não queira saber.

— Mas eu quero.

Ele parou o carro no farol vermelho e me ofereceu um olhar muito frio de seus olhos castanhos.

— Você não quer me conhecer, Marfil. Não estou aqui para ser seu amigo.

Eu não queria sua amizade; queria algo muito mais intenso, muito melhor e muito mais prazeroso.

— Gostou do meu vestido? — perguntei, ignorando suas últimas palavras.

Sebastian praguejou baixinho e manteve os olhos na rua.

Sorri, achando graça da situação. Eu conseguia tirá-lo do sério, e gostava disso.
Liam nos esperava em frente ao Cine AMC, que fica na dezenove com a sexta. Nós três éramos membros e podíamos ver três filmes por semana pagando apenas vinte dólares por mês. Eu era apaixonada por cinema, sempre que podia dava uma fugidinha para ver algum filme novo que estivesse em cartaz. Ia até sozinha, não ligava.

Antes, passamos no campus para pegar Tami. A coitada quase teve um ataque cardíaco quando viu Sebastian; precisei explicar a situação para ela durante o trajeto até o cinema. Quando descemos do carro, nós duas de braços dados, Liam fez uma careta, contrariado, e Tami começou a arrastar os pés.

— Você não me disse que ele estaria aqui — reclamou baixinho.

Minha amiga tinha uma personalidade forte, mas poucas vezes a exibia. Por isso, fiquei tão surpresa no dia que ela brigou com Liam no meio da rua; nunca tinha visto Tami brava daquele jeito. Nem lembro mais o que ele fez, mas sei que foi uma bobagem.

Liam, ao contrário, tinha pouca paciência com garotas como ela, tão tímidas e tranquilas. Por isso eu era a melhor amiga dele. De repente, me passou pela cabeça que Sebastian ficaria feliz se tivesse que cuidar da Tami em vez de mim, e, ao pensar nisso, fui obrigada a virar a cabeça para observá-lo.

Ele estava alguns passos atrás e olhava tudo como se desafiasse o universo a ousar pôr as mãos em mim. No fundo, amei ver aquilo.

Quando chegamos à porta, soltei o braço da minha amiga e dei um abraço

carinhoso em Liam. Ele me levantou do chão, como sempre, e sussurrou bem baixinho no meu ouvido:

— Você vai me pagar por isso, linda.

— O que acham de uma trégua de uma noite? Se vocês se comportarem direitinho, vou deixar escolherem o filme — disse aos dois, rindo.

Liam suspirou e Tami não emitiu nenhum som. Acho que o fato de eu ter sido sequestrada fez com que eles sentissem vontade de me agradar mais que de costume. Reparei que Liam olhava para Sebastian de canto de olho e o puxei para que prestasse atenção no mais importante.

— Não estou acreditando que vão me fazer ver um filme em que um homem se transforma em formiga — resmunguei minutos depois.

— Você sacaneou a gente, então escolhemos o filme — disse Liam, que, para minha surpresa, estava sendo bastante gentil com Tami.

Ela, ao contrário, mal lhe dirigia a palavra. Observei quando ela foi comprar pipoca. Seu cabelo loiro, quase branco, acariciava sua cintura enquanto ela andava. Tami era uma baixinha linda, eu não entendia por que tinha escolhido ficar sozinha. Eu a convenci a não entrar para um convento. Quando me confessou isso no internato, eu quase bati com o abajur na cabeça dela para que ela pensasse melhor. No fim, ela mesma acabou entendendo que esse não era seu caminho, mas me deixou vários meses com o coração apertado.

— Sua amiga é muito estranha.

Dei uma cotovelada nas costelas de Liam.

— Essa estranha é a única amiga de verdade que eu tive até você chegar para me infernizar.

— Graças a mim, você não é como ela. Pelo menos reconheça meu mérito.

Nisso ele tinha razão. Embora eu sempre tenha sido meio rebelde, chegar à Big Apple depois de ter passado praticamente toda minha vida reclusa, não havia sido fácil e meu comportamento era bem parecido com o da Tami…

— Você podia fazer o mesmo por ela — sugeri, sorrindo.

Liam deu as costas à minha amiga e me olhou achando aquilo engraçado.

— Ajudar você a ser quem é agora sempre foi o trabalho de que eu mais tenho orgulho, mas não pense que faço isso com qualquer um.

— Pode ser que ela deixe você ir até o fim…

Liam sorriu daquele jeito que no passado me deixava louca, mas que agora só me fazia rir.

— Acho que nem com toda a paciência do mundo, linda — disse ele, mexendo em meu nariz e se voltando para minha amiga. — O que diriam naquele internato

fábrica de virgens?

Olhei para trás torcendo para que Sebastian não tivesse escutado. Ele estava olhando para a porta, em busca de qualquer sinal de perigo.

Suspirei.

O filme foi tão chato quanto eu imaginava. Por motivos óbvios, eu me sentei no meio e, além de não prestar atenção, os dois não paravam de tentar comentar o filme comigo, então acabei me levantando para ir ao banheiro.

Enquanto ia até o corredor sem fazer barulho, notei que Sebastian estava fazendo o mesmo.

Isso poderia ser divertido…

Em vez de deixar que ele andasse atrás de mim, eu o esperei e me coloquei ao seu lado.

— Está gostando do filme?

— Estou concentrado em outras coisas. Por que está saindo?

Fui indo em direção ao banheiro e apontei com a cabeça. Quando ele parou na porta, sorri por dentro. Estava entediada e queria me divertir.

— Não vai entrar? — perguntei, olhando para ele com cara de inocente.

Sebastian encostou as costas na parede em frente ao banheiro feminino e cruzou os braços.

— Eu espero aqui.

— E se alguém lá dentro quiser me fazer mal? — insinuei, aproximando-me um pouquinho mais.

— Grite.

Parei. Olhei para ele de cima a baixo e, como se fosse meu reflexo, ele fez o mesmo.

Isso foi suficiente. Dei meia-volta, fazendo meu cabelo girar, e entrei no banheiro.

Por que era tão difícil conseguir um pouquinho da sua atenção? Era porque ele estava em serviço e levava o trabalho muito a sério? Ou porque não sentia nenhuma atração por mim?

Pensei em gritar como uma garota assustada para ver como ele reagiria. Será que ia derrubar a porta, puxar a pistola e entrar como James Bond para resgatar a namorada?

É claro que não gritei, e não porque não tive coragem; eu era capaz de arcar com as consequências de uma brincadeira. Mas não queria acabar numa situação parecida

com a história de *Pedro e o lobo*. Eu corria perigo de verdade e, se algo de ruim acontecesse comigo, queria que Sebastian não tivesse um pingo de dúvida da veracidade do meu pedido de socorro.

Lavei as mãos e saí.

— Tinha uma porta nos fundos do banheiro — comentei.

Afastar as costas da parede foi a única resposta de Sebastian.

— Estava trancada, mas, aparentemente, isso não impediria alguém de me sequestrar, não é?

— Deixe esse assunto comigo, Marfil. Agora, volte lá pra dentro e termine de ver o filme.

— O da formiga? Nem fodendo! — respondi, caminhando pelo corredor.

Passei reto pelas portas de filmes que não me interessavam, até que cheguei à sala onde estava passando o novo filme baseado em um romance do Nicholas Sparks.

Voltei-me para Sebastian com um sorriso e entrei.

A sala estava lotada, mas encontrei dois lugares na última fila à direita. Eu sabia que ele não teria alternativa; ia precisar entrar comigo para ficar por perto e garantir que nada me acontecesse.

Quando me sentei na poltrona e notei que ele fazia o mesmo de má vontade, quase gritei de alegria.

O filme já havia começado fazia um tempo, mas não tinha importância; o que importava é que estava tendo um "encontro" com meu guarda-costas e, ainda por cima, com ele ao meu lado no escurinho para poder fantasiar até que os filmes acabassem.

— Você acha a protagonista bonita? — perguntei para poder me aproximar dele e sentir seu perfume.

Sebastian passou a mão pelo cabelo por uns segundos, até responder:

— Não.

Sorri, achando graça.

— Você é muito mais bonito que esse cara.

E o cara era nada mais, nada menos que Liam Hemsworth, o que já dizia muito.

Sebastian me fulminou com o olhar na escuridão da sala.

— Assista ao filme, por favor!

Obedeci; quando começou a cena de sexo entre os dois protagonistas, achei que ia ter um infarto. Ele a prensava contra a parede do quarto; enquanto o mundo se acabava em uma tempestade, mas eles não estavam nem aí. A altura e os ombros dele quase a cobriam totalmente, o que só intensificava o efeito que queriam com aquela cena: enlouquecer as mulheres.

Olhei de canto de olho para Sebastian. O coitado estava mais entediado que uma ostra. Reparei em sua mão enorme no apoio de braço. Como seria Sebastian com as mulheres? Seria o tipo de homem que trata a garota com cuidado, ou seria como aquele que eu estava vendo no filme? De repente, senti uma vontade louca de acariciar seu braço com o dedo até chegar à palma de sua mão e comprovar, com satisfação, que a minha desaparecia entre a imensidão da sua.

Como seria ser beijada por ele? Como seria sentir seu corpo sobre o meu em minha cama, quase me asfixiando com seus músculos, mas me enchendo de prazer?

Antes que pudesse fazer alguma coisa de que me arrependesse depois, meu telefone começou a tocar a música de *Pretty Little Liars*, algo nada apropriado para aquela cena *hot* que estava rolando diante dos meus olhos.

Era Liam.

Desliguei imediatamente, enquanto várias pessoas me lançavam olhares de censura.

Onde você está? Da próxima vez que quiser vir ao cinema comigo, não saia no meio do filme e não me deixe sozinho com sua amiga estranha. Só pra avisar, ela foi embora muito puta.

Ai, merda!

Respondi depressa à mensagem.

O que aconteceu? Não fica bravo, entrei na sala ao lado para ver o filme novo do Nicholas Sparks! Espera aí que vou sair.

Não tive nem tempo de me levantar antes que chegasse outra mensagem.

Não, fica aí vendo o filme; já estou voltando pra casa.

Caralho… eu deixei meus dois melhores amigos na mão.

O trajeto de volta para casa foi silencioso, mas pelo menos pude escolher a rádio. Estava me sentindo culpada por ter deixado meus amigos sozinhos e ido ver outro filme por causa do meu desejo ridículo de ficar a sós com Sebastian. Não entendia o que podia ter acontecido, Liam e Tami pareciam estar amando a história da formiga…

Quando chegamos à portaria do edifício, Norman me entregou um pacote de

tamanho médio da FedEx.

— Deixaram isso para a senhorita.

— Obrigada, Norman — disse, e peguei o pacote, imaginando se não seria o par de sapatos que tinha comprado pela internet.

Ao entrarmos no apartamento, fui direto para o meu quarto. Havia tentado falar com Tami, mas ela não me atendia. Nem Liam.

Deixei o pacote em cima da cama e comecei a tirar a roupa. Quando já estava nua, vesti o roupão, amarrei-o na cintura e me sentei na beira da cama em frente ao pacote enquanto esperava a banheira encher.

Nem tive tempo de ver o que tinha na caixa. Quando coloquei as mãos dentro, senti algo meio grudento nos dedos e, ao tirá-las, vi que estavam cobertas de um líquido vermelho. Dei um grito que certamente foi ouvido até no prédio da frente e, ao pular da cama, o pacote virou, derramando todo o sangue em cima do meu edredom branco. Levei as mãos ao rosto para cobrir os olhos.

Dentro da caixa havia um animal morto.

A porta se abriu de uma vez, batendo na parede e me fazendo gritar de novo.

Sebastian entrou com a arma em punho. Aproximou-se, e depois de se certificar de que não havia ninguém ali dentro, olhou para a caixa que estava na cama e depois para mim.

— Está machucada? — perguntou ele, guardando a pistola na calça e segurando meu rosto.

Examinou-o e depois olhou minhas mãos; estava tudo sujo de sangue.

Comecei a tremer.

Sebastian relaxou um pouco quando viu que eu não tinha nenhum arranhão.

— Calma — disse, aproximando-se, hesitante, e me envolvendo em seus braços.

Nem me dei conta de que aquilo que desejava desde que tinha conhecido Sebastian estava acontecendo. A única coisa que passava na minha cabeça era a imagem daquele animal morto em cima da cama e o sangue sujando tudo. Sem poder evitar, comecei a chorar descontroladamente. Sebastian pousou a mão na minha cabeça enquanto pegava o celular e fazia uma chamada. Disse algo tão rápido que nem entendi.

Depois, ele me segurou pela mão e me levou até o banheiro.

Eu me sentei em cima da tampa do vaso enquanto ele pegava uma toalha, fechava a torneira da banheira, que já havia começado a transbordar, e molhava a ponta da toalha.

— Vou limpar seu rosto, ok?

Nem respondi, deixei que fizesse o que achava melhor. Não estava entendendo

nada, nem ouvia o que ele sussurrava para me acalmar. Meu corpo tremia e as lágrimas rolavam por minhas faces.

Quando acabou de limpar meu rosto, manchando a toalha branca de um rosa estranho, começou a limpar minhas mãos. Com suas mãos grandes, tentava não deixar nenhum rastro daquele sangue na minha pele. Mas, embora tenha feito tudo que podia, minhas mãos continuavam manchadas.

— Filhos da puta — disse para si mesmo.

Levantei os olhos.

— Que foi?

Não reconheci minha própria voz.

— Espere aqui.

Ele se levantou e saiu do meu quarto. Eu me levantei também e me olhei no espelho. Minha pele pálida contrastava de um jeito grotesco com as manchas avermelhadas que havia em minhas faces e pálpebras, inclusive em parte dos lábios.

Desesperada, peguei o sabonete e comecei a esfregar com força o rosto e as mãos.

Nada.

O sangue não saía; era como um pesadelo que não acabava, que não me deixava acordar.

Quando escutei a porta se abrir de novo, Sebastian apareceu com um pote nas mãos. Vi que também tinha uma esponjinha.

— É álcool — disse, aproximando-se. — Vou limpar você.

Permiti que, com cuidado, ele esfregasse minhas bochechas, pálpebras e lábios com a esponja. Quando acabou, passou para as mãos. Ele apertava o maxilar com força; parecia concentrá-la toda naquele gesto, porque suas mãos não poderiam ser mais doces enquanto estavam cuidando de mim.

— Por que me mandaram isso? Não entendo.

Sebastian não respondeu enquanto não acabou o que estava fazendo.

— Queriam assustar você, só isso.

— Mas quem? Por quê?

Sebastian soltou minhas mãos e foi até a porta.

— Não sei… mas seu pai está usando todos os meios para descobrir quem quis ou ainda quer te fazer mal. Entre na banheira, tome um banho quente; você está gelada. Eu limpo seu quarto.

Não tive tempo de dizer nada; ele fechou a porta e me deixou ali sozinha. Como eu estava morrendo de frio, fiz o que havia mandado.

Tirei o roupão e entrei na água quente como se fosse um robô.

"Olho por olho."

Era o que dizia na caixa, o que li antes de ver o resto.

O que estava acontecendo? O que meu pai tinha feito para que quisessem me usar para se vingar dele?

Fechei os olhos e afundei na água.

8

Sebastian

Filhos da puta.

Tive um mau pressentimento assim que vi o pacote da FedEx. Não sei explicar por que, mas alguma coisa não fazia sentido… talvez a hora de entrega… Quando escutei o grito de Marfil, temi o pior. Ao abrir a porta do quarto, o único lugar onde não havia câmeras para eu poder protegê-la, encontrei-a em pé, cobrindo o rosto com as mãos sujas de sangue. Seus olhos cor de esmeralda me devolveram o olhar completamente horrorizados, e eu entendi que havia pisado na bola.

Os filhos da mãe misturaram ao sangue da ave — eles enviaram um condor — tinta vermelha, para que ficasse mais difícil lavar. Seu rosto branco, quase da cor da porcelana, que combinava tanto com seu nome, tinha um aspecto macabro com aquelas manchas vermelhas.

A coitada estava horrorizada, tremia tanto que tive medo de que desmaiasse. Ver todo aquele sangue, o animal morto e a mensagem que haviam enviado deve ter sido a pior coisa que ela já tinha experienciado até então.

Bem, na verdade, não, levando em conta seu passado.

Fiz um esforço para que, quando ela terminasse de tomar banho, já não restasse nem rastro daquele cenário de filme de terror. Coloquei a ave em uma sacola com a intenção de mandá-la ao laboratório para que fosse periciada em busca de provas. E fiz a mesma coisa com a caixa.

Tirei a capa do edredom, mas vi que estava totalmente estragado. Coloquei-o em outro saco de lixo e fui buscar o meu.

Quando tudo já estava em ordem, ouvi a porta do banheiro se abrir e ela saiu, assustada, vestida com um roupão branco, com o cabelo preto pingando nas costas. Seus olhos incrivelmente verdes estavam vermelhos por causa das lágrimas, e suas faces, embora quentes pela água, estavam pálidas sob o calor superficial da pele.

— Trouxe meu edredom pra você; tive que jogar o seu no lixo.

Ela assentiu, olhando reticente para sua cama.

— Você falou com meu pai?

— Liguei, mas ele não atendeu. Consegui falar com Logan. Amanhã, vou enviar as provas para que eles possam procurar alguma coisa que nos leve até os caras que estão tentando assustar você.

Marfil se sentou diante de sua penteadeira. Pelo reflexo do espelho, vi quando ela abriu a boca para falar.

— Você leu o que estava escrito na caixa?

Cerrei os lábios; eu estava furioso.

— Estão me usando para se vingar do meu pai e não sabemos por quê.

Eu não tinha noção de quanto Marfil sabia sobre esse assunto. Seu pai tinha sido bem claro: queria mantê-la afastada de qualquer informação que pudesse assustá-la.

Senti uma pontada de dor que me fez prosseguir com o trabalho.

— Não se preocupe com isso agora. Quer um chá ou algo quente?

Ela negou com a cabeça, imersa em seu reflexo no espelho.

— Pode aumentar a temperatura do aquecedor?

Fiz o que ela me pediu e, depois de dar mais uma olhada no quarto para me assegurar de que estava tudo em ordem, saí para deixá-la à vontade.

Fiz um café porque precisava estar alerta. Quando já estava acabando minha bebida, a porta do quarto se abriu e ela apareceu descalça, com um pijama cor-de-rosa.

Sua expressão estava melhor; já não restava nem sinal da tinta em sua pele e ela havia secado o cabelo, deixando-o liso e solto nas costas.

— Você está bem? — não pude evitar a pergunta.

Ela hesitou por um instante, até que abriu a boca para fazer um pedido.

— Sei que você vai rir de mim, mas…

Deixei a xícara na mesa da cozinha para prestar atenção nela.

— Você pode ficar um pouco comigo até eu dormir? Quando fecho os olhos, só vejo…

— Tudo bem.

Acompanhei Marfil até seu quarto e me sentei no sofá que havia em um canto. Depois do que aconteceu, algo entre nós dois mudou. Deitando a cabeça no travesseiro e se cobrindo até o pescoço com meu edredom, ela não tirava os olhos de mim.

Aspirou o aroma do meu perfume de longe e assim ficamos, nos encarando até que o sono a vencesse e ela fechasse os olhos.

Eu fiquei observando Marfil por muito mais tempo.

9

Manfil

Tive o mesmo sonho que tinha desde criança. O sangue sujando o chão à minha frente, a cabeça de minha mãe caída sobre o desnível de concreto, completamente aberta, seu cérebro espalhado por toda parte.

Essa era a última imagem que eu tinha dela; a única, na verdade, porque quando ela foi assassinada na minha frente, eu tinha apenas quatro anos. Só me lembrava do barulho da pistola ao disparar, e da mão dela apertando a minha até se soltar e ela cair de bruços no chão.

Sei que fiquei olhando aquela cena talvez por horas, até que meu pai me encontrou. Naquela época, não sabíamos quem tinha assassinado minha mãe nem por quê. Será que ia acontecer a mesma coisa comigo? Segundo a polícia, tinha sido um assalto como outro qualquer. A Colômbia é um país onde não se pode sair na rua sem tomar cuidado, e menos ainda uma família rica como a minha. Ela foi morta para roubarem o anel de diamantes que valia meio milhão de dólares e ela usava no dedo anelar esquerdo. Será que iam me matar pelo mesmo motivo?

Olhei para os meus dedos. Nunca usava anéis, nem outras joias que custassem mais de cem dólares. Meu pai brigava comigo porque eu nunca usava nada do que ele me dava de aniversário e de Natal.

Passaram-se anos até que ele desistiu de comprar joias para mim. Desde então, ele passou a me dar um cheque, que eu guardava em uma gaveta e lá o deixava.

E se minha mãe tivesse sido assassinada por algo mais que um simples roubo? E se o que queriam, na época, era atingir meu pai? E se estivessem querendo atingi-lo de novo, se vingar dele por algum negócio falido ou simplesmente por inveja? As pessoas cometem loucuras por dinheiro… e meu pai tinha o suficiente para sustentar um país pequeno.

Fixei os olhos no sofá onde Sebastian tinha passado grande parte da noite. Nunca imaginei que ela ia aceitar velar meu sono, mas ele ficou até que meus olhos se fecharam. Tentei lutar contra as pálpebras pesadas; por um lado, porque sabia que teria pesadelos, e por outro porque não queria perder o privilégio ficar olhando para ele. Ele não tirou os olhos dos meus nem por um instante, e, durante aqueles minutos que passamos em silêncio, fiquei imaginando como seria se uma pessoa como Sebastian se apaixonasse por mim.

Eu vivia fantasiando com a ideia do amor, mas um amor de verdade, não atração física. Eu sentia muita atração por Sebastian e, durante muito tempo, fiquei me perguntando se meu coração desconfiado seria capaz de se apaixonar por ele.

Ele não estava na cozinha quando cheguei já vestida para ir à faculdade. Aquele dia, depois das aulas, eu tinha aulas particulares de balé. Eu dava aulas para umas meninas de doze anos que não podiam frequentar uma escola de verdade. Já fazia dois anos que eu me dedicava a elas com todo meu entusiasmo. Eu ensinava às meninas tudo que sabia e as preparava para, um dia, concorrer a uma bolsa de estudos na Royal Ballet School de Nova York.

Sebastian apareceu em minha sala.

— Está pronta? — perguntou, pegando as chaves na mesinha.

Assenti em silêncio, com a bolsa e a mochila onde guardava minha roupa de dança.

Ele não mencionou o que havia acontecido na noite anterior e eu também não quis falar no assunto. Meu pai ia resolver aquilo, eu tinha certeza. Só pedia para que não me mandassem mais animais mortos, minha mente não suportaria.

Sentei direto no banco da frente e Sebastian nem piscou. Pelo menos nisso a gente já concordava. O trajeto até a faculdade durava só uns vinte minutos de carro, uma hora se fosse de transporte público — que era o que eu usava desde que estava em Nova York.

Não sabia como ia dizer a Sebastian que pretendia ir de metrô da Columbia até Brownsville, um bairro bem barra pesada, mas que, se tivesse cuidado, não aconteceria nada. Eu esperava que Sebastian não conhecesse aquela região. Na verdade, eu não sabia de onde ele era. Nova-iorquino com certeza ele não era, porque seguia o GPS para ir a qualquer lugar.

Como eu tinha pedido para ele, parou o carro no estacionamento mais afastado da faculdade. Descemos. Eu odiava ter que ir na frente dele; gostava de andar ao seu lado, de ter a possibilidade de que nos encostarmos sem querer ou pelo menos vê-lo e imaginar que nossa relação era mais que profissional.

Mal prestei atenção às aulas, minha cabeça estava longe. Mesmo assim fui procurar a Tami. Tive que atravessar metade da faculdade, porque ela fazia belas-artes; mas eu precisava saber se estava tudo bem.

Dei uma espiada em uma das salas, e encontrei Tami com uma calça jeans e um avental branco todo manchado de tinta. Estavam fazendo pintura a óleo; no centro da sala havia três modelos posando seminus para que os alunos pudessem desenhá-

los. Depois que todos saíram, entrei e fui admirar o quadro da minha amiga. Estava maravilhoso.

Sem dizer nada, eu a abracei por trás. Ela quase morreu de susto, mas a apertei com carinho, como só eu podia fazer.

— Continua com raiva de mim? — perguntei.

Ela era mais baixa que eu e seu cabelo tinha cheiro de lavanda.

— Estou ocupada, Mar — disse ela, pegando o pincel e se afastando.

Pelo menos tinha me chamado de Mar. Bom sinal.

Olhei para a porta, onde Sebastian estava para vigiar a entrada.

— Preciso lhe contar uma coisa que aconteceu ontem à noite e me deixou preocupada — comecei, torcendo para que ela me desse atenção.

Tami me olhou por cima do ombro; seu coque desalinhado estava quase caindo de tão pesado que era o cabelo dela.

— O que aconteceu?

Minha amiga era boa demais para não se preocupar comigo, especialmente depois do lance do sequestro.

Eu lhe contei os acontecimentos e ela levou a mão aos lábios, assustada e horrorizada.

— Por que alguém faria uma coisa dessas?

— Não faço ideia — respondi, dando de ombros. — A única coisa que eu sei é que isso não acabou. Meu pai nem me ligou, e não sei se isso é bom ou ruim.

— Você sabe como o seu pai é, Mar. Enquanto você não estiver morrendo, ele vai tocar tranquilamente a vida…

Eram palavras duras, mas Tami nunca gostou de Alejandro Cortés. Não porque não estivesse acostumada a um pai distante, pois o dela era igualzinho ao meu, mas justamente por ter acabado com sua ilusão de que as outras famílias eram felizes e que os pais dos outros eram carinhosos e gente boa.

Tami havia crescido em uma família muito rica de Londres, que não pensou duas vezes quando teve a oportunidade de trancar a filha em um internato.

— Sebastian falou com ele… Sei que ele está fazendo tudo que pode para descobrir o que está acontecendo…

Minha amiga não disse nada. Depois de lhe pedir desculpa de novo, nos despedimos porque eu tinha que ir correndo para Brownsville.

— Sebastian — chamei, parando na bifurcação para atravessar até o metrô, porque, se virássemos à esquerda, iríamos para o estacionamento, coisa que eu não queria —, às quintas-feiras dou aulas particulares de balé para umas meninas no Brooklyn. É melhor irmos de metrô, é mais rápido.

Sebastian estreitou os olhos um instante e se aproximou de mim para falar:

— Metrô é perigoso. Vamos de carro.

Ele já ia continuar andando, mas o segurei pelo braço.

— Não é conveniente ir de carro aonde tenho que ir, vá por mim. É melhor irmos de metrô. Ou não acha que seja mais seguro que a rua?

— Não.

Grunhi, irritada. Era ele quem tinha que me seguir, não eu a ele. Dei-lhe a costas. Não tinha chegado nem à esquina quando ele me segurou pelo braço.

— Pelo amor de Deus, facilita um pouco meu trabalho, Marfil.

Olhei para ele sem hesitar.

— Eu avisei que não ia mudar minha vida por causa do sequestro. Há umas meninas lindas e com muita vontade de aprender me esperando para que eu dê aulas e elas tenham a chance de fazer algo melhor que passar as horas na rua arranjando confusão. Portanto, ou você me acompanha, ou vou sozinha.

Sebastian fez uma careta, olhou por cima de meu ombro e me soltou.

— Onde exatamente são essas aulas?

Tentei me manter fria.

— Em Brownsville.

A expressão de seu rosto deixou claro que ele sabia de que lugar eu estava falando.

— Você perdeu a cabeça?! — perguntou, furioso outra vez. — Pretende ir a um dos bairros mais perigosos da cidade, sendo que tem gente por aí tentando te fazer mal?

— Ninguém me fez mal ainda. Se quisessem, já teriam dado um tiro na minha cabeça. Tiveram oportunidades de sobra, mas estão só brincando de mandar recados absurdos para que meu pai se acovarde e eu tenha medo de sair na rua. Mas não pretendo fazer isso.

Eu me afastei dele e atravessei a rua, chegando à entrada do metrô.

Sabia onde estava me metendo. Bastava ser cuidadosa e não deixar que as pessoas pensassem que eu tinha dinheiro. Por isso tinha vestido uma roupa simples aquele dia: legging preta, tênis e blusa de moletom cinza. Até minha mochila era de segunda mão, que eu havia comprado em um brechó para essas ocasiões. O que o pessoal daquele bairro não sabia era que eu estava levando dez pares de sapatilhas de meia-ponta de cinquenta dólares cada uma. As meninas iam ficar supercontentes.

Como eu já supunha, Sebastian entrou atrás de mim no metrô da linha Brighton. Eram catorze estações até o Barclays Center, onde eu tinha que fazer baldeação e pegar a linha 1. Seriam mais três estações e, depois, uns quinze minutos a pé para chegar à escola. No total, era uma hora de viagem.

A tensão de Sebastian durante todo o trajeto acabou me afetando. Eu nunca senti medo de ir para lá, mas os olhares de Sebastian para todo mundo que entrava no metrô e suas constantes insinuações de pegar a pistola acabaram me angustiando.

Quando saímos da estação, meu coração batia a mil por hora.

— Faz um ano e meio que venho a este bairro e nunca me aconteceu nada. Dá pra você relaxar?

Ele não respondeu; estava concentrado, olhando para todo lado. Deixei Sebastian fazer seu trabalho e, ao chegarmos à escola — um lugar bem mal conservado, mas que tinha um espelho que ocupava uma parede e uma barra que Liam e eu havíamos colocado —, as meninas me esperavam animadas, sentadas no chão e aquecendo. Tami também dançava balé: dávamos aulas na escola desde pequenas e, apesar de não ser algo que lhe fascinava, ela me cobria quando eu não podia ir, fosse porque estava doente ou porque tinha alguma prova.

Quase todas elas iam sozinhas. Aquelas meninas eram de famílias com pouquíssimos recursos financeiros, algumas até trabalhavam na rua com os pais, e eu sabia que minhas aulas eram a única coisa que dava a elas um pouco de paz e entusiasmo.

Quando viram Sebastian, começaram a cochichar e a rir. Lili, uma menina de dez anos com uma aptidão incrível para o balé e estilo contemporâneo, correu para me receber com um abraço. Seu collant rosa de manga comprida estava meio grande para ela, mas sua mãe tinha comprado assim para que durasse vários anos.

— Bom dia, meninas! — cumprimentei as meninas sorrindo e entrei na sala, deixando a mochila em frente da mesa e do equipamento de som.

Elas me cumprimentaram, mas continuavam com o olhar fixo em Sebastian, que, de repente, com sua altura e corpulência, parecia totalmente fora de lugar naquela sala pequena cheia de meninas de rosa e saias brancas.

Comecei a tirar a roupa, pois por baixo da legging e da blusa de moletom já estava vestida para a aula. Meu collant preto e as meias brancas se destacavam entre os das meninas, e minha saia era curta e transparente. Virei para o espelho para fazer um coque no cabelo e vi que Sebastian me olhava fixamente.

Eu teria pedido que me esperasse do lado de fora, mas não era boa ideia continuar forçando a barra.

— Meninas, este é o sr. Moore e ele está aqui só para se assegurar de que nenhuma de nós se machuque, não é, senhor Moore?

Sebastian me fulminou com seus olhos castanhos e ficou encostado na porta. Seus olhos vigiavam a entrada.

— Hoje, eu trouxe uma surpresa que sei que vocês vão adorar — contei, abrindo

a mochila depois que acabei de calçar as sapatilhas de ponta.

Quando as meninas viram o que eu tinha dentro da mochila, ficaram alucinadas. As sacolas da Capezio começaram a circular, até que todas elas tiraram as sapatilhas velhas e colocaram as novas.

— Muito obrigada, srta. Marfil! — gritaram em coro, entusiasmadas.

— De nada, de nada! Agora, quero que me mostrem tudo que andaram ensaiando em casa — pedi, posicionando-me na barra e incentivando que fizessem o mesmo atrás de mim.

Com a música de *O quebra-nozes* ecoando na sala, passei uma hora e meia ensinando as meninas a colocar os braços nas cinco posições, a melhorar as piruetas, corrigindo posturas…

Eram meninas com muita vontade de aprender e eu adorava ensinar a elas tudo que sabia e que tinha aprendido com tanto entusiasmo e capricho.

No fim da aula, enquanto recolhia minhas coisas e as meninas se despediam de mim com sorrisos que tocavam meu coração, Lili se aproximou com uma cara meio preocupada.

— Que foi, querida? — perguntei, colocando a calça e soltando o cabelo.

— Acho que minha mãe não vai poder vir me buscar hoje. Ela me disse para ficar em casa, mas eu não queria perder a aula…

A mãe de Lili tinha três empregos e quatro filhos. Lili era a mais nova, a única menina, pelo que eu sabia. Seu irmão mais velho, Calev, estava sempre se metendo em confusão. Aquela menina era testemunha de coisas que nem adultos deveriam presenciar e eu estava sempre preocupada com ela. Era uma menina linda de cabelos pretos, pele escura e olhos enormes, e poderia ter um futuro brilhante, mas o fato de morar em um bairro tão perigoso e de ter uma família desestruturada dificultava suas oportunidades.

— Ninguém pode vir buscar você? — perguntei, olhando a hora.

Lili negou com a cabeça.

Em uns quarenta minutos anoiteceria, e não seria boa ideia eu continuar ali. Olhei para Sebastian, que esperava impaciente na porta da sala. Se ele não estivesse comigo, eu não ia me atrever a acompanhar Lili até sua casa, pois sabia onde morava; mas Sebastian era o melhor acompanhante para ajudar aquela menininha.

Fui até ele toda submissa.

— Temos que levar Lili para casa, ela mora a poucas quadras daqui…

Sebastian olhou para a menina, um toquinho de gente, e praguejou baixinho.

— Você está brincando com fogo, Marfil.

Aceitei isso como um sim e saímos juntos ao entardecer de uma linda quinta-

feira de outono. Lili, com confiança, deu a mão para Sebastian, que aparentemente fez com que ela se sentisse segura e começou a fazer perguntas a ele — bem ao meu estilo.

— Por que você é tão alto?

— Porque sim.

— Me leva de cavalinho?

— Não.

— Você gosta de balé? E de chocolate? Por que você tem um brinco na orelha? Por que tem tantas tatuagens? Doeu? Por que veio com a Marfil? Você é namorado dela?

Eu me divertia vendo Sebastian controlar seu gênio com a menina, mas a última pergunta dela me provocou um curto-circuito…

Ai, Sebastian… logo quem você tinha que proteger…

Por fim, deixamos Lili em casa sem problema, a mãe dela abriu a porta e me agradeceu, meio a contragosto, por termos levado a menina até lá.

Quando saímos, Sebastian pegou o celular e digitou alguma coisa depressa.

— Isso… no Brooklyn, avenida Sutter. Dez minutos… Obrigado.

— Com quem estava falando?

— Com uma companhia de táxi.

— Você pediu um táxi? Para ir daqui até Manhattan? Perdeu a cabeça?!

Sebastian se virou para mim e me olhou nos olhos, muito bravo.

— Agora, você vai fazer exatamente o que eu disser.

Revirei os olhos com desconfiança; não estava gostando nem um pouco do tom com que ele se dirigia a mim.

— Eu tomo minhas próprias decisões, Sebastian, sou uma mulher adulta.

— Você não vai voltar mais aqui.

— Claro que vou. O que faço aqui é a única coisa que tem algum sentido na minha vida.

— Não vai — insistiu, sem nem olhar para mim.

Então, o táxi chegou e ele abriu a porta para eu entrar.

— Pare de dizer o que eu posso ou não fazer. Você não é meu pai.

E, nesse momento, meu celular começou a tocar.

Ainda na rua, vi que era meu pai quem estava ligando. Aquilo não era um bom sinal. Olhei para Sebastian e recebi dele a mesma coisa que receberia de uma estátua de mármore: nada.

Entrei no carro enquanto atendia.

— Oi, papai, tudo bem?

Sebastian fechou a porta depois que entrei e se sentou no banco da frente.

— O que é que você pensa que está fazendo?!

Fiquei quieta quando o ouvi gritar comigo daquele jeito.

— Ouça bem, menina, você vai fazer exatamente o que o Sebastian mandar; senão, juro por Deus que amanhã mesmo a tranco nesta casa e você não vai ver nem a luz do sol. Estou com mais de vinte homens trabalhando no seu sequestro e você querendo passear por bairros perigosos? O que é que você tem na cabeça?!

— Mas, papai…

— Não tem mas! Que droga! — gritou ainda mais, me fazendo tremer.

Encontrei os olhos de Sebastian pelo espelho retrovisor e em minha cabeça tudo começou a ficar preto.

— Tenho mil problemas para resolver, só falta ter que me preocupar com você. Não me faça ter que te ligar de novo!

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele já tinha desligado.

Baixei a mão trêmula que segurava o telefone e fiquei olhando para a tela preta.

Não trocamos nem uma palavra durante todo o caminho de volta, e eu me fiz de desentendida na hora de pagar o táxi quando nos deixou na porta do prédio. Ele que pagasse!

Saí com o carro ainda em movimento, mas nem me importei. Naquele momento, a única coisa que eu queria era ficar longe de Sebastian o máximo que aquela merda de relação permitisse. Cumprimentei Norman com um leve aceno de cabeça; nada de sorrisos aquela noite. Entrei no elevador sem esperar Sebastian. Quando as portas se abriram, atravessei o corredor e abri a porta do meu apartamento.

Estava muito puta da vida. Eu não me irritava com frequência; era uma mulher que gostava de dialogar mais que outra coisa, mas estava me sentindo traída, e por alguém de quem eu gostava mais do que admitiria em voz alta, o que piorava a situação.

Minha ideia inicial era me trancar no quarto, mas não fiz isso; fiquei esperando Sebastian de braços cruzados. Quando ele entrou, tão alto, tão bonito e tão enigmático que me deu vontade de agarrá-lo, meu sangue ferveu.

— Eu sei que você está com raiva, mas era necessário.

— Envolver o meu pai nunca é necessário! — gritei.

Suas palavras tinham avivado o fogo dentro de mim.

— É, sim, quando você não ouve o que eu digo e faz o que lhe dá na cabeça —

respondeu ele, tirando a jaqueta e a pendurando no cabideiro perto da porta.

— Aquelas aulas são tudo pra mim, são tudo pras meninas!

— Você vai voltar quando as coisas estiverem mais calmas. Não consigo garantir sua segurança em um bairro como aquele.

— Então quero outro guarda-costas, alguém melhor que você!

Sebastian contraiu o maxilar. Felizmente, eu tinha conseguido ferir seu orgulho.

— Você está se comportando como uma menininha malcriada.

Suas palavras conseguiam me enfurecer ainda mais. De repente, estava sentindo tanto calor e tanta raiva que arranquei a blusa de moletom, larguei-a no sofá de qualquer jeito e me aproximei dele, pondo o dedo na sua cara.

— Não vou deixar aquelas meninas na mão por sua causa… — disse a ele, tentando parecer séria.

De repente, sem cerimônia, ele pegou meu dedo e me fez girar. Minhas costas se chocaram contra seu peito; com um braço, ele me prendia pela cintura e com outra mão me segurava pelo pescoço.

— Dois segundos, e, se eu quisesse, você já estaria morta — sussurrou em meu ouvido.

Minha respiração estava muito agitada, não só pelo susto ao me ver aprisionada a ele, mas também porque todas as partes do meu corpo estavam em contato com o dele.

Seu braço passava logo abaixo dos meus peitos, cobertos apenas pelo collant preto que eu havia usado aquela tarde. Não precisei olhar para saber que meus mamilos estavam durinhos, sem que eu tivesse nenhum domínio sobre eles, deixando-me exposta.

Eu me debati para que me soltasse, mas ele me apertou com mais força.

— Você deveria agradecer por ser eu quem está aqui para te proteger.

Sua voz, mais grave que o normal, sussurrava as palavras tão perto do meu ouvido que todos os pelos do meu corpo se arrepiaram. Ele apertou ainda mais meu pescoço, quase me impedindo de respirar.

— E, da próxima vez, vê se me espera antes de subir.

Seus lábios roçaram a pele sensível da minha orelha e foi como se tudo que eu havia sentido congelasse. De repente, eu não sabia o que fazer. Eu me sentia vulnerável naquela posição, estava furiosa pelo que ele havia feito, mas, ao mesmo tempo, não queria que me soltasse nunca mais.

O rosto de Lili e das outras meninas surgiram na minha mente. Eu não poderia continuar dando aulas para elas… e era tudo culpa dele.

— Me solta — sussurrei, com o queixo encostado em seus dedos que ainda me

seguravam pelo pescoço.

Ele me soltou e, como eu não queria que visse o estado em que seu abraço forçado e o sussurro de seus lábios me deixaram, fui pisando duro para o meu quarto. Pelo menos, tive o prazer de bater a porta. Lá dentro, encostei as costas na porta e fui deslizando até estar sentada no tapete.

Eu havia acabado de ter contato direto com aquela que se tornaria a droga mais perigosa da história… pelo menos para mim.

10

Sebastian

Cravei o olhar em suas costas quando ela se afastou de mim e bateu a porta. Não resisti à tentação de dar uma lição nela e mostrar com quem ela estava lidando. Aquela garota não tinha a menor ideia de com quem estava falando.

Precisei falar com Cortés. Eu não pretendia continuar cedendo aos impulsos que poderiam comprometer não só meu trabalho, como também a vida dela.

Ainda bem que Marfil tinha se trancado no quarto. Eu não ia conseguir continuar com aquela discussão absurda, especialmente com ela ali seminua, com os seios marcados pelo collant. Sentir Marfil contra o meu corpo também tinha sido um erro; sua pele morna e o cheiro de lírios do seu cabelo me causaram uma ereção que teria sido difícil esconder se eu não estivesse de calça jeans.

Vê-la aquela tarde dançando e interagindo com as meninas me fez ver um lado dela bem diferente do que eu via todos os dias. Marfil Cortés era uma mulher que podia fazer até um santo perder a paciência. Para mim, era difícil não sentir vontade de mantê-la com a boca fechada, mas com as meninas ela tinha sido pura paciência e doçura, calma e disciplina.

Disciplina era meu nome do meio, vivia com ela sem a menor dificuldade, e, inclusive, precisava dela no meu dia a dia. Por ter passado grande parte da minha juventude servindo ao exército dos Estados Unidos, eu tinha um autocontrole admirável; mas também precisava admitir que, desde que comecei a cuidar da segurança de Marfil, já tinha perdido o controle um milhão de vezes.

Não sei o que era, além de sua beleza, que conseguia me tirar do sério.

Olhei a mensagem que havia acabado de receber.

> Confirmada a identidade do agressor. Nem se deram o trabalho de esconder. Foi o mais perto que chegaram dela, não deixe que isso se repita. Se ela cair, nós também cairemos.

A última coisa que eu queria era perder meu emprego.

11

Manfil

A sexta-feira passou tranquilamente. Não dirigi a palavra a Sebastian o dia todo, nem quando ele me pediu um lápis emprestado para anotar algo enquanto dirigia.

Acho que ele percebeu que a gente precisava voltar as coisas como eram no começo: ao mundo dos monossílabos. Enquanto isso, aproveitei o silêncio para bolar uma maneira de continuar dando minhas aulas de balé. Se bem que, se não pudesse ir a Brownsville, seria complicado. As meninas nunca iriam me perdoar.

No fim, convenci Tami a me substituir e reduzimos as aulas a duas vezes por mês, em vez de quatro, como era antes.

Uma semana depois, apertei o passo na corrida. Era sábado à tarde e eu saí para correr com Sebastian atrás de mim, óbvio, e seus malditos olhos cravados na minha nuca. Obriguei meu corpo a ir mais depressa, forcei o ritmo para fazê-lo suar e sofrer, mas nada podia com aquele homem; suas pernas longas e musculosas acompanhavam meu ritmo sem problema nenhum.

Por fim, fui eu quem tive que parar, exausta. Respirei e levei a garrafa de água à boca. Sempre morei sozinha e nunca tive o hábito de falar com as paredes, mas, desde que tinha parado de falar com Sebastian, eu me sentia mais sozinha e isolada que nunca.

Olhei para ele de canto de olho e notei que quase não estava cansado. O suor molhava sua camiseta esportiva e suas longas pernas estavam à mostra com aquela bermuda cinza que caía tão bem nele. Eu não suportava o fato de, apesar de odiá-lo, ainda me sentir atraída por ele, até mais do que antes.

Ainda não tinha me livrado da sensação de ter as costas coladas em seu corpo e suas mãos em meu pescoço desde aquela noite, e só isso já piorava ainda mais meu humor. Uma parte de mim queria conquistá-lo, enlouquecê-lo, queria fazê-lo sofrer e pensar em mim vinte e quatro horas por dia, exatamente como estava acontecendo comigo.

Inclinei o corpo de propósito, exibindo minha incrível flexibilidade, e segurei os tornozelos para alongar a musculatura das pernas e braços. Minha bunda estava bem diante dos seus olhos e adorei ver que ele desviou o olhar e se concentrou no lado oposto do parque.

Sorri.

Nesse momento, meu celular tocou e me obrigou a ficar de pé. Era Stella, marcando um encontro para a noite; o pessoal do time de Lacrosse ia fazer uma festa em uma cobertura perto da Park Avenue. Estar com os jogadores de Lacrosse nunca tinha sido meu programa preferido, mas eu estava sem nada melhor para fazer, então aceitei.

Só disse a Sebastian que a gente ia sair quando estava praticamente pronta. Escolhi um vestidinho vermelho curto e colado. Era sensual, mas ao mesmo tempo elegante e feminino. Decidi fazer um rabo de cavalo alto com meu cabelo escuro, dando-lhe um efeito molhado com um produto que havia comprado na Harrods da última vez que fui a Londres. Peguei meus sapatos altos Louboutin pretos e minha bolsa e fui para a sala enquanto guardava o celular e chamava Sebastian.

Quando ele apareceu, de moletom e com o cabelo molhado do banho, vi que tinha acabado de ferrar a noite dele.

— Vou sair — informei.

Sebastian me observou de cima a baixo, mas não com a admiração que eu esperava conseguir em resposta a duas horas de trabalho. Seu olhar era de reprovação.

— São dez da noite, por que você não me falou antes?

Dei de ombros com indiferença.

— Eu esqueço que você está aqui, desculpe — disse, me transformando na Cruella de Vil imediatamente.

Fui cruel e tinha noção disso, mas ainda estava com raiva; e, quando isso acontecia, eu virava uma bruxa. Ainda mais quando mexiam com minhas meninas.

Esperei pacientemente enquanto ele se vestia. E, quando vi Sebastian de calça, camisa e tênis, quase desmaiei.

Meu amigo karma havia voltado.

Quando entramos no elevador, não pude evitar ver nosso reflexo no espelho. Juntos, formávamos um casal incrível. Poucas vezes eu encontrava homens que eram mais altos que eu quando usava salto, mas Sebastian me ultrapassava com folga. Não estava usando perfume, mas o cheiro de hortelã de seu xampu me deixou com água na boca.

Ele era tão masculino, tão seguro de si, tão imune à minha pessoa…

Aquela noite, fiz minha make dos olhos de um jeito especial, ressaltando o verde com capricho. Para mim, sempre foi fácil atrair olhares, ser admirada, por isso me irritava que Sebastian não me fizesse nem um elogio sequer.

E me irritava ainda mais o fato de ele não me elogiar. Sempre odiei que me valorizassem só por causa do meu corpo, sempre quis que me vissem por dentro,

não apenas a minha aparência … mas lá estava eu, depois de duas horas me arrumando — coisa que raramente fazia —, e para quê? Sebastian só estava ali para me proteger; ele trabalhava para o meu pai e não dava a mínima para minha opinião. Jamais iria me tocar ou me olhar de outro jeito. Isso seria inadmissível trabalhando para quem trabalhava.

Por experiência própria, eu sabia que era impossível desobedecer ao meu pai. Uma lembrança específica dele me veio à cabeça, mas me obriguei a espantá-la. Uma única imagem daquele dia conseguia me fazer tremer de novo. Aquela época ainda me fazia mal, por isso preferia deixar as lembranças ruins bem escondidas naquela gaveta trancada a chave.

Chegamos à festa quinze minutos depois, pois o edifício onde estava acontecendo ficava a poucos quarteirões de casa. Liguei para Liam, pois queria que também fosse, mas ele não atendeu. Eu não sabia se era porque ainda estava bravo, mas queria ver meu amigo pessoalmente e ter certeza de que estava tudo bem entre nós. Tami havia sido gentil comigo outro dia, mas eu sabia que algo a incomodava e que devia ter acontecido alguma coisa no cinema para que eles fossem embora tão bravos. Às vezes, eu me perguntava como meus dois melhores amigos podiam se dar tão mal; como podiam se dar tão bem comigo e brigar como cão e gato um com o outro.

Quando chegamos à cobertura, um monte de estudantes nos recebeu pulando e dançando ao som de música eletrônica. A festa havia sido organizada pelo novo capitão do time, Andrew Davis; portanto Regan devia estar por ali. Não queria cruzar com ele — aqueles babacas sempre conseguiam me deixar de mau humor —, então comecei a procurar minhas amigas.

Stella estava na cozinha distribuindo copinhos de gelatina e cuidando das bebidas, e isso só podia significar uma coisa: com certeza ela tinha voltado com Andrew. Assim que me viu, gritou como uma louca e começou a dar pulinhos. Eu ri e e corri para abraçar Stella.

— Você está maravilhosa! — elogiou, me medindo de cima a baixo. — É Dolce? — perguntou, olhando meu vestido.

— Versace — respondi, pegando uma cerveja e dando uma olhada no ambiente.

Sebastian tinha sumido, mas eu sabia que devia estar me observando de longe. Melhor assim; eu precisava sentir que estava sozinha, mesmo que por algumas horas.

— Onde está a Lisa? — perguntei, procurando minha amiga.

Se não estava com Stella, o mais provável era que estivesse pegando alguém.

A cara da Stella mudou quando por fim meus olhos cruzaram com os seus. Ela ficou nervosa de repente.

— Eu não queria que você soubesse assim, mas…

Antes que eu dissesse alguma coisa, Regan apareceu na cozinha arrastando Lisa, bastante bêbada, com os lábios inchados e o batom todo borrado. Regan ficou surpreso ao me ver e, quando me olhou dos pés à cabeça, eu me arrependi de ter posto um vestido tão ousado. A última coisa que eu queria era chamar a atenção daquele idiota.

Como se fosse um mosquito chato, Regan largou o braço de Lisa e se aproximou.

Lisa, bêbada do jeito que estava, aparentemente não percebeu nada; pegou uma cerveja, deu meia-volta e começou a dançar com as pessoas que estavam na sala, pulando.

Será que estavam juntos?

— Vejam só quem está aqui: a abelha-rainha.

Abri um sorriso falso. Não ia lhe dar a satisfação de ver que sua presença me afetava; sempre me afetaria. Ele tinha me humilhado e me feito acreditar que estava apaixonado por mim, só para se gabar com os amigos e mentir dizendo que havíamos feito coisas que nunca fizemos.

— Se chegar perto demais, talvez leve uma ferroada.

Regan sorriu daquele jeito de antes que me deixava louca.

— Você está um espetáculo, como sempre.

Bebi um gole de cerveja e o ignorei da melhor maneira que pude.

— Que foi? Não consegue nem olhar para mim?

— Prefiro fazer de conta que você não está aqui.

Regan soltou uma gargalhada e parou bem perto de mim.

— Não pretende me perdoar nunca?

Olhei a marca do batom vermelho de Lisa em seus lábios e quase soltei uma gargalhada ácida e irônica.

— Te perdoar seria admitir que você tem alguma importância, Regan, e a realidade é bem diferente. Agora, cai fora pra eu poder curtir a festa.

Regan não pareceu se afetar por minhas palavras. Em vez de se afastar e me deixar em paz, ele pôs as mãos na minha cintura e me puxou para perto dele na maior cara de pau.

— Quando nos conhecemos você não era tão durona, Marfil. Acho que era isso que não me convencia. Você parecia uma menininha que tinha acabado de sair do colégio, tão inocente, tão pura…

Ele foi descendo os dedos por minhas costas até chegar à minha bunda.

— Agora, anda por aí como se fosse a rainha do universo e faz e desfaz a seu bel prazer… Não vou negar que você me deixa com tesão, muito.

Ele colou o corpo no meu e senti sua ereção contra meu estômago. Fiquei quieta,

não porque não pudesse me livrar dele, mas porque uma parte de mim precisava saber que eu era capaz de deixar ele louco.

— Você perdeu sua chance — sussurrei, tão perto dos seus lábios que senti seu hálito de uísque com cigarro.

— Não é questão de chance, Mar. A gente sempre vai ter essa coisa mal resolvida.

Ele passou a mão por minhas costas até chegar à parte baixa de meu seio esquerdo.

Então decidi dar um fim naquilo. Coloquei a mão em seu peito e fiz força para afastá-lo. Ele estava firme de tanto exercício, e, em vez de se afastar, sorriu.

— Não vou embora daqui se você não me beijar mais uma vez.

— Prefiro ser freira a beijar você de novo, Regan.

Fiz força de novo para afastá-lo, ele me apertou firme com as pernas, me imobilizando.

— Para ser freira você teria que ser pura, minha linda. E nós dois sabemos que você está muito longe de se encaixar na definição dessa palavra…

Babaca.

Então, de rabo de olho, vi que Sebastian estava encostado tranquilamente na parede da cozinha, em frente a mim. Seu olhar dizia tudo: perguntava se eu queria que ele o afastasse de mim ou se deveria ficar na sua.

Fui levantar a perna para lhe dar uma boa joelhada no saco, mas o filho da mãe do Regan viu e me bloqueou com força.

— Me solta. Agora — ordenei, cerrando os dentes.

A brincadeirinha já havia perdido a graça e eu estava com raiva e vergonha por Sebastian estar presenciando algo tão lamentável. Não queria precisar dele, não queria pedir ajuda.

— Ou o quê? — sussurrou ele em minha orelha, tampando minha visão.

Uma sombra caiu sobre nós e, sem que eu fizesse nada, Regan me soltou e caiu no chão de costas, olhando para o brutamontes que tinha afastado ele de mim.

— Suma daqui — disse Sebastian, com toda a calma do mundo.

Cerrei os dentes com força.

— Quem é você, caralho? — perguntou Regan, levantando-se imediatamente e encarando Sebastian sem um pingo de medo.

Sebastian, que era um pouco mais alto que ele, baixou os olhos e, sem se alterar com a proximidade, respondeu:

— Seu pior pesadelo.

Antes que Regan ao menos tentasse dar um soco em meu guarda-costas, Sebastian o encurralou contra a parede com uma chave de braço, mantendo a

cabeça dele grudada no papel de parede.

Arregalei os olhos, impressionada.

— Se você se aproximar desse jeito de novo, vai ficar aleijado pelo resto da vida. Entendeu?

Regan grunhiu algo ininteligível; depois de apertar mais um pouco o braço dele naquela posição estranha, Sebastian o soltou.

Não vou negar que adorei ver alguém colocar aquele babaca no seu devido lugar. Estávamos só nós ali na cozinha, mas se aquilo tivesse acontecido na sala, na frente de todo mundo, Regan teria perdido toda a fama de bad boy que demorou tanto tempo para conseguir. Foi ridícula a rapidez com que Sebastian o encurralou contra a parede, e isso me fez lembrar que meu guarda-costas não era um moleque, um atleta de universidade que puxava ferro na academia para ficar com o peitoral malhado e se exibir. Sebastian era treinado para matar; só de pensar nisso, uma sensação muito estranha percorreu o meu corpo.

Regan olhou para nós com nojo, primeiro para ele e depois para mim.

— Mais um na sua lista, hein, Mar? — disse, andando para trás e sorrindo, apesar da respiração acelerada por causa do chacoalhão que tinha acabado de levar de Sebastian. — Quer um conselho? — perguntou, dessa vez se dirigindo a ele, que o observava como quem olha para um garotinho pentelho. — Sai de perto dela. Ela é tão fria que vai congelar até seu pau.

Não vi a reação de Sebastian porque dei meia-volta e saí pela outra porta.

Regan tinha sido o único cara para quem eu tinha mostrado uma parte de mim que até então ninguém conhecia. Achando que estava apaixonada, abri portas que deveria deixar fechadas para sempre. *Fria*: essa palavra me perseguiria a vida inteira.

Sentindo-me uma merda, atravessei a sala lotada até chegar à mesa onde havia mais bebidas. Virei três shots de tequila. O último quase me fez vomitar, mas, imediatamente, um véu caiu entre meus pensamentos e a festa que estava rolando diante dos meus olhos. Eu não fui até até ali para ouvir merda e ficar triste. Fui para me divertir.

Não sei como, mas acabei em cima da mesa cercada de caras gritando que eu era gostosa. Eu via tudo borrado, mas estava curtindo. No alto, ninguém podia me tocar, só me contemplar. Eu via Sebastian no canto da sala.

Dancei durante horas — ou minutos, não sabia. Alguém me ajudou a descer da mesa quando tentei descer sozinha. Também precisei de ajuda para chegar ao banheiro.

— Consegue ir sozinha? — perguntou meu guarda-costas antes de eu bater a porta na sua cara.

Olhei meu reflexo no espelho e ajeitei o rabo de cavalo quase desfeito. Molhei a mão na água gelada e a passei pela nuca. Quando saí e o calor da sala me deixou tonta, decidi que era hora de ir embora. Fui direto para o elevador, mas, antes de apertar o botão, uma mão enorme apareceu diante de mim e apertou.

Olhei para Sebastian.

— Você está bem? — perguntou, certamente mais para cumprir seu dever que por verdadeiro interesse por mim.

— O que você acha? — respondi, piscando para clarear a visão.

— Entre no elevador, Marfil — ordenou.

Como eu odiava quando ele me olhava com aquele ar de superioridade…

— Sabe de uma coisa? — falei, cutucando seu peito com o dedo. — Você agiu como um babaca, como um babaca do século passado… Não preciso que você me resgate, sei me virar sozinha.

Sebastian assentiu.

— Ok. Agora, entre no elevador.

Entrei porque precisava sair dali e respirar um pouco de ar fresco, não porque ele estava mandando.

Quando saímos, uma leve garoa caía sobre as ruas de Manhattan. Olhei para o céu, para os imensos edifícios que nos cercavam e para as luzes que nos iluminavam com diversas cores. Minha pele quente recebeu com prazer o frescor da água.

Quando abri os olhos, encontrei os dele me observando sem disfarçar.

— Vamos para casa — disse ele, quase como um pedido.

"Para casa"; essa expressão tão familiar saída de seus lábios me provocou um calorzinho no coração que eu nunca tinha sentido ao pensar naquele apartamento que supostamente era o meu lar.

— Quero dar uma volta — respondi, girando sobre os calcanhares e descendo a rua.

Por ali os edifícios eram maravilhosos, majestosos, com entradas incríveis, elegantes e bem cuidadas. Era horrível pensar que, um pouco mais para cima, as pessoas morriam de fome.

Parei diante de um lugar que me chamou a atenção. Sempre quis fazer uma tatuagem, mas nunca tive coragem.

Entrei empurrando a porta e um sininho soou lá dentro. Sebastian entrou atrás de mim e bufou. O lugar era totalmente pintado de preto, inclusive os móveis eram dessa cor. Havia centenas de desenhos, alguns grotescos, outros pequenos e bonitos. Antes que eu pudesse olhar mais, um cara todo tatuado, com alargadores nas orelhas, apareceu atrás do balcão.

— Diga que é você, não ela, que quer fazer uma tatuagem — disse o homem dirigindo-se a Sebastian, mas sem tirar os olhos de mim.

Não entendi o que ele quis dizer.

— Ninguém vai fazer tatuagem nenhuma. Marfil, a gente pode ir? — disse Sebastian, colocando-se ao meu lado.

— Não — respondi, olhando para o tatuador—, e eu vim fazer uma tatuagem, não ele. Ou você não tatua mulheres?

O tatuador deu um sorrisinho de canto, pegou um pano da mesa e limpou as mãos, claramente achando graça daquilo.

— Uma garota como você não precisa de nenhum tipo de enfeite, gata.

Então, ele olhou para Sebastian.

— Leve essa garota embora daqui. Ela está bêbada, e amanhã vai pôr a culpa em você.

Sebastian foi me pegar pelo braço, mas eu me livrei dele.

— Não estou bêbada, sei muito bem o que vim fazer aqui. Quero fazer uma tatuagem, ok? Estou de saco cheio de todo mundo me dizer o que tenho que fazer; o corpo é meu. Se quiser, eu tatuo minha cara inteira.

— Seria uma pena — disse o homem, olhando-me com desejo —, mas faça como quiser. Que tatuagem você quer?

Quando fui olhar o catálogo no balcão, Sebastian me pegou pelo pulso e tentou me olhar nos olhos.

— Marfil… tatuagem é para a vida inteira, não faça isso só para provar alguma coisa.

Pisquei várias vezes, alucinada com a beleza dele e o que podia ler em seus olhos.

— Você tem o braço cheio de tatuagens — respondi, desafiando Sebastian com o olhar —, e aposto que tem mais em outros lugares. Não tem?

Sebastian piscou e soltou meu pulso.

Seu silêncio respondeu.

— Quero ver.

— Não — disse ele, praguejando baixinho e passando a mão pelo cabelo.

Quais seriam suas outras tatuagens? E o mais importante, onde?

— Você pode ter tatuagens e eu não?

— A tatuagem deve ter um significado importante.

Nisso ele tinha razão. Havia uma coisa muito importante na minha vida que as pessoas não paravam de tentar tirar de mim.

Olhei o catálogo até que encontrei o que queria.

— Essa aqui. Quero tatuar essa.

O homem se inclinou sobre o que eu estava apontando e assentiu.

Sebastian me olhou com um olhar suplicante.

— Por favor, não faça isso — implorou, com um tom muito mais gentil. — Ele tem razão, você não precisa de enfeites.

Por acaso aquilo tinha sido um elogio?

— Eu não sou uma árvore de Natal, caralho. Sou como você, como ele, e quero uma marca eterna para recordar que houve um momento em que senti uma verdadeira paixão por alguma coisa.

O tatuador me disse para entrar na salinha que ficava ao lado do balcão. Sebastian entrou comigo sem hesitar. Por essa eu não esperava.

— Você pode me esperar lá fora.

— Nem sonhando.

Revirei os olhos. Quando o homem me perguntou onde queria a tatuagem, pensei durante alguns segundos.

— Embaixo da nuca, bem no meio.

— Ok. Tira o vestido e deita de barriga pra baixo na maca.

Sebastian não tirava os olhos de mim. Se estivesse de camiseta, não teria que ficar nua. Não queria ficar só de calcinha com a bunda de fora na frente de nenhum dos dois. Por isso, hesitei.

O tatuador entendeu meu dilema.

— Não se preocupe, vou cobrir você com um lençol.

— Eu cubro e você entra quando ela já estiver deitada na maca, ok? — disse Sebastian com seu tom frio de sempre.

— Namorado ciumento, hein? — riu o tatuador.

Sebastian não respondeu. Não era hora de explicar que ele não era meu namorado, e sim meu guarda-costas, e que provavelmente estava a fim de me matar.

O tatuador deixou um lençol branco em cima da maca e saiu.

— Tem certeza que não vai se arrepender?

— Absoluta — respondi, desafiando-o outra vez e começando a tirar o vestido.

Ele me deu as costas; abri o zíper e fiquei só de lingerie vermelha. Peguei o lençol, deitei de bruços e me cobri da cintura para baixo. Apoiei a cabeça nos braços e fiquei olhando para a parede onde ele estava.

— Pode virar — informei com calma.

Eu bem que queria que fosse verdade aquilo que o tatuador tinha dito. Como eu queria quebrar aquela fachada impenetrável de Sebastian, que o acompanhava a todos os lugares!

— Pode subir um pouco mais o lençol? Ah, e abrir o sutiã, por favor.

Se minhas palavras o afetaram, ele não demonstrou. Aproximou-se, e, quando subiu o lençol até a altura dos meus braços, seus dedos roçaram minha pele nua. Foi uma carícia rápida, mas eu a senti no corpo todo. Depois, com um simples movimento de dois dedos, abriu meu sutiã vermelho de renda.

Fechei os olhos, imaginando sua mão deslizando de cima a baixo, desde a nuca até minha lombar…

Mas ele não fez isso.

A porta se abriu, e o tatuador começou a preparar tudo. Primeiro, limpou a área das costas onde ia trabalhar; quando senti o algodão frio, fiquei arrepiada.

— Está com frio? — perguntou ele, e seus dedos me acariciaram como eu queria que Sebastian fizesse.

Fiquei tensa, e Sebastian notou.

— Mantenha essas mãos quietas.

O tatuador riu e levantou as mãos em um gesto de rendição.

Então, Sebastian pegou uma banqueta que estava por ali e, para minha surpresa, sentou-se ao meu lado, na direção da minha cabeça, de onde podia vigiar de perto as mãos do cara.

— Vamos começar — disse, quando terminou de passar o desenho para minha pele.

O barulho da máquina me assustou bastante e, de repente, fiquei em dúvida.

— Vai doer — afirmou Sebastian ao meu lado —, é uma área complicada porque quase não tem gordura; é só pele e osso.

Isso me deu uma pista.

— É aí que você tem outra tatuagem? — perguntei, bem na hora que senti a agulha na minha pele.

Fechei os olhos com força. Caralho, como doía.

— Não no meio, na escápula — confessou.

Entendi que estava falando comigo para me distrair.

— Tatuagem de quê?

— "Valentia", em japonês.

— Só essa? Não tem mais?

— Tenho o braço fechado, acha pouco?

— Tenho a impressão de que você tem mais do que está contando.

— Mais algumas.

— Quantas, no total?

— Só mais três.

— Um dia você me mostra.

— Com certeza não — respondeu, mas achei que vi um sorrisinho no rosto dele.

O que se seguiu àquela conversa momentânea foi uma hora de sofrimento. A tatuagem não era grande, mas precisava ser bem-feita; tinha certa dificuldade.

Sofri como uma condenada, mas não me arrependi, pelo contrário. Fiquei muito contente quando finalmente me levantei, cobrindo os peitos com o lençol, e pude vê-la com a ajuda de um espelho.

— Adorei — disse, sem conseguir parar de sorrir.

— Vou cobri-la. Precisa lavar com sabonete neutro todos os dias e passar uma pomada própria para tatuagem. Vou te passar o nome de uma muito boa.

— Obrigada — agradeci, sem conseguir parar de olhar a tatuagem.

Eles me deixaram sozinha para eu me vestir. Saí e paguei os duzentos dólares. Não achei caro; a bailarina na ponta dos pés com os braços na quinta posição havia ficado perfeita.

Quando saímos do estúdio, fomo caminhando até o carro. Eu estava curiosa para saber das tatuagens de Sebastian.

— Por que você fechou o braço?

— Quando você começa, é difícil parar.

Nessa hora, interrompi seu passo, parando na sua frente.

— Posso ver?

Sebastian hesitou por um momento.

— É tarde.

Eu sabia que ele não me mostraria algo pessoal assim tão facilmente.

— Doeu?

— Não — respondeu, seguindo para o carro. — Sou bem tolerante à dor.

Achei isso interessante, mas não questionei.

— Quando fez a primeira?

Sebastian me olhou do alto de sua estatura uns instantes, até que continuou andando.

— Aos dezesseis.

— Você era uma criança! Seus pais deixaram?

Ele não respondeu à minha pergunta e uma sensação desagradável me fez entender que eu tinha acabado de dar um fora.

— Desculpa — pedi com sinceridade.

— Não precisa. Não conheci meus pais.

Meu Deus! Sebastian Moore revelando seu passado!

— O que aconteceu com eles?

— Não sei.

Pelo tom de voz, achei melhor parar de falar.

Quando chegamos ao carro, eu estava triste. Muito triste. A alegria de ter feito a tatuagem foi embora porque me lembrei da minha mãe e odiei saber que Sebastian também tinha crescido sem a dele.

Sem ninguém, na verdade.

Será que ele tinha crescido em um orfanato? Ou em lares temporários?

Ele notou meu silêncio, porque, antes de ligar o carro, disse em tom conciliador:

— Ei. Não precisa se desculpar. Não se sente falta daquilo que nunca se teve.

Isso era mentira e ele sabia. Não havia um dia que não sentisse falta de ter uma mãe que cuidasse de mim, uma mãe com quem conversar, com quem dividir meus medos. De certa maneira, eu podia me pôr em seu lugar; meu pai nunca tinha me dado atenção. Pelo menos, eu tinha a Gabriella.

Depois disso, acabaram-se as conversas profundas. Chegamos ao apartamento e nos despedimos com um frio "até amanhã".

Pelo menos, eu tinha descoberto coisas novas sobre ele, só que essas coisas tiraram meu sono quase a noite toda.

12

Marfil

Na manhã seguinte, a tatuagem estava doendo horrores; sem perceber, eu me virei e dormi em cima dela. Quando fui tomar banho, percebi que ia ser bem complicado lavar o local três vezes por dia e passar a pomada sozinha.

Eu precisaria pedir ao meu querido guarda-costas gato. Imaginar a cena foi o suficiente para melhorar meu humor e até aliviar bastante a dor, pelo menos psicologicamente.

Prendi o cabelo e, aproveitando que era domingo e eu não pretendia sair, coloquei um collant — justamente para que nada encostasse na tatuagem — e uma calça de moletom cinza.

Ao chegar à cozinha, senti de novo o delicioso cheiro do café do Sebastian e encontrei panquecas prontinhas. Ele estava de costas para mim, e, quando percebi que ele estava usando uma calça cinza como a minha e uma camiseta preta bem simples, senti vontade de tirar sua roupa e procurar todos os segredos guardados pelos desenhos em sua pele.

— Bom dia — falei, e me sentei na banqueta.

Não podia esquecer que ainda estava brava com ele por ter me dedurado ao meu pai; mas, para ser sincera, eu não era do tipo que gostava de ficar brava muito tempo, menos ainda com alguém tão bonito que, além de tudo, fazia café da manhã para mim praticamente todos os dias.

Sebastian se virou e colocou um prato com panquecas na mesa.

— Coma. Acabei de fazer — disse ele, sempre tão simpático.

Peguei o leite e me levantei para colocar numa caneca e esquentar no micro-ondas; quando percebi, já estava ao lado dele, que continuava focado nas panquecas.
— Seu café da manhã é sempre tão caprichado? — perguntei, enquanto colocava um pouquinho de mel no dedo e o levava aos lábios.

— É só panqueca, Marfil. É só misturar leite, farinha, ovo e açúcar e pronto.

Tirei meu leite do micro-ondas.

— Já é um milagre eu parar para tomar um leite…

— O café da manhã é a…

— … refeição mais importante do dia, eu sei — terminei por ele. — Prefiro dormir um pouco mais a parar para comer.

— Isso diz muito sobre você.

— Que sou um charme, por exemplo?

Ri da minha própria gracinha, porque eu sabia que ele não riria, e me sentei de novo na banqueta da cozinha. Sebastian acabou de fazer as panquecas, que, aparentemente, eram todas para mim, e se apoiou na bancada da cozinha, com um café na mão e um olhar glacial.

— Coma.

— Você não fica de saco cheio de passar o dia todo aqui comigo?

— É o meu trabalho.

— Por que você decidiu ser um guarda-costas?

Diante da minha pergunta, Sebastian foi até o armário. De costas para mim, pegou um copo, encheu de água e voltou para onde estava — As panquecas estão boas?

Mastiguei devagar, olhando para ele sem disfarçar.

— Gostosas. Por que está ignorando minha pergunta?

— Você não para de falar nunca? Às vezes, o silêncio é necessário.

Fingi refletir sobre sua resposta.

— Não, eu não paro, o silêncio é chato. Por que você decidiu ser um guarda-costas?

Sebastian me olhou fixamente sem demonstrar reação. Deu um passo à frente e, apoiando as palmas das mãos no balcão, abaixou-se um pouco para me olhar com mais atenção.

— Se eu te contar… vou ter que te matar.

Senti um calafrio ao ver que ele parecia estar falando totalmente sério. Deu um branco na minha cabeça e respondi a primeira coisa que pensei:

— Com beijos?

Sebastian piscou, incrédulo, e voltou para sua posição original.

— Marfil… limite-se a comer.

Sorri, me divertindo com a minha resposta.

— Sua namorada não sente falta de você? Com você o tempo todo aqui comigo, a coitada deve estar subindo pelas paredes — disse como quem não quer nada, balançando o garfo de um lado para o outro e me aplaudindo mentalmente por ser "tão sutil" em minha desesperada busca por informação sobre aquele homem.

Sebastian me surpreendeu sorrindo levemente.

— Não tenho namorada, pode dormir tranquila. Ninguém sente minha falta.

Por dentro, eu já estava comemorando.

— Pra você ver como sou uma boa pessoa; eu me preocupo até com quem não

conheço.

— Sei — disse ele, pegando o celular e olhando para a tela por uns segundos.

Então, tive uma ideia interessante. Algo que poderia ajudar na aproximação, mesmo que física, do meu deus grego particular.

— Tecnicamente, Sebastian… seu trabalho é cuidar de mim, não é?

Ele nem se dignou a responder: *Que pergunta estúpida, Marfil; mas continue.*

— Se eu soubesse cuidar de mim mesma, facilitaria o seu trabalho, não é?

— Não sei aonde você quer chegar, mas não estou gostando.

Deixei a xícara na mesa e olhei para ele bem séria.

— Não gostei do que aconteceu ontem à noite com Regan.

— Repito, é o meu trabalho.

— Não estou falando da sua intervenção; não achei muita graça, mas agradeço. Estou falando do que senti por não poder me livrar dele sozinha.

Sebastian estreitou os olhos, esperando que eu prosseguisse.

— Aquilo que você fez com ele, ou comigo outro dia… Você é rápido e letal, e eu também quero ser — acrescentei, enfatizando as palavras e sorrindo com entusiasmo.

Sebastian me olhou como se eu tivesse duas cabeças.

— Marfil, acho que já cheguei ao limite de tentar entender o que você fala.

Fulminei Sebastian com o olhar.

— Se eu soubesse me defender, talvez não tivesse sido sequestrada, já pensou nisso? Talvez eu pudesse ter feito algo para ganhar tempo e sair correndo, pedir ajuda. E talvez, ontem, aquele babaca não tivesse me encurralado, sem que eu pudesse fazer nada, só esperar que ele me deixasse em paz ou que, bem, você chegasse para me ajudar. Se soubesse me defender, eu me sentiria mais segura em uma situação de perigo, não acha? Você vive falando que há gente lá fora querendo me fazer mal e é verdade, mas, sem sua presença, a única coisa que posso fazer é gritar em uma situação perigosa. E odeio gritar como uma garotinha em apuros.

Sebastian ficou me observando durante um longo tempo.

— O que você quer exatamente?

— Quero que você me ensine — respondi de forma objetiva.

Sebastian não respondeu com um não categórico, apenas ficou me olhando, pensativo, por alguns instantes.

— E o que eu ganho em troca?

Nossa… por essa eu não esperava.

— Eu posso pagar.

— Dinheiro não me interessa; seu pai já me paga mais do que deveria.

— E o que você quer?

Sebastian deixou o copo no balcão e, apoiando os braços nele, inclinou-se para olhar para mim de novo.

— Três horas — disse, depois de pensar por uns segundos.

Fiquei olhando para ele, sem entender nada.

— Três horas para mim, durante as quais você me vai prometer ficar aqui em casa, sem sair e sem se meter em problemas.

— Você está me pedindo uma folga?

Sebastian assentiu.

— Bom, se é isso, você pode tirar quantos dias quiser…

Sebastian sorriu.

— Não se faça de espertinha.

Sorri, admirando as covinhas que se formavam em seu rosto.

— Só estou sendo boazinha, não estou te explorando nem nada do tipo.

— Três horas e a promessa de que vai ficar aqui quietinha.

Era uma oferta boa demais para recusar. E três horas sozinha era como fazer um favor a mim mesma.

— Combinado — aceitei, estendendo a mão.

Ele ficou olhando para minha mão, até que, depois de uns segundos, meio hipnotizada, ela desapareceu entre os dedos dele, longos e fortes. O aperto foi suave da parte dele, mas firme da minha.

— Quando começamos? — perguntei, animada.

Sebastian hesitou durante alguns segundos.

— Daqui a três dias, quando a tatuagem estiver mais cicatrizada… Não quero te machucar — disse ele, e suas palavras me pareceram mais ameaçadoras que gentis.

Meu Deus … onde eu estava me metendo?

Passei o resto do dia no quarto estudando. Precisava passar a pomada na tatuagem, mas não sabia se seria uma boa ideia pedir ajuda para Sebastian. Ele não iria dizer não, pelo contrário. Mas, depois de perceber que eu não conseguiria alcançar de jeito nenhum, fui pedir ajuda.

Bati em sua porta com dois toques suaves. Ele abriu segundos depois.

— E aí? — cumprimentei, simpática.

Ele se apoiou no batente da porta e ficou me observando com paciência.

— Tentei passar pomada na tatuagem sozinha, mas não alcanço. Pode me ajudar?

Sebastian olhou para a pomada na minha mão e suspirou.

— Venha até o banheiro — ordenou, virando de costas.

Atravessamos o pequeno corredor que havia à sua direita e entramos no banheiro onde ele tomava banho, tirava a roupa, fazia a barba… Ver os produtos que ele usava ali me causou um friozinho na barriga.

Nossa, que ridícula! O que aquele homem tinha feito com meus neurônios?

Como eu estava com roupa de balé, não precisei tirar nada; apenas a blusa de tricô, que mal encostava na tatuagem, e me coloquei de frente para o espelho, de costas para ele.

Com cuidado, ele tirou o plástico e depois, parando ao meu lado, lavou bem as mãos, pegou sua esponja e a encharcou de água e sabonete neutro.

— Avise se doer — falou baixinho.

Não sei se fui só eu que senti, mas, de repente, as paredes do banheiro começaram a se fechar; o espaço parecia muito menor e totalmente tomado pela sua presença e pelo seu cheiro, que invadiam cada canto. A água fria da esponja me deixou arrepiada e o toque dos seus dedos na minha pele não só conseguiu me fazer corar de um jeito ridículo como também provocou uma reação instantânea no meu corpo. Os olhos de Sebastian deslizaram para os meus seios refletidos no espelho. Meus mamilos estavam marcados, de forma vergonhosa, no tecido do collant. Fiz uma careta quando ele tocou uma parte bastante específica.

— Desculpa — disse ele, e continuou com mais cuidado.

Ele enxaguou as mãos depois de higienizar a tatuagem e molhou a ponta de uma toalha para tirar o restante do sabonete.

— Me dá a pomada — pediu, com um tom de voz bem controlado.

Controlado até demais, considerando que eu estava morrendo por dentro.

Entreguei a pomada para ele, que colocou um pouco entre os dedos indicador e médio da mão esquerda e a espalhou com cuidado. Sentir sua pele na minha quase me provocou um curto-circuito. Não pude evitar; era muito excitante sentir seu corpo tão perto, seus dedos na minha pele…

O tempo pareceu parar e as carícias sobre minha pele foram ficando demoradas demais em comparação com o que se demoraria para passar uma pomada em uma tatuagem tão pequena como a minha. Ou, então, eu estava imaginando coisas — o que era muito provável.

Procurei seus olhos no reflexo do espelho e, para minha surpresa, recebi de volta um olhar com quase a mesma intensidade.

Quase caí de bunda quando os dedos dele começaram a deslizar para baixo, deixando a tatuagem de lado até chegar à base da minha coluna. Fechei os olhos,

contendo um suspiro.

— Você não devia ter feito essa tatuagem — sussurrou perto da minha orelha, e, com a mão esquerda, apertou minha cintura com força. — O tatuador tinha razão… Sua pele é bonita demais pra ficar marcada com tinta.

— Você acha? — perguntei, olhando Sebastian pelo espelho.

O conflito era evidente no olhar dele.. O jeito como seus dedos se agarravam à minha cintura, sem ir além, me fazia pensar que, assim como eu, ele queria ir mais longe… muito mais longe.

Ele não respondeu, e o silêncio tomou conta do banheiro durante alguns segundos.

Levantei a mão e deixei a alça cair lentamente pelo meu ombro. A parte superior de meu seio ficou meio exposta. Eu sabia que poderiam acontecer duas coisas: ou eu me despia, coisa de que duvidava, ou colocava a alça de novo no lugar.

— Não faz isso — pediu.

Seus dedos roçaram meu braço e colocaram a alça de novo no lugar, fazendo eu me arrepiar de um jeito evidente. Parou por um segundo, com os olhos fixos na minha pele clara e, a seguir, desceu rapidamente com os dedos pelo meu braço.

Achei que fosse derreter ali mesmo, mas então ele se afastou.

— Você deveria voltar pro seu quarto.

Meus olhos encontraram os dele no espelho.

— Deveria, mas não quero — respondi, virando-me de frente para ele.

— Vai me obrigar a te tirar daqui à força? — Fingi pensar numa resposta.

— Para isso, você vai ter que pôr as mãos em mim de novo? Então, pode ser; tem meu consentimento.

Sebastian deu um passo para trás; eu não tinha notado como estávamos perto.

— Não me provoque, você sabe que não vai dar conta, Marfil.

Sua resposta iluminou minha mente pervertida e ele notou isso nos meus olhos, porque, antes que eu pudesse soltar um comentário, ele apertou minhas bochechas com uma das mãos, me impedindo de falar.

— Por favor, fica quietinha.

Mas, ao dizer isso, fixou os olhos em meus lábios.

— *Vusu levuntu a bul*… — comecei a falar com meu bico de pato, mas ele se inclinou, levando os lábios à minha orelha.

— Não vai rolar, elefante. Eu jamais colocaria meu trabalho em risco, por mais maravilhosa que você seja.

Ele me chamou de quê?!

— Você me chamou de elefante? — perguntei, incrédula.

— Ué, você não tem esse nome por causa desses lindos animais? — disse ele, rindo de mim.

— Não, engraçadinho. É porque minha pele é da mesma cor do…

— Aposto que é por causa da sua sutileza — interrompeu, sem se alterar.

Ele se afastou, abriu a porta e fez um sinal para que eu saísse.

— Você acabou de dizer que sou maravilhosa, agora diz que não sou nada sutil… e ontem disse que eu era insuportável…

— E é.

— E mimada — acrescentei, indo até a porta.

— Com certeza.

Parei na frente dele.

— Pode falar o que quiser… eu sei que você está morrendo de vontade de me beijar.

Sebastian estreitou os lábios sem tirar os olhos de mim; quanto mais firme me olhava, mais firme eu olhava para ele… O silêncio tomou conta do banheiro enquanto a atração que havia entre nós ia ficando cada vez maior. Fiquei bem quietinha quando ele se inclinou devagar, até ficar a poucos centímetros da minha boca.

Prendi a respiração e fechei os olhos…

— Você precisa ir — disse ele por fim, dando um passo para trás.

Abri os olhos e o encarei, sem acreditar.

— O quê? — respondi. — Não.

Sebastian apertou a ponte do nariz e respirou fundo.

— Por favor…

— Quero meu beijo — declarei, cruzando os braços.

Sebastian tirou a mão do rosto e me olhou, incrédulo.

— Marfil…

— Não me venha com Marfil. Você ia me beijar e agora eu quero.

Sebastian parecia dividido entre me matar, me beijar ou me arrancar dali.

— Você não manda em mim.

— E você não pode começar uma coisa e parar no meio — rebati, dando outro passo na direção dele.

— Pode se aproximar quanto quiser. Mas, pra me beijar, você tem que chegar aqui em cima — disse ele, sem se abalar.

Ele tinha razão… Mas seus lábios não eram a única coisa que eu podia beijar.

Sem tirar os olhos dele, beijei o que estaria à minha altura se eu ficasse na ponta dos pés: sua clavícula.

Percebi como a respiração dele falhou por um breve segundo. Inspirei o cheiro limpo da pele dele. Com a mão esquerda ele me pegou pela nuca e me puxou para trás. Baixou a cabeça para ficar à altura da minha e sussurrou:

— Você não está acostumada a ouvir não. Mas eu tenho autocontrole demais pra…

Antes que ele continuasse com o sermão, me adiantei e pressionei meus lábios contra os dele. Ah♡ que delícia!

Sebastian hesitou. A princípio, eu o havia pegado de surpresa, mas logo ele começou a retribuir o beijo, soltando um grunhido rouco do fundo da garganta.

Quem tinha conseguido o que queria?

Eu.

Foi como se pudesse ouvir meus pensamentos.

— Caralho, Marfil! — exclamou ele, afastando-se de mim e passando automaticamente a mão pela boca e pelo rosto. — Não posso fazer isso! — Ele me olhou furioso

— Por que não? — perguntei. — Há alguém aqui te impedindo?

— Não posso — insistiu, enfatizando cada sílaba.

Levantei a mão e, com um puxão, tirei o elástico que prendia meu rabo de cavalo.

E assim fiquei, quieta, encarando Sebastian. Foi como se o tempo parasse. Ficamos calados, em uma guerra de olhares que nenhum dos dois sabia quem acabaria ganhando. Até que, finalmente, ele tomou uma decisão.

Em um segundo, seus lábios estavam colados nos meus, decididos. Foi como se ele quisesse me fazer pagar por ele ter perdido o controle.

Minhas costas bateram na parede atrás de mim, e ele me segurou pela cintura como se fosse a âncora que o mantinha preso na terra.

Sentir seu sabor… seu perfume, sua língua me exigindo como eu nunca pensei que faria… Levei as mãos aos seus cabelos e estremeci quando senti as dele subindo pelas laterais do meu corpo até cobrirem quase minhas costas inteiras.

— Me manda parar — pediu ele sobre os meus lábios úmidos.

— Não para, por favor — implorei, provocando Sebastian ainda mais.

Uma maldição saiu dos seus lábios e seguimos em um daqueles beijos que deixam sem ar. Ele beijou meu pescoço, passando de leve os dentes naquela região, depois me lambeu devagar, me deixando completamente louca.

Ele me levantou e me sentou na pia do banheiro.

Suspirei sem poder me conter e agarrei sua camiseta para puxá-lo para mim. Queria senti-lo inteiro. Enfiei a língua em sua boca, e logo ele fez o mesmo, me

beijando com vontade, com intensidade. A gente estava mesmo se beijando daquele jeito, como se fosse impossível parar?

Puxei Sebastian com força; queria que aquele momento durasse a vida toda. Pela primeira vez em anos, eu me sentia viva; pela primeira vez, sentia algo quando um homem me tocava, me beijava. Senti sua ereção encostada em mim e não pude me controlar; comecei a me esfregar nele, experimentando o impossível, querendo mais, muito mais.

Mas, assim que um suspiro de prazer escapou de meus lábios, Sebastian interrompeu bruscamente o beijo. Ele se afastou-se de mim com a respiração acelerada e me olhou com raiva, percebendo o que tinha acontecido, como se não pudesse acreditar no que estávamos fazendo.

— Vou tirar minhas três horas agora — disse e me lançou um último olhar ao sair do banheiro.

Fiquei ali parada; meu coração batia em um ritmo incontrolável.

Levei um susto quando a porta da frente bateu forte.

13

Sebastian

Amaldiçoei a tudo e a todos, especialmente a mim mesmo. Pisei no acelerador com força e, quando me dei conta, estava quase saindo da cidade. Parei no acostamento e peguei o celular para vigiar Marfil pelas câmeras. Ela estava sentada no sofá, com Liam ao seu lado. Estavam conversando.

Por que aquilo me incomodava tanto?

Eu tinha caído como um idiota; cedi porque fui imbecil e não consegui me controlar com ela ali na minha frente, seminua, vendo seu corpo reagir às minhas simples carícias como nenhuma mulher nunca tinha reagido. Ela era uma perdição, com aqueles olhos tão claros e o cabelo tão escuro, aquele corpo de enlouquecer… Praguejei em voz alta e dei um soco no volante, fazendo a buzina tocar sem querer e me assustando.

Eu tinha que largar aquele trabalho. Se Cortés descobrisse o que tinha acontecido, ia me matar… Se ficasse sabendo do meu erro, iria tudo pro caralho.

Como eu pude ser tão idiota?

Abri o porta-luvas do carro e vi que a Glock 19 milímetros de quarta geração continuava ali, onde eu tinha deixado, por segurança.

Meu dever era proteger a Marfil; por enquanto, era o que eu tinha que fazer. Do resto, eu cuidaria com o tempo. Mas uma coisa era certa: nunca mais ia encostar um dedo no corpo de Marfil Cortés.

Não tropeçaria duas vezes na mesma pedra.

14

Manfil

Esqueci que Liam me visitaria naquela noite. Por sorte, quando ele tocou a campainha, eu já estava mais calma, havia recuperado a compostura e me sentia capaz de fingir que nada tinha acontecido… bom, pelo menos de tentar fingir.

Não me pergunte por que, mas não contei para Liam o que se passou no banheiro com meu guarda-costas. Não porque tivesse medo da reação dele ou esperasse uma bronca, mas porque era algo que eu queria guardar com carinho para mim.

Fiquei assustada com o tanto que senti com tão pouco. O simples roçar da perna dele no centro de meu corpo havia me provocado mais prazer que qualquer tentativa do meu ex-namorado ou de qualquer garoto com quem havia ficado, e olha que havíamos feito muito mais do que o que havia acontecido com Sebastian aquela noite.

Eu nunca tinha chegado ao orgasmo, por isso minha obsessão em relação a deixar que os homens me tocassem… Tive certeza de que, caso existisse a possibilidade de chegar a ele, Sebastian seria o único capaz de me dar esse tipo de prazer.

Eu nunca havia gozado, nem mesmo com Liam, mesmo ele tendo tentado bastante. Cheguei a pensar que não era capaz; acontece com muitas mulheres, não são todas que conseguem sentir tudo aquilo de que se fala nos livros, nas músicas e nos poemas. Acabei aceitando — outra razão pela qual eu nunca quis ir até o fim.

Por que deixar que outra pessoa tivesse prazer com meu corpo se eu não conseguiria? Era egoísta? Pode ser que sim, mas era o que eu estava sentindo quando tomei essa decisão.

Beijar Sebastian havia sido como juntar todas as minhas experiências em uma só, mas poderia um beijo ser tão intenso? Era normal? Era comum a atração que eu sentia por ele? E Sebastian, sentia a mesma coisa por mim?

Liam ficou para vermos um filme e pedimos comida chinesa. Ele me contou seus planos para as férias de primavera e disse que tinha recebido uma oferta de emprego em Wall Street. Ele estava nervoso, mas eu sabia que o contratariam. Ele também disse que não pretendia largar o emprego de *promoter*. Não pelo dinheiro, mas porque ele adorava ser o rei das baladas, amava estar sempre cercado de garotas e não queria abrir mão de um trabalho que lhe dava tantas alegrias. E com alegrias eu

me refiro a mulheres em sua cama.

O tempo ia passando e eu ia ficando cada vez mais nervosa. As três horas de folga de Sebastian já tinham passado e ele ainda estava fora de casa. Por fim, Liam precisou ir, mas prometeu que nos veríamos na quarta ou sexta da semana seguinte.

Quando ele foi embora, eu me senti muito sozinha; fiquei até com certo medo de ver a casa tão vazia.

O que Sebastian estaria pensando de mim? Será que aquele beijo tinha significado para ele o mesmo que para mim?

Com certeza, não.

Finalmente, decidi ir para a cama. Precisei lavar e passar pomada na tatuagem de novo, mas com certeza não fiz direito, porque não alcançava. Minhas mãos não eram como as dele.

Fui para a cama lembrando de cada momento que havíamos passado no banheiro e esperando para ouvir se ele chegava.

No fim, acho que acabei adormecendo.

Quando abri os olhos, na segunda-feira, senti frio na barriga. Nunca tinha ficado nervosa com a perspectiva de ver um homem, mas com Sebastian, sentia até ânsia de vômito.

Tomei uma chuveirada, tentei lavar de novo a tatuagem e passar a pomada depois, e coloquei um vestido primaveril, porque o calor já estava começando. Calcei minhas botas preferidas e vesti um casaquinho de tricô. Respirei fundo antes de ir para a sala. Será que ele estava na cozinha, como sempre? Com a xícara de café em uma mão e o jornal ao lado, em cima da mesa?

Eu não podia ser tão covarde. *Vai, Marfil, finja naturalidade; mostre-se segura.*

Saí do quarto e fui para a cozinha. Lá estava ele, mas não de costas dessa vez. Parecia que já me esperava. Estava gatíssimo, fiquei até com a boca seca. De repente, eu me senti como quando meu pai me chamava ao seu escritório para me dar uma bronca.

Lembrei de Sebastian colado em mim e não pude evitar corar como uma menininha.

— Bom dia — falei, baixinho.

Chega, Marfil, você não é assim.

Ele não respondeu; virou de costas e ficou fazendo alguma coisa.

Peguei minha xícara e o mel. Esquentei o leite e comecei a mexê-lo, indo me sentar no lugar de sempre e pensando no que dizer, se esperava que ele falasse ou

tomava a iniciativa.

— Isso não vai acontecer de novo, Marfil — disse ele, olhando para a janela, de costas para mim, cortando o silêncio como uma faca.

Não era o que eu esperava. Durante a noite, fiquei imaginando várias frases saindo de sua boca, que havia estado tão perto da minha: "Não foi certo", "Não deveríamos ter feito aquilo", "Seu pai vai me matar", "Posso perder meu emprego"… mas nunca imaginei um "isso não vai acontecer de novo, Marfil".

Como ele podia dizer uma coisa dessas? Será que não tinha sentido a mesma coisa que senti? Será que não estava morrendo de vontade de repetir, de devorar minha boca, tocar todo meu corpo? Será que não pensava como eu?

— Gostaria que você olhasse pra mim quando fala comigo — pedi, deixando a xícara no balcão.

Ele se virou e o que vi em seu rosto me deixou paralisada. Parecia um robô, frio e distante. Não vi nada naqueles olhos além de gelo.

— Foi um erro. Eu me deixei levar pela situação.

— Que situação?

Tive medo de sua resposta mais que de qualquer outra coisa no mundo.

— Você sabe perfeitamente o que provoca nos homens. Eu não sou de ferro e você é atraente demais. Eu me deixei seduzir, fui um babaca, desculpe. Mas não vou pôr meu trabalho em risco por sua causa.

Uau! Essa, sim, doeu.

— Ou seja, você fez o que fez por minha culpa, porque eu o seduzi com meu corpo atraente demais.

Sebastian se manteve impassível diante de meu tom ácido.

— Sabe de uma coisa? Por um segundo, eu pensei que talvez você tivesse enxergado além da porra de um corpo atraente, que deixa todos os homens tão loucos. Por um segundo, esperei escutar da sua boca algo diferente do que essa merda que acabou de dizer; mas acho que os homens são todos assim; vocês pensam com o pau.

— O que você quer que eu diga? Que estou apaixonado por você como nesses livros que você lê? Não seja infantil.

Eu me levantei sem acreditar no que tinha acabado de ouvir. Como ele podia saber quais livros eu lia e comparar meu comportamento a eles? Ah, e ele me chamou de infantil?!

— Por mim, eu jogava essa xícara na sua cara agora, com leite, mel e tudo. Mas, como não quero mais ser chamada de infantil, vou simplesmente dizer que você é um babaca sem sentimentos e que, apesar do que aconteceu ontem à noite ter sido

muito bom, tenho uma lista gigante de caras com quem passar minhas horas livres, caras que com certeza não vão sair correndo, assustados, como você.

Nem esperei ele responder. Peguei a bolsa e as chaves e fui para a porta. Sebastian saiu atrás de mim.

Quando ele ligou o carro, eu me sentei atrás. Não queria que ele visse quanto suas palavras tinham me afetado; não queria que ele visse uma lágrima traiçoeira que rolou pelo meu rosto. Eu me sentia humilhada, era essa a palavra. Estava me sentindo um objeto, mas o pior era saber que, como havia acontecido com todos os outros, Sebastian também não via muito mais que a minha aparência.

Passei os dois dias seguintes sem falar com ele. Não queria nem vê-lo. Mas continuava magoada com o que ele tinha dito e ainda sentia de tudo ao olhar para ele quando se aproximava demais ou quando simplesmente a gente se encontrava na minha casa cada vez que decidia sair do meu quarto.

Na quarta-feira pela manhã, precisei falar com ele. Eu tinha passado uma noite terrível, estava péssima, morrendo de frio. Acho que, ao ver que eu não saía do quarto para tomar meu café da manhã e ir para a faculdade, ele se preocupou.

Começou batendo em minha porta, coisa que ignorei, virando a cara para o outro lado e me cobrindo ainda mais com o edredom de plumas.

— Marfil?

Sim, esse é meu nome, babaca.

— Você não vai para a faculdade?

— Não — tentei gritar, mas minha voz saiu como um grunhido.

Imagino que ele tenha me ouvido, porque não me incomodou mais. Bom, isso até mais de sete da noite, quando voltou. E, ao ver que eu não respondia, entrou sem ser convidado.

— Sai daqui, eu não disse que você podia entrar.

— Você está há quase vinte e quatro horas aqui dentro, não tomou café da manhã nem almoçou. O que você tem?

— Nada — grunhi embaixo das mantas.

Notei que ele estava se aproximando porque ouvi o barulho dos seus sapatos no piso de madeira.

Ele puxou o edredom com delicadeza, mas, mesmo assim, não pude evitar me queixar de dor. Então tocou meu braço.

— Você está pelando.

Eu não queria nem me mexer, queria apenas que ele me deixasse em paz. Estava só resfriada, não ia morrer. Ele que não viesse dar uma de preocupado.

— Levanta — pediu em tom de ordem.

— Sai daqui, Sebastian. Você não tem que cuidar de mim como se fosse minha mãe.

Ele me ignorou. Fiquei surpresa quando baixou a gola da minha camiseta, aproveitando que eu estava deitada de bruços.

— Merda, Marfil, está infeccionada.

— O quê? — perguntei, fraca.

— A tatuagem, caralho.

— Do que você está falando? — protestei, indignada, apartando-o com um movimento fraco. — Cuidei dela três vezes ao dia, como o tatuador mandou.

— Pelo jeito não cuidou direito. Vou chamar um médico.

— De jeito nenhum. Me deixa em paz.

Ele saiu e eu tentei dormir de novo. Morri de ódio dele quando ouvi a campainha e, pouco depois, alguém entrar em meu quarto. Pelo menos, Sebastian teve a decência de acender só o abajur da minha mesa de cabeceira.

Eu estava péssima…

— Boa noite, Marfil, sou o doutor Rockwood.

Precisei de todo o esforço do mundo para me levantar e me sentar na cama. Lá estavam os dois: o médico, um homem de não mais de cinquenta anos e, atrás dele — com uma cara de preocupação que eu nunca tinha visto —, Sebastian, que não tirava os olhos de mim.

— Seu amigo me disse que você fez uma tatuagem e que parece que infeccionou.

— Ele não é meu amigo — foi minha única resposta.

O médico me ignorou enquanto mexia em sua maleta, depois me deu um termômetro e me mandou colocar embaixo do braço.

— Enquanto esperamos, vire de lado para eu examinar a tatuagem.

Fiz o que o médico pediu. Ele levantou minha camiseta e os dois soltaram uma exclamação que me deixou apavorada.

Então, o termômetro começou a apitar. Quando vi que estava com quarenta graus de febre, eu também me preocupei.

— A febre está muito alta.

— É uma infecção?

— Uma bela infecção, Marfil. Você precisa começar a tomar antibióticos imediatamente. Melhor mesmo é ir para o hospital. Com esse quadro, com certeza vão te internar por pelo menos um dia, até a febre passar.

— O quê? Nada disso.

— Que saco, Marfil! Faça o que ele está dizendo.

— Não quero ser internada. Se for, meu pai vai ficar sabendo, e da tatuagem

também. Quer que ele me mate? Não, tem que ter outra solução.

O médico franziu o cenho, aceitando que não ia me fazer mudar de ideia.

— Encha a banheira com água morna, quase fria — disse ele a Sebastian. — Quer ficar aqui? Tudo bem, mas vai ter uma noite bem difícil. E você também, meu jovem.

Sebastian estava muito bravo, dava para ver em seus olhos e no jeito como apertava o maxilar. Mas fez o que o médico pediu.

— Tome isto a cada quatro horas e passe essa pomada na tatuagem. Amanhã eu volto aqui. Se a febre não baixar, leve ela para o pronto-socorro — falou para Sebastian, que assentiu e pegou a receita.

Quando o médico foi embora, eu me enrolei de novo no edredom. Estava congelando, tanto que até batia os dentes.

Sebastian apareceu meia hora depois com os medicamentos e a pomada.

— Você tem que entrar na banheira, Marfil.

— Nem ferrando. Aquele médico é maluco. Estou congelando, não preciso de mais frio.

— Se a febre não baixar, vai ter que ir pro pronto-socorro. E escute bem: aquele médico é um frouxo, eu teria te levado pelos cabelos. Portanto, faça o que ele disse se não quiser que eu fique mais puto do que já estou.

— Me deixe em paz — soltei, enterrando o rosto no travesseiro e cobrindo a cabeça com o edredom.

Antes que eu pudesse reagir, ele estava me carregando até a banheira.

Eu não tinha forças para resistir, de modo que só pude soltar uns palavrões até que chegamos ao banheiro e ele me sentou na tampa do vaso sanitário.

Olhei a água da banheira e, quando estiquei o braço para tocá-la, fiquei toda arrepiada.

— Se eu entrar aí, vou morrer de hipotermia.

— Se não entrar, vou enfiar você à força.

Estreitei os lábios, tiritando violentamente.

— Eu tinha que ter cuidado dessa tatuagem. Sabia que você não ia conseguir sozinha…

— Claro que ia. O problema não foi cuidar da tatuagem, foi o babaca do tatuador. Vai saber com que agulha ele me tatuou.

Sebastian ignorou meu comentário e colocou a mão na minha testa.

— Está fervendo… Por favor, entre na banheira.

— Ok, só não vai embora.

Não sei de onde saíram essas últimas palavras. Acho que eu estava tendo

alucinações por causa da febre. Mas pedi que ficasse… e ele ficou.

Entrei de calcinha e sutiã e juro que foi a sensação mais horripilante da minha vida. Não só porque foi como se alguém enfiasse um frango assado no meio da água da Antártida, como também porque a tatuagem ardia demais.

Tremia que nem uma louca, encolhida dentro da banheira feito uma bola, abraçando os joelhos e xingando a tudo e a todos, especialmente a quem inventou a tatuagem.

— Odeio você — disse umas mil vezes, batendo os dentes incontrolavelmente.

— Eu sei.

Depois de vinte minutos, eu me revoltei e me levantei. Meu cabelo pingava, e eu também, e continuava tremendo muito.

Sebastian parou na minha frente e passou os olhos por todo o meu corpo encharcado. Bastou uma olhada pra eu sacar que, com a calcinha e o sutiã molhados, não sobrou nada pra imaginação.

— Quer tirar uma foto enquanto eu congelo aqui?

Sebastian ignorou meu comentário e me enrolou em uma toalha branca. Ele me tirou da banheira e me secou, enquanto eu continuava tremendo violentamente.

Olhei-me no espelho e constatei que minha aparência era lamentável. Estava vermelha por causa da febre e meu cabelo caía de qualquer jeito, molhando o todo o chão.

— Vou sair para você vestir o pijama.

Quando fui vesti-lo, praguejei de novo, cerrando os dentes.

— Já disse que odeio você?! — gritei.

Ele não respondeu. Coloquei uma calcinha seca e vesti uma camisola curta. Queria mesmo era um pijama quentinho, com meias bem fofinhas e um cachecol!

Sequei o cabelo com a toalha e o escovei em meio minuto.

Saí do banheiro, passei por ele sem olhar na sua cara, deitei na cama tremendo e me cobri com o edredom até as orelhas.

— Nem pense em tirar minhas cobertas. Se fizer isso, juro que vou te morder.

Sebastian suspirou e se aproximou com o termômetro outra vez.

— Vamos.

Coloquei e, logo depois, quando começou a apitar, devolvi o termômetro para ele.

— E aí? — perguntei, esperançosa.

Se tivesse passado por aquela tortura à toa, juro que teria pulado da varanda; com certeza ia doer menos.

— Trinta e oito e meio — disse ele, com o cenho franzido.

Sorri.

— Deu certo.

— Continua sendo febre alta.

— Não enche o saco. Baixou, agora me deixa dormir.

— Antes, tome o remédio.

Ele me deu o antibiótico e saiu do quarto.

Dormi quase imediatamente; pelo menos foi o que me pareceu. Eu estava exausta, como se tivesse corrido no meio de uma tempestade de neve descalça, despencado de um barranco e depois caminhado oito horas seguidas no deserto.

Abri os olhos não sei quanto tempo depois, vi alguém se aproximando da minha cama… com uma bandeja. Levei um susto, foi como ter um *déjà-vu*.

— Não encosta em mim! Me solta! Socorro! — gritei, desesperada.

— Ei, ei! Marfil, sou eu… sou eu, Sebastian.

Parei de gritar e olhei para os dois lados. Estava no meu quarto… nem sinal daquele porão…

Olhei com medo para Sebastian e ele me soltou quase imediatamente.

— Sou eu — sussurrou bem baixinho, quase inaudível.

Assenti pouco a pouco. Então, engoli em seco e me deitei de lado na cama, com os olhos fixos nele.

Foi como juntar duas cenas em uma.

Será que aquilo era alguma lembrança do sequestro?

— Trouxe uma sopa de tomate; e você tem que beber água, faz horas que não ingere nada líquido.

Ele pôs a mão na minha testa de novo e fechei os olhos. Minha cabeça doía horrores.

Eu me sentei, com cuidado para não encostar muito as costas na cabeceira da cama e tomei a sopa bem devagarzinho.

— Como você está?

Não respondi; era como se estivesse em transe. De repente, eu me sentia em perigo; temia pela minha vida, não pela febre nem pela infecção. Mas por Sebastian estar em meu quarto.

— Por que está me olhando como se eu fosse te fazer mal?

Baixei o olhar para a sopa. Deliciosa, quentinha, e ajudou a passar o frio que estava sentindo depois da banheira. Ou talvez a febre por fim tivesse começado a baixar depois do antibiótico.

— Foi um pesadelo, só isso.

Sebastian assentiu, preocupado. Quando terminei a sopa, ele pegou o prato e o

deixou na mesa de cabeceira.

— Agora, vou passar a pomada, e aí você pode dormir.

Quando ele encostou a pomada nas minhas costas, senti calafrios de novo, mas não de frio. Eu ainda não tinha esquecido suas palavras de dias atrás, de modo que achei ótimo quando ele acabou, apagou a luz e saiu.

A noite foi longa e difícil. A febre não demorou a subir de novo, e Sebastian teve que passar a madrugada colocando compressas de água gelada em minha testa, para que não passasse dos quarenta. Eu estava fraca, mal demais. Em algum momento, pedi por favor que se deitasse na cama comigo. Ele se deitou por cima dos lençóis. Imagino que assim era mais fácil fazer as compressas. Acho que meu pedido foi mais pelos delírios causados pela febre que por outra coisa.

Ele ficou acariciando meus cabelos durante horas; ou talvez isso também tenha sido efeito das alucinações. Por fim, consegui dormir; ele também.

Quando abri os olhos, horas depois, com a luz de um novo dia entrando pela janela, vi que ele não estava na cama; e, ao levantar a vista, percebi que me observava do sofá do canto. Eu me sentei na cama e olhei para ele.

— Como você está? — perguntou, sentando-se também.

Ele estava tão bonito, impossível descrever o quanto. Eu, com certeza, estava um lixo, mas nele até as olheiras caíam bem. Senti vontade de afastar seu cabelo despenteado do rosto e de beijar Sebastian todinho só por ter ficado aquela noite comigo e cuidado de mim, mas não pude fazer nem uma coisa nem outra.

— Bem melhor — respondi, seca.

Sebastian se levantou. Antes que ele pudesse abrir a boca, decidi falar primeiro.

— Vou pedir pro Liam ficar comigo a partir de agora. Pode tirar suas horas de folga ou fazer o que quiser. Juro que não vou sair daqui nos próximos dias.

Sebastian cerrou os lábios com força, mas não disse nada.

Então meu cuidador foi substituído por outro, e nem de longe eu senti o mesmo que senti com o primeiro.

15

Marfil

Liam apareceu imediatamente. Quando entrou no meu quarto, assobiou como um idiota ao me ver deitada na cama, gelada, descabelada, um trapo.

— Nunca imaginei que diria isso, mas você está horrível.

Cobri a cabeça com as mantas.

— Chamei você para me sentir melhor, não pior, idiota.

Eu me ajeitei assim que ele se sentou ao meu lado.

— Eu sei, estava brincando. Você está linda com o rosto vermelhinho, os lábios inchados por causa da febre e o cabelo com esse penteado ninho de rato.

Bati nele com o travesseiro, mas tão fraco que nem tentei de novo.

— O que aconteceu? É sério que uma tatuagem pode fazer tanto estrago? Eu avisei, não se põe adesivo numa Ferrari. Você foi contra a natureza, agora está pagando.

— Cala a boca.

— Pode pelo menos me dizer o que foi que você tatuou? Porque se foi "Eu amo o Liam", tudo faria muito mais sentido.

Revirei os olhos. Então me sentei, virei de costas e levantei a camiseta.

— Que graça… Mas está parecendo uma bailarina com psoríase.

— Está tão horrível assim?

— Bastante.

Cobri a cara com o travesseiro. Era o carma, eu tinha certeza.

— Vem cá — começou ele, tirando o travesseiro da minha cabeça —, seu guarda-costas está ali na sala com uma puta cara de preocupado. Sempre achei que ele andasse por aí com cara de quem tem uma estaca enfiada no cu, mas, dessa vez, quem está tensa demais é você. Aconteceu alguma coisa?

— Não — respondi, fingindo inocência. — É que a gente não se dá muito bem, só isso.

Vi que Liam ia abrir a boca, mas ouvimos a campainha. Segundos depois, alguém bateu na minha porta.

— Pode entrar.

Era o médico, acompanhado de Sebastian.

Ao contrário do que eu havia pedido, em vez de ir fazer suas coisas, Sebastian

ficou encostado na porta me observando durante todo o tempo que o médico passou me examinando.

— Ainda está com febre, mas pelo menos está controlada. Continue bebendo muito líquido, tomando o antibiótico e passando a pomada. É provável que a febre suba à noite. Se subir — disse, olhando para Sebastian —, faça de novo compressas frias na testa dela e preste atenção para que não passe de trinta e nove.

Senti o olhar de Liam em Sebastian sem nem precisar olhar. Quando o médico foi embora, eu me deitei de novo.

— Você passou a noite toda colocando compressas na Marfil?

Sebastian o ignorou e cravou os olhos nos meus.

— Vou fazer alguma coisa pra você jantar.

Dito isso, saiu e fechou a porta. Nossa…

Liam me olhou sério.

— Não me diga que vocês ficaram, Marfil.

Seu tom sério me deixou meio tensa, mas neguei com a cabeça.

— A gente não ficou. Só discutimos por uma bobagem e agora estamos um pouco mais frios que o normal.

— E ele cuidou de você? Por acaso ele também é seu enfermeiro?

— O que você queria que ele fizesse? Que me deixasse aqui jogada ardendo em febre? Ele só me ajudou no que eu precisava…

— Sei…

Eu não queria falar de Sebastian, então Liam pegou meu notebook e colocamos um filme na Netflix. Logo depois, Sebastian entrou com uma sopa e pão com manteiga para mim. Não pude deixar de perceber o detalhe de que, por ele, Liam que passasse fome.

Deixou a bandeja em cima da mesa de cabeceira e parou um instante ao meu lado.

— Coma.

Assenti de má vontade.

Sebastian lançou um olhar glacial para Liam e saiu.

— Por que de repente eu me senti sobrando aqui?

— Porque você tá viajando.

Peguei a bandeja e me ajeitei para jantar. A sopa era de abobrinha com alho-poró e cenoura; estava uma delícia. Fazia mil anos que eu não comia comida caseira, mas, só de saber que Sebastian é que a havia feito, fiquei com raiva. Ok, ele estava me tratando muito bem, mas eu não conseguia apagar da cabeça o que ele tinha me dito depois daquele beijo.

Continuamos vendo o filme enquanto eu tomava toda a sopa e comia a torrada. Liam foi para a cozinha fazer um sanduíche. Quando o filme acabou, eu já estava dormindo havia tempo, bem encolhidinha embaixo do edredom. Não sei se Liam fez as compressas em mim, porque não me lembro de nada.

Passei mais dois dias de cama e, pouco a pouco, fui me sentindo melhor. Falei para o Liam que ele não precisava ficar indo toda hora cuidar de mim e Tami foi no lugar dele no dia seguinte. Também não contei para ela o que tinha acontecido com Sebastian, mas a gente conversou sobre as férias de primavera e a possibilidade de ela ir me visitar em Baton Rouge.

— Eu vou adorar. Vamos ver se meus pais vão deixar. O Liam também vai? — perguntou com sarcasmo.

— Acho que não. Eu convidei, mas ele tem outros planos.

Se minha resposta a decepcionou, não me dei conta naquele momento. Mudamos de assunto e perguntei como estavam indo as aulas de balé.

— As meninas estão com saudade. Lily não para de perguntar de você. Elas não ficaram muito felizes quando eu disse que iam ter aula só de quinze em quinze dias, mas acho que está indo bem.

— Você está tomando cuidado como eu pedi? Não quero que nada de ruim aconteça com você.

Tami deu de ombros.

— Quando acaba a aula, vou correndo pro metrô e, como o sol se põe cada vez mais tarde, quando saio ainda não é noite. Sabe, eu gosto de dar aula pra elas. Agora entendo por que você corre tanto risco. As meninas são maravilhosas.

Sorri; estava com saudade daquelas meninas e morria de vontade de voltar a dar aula para elas.

Quando Tami foi embora, tomei um banho e troquei de roupa. Precisava me mexer, fazer alguma coisa. Coloquei a roupa de balé e saí do quarto depois de quatro longos dias. Minha irmã me ligou bem nessa hora e conversamos durante os quinze minutos permitidos no colégio. Eu estava com muita saudade dela e contando os dias para vê-la de novo.

Quando nos despedimos, deixei o telefone em cima do balcão e fui para a ala do Sebastian; não porque quisesse encontrar com ele, e sim porque queria ir para o meu estúdio.

Bati na porta, como sempre, e ele abriu. Olhou para mim de cima a baixo: eu estava com uma calça larga e um collant rosa.

— O que pretende fazer?

— Não é obvio? — respondi.

A última coisa que eu queria naquele momento era discutir com Sebastian. Ainda estava com raiva dele por não querer me dar o que eu queria, e mais raiva de mim mesma por não conseguir tirar Sebastian da minha cabeça.

— Você ainda não se recuperou, Marfil, e está tomando antibiótico; não é legal fazer exercício.

— Exercício é bom para a saúde — respondi, e tentei passar por ele.

Sebastian bloqueou meu caminho esticando o braço e colocando a mão no batente.

— Espere mais uns dias, você deveria estar na cama.

— Sabe de uma coisa, Sebastian? Para alguém que não quer perder o emprego, você está se envolvendo demais. Você ganha para evitar que eu seja morta, não para me proteger de mim mesma. Vou dançar, portanto me deixa em paz.

Passei pelo vão embaixo do seu braço e atravessei a sala. Entrei em meu estúdio e fechei a porta, aliviada por estar sozinha no meu lugar sagrado.

Liguei o som e me coloquei diante da barra. Comecei com simples *pliés* e acabei fazendo alongamentos com a perna em cima da barra e o tronco perpendicular a ela. Todos os meus ossos estalaram, me lembrando de como eu estava enferrujada.

Senti o ferimento nas costas repuxar e tive medo de que a casquinha tivesse se rompido. Tentei olhar no espelho, mas não vi quase nada, então continuei me alongando e, depois, comecei a dançar.

Eu precisava dançar, porque pela dança eu tinha marcado minha pele pelo resto da vida e por ela vivia um inferno, literalmente.

Em uma das piruetas, fiquei tonta, mas continuei, apesar de saber que devia parar. Quando estava na sexta volta, o chão ficou em uma posição estranha e caí, batendo a lateral do corpo no chão de madeira.

Merda.

Um segundo depois, Sebastian entrou.

— Eu disse pra você não dançar.

Ele foi até mim, me levantou do chão sem que eu tivesse tempo de impedi-lo, e saiu do estúdio comigo no colo.

— Estou bem, inferno.

Quando me deixou no sofá, foi sem a menor delicadeza.

— Vai pra cama, por favor.

— Cuida da sua vida, por favor.

Sebastian suspirou e ficou me olhando.

— Se você gosta tanto de dançar, por que dança aqui, escondida?

Sua pergunta me pegou desprevenida, especialmente porque, até então, ele nunca

tinha demonstrado nenhum interesse em saber qualquer coisa sobre mim.

— Meu pai e meu tio me proibiram quando fiz quinze anos. Parei de treinar profissionalmente e perdi quase toda a técnica.

— Não parece ter perdido nada…

Franzi o cenho. Ele ainda não tinha me visto dançar…

— Aquele dia, quando estava dando aula para aquelas meninas… não parecia fazer nada errado.

Eu me inclinei para a frente e comecei a desamarrar as sapatilhas de ponta com cuidado e rapidez.

— Você viu uma aula para meninas de doze anos… Não é muito complicado.

— Entendi…

Deixei as sapatilhas em cima do sofá e me levantei. Eu olhava para ele como quem olha um doce proibido. O que, em muitos sentidos, era verdade. O que senti naquele banheiro ainda me acompanhava à noite.

Como se estivesse pensando a mesma coisa, Sebastian me mediu de cima a baixo. Fiz o mesmo; com aqueles músculos, ele nem precisou se esforçar para me levar até ali.

— Sabe de uma coisa? Você seria um bom parceiro de dança — soltei, praticamente sem pensar.

Sebastian fez uma cara de espanto, incrédulo.

— Você está tendo alucinações por causa da febre — disse ele, colocando a palma da mão na minha testa e me olhando como se eu estivesse delirando de verdade.

— Estou falando sério — respondi, afastando a mão dele e tentando ignorar o friozinho na barriga.

— Isso a gente nunca vai saber — disse ele, me encarando com um ar misterioso.

Como ele conseguia? Eu era um livro aberto, tinha certeza disso. Será que ele sentia o mesmo que eu? Sentia aquela atração que dominava o meu corpo sem que eu pudesse fazer nada?

Quando eu já achava que seríamos consumidos pela tensão que pairava naquela pequena sala, a campainha tocou e nós dois nos assustamos.

Sebastian foi atender. Fui atrás.

— Está esperando alguém?

Neguei com a cabeça; não gostei de ele me impedir com o braço para ir ver quem era.

Sebastian murmurou alguma coisa e abriu a porta com cara de poucos amigos.

Liam passou por Sebastian sem nem olhar para ele e veio até mim com um

sorriso no rosto.

— Tudo bem? — perguntou, me abraçando de leve. — Se estiver melhor, tenho uma proposta.

Respondi com um sorriso e ignorei o olhar que Sebastian me lançou.

— Estou ótima!

— Legal, porque tenho ingressos para ver o Imagine Dragons hoje à noite.

— O quê?! — exclamei, surpresa.

— Ganhei no trabalho, de um ricaço que conhece alguém que conhece alguém que é responsável pela turnê. É praticamente na primeira fila, em uma área reservada. O que acha? Topa?

— Claro que sim!

Sebastian negou com a cabeça, olhando para mim com paciência.

Olhei para Liam e depois para ele.

— Quantos ingressos você tem? — perguntei, sentindo minha euforia diminuir pouco a pouco.

— Dois — disse Liam, sorridente —, um pra mim e outro pra você.

— Você pode me esperar do lado de fora — disse a Sebastian antes que ele pudesse se manifestar.

— Não — respondeu, sem nenhum tipo de remorso, e foi até a cozinha.

— Sebastian, é uma área fechada… — comecei, mas ele me interrompeu.

— Se eu não estiver com você, não posso garantir sua segurança.

— Olha, cara, eu entendo sua postura, mas Marfil tem razão: é uma área privada. Você pode esperar do lado de fora, não vai acontecer nada com ela. Eu não vou sair de perto.

Sebastian se aproximou de Liam até ficar a uns cinquenta centímetros.

— Ah, é mesmo? — disse, furioso. — E o que você vai fazer para proteger a Marfil, hein? Por acaso tem ideia de como fazer o meu trabalho? Acha que ando atrás dela porque simplesmente não tenho nada melhor pra fazer?

Liam apertou o maxilar.

— Chame outra pessoa. Marfil não vai sair daqui esta noite, aliás ela ainda está doente.

— Não estou! — intervim, agora sim puta da vida.

— Escute, cara, eu conheço a Marfil melhor que você. Se deixar ela trancada, as coisas vão acabar…

— Mal, muito mal — terminei a frase por ele.

— Felizmente, fui treinado para enfrentar qualquer tipo de perigo. Acho que dou conta de uma criança brava por não poder ir a um show.

Eu não estava acreditando!

Liam me olhou sem saber o que fazer, e eu descobri que também não tinha muitas opções. Sem Sebastian, não podia ir a lugar nenhum; e o pior era que ele não estava nem um pouco disposto a colaborar. Dava perfeitamente para me esperar em frente ao Madison, como Liam tinha sugerido.

Meu amigo acabou indo embora chateado por eu não poder ir com ele e se perguntando quem poderia chamar que gostasse do Imagine Dragons.

Assim que a porta se fechou, usei todo o poder do meu olhar para fulminar Sebastian, como nunca tinha feito até o momento.

— Você fez de propósito — disse, indo até ele feito uma fera. — Eu poderia ter ido, sim; o problema é que você está tão obcecado com o maldito perigo que não me deixa fazer as coisas que eu faria se você não estivesse aqui para estragar todos os meus planos.

— Não estou aqui para estragar os seus planos. Estou aqui para evitar que matem você.

— Ninguém vai me matar! — gritei, perdendo a compostura. — Tiveram a chance e não me mataram. Se quisessem, eu já estaria morta e enterrada.

— Não tente analisar a mente de um bandido, Marfil. Você não imagina como é surpreendente.

Cheguei mais perto dele e cruzei os braços. Ele deixou o copo de água no balcão e, suspirando, esperou que eu começasse o discurso.

— Você me chamou de "criança" — disse a ele, muito séria. — Outro dia, você estava devorando a boca desta "criança", portanto nunca mais me chame assim.

Minhas palavras o pegaram de surpresa; como se ele quisesse apagar essa lembrança e ainda não tivesse percebido que eu não pretendia fazer o mesmo nunca na vida.

— Criança ou não, você não vai a lugar nenhum hoje, a não ser que eu vá junto.

— Isso é uma ameaça?

— É um fato — rebateu, levando o copo à boca outra vez.

Cerrei os lábios com força, assenti e fui para o meu quarto pisando duro. Peguei o celular e digitei:

> Não se atreva a ir sem mim. Encontro você na sessenta e sete com a Madison em meia hora.

Tirei a roupa de balé e entrei no chuveiro. Não pretendia continuar trancada em casa. Era adulta, estava cansada de viver com medo, mas, especialmente, estava

cansada de ter que andar com Sebastian para todo lado. Precisava sentir que estava no controle da minha vida; precisava sentir de novo que era uma mulher adulta.

Coloquei uma calça jeans, as botas de motociclista e uma camiseta escura. Fiz um rabo de cavalo alto e peguei minha bolsa. Não ia sair pela porta principal, tinha certeza de que Sebastian estava por ali ainda; então fui até a janela. O apartamento de baixo dava para a escada de incêndio; era só eu atravessar o parapeito com muito cuidado e chegar até lá; o resto seria moleza.

Como se tivesse quinze anos de novo e estivesse no internato, coloquei um travesseiro embaixo dos lençóis de minha cama e apaguei todas as luzes. Com sorte, Sebastian pensaria que eu estava brava e me deixaria em paz naquela noite.

Atravessar o parapeito foi tranquilo; eu tinha fugido tantas vezes do internato que já era craque. Rezei para que os vizinhos não me vissem pela janela e, quando cheguei à escada, desci quase correndo. Liam devia estar me esperando onde combinamos e, em menos de dez minutos, eu atravessaria a cidade, sozinha pela primeira vez em semanas.

Apesar da adrenalina que corria por minhas veias, não pude deixar de olhar para todo lado para ter certeza de que ninguém suspeito estava me seguindo ou espreitando. Quando finalmente cheguei ao ponto de encontro, entendi que estava ficando paranoica.

Sorri ao ver Liam me esperando no seu carro reluzente. Corri para entrar.

— Vamos, vamos — apressei-o, olhando para trás.

Ninguém me seguia.

— Seu guardião vai ficar puto da vida — disse ele com um sorriso que tomava todo o rosto.

— Não se não ficar sabendo — respondi, sentindo uma pontada de culpa que desapareceu assim que lembrei que ele me havia chamado de criança.

— O que você fez? Colocou um travesseiro embaixo do lençol? — perguntou, tirando o sarro.

— Exatamente — respondi olhando para a frente enquanto Liam desviava do trânsito até chegar ao Madison Square Garden.

Liam soltou uma gargalhada e eu sorri, com o olhar fixo no trânsito. Não tinha por que me sentir culpada nem ficar preocupada. Sim, eu tinha fugido. Sim, tinha burlado a vigilância do meu guarda-costas. E, sim, tinha desobedecido às ordens do meu pai, mas quer saber? Eu não era uma criança, e, se eu quisesse correr aquele risco, a decisão era minha, não do meu pai nem do Sebastian, só minha.

Não tivemos que pegar fila para entrar; ao contrário da maioria das pessoas ali, nós éramos VIP. Nossa área era espetacular, com espaço suficiente para levantar,

comida e champagne bem gelado servido o tempo todo. Acho que tinha umas vinte pessoas lá, no máximo, e a vista para o palco era perfeita.

Quando a banda entrou e Dan Raynolds começou a cantar "Whatever It Takes", soube que era um sinal de que sair escondida não podia ter sido uma ideia tão ruim. Cantei a plenos pulmões, a adrenalina corria em minhas veias e eu me senti livre. Aquilo devia significar alguma coisa, não? Ao meu lado, Liam pulava como se a canção tivesse sido escrita para ele. Eu ria, bebendo a terceira taça de champagne e já sentindo que o álcool estava deixando minha mente nublada e me fazendo esquecer dos problemas.

Quando chegou a hora de cantar "On Top of the World" e "Radioactive", nós já estávamos bebinhos. Meu celular, no bolso, não parava de vibrar, mas eu ignorava. Bêbada como estava, só queria saber de pular e cantar como uma louca. Nas últimas estrofes de "Believer", subi nas costas de Liam e o abracei forte, e cantamos até ficar roucos. Liam sempre me proporcionava esses momentos, e eu os guardava no coração como relíquias.

Quando o show acabou, os músicos saíram e as luzes se acenderam. Fomos guiados para as saídas como gado. Liam sorria, encharcado de suor e vermelho.

— Foi incrível, não?

— Incrível — respondi, me segurando nele e seguindo as pessoas até a saída.

Quando chegamos na rua, o céu estava desabando. Não demorou muito para ficarmos ensopados. No meio da confusão de gente e trânsito por causa da saída do show, não me dei conta de quem estava me esperando, até que praticamente trombei com ele quando tentava seguir Liam.

— Sebastian — falei, com a voz trêmula, quando ergui o olhar e vi seus olhos castanhos e furiosos cravados nos meus.

Ele me pegou pelo braço e foi me puxando para o carro.

— Ei! — gritou Liam, pensando que era outra pessoa.

Mas, antes que ele pudesse fazer alguma coisa, o punho de Sebastian já tinha passado voando por cima de mim e aterrissado no olho do meu melhor amigo.

Fiquei completamente espantada, sem acreditar. Liam estava caído no chão, cobrindo o olho com uma mão e com a outra tateando o asfalto para evitar se machucar mais. Tentei me soltar do Sebastian para ajudar Liam, mas ele me levantou do chão, me enfiou no carro e me trancou lá dentro.

— Abre a porra da porta! — gritei, horrorizada ao ver meu amigo se levantar cambaleante.

Sebastian se sentou no banco do motorista e ligou o carro sem pensar duas vezes.

— Você perdeu completamente a cabeça?! — gritei. — Deixa eu sair, você bateu

nele!

— Se precisar, bato de novo, dez vezes mais.

Olhei para ele de boca aberta. Minha cabeça estava girando. Tudo tinha acontecido tão rápido que meu cérebro embriagado não conseguia processar.

— Como você me encontrou? — foi a primeira coisa que perguntei.

Sebastian me ignorou e continuou acelerando pela Quinta Avenida, desviando do trânsito como um verdadeiro piloto.

— Foi ideia minha, você não podia ter batido nele!

— Ideia sua ou não, foi ele quem te levou.

Eu não queria discutir com ele; não porque não tivesse razão, mas porque estava bêbada e, na verdade, meio assustada. Sebastian parecia possuído, e eu estava com medo de chegar em casa. Mas, na verdade, meu maior medo era que ele tivesse contado pro meu pai.

Quando chegamos ao apartamento e entramos no elevador, nossos olhares se encontraram e senti a raiva no dele, que atravessava minha pele como uma navalha.

Tentei ir correndo para o meu quarto, como fazia quando meu pai ia me dar bronca, mas, nem bem ameacei sair, ele me pegou pelo braço com força e me encostou na parede da sala.

— Nunca mais faça isso — disse, tão perto dos meus lábios que meu coração acelerou, por causa da adrenalina e de outra coisa muito mais intensa…

— Ou o quê? — desafiei.

É claro que o álcool estava me dando uma coragem que, na verdade, eu não tinha.

Sebastian segurou meu queixo com força.

— Ou juro que vou amarrar você no pé da sua cama, sem me importar com as consequências.

Minha respiração acelerou quando vi que ele estava falando sério, mas especialmente porque estava tão perto que acabou despertando em mim a mesma sensação do dia em que nos beijamos.

Engoli em seco; ele passou o polegar lentamente pelo meu rosto.

— Sai da minha frente.

Ele não precisou falar duas vezes.

16

Marfil

Na manhã seguinte, acordei com uma ressaca dos infernos, e, quando cheguei à cozinha, não vi Sebastian nem seus deliciosos cafés da manhã. Acordei cedo demais para quem foi dormir umas três da manhã; a culpa me fez demorar para pegar no sono. Liam me enviou uma foto do seu olho roxo, dizendo que, se cruzasse com o babaca do meu guarda-costas de novo, quebraria a cara dele.

Ele não aguentaria nem meio minuto lutando com Sebastian, mas eu não quis jogar mais lenha na fogueira, pois já sabia que as visitas de Liam passariam a ser bem interessantes.

No momento em que colocava cereal em uma tigela, com os olhos fixos no corredor por onde Sebastian deveria sair, percebi que o apartamento estava silencioso demais. Eu sempre escutava o som da televisão que Sebastian tinha no quarto, ou o hip-hop horrível que ele insistia em ouvir quando estava ali sozinho.

Deixando a tigela de lado, fui até o corredor com a intenção de ver se ele ainda estava dormindo. Bati na porta, mas ninguém atendeu. Não sabia se abria ou se esperava que ele desse sinal de vida, mas minha curiosidade venceu. Quando abri a porta, estava tudo escuro; as persianas fechadas não permitiam a entrada da luz e a porta do quarto dele estava aberta, a cama arrumada…

Ai, meu Deus… Ela tinha ido embora, acho que não me aguentava mais?

Fui até o estúdio de balé, também estava completamente escuro. Comecei a tatear a parede procurando o interruptor, quando um braço me pegou por trás, fazendo meu coração ficar preso na garganta. O grito que eu ia dar foi abafado por uma mão gigante que cobriu minha boca.

Comecei a tremer, pensando que tinham conseguido entrar na minha casa, que Sebastian podia estar morto e que me matariam também. Sebastian tinha razão, queriam me matar e eu estava brincando com a sorte, me oferecendo de bandeja…

— Você está tremendo que nem uma vara verde e não colocou nem um pouquinho de resistência, elefante. — Escutei sua voz sussurrar no meu ouvido. — Achou o que fez ontem divertido?

Merda, caralho…

— Sebastian, me larga — tentei falar contra sua mão, que ainda cobria meus lábios.

Apesar de ter relaxado mentalmente ao ver que era ele, e não um assassino, que estava me imobilizando, naquele quarto escuro não pude evitar sentir um pouquinho de medo ao ouvir sua voz grave sussurrar no meu ouvido com aquela calma fingida.

— Responda — disse ele, me apertando com força e me machucando. — Você se divertiu enquanto eu enlouquecia aqui, temendo por sua vida?

Estremeci.

A verdade era que sim, eu tinha me divertido, e muito. Mas ser sincera naquele momento não era o melhor a se fazer.

— Desculpe… — sussurrei por trás de sua mão.

— É bom se desculpar mesmo — ameaçou ele.

Então, ele me girou e ficamos de frente um para o outro. Sebastian segurava meus braços acima da minha cabeça e me imobilizava com seu corpo.

— Você vai fazer exatamente o que eu disser, Marfil. Senão, juro por Deus que vou fazer da sua vida um inferno. Entendeu bem?

Engoli em seco.

Ele segurou meus pulsos com a mão direita para liberar a outra, com a qual apertou meu queixo.

— Responda.

— Entendi — falei, com a boca já livre e seus lábios a poucos centímetros dos meus. — Mas, agora, ouça você: nunca mais encoste a mão em nenhum amigo meu, senão…

Sebastian sorriu no escuro daquele cômodo.

— Senão o quê, elefante? — perguntou ele, rindo de mim.

— Pare de me chamar de elefante — pedi, apertando os dentes.

— Prefere que eu te chame pelo que você realmente é? Uma mimada do caralho?

Ele me segurou com mais força quando tentei dar uma joelhada nele.

— Para com isso, garota. Você tem que comer muito arroz e feijão pra conseguir ao menos encostar em um único fio de cabelo meu. Pra me machucar então, nem se fala.

— Você se acha muito grande coisa, né? Com sua altura e seus músculos de Viktor Krum… Mas você não me assusta, Sebastian, se era isso que pretendia. Por mim, você pode me encurralar na posição vertical quando quiser.

Seus olhos cintilaram; ele não gostou do que eu disse e apertou meus pulsos com mais força.

— Quer que eu te conte um segredo? — perguntei, sem tirar os olhos dele.

— Não.

— O que aconteceu naquele banheiro… vai acontecer de novo, e antes do que você imagina.

— Não subestime meu autocontrole, Marfil. Já ganhei medalhas por isso.

— Também ganhou medalhas por ser o maior babaca do exército?

Ele sorriu, imune às minhas tentativas de tirá-lo do sério.

— Não quero mais ouvir falar desse assunto — disse ele simplesmente.

— Que assunto? Que você devorou minha boca ou que é um grandessíssimo babaca? — perguntei, sem rodeios.

— Minha paciência tem limite, Marfil, não se esqueça — respondeu ele, afrouxando um pouco o aperto dos meus pulsos.

— Pode me soltar, por favor? Tenho coisas pra fazer.

Sebastian ficou me olhando bem sério, analisando minha expressão.

Ele me soltou e deu um passo para trás. Meus olhos já tinham se acostumado à escuridão, de modo que pude ver seus braços, que pareciam ainda maiores com aquela regata.

— Vou ficar no meu quarto estudando — informei, sem me mexer.

— Ótimo — respondeu ele, sem tirar os olhos dos meus.

Passei o domingo trancada em casa, estudando para a prova daquela semana. Estava difícil, já que eu tinha perdido várias aulas por estar doente. À noite, não jantei com Sebastian. Não porque eu não quisesse, mas porque ele foi para o quarto com o seu prato, dizendo que precisava fazer uma ligação.

Fiquei curiosa. Pra quem Sebastian ligava quando não estava trabalhando? Será mesmo que ele não tinha namorada? Meu Deus, só de pensar nisso eu morria de ciúme. Gato como ele era, estranho seria se fosse solteiro. Na verdade, ele tinha mais cara de quem ficava com as mulheres por uma noite só; não conseguia imaginar Sebastian comprometido com alguém. Certamente era do tipo: pegou, ficou e tchau … Não pareceu nem um pouquinho intimidado quando me beijou.

Nossa… como eu queria que ele me beijasse de novo…

Mordi o lábio pensando nisso e fui até o corredor, olhando para sua porta. Como seria pegar nele? Eu nunca tinha tocado num cara sem ser por cima da calça, mas, de repente, sentia tanta curiosidade que comecei a imaginar a conversa que poderia ter com ele um dia… se ele não infartasse antes, claro.

Sorri.

“Sebastian, posso te tocar devagar, até você gozar? Pode ser com a mão ou com a boca, você decide…”

É… sem dúvida ele ia gostar tanto quanto eu.

Fui para o meu quarto depois de jantar — aquele homem cozinhava como os deuses — e dormi quase imediatamente.

O que eu não esperava era encontrar Sebastian parado ao lado da minha cama algumas horas depois de ter fechado os olhos.

— Em pé, vamos! — disse ele, puxando meu edredom sem o menor constrangimento.

Quando abri os olhos, vi que ela já estava saindo do meu quarto.

Que estranho…

Cobri a cabeça com o travesseiro, pensando que, sem dúvida, ele tinha caído e batido a cabeça. Ignorei o aviso e tentei dormir de novo. Ainda estava escuro lá fora.

Pouco tempo depois, ele apareceu de novo.

— Ou você acorda ou vou te acordar como faziam comigo no exército.

Eu só escutei um "blá-blá-blá".

Um jato de água gelado caiu na minha cabeça. Levei um susto tão grande que acabei caindo da cama.

— O que você está fazendo, porra?!

Sebastian me olhou do alto de sua estatura, impassível.

— Você não queria aprender a se defender? Ontem, no estúdio, você demonstrou que é ridícula diante o perigo. Portanto, vou começar te ensinando que, sem disciplina, você não vai ser capaz de competir nem com um cachorrinho bravo.

Olhei para ele sem acreditar.

— Você jogou água na minha cabeça?!

Sebastian não respondeu.

— Quero você na cozinha em cinco minutos, vestida e pronta para tomar o café da manhã.

Eu ri na cara dele e me levantei, olhando para Sebastian sem acreditar que ele estava falando sério.

— Não sei se te bato ou sinto dó de você por realmente acreditar que vou me levantar às… — olhei o relógio que ficava acima da minha cama — cinco e meia da manhã! — Dei um passo para a frente e um tapa no braço esquerdo dele. — Você enlouqueceu, por acaso?!

— Foi você quem pediu para eu te treinar; portanto vai ser do meu jeito.

— Bom, não quero mais aprender, obrigada.

Fui voltar para a cama, mas seu braço apareceu diante dos meus olhos; por trás, ele passou o braço ao redor do meu pescoço e começou a apertar minha garganta, me deixando sem ar. Com o outro braço, me pegou pelos quadris e me imobilizou.

Não pude nem abrir a boca, não conseguia mexer nem um músculo.

— Ah, é? E o que você faria se isto acontecesse de verdade?

Quando ele me deixou um pouco mais livre para conseguir respirar, mas ainda sem me soltar, tentei pensar em como me livrar daquele idiota. Mas logo entendi que não tinha nada que eu pudesse fazer. Quando tentei lhe dar um pontapé no saco, ele me jogou na cama e ficou em cima de mim. Não pude fazer nada para tentar me livrar dele. Comecei a ficar angustiada.

— O que você faria? — sussurrou na minha orelha.

A situação até poderia ser sexy, mas não totalmente. Eu não conseguia me mexer, seu peso me esmagava, não conseguia respirar.

— Qualquer um poderia fazer isso com você em um piscar de olhos. Eu sou muito mais forte que um homem sem preparo, por isso estou te dando uma chance de se soltar — continuou ele em minha orelha, bem sério. — Mas você precisa ser capaz de se livrar de qualquer um que queira te fazer mal, Marfil; e, pode acreditar, linda do jeito que é, muitos dos que cruzarem seu caminho vão tentar.

— Me solta, Sebastian — pedi, esmagada na cama.

— Não — respondeu ele, prendendo minhas mãos às costas. — Pense, o que você faria?

Tentei pensar, tentei realmente encontrar uma maneira de tirá-lo de cima de mim, mas não me ocorreu nenhuma. Era impossível.

— Eu… eu gritaria! — respondi, tentando puxar ar para os pulmões.

— Como uma princesinha? — debochou.

Caralho, ele parecia totalmente fora de si; estava levando as aulas muito a sério.

Então, tive uma ideia.

Sem perceber — ou talvez de propósito, não sei —, ele tinha deixado a outra mão, a que não segurava meus pulsos, às minhas costas, apoiada na cama, ao lado do meu rosto. Não precisava dela, pois com o corpo e a outra mão ele me mantinha perfeitamente imobilizada.

Sem hesitar nem um segundo sequer, levando aquela lição a sério, mexi a cabeça depressa os centímetros de que precisava para alcançá-lo e o mordi com força; com todas as minhas forças, aliás. Meu ataque inesperado — e imagino que a dor também —, surtiu efeito, porque senti sua força afrouxar um pouco. Comecei a me debater como uma louca, girei por baixo dele e consegui escapar e me levantar. Mas, quando fui levantar a perna para lhe dar um chute no saco, com a mão que eu não havia mordido ele segurou meu tornozelo e puxou; eu me desequilibrei e caí, dessa vez sobre seu peito, não sobre a cama.

Estava furiosa, não queria que ele me pegasse outra vez, não gostei de me sentir

tão indefesa, vulnerável. Então, agi depressa quando ele tentou me pegar pela cintura de novo. O problema é que ele foi mais rápido — sempre seria mais rápido —, e me vi de novo na cama, deitada de costas, com ele em cima do meu estômago.

Fiquei mole e me rendi, arfando como se já tivesse passado uma hora.

Ele apertou a mão que eu tinha mordido e fez uma leve careta de dor. Mas achei ter visto certo orgulho em seus olhos castanhos.

— Você não tem técnica nenhuma, foi um desastre quanto à teoria, mas foi selvagem, conseguiu me machucar. Podemos dar a aula de hoje por encerrada.

Ele saiu de cima de mim e, depois de me dar uma olhada rápida, virou e saiu porta afora.

Meu peito subia e descia… Fiquei ali pensando, analisando o que tinha acontecido. Definitivamente, seu jeito de ensinar não era nada sutil. Sebastian faria aquilo do jeito difícil. Eu ainda estava com falta de ar, ainda sentia o peso do seu corpo me imobilizando, de um jeito que eu não podia nem piscar.

Então lembrei que ele tinha me chamado de "linda". Sebastian me achava linda? Mas se achasse… por que tinha dito aquilo como se fosse o pior insulto do mundo?

Saí do quarto um pouco depois, de roupão e descalça, para enfrentar Sebastian de uma maneira sensata.

Eu não sabia direito como estava meu humor aquela manhã, mas era indiscutível que não tinha acordado da melhor maneira possível. Ele, ao contrário, estava lendo o jornal e tomando café. Quando cheguei, vi meu leite com mel pronto e a xícara repousando tranquilamente diante dele.

Será que aquele era seu jeito de dizer que estava tudo bem entre a gente?

Então me sentei e esperei que ele dissesse alguma coisa. Não disse.

— Sebastian, eu entendo que, para você, é um tédio ter que me proteger e tal, que precisa de um pouco de ação na vida, de alguma que o faça sentir como Rambo ou um G. I. Joe, mas eu agradeceria se não me usasse como saco de pancada, ok? Sei que fui eu que pedi que me ensinasse algumas técnicas de autodefesa, mas me acordar às cinco da manhã com um copo de água gelada na cabeça não estava nos meus planos.

Nesse momento, ele tirou os olhos do jornal e os fixou em mim.

— Não gosto de me sentir imobilizada pelo seu corpo. Pelo de ninguém, na verdade. Portanto, lamento, mas a partir de agora quero que você me ensine com um pouco mais de… doçura, se não se importar. Sei que a palavra "delicadeza" não existe no seu vocabulário, mas…

Uma gargalhada interrompeu meu discurso e baixei a xícara de leite antes mesmo

que chegasse aos meus lábios.

— Doçura? Delicadeza? — exclamou ele, revirando os olhos. — Marfil, isso aqui não é um conto de fadas, não é uma brincadeira. Não vou ensinar as coisas com delicadeza para você se sentir realizada. Se eu for ensinar, é para caso um dia você precise se defender sozinha, entendeu? Na verdade, pela primeira vez você teve uma ideia coerente, uma ideia que, como seu guarda-costas, eu deveria ter tido. Mas você tem razão, precisa aprender a se defender; não pode esquecer que foi sequestrada e que corre perigo.

Fiquei olhando para ele; não me ocorria nada inteligente para contra-argumentar.

— Portanto vamos treinar um pouco todos os dias. Vou lhe ensinar uns truques para você se sentir mais segura e…

— Segundo você, minha técnica é péssima — falei, involuntariamente olhando para a mão direita dele, a que eu tinha mordido com todas as minhas forças.

Sorri.

— Posso ver o estrago? — perguntei, entusiasmada.

Sebastian largou a xícara de café e me olhou com o cenho franzido.

— Só você mesmo para rir assim vendo a ferida que causou em outra pessoa — disse ele, tirando a gaze suja de sangue que cobria o machucado.

— Meu Deus! — exclamei, ignorando a acusação. — Sou muito selvagem. Dói?

— Não.

— Que pena.

Levei a xícara aos lábios e sorri, sem poder evitar.

— Voltando ao assunto… venha, vou te ensinar uma coisa — disse ele, girando sobre a cadeira e esperando que eu me levantasse e me aproximasse.

Fui, mas a contragosto. Não queria mais ter aulas com ele, estava com medo. Mas fui até ele, meio reticente.

Ele me puxou um pouco para que me aproximasse mais, quase me colocando entre suas pernas. Levou a mão ao meu pescoço e afastou meu cabelo, que caía em cascata sobre meu ombro direito.

— Este ponto aqui — disse, tocando com cuidado um lugar entre meu pescoço e a clavícula — se chama seio carotídeo. Se apertar por uns trinta segundos, a pessoa desmaia. Não por muito tempo, mas o suficiente para você sair correndo se alguém tentar alguma coisa.

Ele traçou círculos com os dedos sobre minha pele e senti um calafrio que me arrepiou inteira. Se ele percebeu, agiu como se não fosse grande coisa.

— É só pressionar? Simples assim? — perguntei, tentando falar normalmente, como se sua proximidade e seu toque não me afetassem.

— Não é tão fácil. A pessoa costuma resistir, mas é importante você saber o lugar exato desse ponto. Me dá sua mão — pediu.

Estendi a mão. Ele guiou meu polegar até o seio carotídeo. Notei seu pulso acelerado com o polegar e pressionei com suavidade. Senti seu sangue fluindo para o cérebro ou sei lá para onde. Será que ele também notou meu pulso acelerado?

Tracei dois círculos sobre sua pele, admirando o contorno de seu maxilar, querendo pôr minha boca ali, não meus dedos. Eu queria mordê-lo com força e sentir sua pulsação na minha língua…

Sebastian se levantou e quebrou o clima — porque, sim, o ar parecia ter desaparecido no pouco espaço que nos separava.

— Vire-se. Vou lhe ensinar como nocautear alguém com um golpe de taekwondo — disse ele.

Mas fiquei ali plantada, imóvel.

— Você acha que vou deixar você me aplicar um golpe de taekwondo?

Sebastian sorriu.

— Não vou te machucar… prometo.

Depois de avaliar seu olhar, senti que ele dizia a verdade.

Ele me girou e parecia estar se aproximando. Como havia feito no quarto, passou um braço pelo meu pescoço e o travou com o outro; com essa manobra rápida, prendeu-me em um abraço mortal. Eu já tinha visto esse golpe em muitos filmes, e sempre a pessoa tentava resistir, até cair no chão, inconsciente.

— Com um braço você contorna o pescoço e, com o outro, faz pressão. Entendeu?

O que eu entendia era que estava pressionada contra seu peito e que seu cheiro me dominava. Não que fosse um abraço romântico nem nada parecido, mas eu estava meio em transe.

— Pontos como esse são sensíveis. Pressionando, você consegue provocar uma dor indescritível, ou um desmaio momentâneo.

Eu poderia mostrar para ele meus pontos sensíveis… e o que acontecia se fossem pressionados bem direitinho…

Sorri, mas fiquei na minha.

Ele me soltou e me girou

— Agora, faça comigo.

Não pude evitar pensar em um sentido mais interessante para aquelas palavras.

— No sofá ou no meu quarto?

Eu achei graça, mas Sebastian nem se mexeu.

— Se vai levar na brincadeira tudo que eu…

Nossa... Foi só uma brincadeirinha boba…

— Ok, ok, desculpa. Como faço? — perguntei, séria e encarando Sebastian com um olhar de agressora.

— Acabei de explicar — disse ele.

Verdade, mas eu acabei prestando mais atenção na proximidade de nossos corpos que no que saía de sua boca.

— Não sei se reparou, mas você é bem mais alto que eu — retruquei, levantando um pouco o queixo para poder olhar nos olhos dele.

Ele parecia um armário!

— A maioria dos homens que você vai encontrar por aí vai ser mais alta que você.

— Está me chamando de baixinha?

— Não, Marfil, não estou te chamando de baixinha. É apenas um fato.

Ele parecia estar perdendo a paciência.

— Ok, ok — repeti, e me posicionei atrás dele. — Vou te atacar, e você vai se arrepender de ter me ensinado seus segredos mais obscuros.

Eu tinha certeza de que ele estava revirando os olhos.

Caramba, ele era enorme, eu não poderia atacar aquele homem nem se quisesse.

Eu me afastei uns metros para pegar impulso, corri e pulei nas costas dele. Sebastian nem se mexeu, mas acho que ele não esperava. Enrosquei as pernas nos quadris dele e me pendurei como um macaco. Sem hesitar nem dar tempo para ele brigar comigo, fiz o que achava que tinha que fazer. Passei um braço por seu pescoço e dei uma chave de braço com o outro.

Ele me guiou um pouco com a mão para que eu pressionasse melhor aquele seio sei lá de quê.

— Assim — disse ele, direcionando melhor o golpe. — Pressione com mais força, Marfil. Desse jeito, parece que está me dando um abraço carinhoso.

Caralho, não estava conseguindo nem fazer ele falar com dificuldade.

Apertei com força, mas ele saiu andando, me levando nas costas.

— Isto é o que qualquer agressor vai fazer se você montar nas costas dele — explicou, e me fez bater na parede.

Soltei imediatamente aquele pescoço enorme e todo o ar saiu dos meus pulmões. Ele não me bateu contra a parede com força demais, só o suficiente para me desorientar. Segurou minhas pernas para que eu não caísse e eu, por reflexo, me agarrei no seu pescoço.

— Você não pode deixar isso acontecer. Se a pessoa começar a andar com você nas costas, tem que estar preparada para qualquer impacto.

Claro, como se fosse fácil.

Ele se afastou da parede e me soltou. Quando olhou para mim, estava tranquilo, como se nada tivesse acontecido; eu arfava como uma idiota.

— Por hoje é só.. Vá se vestir, ou vai chegar atrasada na faculdade.

Olhei a hora no relógio da cozinha e me surpreendi. O tempo tinha passado muito rápido.

Tentei esquecer a sensação de ter Sebastian tão perto de mim, sentir suas costas musculosas no meu peito… seus braços de ferro pressionando meu pescoço…

Ai, caralho, por que o taekwondo me parecia a coisa mais romântica do mundo?

Corri para o quarto e me vesti depressa. Ao me olhar no espelho, notei um brilho nunca visto nos meus olhos.

Sebastian… O que você está fazendo comigo?

17

Manfil

Finalmente chegaram as férias de primavera e, com elas, o avião particular do meu pai. Ele não costumava me emprestá-lo, eu só viajava nele quando íamos juntos a algum lugar, mas como eu ainda corria perigo — coisa que, para mim, já tinha ficado no esquecimento, apesar de todo mundo insistir em me lembrar —, tinha direito a viajar como uma ricaça. Minha irmã viajaria de avião comercial mesmo, mas me disseram que ela também tinha um guarda-costas.

Fomos de carro até o terminal onde nos esperavam. De repente, fiquei muito feliz porque Sebastian ia conhecer o lugar onde eu havia crescido — bem, onde passava as férias do internato. Queria mostrar os estábulos para ele, a biblioteca, a piscina aquecida, o riacho…

Eu sabia que, em uma casa tão grande, certamente a gente não iria passar mais o dia inteiro juntos. Até porque, aquela casa era totalmente inacessível, ali eu estaria segura. Mas não podia deixar de fantasiar como seria mostrar para ele tudo que eu amava perdidamente naquele lugar.

Quando desci do carro e vi o imponente avião do meu pai, senti uma coisa estranha. "Ostentação demais", pensei. Sebastian ficou conversando com o piloto, Carter, enquanto eu entrava e me sentava perto de uma das janelas, na poltrona de couro bege bem maior que as de um avião convencional. Meu pai e meu tio usavam o avião para as viagens de negócios, mas eu sabia que ele também servia para suas escapadas a Las Vegas; mas, sobre isso, era melhor não saber. O avião estava reluzente e bem cuidado, mas eu não queria nem imaginar as coisas que eles já deviam ter feito naquele enorme tubo de metal.

Sebastian saiu pela porta da cabine e, depois de me lançar um breve olhar, foi para a última poltrona do avião, a mais longe de mim.

Suspirei.

A gente continuava treinando e, às vezes, aquelas aulas implicavam muito contato físico, mas Sebastian nunca mais cedeu nem um pouquinho em relação a mim. Por mais que eu tentasse provocar outra aproximação entre nós, ele parecia ter erguido uma muralha mais alta que a de *Game of Thrones* e simplesmente fazia seu trabalho. Sim, estávamos nos dando melhor; era inevitável não desenvolver certa confiança passando vinte e quatro horas por dia com a pessoa; descontando as três horas que

ele tirava quando precisava "arejar a cabeça" — palavras dele, não minhas. Mas ele continuava distante e eu não gostava daquilo. Eu gostava de tirar Sebastian do sério, ou pelo menos tentar. Ele tinha uma paciência infinita, eu tinha que admitir, e um talento extraordinário para ignorar as minhas insistentes insinuações.

Quando os pilotos e as duas comissárias se acomodaram e avisaram que estávamos prontos para decolar, tirei o cinto e fui até o fundo do avião. Sentei ao lado dele, que estava de olhos fechados, ouvindo música com seu iPod cinza.

Quando notou minha presença, não abriu os olhos, só disse com a voz calma:

— Volta pro seu lugar, Marfil.

Coloquei o cinto.

— Aqui a vista é melhor — respondi.

Sebastian abriu os olhos e me encarou como se eu tivesse acabado de dizer uma bobagem.

— Tem oito lugares neste avião e você precisa se sentar justo comigo? Já não é suficiente ter que me aguentar no seu pé o dia inteiro?

Pelo seu tom de voz, parecia que era ele quem estava de saco cheio de cuidar de mim. Será que eu tinha drenado a energia dele? Meu pai costumava dizer que é o que eu faço com as pessoas.

— Tenho medo da decolagem e da aterrissagem — respondi, olhando pela janela.

Na verdade, eu me sentia uma idiota porque queria estar com ele, mas Sebastian, ao contrário, parecia estar cansado de me ter por perto o tempo todo. Mas, ao me levantar para voltar ao meu assento, ele pegou meu braço e me puxou de volta.

Tirou os fones e perguntou, olhando para mim:

— Tem medo do quê, exatamente?

Reparei em seus olhos: castanhos, de um tom marrom-claro. Quando o sol os encontravam, ficavam quase da cor do mel. Como naquele momento. O entardecer havia caído e banhava o avião com uma luz alaranjada que chegava a atrapalhar a visão. Ele me olhava nos olhos, mas de uma forma diferente, e eu o correspondia. Sebastian me observava com admiração. Eu sabia o que seus olhos estavam vendo: quando o sol me cobria, o verde das minhas íris ficava claro como a água límpida de um riacho, e, reparando bem, dava para ver os três pontinhos turquesa em meu olho esquerdo.

Sebastian não disse nada, não fez um comentário nem um elogio, e preferi assim. Por quê? Porque fugia do comum. Quando todo mundo só te elogia, chega uma hora que os elogios viram o esperado, o básico, algo que já nem parece especial.

— Uma vez, em uma viagem à Espanha, passamos por uma tempestade que

quase derrubou o avião. Estávamos eu, meu pai, minha madrasta, Elisabeth, e minha irmã, Gabriella, que tinha três aninhos naquela época. Eles estavam sentados nas poltronas da frente — falei, apontando para o grupo de quatro poltronas, duas de frente para outras, com uma mesinha no meio. — Como eles queriam que a Gabriella dormisse durante o voo, ela ocupava duas poltronas, e eles me puseram aqui atrás. Quando a turbulência começou, o comandante mandou que a gente não saísse da poltrona e que ficássemos com o cinto de segurança. Eu estava sozinha e a turbulência chacoalhava tanto o avião que parecia que ia se partir ao meio. Senti tanto medo que comecei a gritar e a chorar, pedindo pro meu pai se sentar ali comigo. A Gabriella chorava e dava uns gritos infernais. A Elisabeth cuidava dela. E o meu pai gritava com os pilotos, querendo saber o que estava acontecendo.

Baixei o olhar um instante e prossegui:

— Como ninguém me dava atenção, soltei o cinto. Eu só queria segurar a mão do meu pai, precisava ir até ele, estava morrendo de medo. Aí, passamos por outra turbulência terrível, bem na hora que saí da minha poltrona. Foi tão forte que me jogou pelo ar e bati cabeça na quina de uma das portas, que acabou se abrindo enquanto o avião chacoalhava.

Sebastian escutava minha história em silêncio. Virei o rosto para a janela e fiquei olhando para fora, até que prossegui:

— Além do corte horrível na testa — continuei, levando a mão à cicatriz que tinha na linha do cabelo —, meu pai me deu uma surra por eu ter levantado.

Olhei para o Sebastian. Ele estava tenso, com a mão direita fechada em punho e o maxilar cerrado.

— Foi só aquela vez, depois ele nunca mais encostou a mão em mim… mas bastou para que a Elisabeth pedisse o divórcio. Eles se separaram dois anos mais tarde, depois de uma luta violenta pela guarda da Gabriella, que, obviamente, meu pai ganhou.

O avião começou a correr pela pista. Olhei para fora, nervosa… e então senti Sebastian segurar a minha mão.

Olhei para ele e sorri vendo nossas mãos unidas. Sem dizer nada, apertei a dele com força, com toda a força de que precisei.

Uma hora e meia depois, eu não conseguia pegar no sono. As luzes estavam apagadas e lá fora não dava mais para ver a cidade abaixo de nós. Eu queria dormir; assim passaria mais rápido o desconforto de andar de avião.

Sebastian estava com os olhos fechados, mas eu sabia que não estava dormido.

— Sebastian… — chamei baixinho.

— Hum — respondeu ele, sem abrir os olhos.

— Você tem algo pra ajudar a dormir? Um remédio milagroso, um Valium ou algo do tipo?

Ele logo abriu os olhos.

— Tenho cara de quem usa essas merdas?

Na verdade, ele não tinha, não.

— Estou cansada, quero dormir.

— Feche os olhos e durma.

— Não consigo. Já tentei de tudo… até contar carneirinhos, mas não deu certo.

— Conte coelhos, então. Com certeza vai funcionar.

Sebastian Moore fazendo piadinhas?!

Tentei me ajeitar na poltrona de novo. Estava desconfortável.

— Posso deitar a cabeça no seu colo?

— Não.

Caralho…

— Só um pouquinho, para poder esticar um pouco mais as pernas… — expliquei, sem segundas intenções. Só estava mesmo me sentindo desconfortável.

— Estamos em um avião particular, há seis poltronas bem confortáveis para você se deitar e parar de me encher o saco.

— Por acaso não ouviu a história da turbulência? — perguntei, erguendo o olhar. — Se eu for para outra poltrona e, por alguma razão, o avião cair, vou morrer sozinha, sem ninguém ao meu lado. Não quero morrer sozinha. Não sei você, mas eu acho isso muito triste, e aquela experiência já foi suficiente para mim e…

— Pelo amor de Deus, fica quieta um pouco — pediu ele, levantando o apoio de braço. — Anda, deita aqui e fecha o bico — acrescentou, perdendo a paciência.

Sorri.

— Obrigada, Sebastian, você é um cara legal.

Com a cabeça em sua perna, eu me enrosquei toda em posição fetal na poltrona.

Que delícia… Sua perna era dura como pedra, e isso não era um problema. Tentei dormir, mas não consegui. Até que, depois de uma hora, quando eu estava quase dormindo senti seus dedos acariciando meu cabelo.

Sebastian deve ter achado que eu estava apagada, caso contrário não teria feito aquilo. Seus dedos, longos e masculinos, acariciavam desde o meu couro cabeludo até as pontas dos meus cabelos. Quase ronronei, naquele estado de sonolência, quando ele começou a acariciar minha orelha.

Será que eu estava sonhando? Estava acontecendo ou era tudo fruto da minha

imaginação?

O que sei é que passei ali, deitada no colo dele, as cinco horas e meia de duração do voo até Luisiana. E aproveitei cada segundo.

Peter Vertes esperava a gente no terminal para nos levar para casa. O motorista do meu pai sempre foi legal comigo e com a minha irmã, por isso, quando vi o Peter, já fui correndo para dar um abraço nele.

— É um prazer vê-la, senhorita — disse ele, formal como sempre. — Senhor Moore, é um prazer conhecê-lo — acrescentou, olhando para Sebastian.

Sebastian estendeu a mão e ajudou Peter a guardar a bagagem no porta-malas da Mercedes.

Entramos no carro — eu atrás — e Sebastian começou a conversar com Peter. Eu estava começando a ficar desanimada. Isso sempre acontecia quando sabia que teria que ver meu pai. Minha personalidade e a dele eram incompatíveis, e eu tinha que manter a minha em "níveis suportáveis", como ele dizia. Era horrível saber que, qualquer coisa que eu fizesse ou dissesse, sempre deixaria meu pai incomodado.

Minha casa na Luisiana era muito luxuosa, mas era o meu lar, no fim das contas e eu gostava de lá… especialmente quando meu pai não estava. Sorri assim que cruzamos a entrada, pensando que poderia montar em Philippe, meu lindo e adorado cavalo, que me fazia muita falta. Depois do sequestro, passei tão pouco tempo em casa que nem vi o Philippe direito. Depois de dois meses, eu finalmente conseguiria fazer alguma coisa sozinha.

Quando Peter parou o carro na entrada, Rob, o São Bernardo do meu pai, começou a latir e correr na nossa direção. Ele era quase do tamanho de um pônei, quando eu era pequena, morria de medo dele. Só chegamos a uma trégua quando eu, aos catorze anos, parei de tentar montar nele… E o fato de meu pai ter me dado o Philippe me ajudou a deixar o pobre cachorro em paz.

Afaguei suas orelhas com carinho e entrei para dar oi para a Lupita, que me esperava na entrada, como sempre, para me dar as boas-vindas.

— Oi, Lupe! — cumprimentei, dando-lhe um abraço.

— Ai, menina, me diga que está bem e que ninguém fez mal pra você de novo… — falou, segurando o meu rosto para ter certeza de que eu estava sã e salva.

Nesse momento, Sebastian entrou, carregando a minha mala e a sua mochila.

Ambos se olharam. Sebastian estendeu a mão para a Lupita e se apresentou.

— Esse é o cara que garante a minha segurança, Lupita — expliquei sorrindo para ele.

— Ai, meu jovem, cuida dela, por favor. A Marfil é uma égua desembestada, e, quando não se mete em problemas sozinha, os problemas é que vão atrás dela.

Fiz uma careta, mas Sebastian deu um sorriso e assentiu.

— Eu sei muito bem.

Olhei para os dois, estreitando os olhos.

— Pelo amor de Deus, eu sou um anjo caído do céu — brinquei, piscando várias vezes.

— Marfil, acho que a palavra anjo seria a última que eu escolheria para definir você, filha. — Ouvi a voz de meu pai atrás de mim.

Por instinto, logo fiquei tensa, mas, em seguida, consegui relaxar e me virar para ele.

Ele me deu um abraço e senti seu perfume me envolver e se impregnar na minha roupa.

— Como você está? — perguntou, depois me soltou e me olhou de cima a baixo.

— Bem, bem — respondi, tranquila.

Meu pai não disse mais nada e foi até Sebastian.

— Como vai, rapaz? — disse, dando um tapinha nas costas dele, muito simpático. — É um prazer ver você de novo, Sebastian. Espero que minha filha não esteja dando muito trabalho.

Sebastian sorriu. Fiquei surpresa ao ver que eles já se conheciam. Meu humor mudou quando lembrei que Sebastian havia me dedurado pro meu pai e me feito cancelar as aulas de balé.

— Tudo em ordem, sr. Cortés. Só tenho alguns assuntos que gostaria de tratar com o senhor.

Meu pai assentiu, sorridente.

— Claro, claro! Amanhã teremos uma reunião com Logan, não se preocupe. Mas pode me chamar de Alejandro, já falei isso mil vezes.

Mil vezes…

Eu não estava gostando nada daquilo.

— Vocês já se conheciam?

Sebastian trocou um olhar com o meu pai e entendi que estavam me deixando de fora de alguma coisa. Atitude que eu já esperava do meu pai, mas de Sebastian, não.

— Você acha que eu ia mandar qualquer pessoa para proteger você? — respondeu, de muito bom humor.

Não respondi e mudei de assunto:

— Quando a Gabriella chega?

Meu pai franziu o cenho ao ouvir o nome da minha irmã mais nova.

— Daqui a três dias.

Assenti e fui a pegar minha mala, mas Sebastian se adiantou.

— Eu ajudo — disse, todo educado.

Deixei que me acompanhasse até o meu quarto porque queria ficar sozinha com ele. Eu já havia me acostumado a estar sempre a sós com Sebastian, era estranho ter tanta gente por perto tão de repente.

— Não sabia que você conhecia o meu pai — disse quando chegamos à porta do quarto.

Eu a abri e entrei, esperando que ele fizesse o mesmo.

Mas não.

— Ele me contratou. Então, é claro que eu conheço o seu pai.

— Normalmente, é o Logan Price quem cuida da segurança da família, não meu pai, e achei vocês dois bem amiguinhos…

Sebastian me olhou da porta, impassível.

— Ele vai com a minha cara, só isso.

Isso não era pouca coisa. Alejandro Cortés não ia com a cara de todo mundo.

— Você deve ter feito alguma coisa pra ele te tratar desse jeito.

— Cuidar da filha dele não é o suficiente?

Sorri, mas a alegria não chegou aos meus olhos.

— Nada que tenha a ver comigo deixa o meu pai tão de bom humor assim, pode acreditar.

Sebastian endireitou os ombros.

— Precisa de mais alguma coisa? Quero descansar.

Então me lembrei dos seus dedos no meu cabelo e quase perdi a paciência. Por que Sebastian tinha que ser tão carinhoso e tão frio ao mesmo tempo?

— Quais são as regras agora? Ainda preciso chamar você toda vez que eu quiser ir a algum lugar?

Sebastian me olhou como se não entendesse minhas perguntas.

— São as de sempre, Marfil. Por isso estou aqui.

Ah, claro.

Não perguntei mais nada porque algo me dizia que era melhor eu não saber que regras eram aquelas e porque, apesar da sua frieza habitual, achei que ele estava estranho. Eu queria muito perguntar, mas deixei pra lá. Pelo menos por aquela noite.

Sebastian foi embora sem dizer muito, e fiquei observando suas costas enquanto ele desaparecia pelo corredor. Tomei uma chuveirada rápida e vesti um dos poucos pijamas que eu tinha naquela casa. Normalmente eu passava só um mês do verão ali,

e fazia uma ou outra visita rápida como esta, por isso a maior parte das minhas roupas ficava em Nova York.

Era bem tarde, então fui direto para a cama e, antes que percebesse, já estava dormindo.

Na manhã seguinte, desci cedo para tomar o café. Não havia dormido direito, coisa que as olheiras entregavam. Não dei muita importância, estava a fim de passear pelos campos do meu pai, andar a cavalo ou nadar na piscina aquecida, no subsolo, um dos meus lugares preferidos.

Lupita me recebeu toda feliz como sempre, e, enquanto preparava meu café da manhã, aproveitamos para pôr o papo em dia. Ela me contou que, depois do meu sequestro, minha irmã passara a ligar todos os dias para saber se estava tudo bem, querendo estar sempre a par de qualquer novidade. Ela não me ligava porque tinha medo de que eu mentisse para não assustá-la.

— Essa menina te adora, Marfil — disse ela, sorrindo e começando a descascar umas batatas.

Continuamos conversando um pouco. Depois, eu me despedi dela com um sorriso e a promessa de não arranjar nenhuma confusão. Justo quando eu estava saindo pela porta da sala, vi Sebastian chegar pelo corredor que levava ao escritório do meu pai. Fiquei chocada quando vi que ele usava terno e gravata. Os seguranças do meu pai sempre se vestiam assim, mas eu estava acostumada a ver Sebastian só de calça jeans e tênis.

Ele não estava sozinho. Um homem um pouco mais novo e mais baixo, vestindo um terno muito parecido com o de Sebastian, caminhava ao seu lado.

— Marfil, este é Louis Wilson — disse bem sério, enquanto o tal Louis estendia a mão para me cumprimentar. — Ele vai te acompanhar durante esse período até a chegada da sua irmã.

Franzi o cenho.

— Você também é guarda-costas? — perguntei, enquanto Louis me olhava de cima a baixo, discretamente.

Ele era bonito, mas nada fora do normal. Loiro, olhos verdes, lábios finos e nariz aquilino.

— Sim, senhora — respondeu, parecendo nervoso de repente.

Olhei para Sebastian de soslaio.

— Pode me chamar de Marfil — disse, toda simpática, e logo franzi o cenho para meu guarda-costas. — Você vai embora?

Sebastian sustentou meu olhar sem pestanejar.

— Não, só não vou poder te vigiar o dia todo.

— Quando você diz "vigiar", eu me sinto uma presidiária — respondi, ácida.

Ao seu lado, Louis nos lançou um olhar curioso.

— Achei que fosse gostar de uma folga de mim — respondeu ele, seco.

Ou é você quem quer uma folga de mim, Sebastian?

— Ou talvez você tenha algo muito mais importante pra fazer do que impedir que eu morra.

Sebastian não caiu na minha provocação. Deu um passo na minha direção e parou a meio metro de distância.

— Comporte-se — disse, me ameaçando com o olhar. — Wilson tem potencial, mas é novo nisso. Por favor, não faça ele desistir antes de começar.

— Às vezes sua simpatia me tira do sério.

Ele quase sorriu.

— Ela é toda sua, Wilson — concluiu ele. — Qualquer coisa, você sabe onde me encontrar.

Ele não saiu pela porta, foi para a ala dos empregados.

Por que será que ele estava precisando de um substituto?

Encarei Wilson com um sorriso curioso.

— Todo mundo chama você de Wilson? — perguntei, e me dirigi para as portas que davam para fora.

Ele me seguiu.

— Sim, senhora — disse ele de novo, e o olhei de cara feia. — Marfil, desculpe.

— Você já andou a cavalo, Wil? — perguntei. — Se importa se eu te chamar de Wil?

Ele negou, sorrindo.

— Pode me chamar como quiser, e, sim, sei montar a cavalo.

Sorri. Wilson era muito mais simpático que Sebastian.

— Ótimo, porque quero ficar longe destas paredes o máximo de tempo possível.

Atravessamos o quintal dos fundos, onde ficava a imensa piscina cercada de espreguiçadeiras e a churrasqueira, e nos dirigimos ao estábulo. Meu pai criava cavalos, não ali, em Montana, mas em Luisiana tínhamos os dez melhores exemplares de frísios, e um deles era meu Philippe. Eu havia posto esse nome nele por causa do cavalo da Bela, de *A Bela e a Fera*, um dos meus filmes preferidos quando era criança.

Ao entrar, vimos Colin, um homem de uns sessenta anos que cuidava das cocheiras. Entendia tanto de animais que, mesmo não tendo diploma de veterinário,

era como se fosse um.

— Vai montar, srta. Cortés?

Assenti, sorrindo para ele. Era impossível exigir que ele me chamasse pelo nome. Eu já tinha desistido havia muito tempo.

Sem esperar que ele preparasse meu cavalo, quase cheguei ao final das quadras. Philippe era um cavalo lindo, branco com patas pretas e crina brilhante. Quando entrei, ele relinchou, contente. Acariciei sua testa e entre os seus lindos olhos, ele adorava.

— Olá, lindeza! — disse entusiasmada.

Eu adorava tanto aquele cavalo.

Colin nos ajudou a selar os cavalos. Wilson ia usar o da minha irmã, uma égua linda, preta, muito mansa, chamada Glitter.

Com tudo pronto, montamos e fomos para o campo. Antes de sair galopando na direção contrária à casa, avistei Sebastian. Estava nos observando da varanda do segundo andar. O olhar de advertência que me lançou só me fez sair a uma velocidade maior ainda.

Você não disse que não tinha tempo para me proteger? Então vá se foder, Sebastian.

Wilson sabia cavalgar, mas o básico, por isso não pude curtir como gostaria. Cavalgar a toda velocidade até chegar ao campo vizinho e atravessar o riacho era um dos meus passatempos preferidos quando criança, e fiquei muito brava por não poder fazer o mesmo. Mas também não ia arrastar o coitado do Wilson comigo, ele podia acabar se machucando.

Não queria dar razão a Sebastian.

Então, fiz um tour com ele pelos campos do meu pai, atravessamos a granja abandonada onde eu brincava com a Gabriella, a plantação de cana-de-açúcar e de algodão… Os carvalhos centenários ficavam maravilhosos na primavera, e as azaleias cor-de-rosa tomavam conta do lugar. Uma paisagem maravilhosa.

Chegamos quase no pôr do sol. Não comemos nada desde o café da manhã, por isso deixamos os cavalos e fomos direto para a cozinha.

Eu gostei da companhia do Wil, ele era muito simpático e divertido. Minha irmã tinha sorte de ter aquele guarda-costas. Além do mais, ele não era nada paranoico. Passear com ele foi como sair com um amigo.

Quando chegamos à cozinha, ambos sujos de barro, água e todo tipo de folhas, vi Sebastian com o notebook na frente dos olhos e uma cara de poucos amigos. Isso me fez lembrar como era ficar com ele na minha cola o dia inteiro, todo santo dia:

nada divertido.

— Como foi o dia? — perguntou, fechando o notebook e se levantando.

Wilson foi até a geladeira pegar água. Fiquei observando Sebastian, tentando decifrar o que seu olhar escondia.

— Divertido — respondi, seca.

— Que bom.

Depois disso, ele saiu sem dizer mais nada.

Nos dois dias seguintes, mal o vi. Ele parecia me evitar de propósito. Isso me incomodava demais. Sebastian tinha deixado Wilson de babá e sumido.

Mas as férias dele não iam durar muito, minha irmã chegaria no dia seguinte e Sebastian teria que voltar ao trabalho.

Eu queria muito saber o que ele ficava fazendo o dia inteiro. Primeiro, achei que ficasse vendo filmes na Netflix, mas, depois, vi Sebastian entrando e saindo do escritório do meu pai em várias ocasiões.

Eu encontrava meu pai no jantar, a gente conversava um pouco e, depois, cada um ia para o seu quarto. Normal.

Aquela tarde, decidi ir nadar sozinha, sem avisar nem Wilson nem Sebastian. Coloquei meu maiô vermelho preferido e desapareci pelas longas escada que me levavam ao subsolo, onde ficava a academia e a piscina aquecida.

Ainda estava frio para nadar na de fora. Além do mais, aquela piscina era uma das coisas de que eu sentia falta em Nova York.

Eu gostava muito de nadar, era relaxante. Conectei meu iPod nas caixas de som, deixei a toalha em uma das cadeiras e pulei na água sem pensar duas vezes.

Foi gostoso, pelo exercício e por finalmente ficar sozinha, mesmo que por pouco tempo. Não sei quanto tempo fiquei nadando, mas atravessei a piscina várias vezes. Quando finalmente decidi parar e apoiar a cabeça na borda, já tinha se passado pelo menos uma hora.

Minha respiração ofegante e meu coração acelerado por causa do exercício quase pararam quando vi Sebastian encostado em uma das paredes da academia.

Depois da nossa breve interação na cozinha, de quando voltei do passeio a cavalo, não voltamos a nos encontrar,.

Fiz força nos braços e subi pela borda. Pingando, fui até onde ele estava, não porque estivesse ansiosa para falar com ele, mas porque minha toalha estava lá.

Ele não tirou os olhos de mim até eu parar bem na frente dele.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntei, pegando a toalha e me

enrolando nela.

— Wilson está há duas horas te procurando — disse, em vez responder.

Era impressão minha ou ele tinha me olhado com desejo?

— Faz dois dias que a gente não se vê e você só veio aqui para me dar uma bronca?

— Você tem que avisar aonde vai, Marfil.

Observei sua calça de academia, sua regata branca, e desejei aquele homem. Sentia sua falta e me dava raiva ver como ele estava frio comigo desde que chegamos à casa do meu pai.

— Queria ficar sozinha.

Sebastian apertou os lábios, mas não disse nada.

— Você ia treinar? — perguntei.

As gotas de água caíam do meu cabelo pela testa e deslizavam pelo pescoço até se perderem no decote do maiô.

Entendi isso pela direção dos olhos de Sebastian.

— Ia — respondeu.

— Minha presença fez você mudar de ideia?

— Decidi retomar meu trabalho — respondeu ele, desviando o olhar, mas logo voltando a me olhar. — Percebi que não é uma boa ideia deixar você nas mãos de outro.

Seus olhos se detiveram no arranhão que eu tinha no joelho direito. Eu tinha caído do cavalo ao dar um salto que não acabou muito bem. Nada de mais, só tinha arranhado a pele; mas já estava começando a cicatrizar.

— Foi culpa minha, não do Wilson — disse, me antecipando.

— Eu sei — disse ele, concentrando-se na minha boca. — Você não parou desde que chegamos.

Dei de ombros.

— Sou uma garota selvagem.

Ele não retrucou, e, de repente, senti uma necessidade urgente de seus dedos tocando meu rosto, braço, cabelos… Queria sentir de novo o que meu corpo sentia quando encostávamos um no outro.

— Você deveria ir para o seu quarto agora — disse ele, quando o clima entre nós dois ficou intenso demais para suportar.

Olhei para a academia à nossa esquerda.

— Acho que vou aproveitar pra me exercitar um pouco.

— Você nadou durante uma hora.

— Finalmente respondeu à minha primeira pergunta! — respondi, deixando cair

a toalha e ficando de maiô na frente dele.

Seus olhos percorreram minhas pernas durante um segundo.

Eu me inclinei para pegar a calça e a vesti com excessiva tranquilidade.

— Acho que vou de kick boxing — acrescentei, passando por ele e entrando na academia.

Havia tudo que se pode imaginar ali: esteiras, elípticos, todo tipo de pesos, bicicletas, equipamentos, sacos de boxe…

Eu não fazia ideia de como praticar kick boxing, mas estava tentando estender aquele momento com Sebastian.

Ele foi atrás de mim, exatamente como eu esperava, e ficou me observando em silêncio enquanto eu escolhia umas luvas que ficavam enormes em mim.

Quando coloquei a primeira, já percebi que não ia conseguir pôr a segunda, minha mão direita estava imobilizada pela luva.

Sebastian apareceu à minha frente.

— Por que pegou as luvas?

Pisquei duas vezes antes de responder.

— Porque, senão, vou me machucar, não acha?

Sebastian estendeu a mão com a palma para cima.

— Me dá isso aqui — disse. — Se um dia alguém te atacar, você não vai estar de luvas.

Tirei a luva e entreguei para Sebastian, achando que ele iria retomar nossas aulas de autodefesa.

— Dar socos e pontapés é bom, mas é preciso muito treinamento e, acima de tudo, muita força para que dê resultado.

Sebastian jogou as luvas de qualquer jeito e me deu as costas. Foi até o centro da academia, onde o piso era um tatame preto.

— Venha — chamou, bem sério.

Fui e fiquei olhando para ele, indecisa.

— Quando você acha que uma mulher fica mais vulnerável para ser vítima de um ataque?

Pensei durante alguns segundos.

— Quando o homem fica em cima dela.

Sebastian assentiu em silêncio.

— Deita.

Meu coração parou por um segundo, e, depois, acelerou.

Obedeci, me deitando de costas enquanto ele me olhava de cima. Daquela posição, Sebastian parecia maior ainda.

— De fato, quando um homem imobiliza uma mulher no chão, ela fica em uma posição muito vulnerável, a mais vulnerável, eu diria. Mas isso não significa que não possa se libertar, que não possa, inclusive, virar o jogo e deixar o agressor em perigo.

Então, ele se agachou e apoiou a mão nos meus joelhos.

— Abra as pernas — ordenou, já se posicionando entre elas.

Sim, eu poderia ser atacada naquela posição, que, por sinal, era no meio das minhas pernas. Não dava para ignorar que ele estava bem ali, caralho.

Ele me olhou nos olhos por um instante e levantou minhas pernas.

— Vou te ensinar o que fazer se alguém tentar te violentar.

Sebastian falou tão sério que qualquer pensamento sexual ou amoroso sumiu da minha cabeça.

Foquei toda minha atenção nele.

— As pernas são seu maior apoio. Quando alguém está por cima de você, acha que a batalha está ganha e, de fato, tem muitos pontos a favor do agressor. Acredite, de onde estou agora, tenho a ajuda da gravidade e do entorno para te chutar e ou socar até a morte.

Um calafrio percorreu meu corpo.

— Portanto esta é a primeira coisa que você deve fazer: cruze os tornozelos às minhas costas com toda sua força, para não soltar — disse, passando minhas pernas atrás dele. — Depois disso, você me pega pela nuca e me puxa pro seu pescoço.

Será que ele sabia que o que estava me pedindo provocava uma lista enorme de sentimentos e reações em mim? Reações que eu não podia controlar?

— Vamos, Marfil.

Levei a mão à nuca de Sebastian. Meu Deus… não o tocava assim desde nosso primeiro e único beijo. Puxei-o como se estivesse lhe oferecendo meu pescoço e esperasse que me beijasse até me arrancar gritos de prazer.

— A ideia é você me segurar com força pra conseguir passar pro movimento seguinte.

Dessa vez, ele levantou a cabeça para olhar para mim.

— Agora, você tem que agir depressa e com firmeza — disse, com os olhos cravados nos meus. — Com a mão direita, suba minha camiseta pelas costas até o pescoço, segure bem, encaixe os dedos para me manter bem preso; depois, aperte as pernas ao redor do meu quadril, cruze o outro braço e me enforque em cruz com os dois. Em seis segundos, não vou conseguir respirar.

Fiquei olhando como se ele tivesse acabado de falar em japonês.

— Na parte de subir a camiseta já me perdi.

Sebastian revirou os olhos e se levantou.

— Vamos fazer ao contrário para você entender. Venha — disse, e estendeu a mão para me levantar.

Ele olhou para os dois lados procurando alguma coisa.

— Você não veio de camiseta?

Neguei com a cabeça. Havia posto só a calça por cima do maiô e não havia descido com mais nada além da toalha.

— Vou te emprestar a minha para a gente praticar o movimento. Depois, tentamos de novo.

Espere, espere… você vai tirar a camiseta?

Claro que ele ia tirar a camiseta. E tirou com um único movimento. Meus olhos ficaram enfeitiçados, fixos nos músculos que ela escondia, que eu só tinha visto muito brevemente uma vez.

Jogou a camiseta para mim e, ao bater no meu peito, ela me fez sair do transe.

— Foco, Marfil.

Foco? Com aquele corpo nu diante dos meus olhos? Vi uma tatuagem de caveira no peitoral esquerdo dele, não gostei nem um pouco, mas guardei a imagem para analisá-la depois e fiz o que ele me pediu. Vesti a camiseta em cima do maiô e tentei controlar meus hormônios. Ele estava me deixando louca, será que não percebia?

Sebastian se deitou no chão e fez sinal para que eu me posicionasse como ele havia feito antes comigo.

Sebastian. Embaixo de mim. Sem camiseta. Alguém me belisca, por favor?

Caralho!

Eu me posicionei entre suas pernas e ele as passou em volta de mim sem perder tempo. Sebastian era enorme e eu, comparada a ele, minúscula. Se ele cruzasse os tornozelos às minhas costas, suas pernas ficariam folgadas ao meu redor, porque… sobrava espaço. O vão que suas pernas formava era maior que o meu tronco.

— O importante é que você entenda o que vem depois — explicou.

Sebastian levou a mão à minha nuca e me puxou para baixo.

— Quando eu estiver assim, você sobe a minha camiseta — disse, e, ao mesmo tempo, seus dedos correram por minhas costas até deixar a camiseta enrolada à altura de minha nuca.

Eu estava recostada sobre seu peito, mas ele não me dava tempo para fantasiar. Agia depressa e bruscamente. Era uma demonstração de como eu deveria agir caso alguém me mantivesse naquela posição, se quisesse sair viva para contar história.

— Levante a cabeça — pediu.

Levantei. Sua boca estava a menos de quinze centímetros da minha, seu maldito cheiro estava por todo lado e, ainda por cima, seus dedos estavam roçando uma das

partes mais sensíveis de meu corpo: o pescoço.

— Com esta mão — disse, levantando a direita —, segure a gola da camiseta com força.

Ao fazer isso, fui quase imobilizada com a cabeça acima da sua.

— Aí, você aperta meu quadril com as pernas — ele simulou o gesto com os joelhos — e cruza o braço esquerdo… assim.

Minha cabeça estava presa entre seus braços cruzados. Eu não podia me mexer, não podia fazer nada.

— Agora, faça força.

Ele fez, e eu entendi o que estava me explicando. Só dois segundos, e quando me soltou, comecei a tossir tentando respirar.

— Entendeu?

Assenti, passando a mão no meu pescoço.

— Acha mesmo que eu poderia sair ilesa contra alguém como você?

Sebastian me pegou pela cintura e levantou a nós dois com um só movimento.

— Contra alguém do meu tamanho, sim. Contra alguém como eu, não.

Foi a minha vez de revirar os olhos.

— Você é meio convencido, né?

— Devolve a minha camiseta e deita — exigiu, sem dar bola para o que eu tinha dito.

Na verdade, ele parecia querer acabar o quanto antes com aquela aula.

Arranquei a camiseta e a joguei nele sem delicadeza. Precisava ser tão babaca?

Deitei e, em um segundo, ele estava entre as minhas pernas.

Como estava chateada pela atitude indiferente dele, puxei Sebastian com força, levando a aula a sério pela primeira vez. Com a mão esquerda, subi a camiseta, tocando sua pele nua no caminho, querendo cravar minhas unhas nele e devorar sua boca. Ao mesmo tempo, com a direita o segurei forte pelo pescoço.

— Agora, pegue…

— Eu sei — interrompi.

Peguei a gola da camiseta, fiz força com os pés em seus quadris e cruzei os braços, encurralando Sebastian logo acima de mim.

— Muito bem… — disse ele, com seus malditos olhos castanhos me fitando sérios e seus malditos lábios suspensos sobre os meus, sua respiração entrando na minha boca…

Apertei os braços com força e vi o resultado. Poderia enforcar qualquer um daquele jeito…

Soltei Sebastian um segundo depois e sorri ao vê-lo tossir em busca de ar.

Quando se recuperou, ele apoiou as mãos uma de cada lado da minha cabeça e vi orgulho em seu olhar.

— Bom trabalho, elefante.

Minha respiração estava acelerada, meu corpo estava bastante consciente de todas as coisas que poderíamos fazer exatamente naquela posição.

Os olhos dele voaram até meus lábios, que se umedeceram inconscientemente, desejando tantas coisas…

— Fim da aula — disse ele, interrompendo qualquer fantasia que pudesse estar rolando dentro da minha cabeça; ou da nossa.

Ele se levantou com a graciosidade de sempre.

Fechei os olhos durante alguns segundos, tentando controlar meus sentimentos. Ao abri-los, a última coisa que eu queria era vê-lo na minha frente.

Não peguei a mão que ele me ofereceu.

— Vou subir, tenho que tomar banho e me vestir para o jantar.

Sebastian assentiu como se não fosse nada de mais. Pior, me deu as costas e foi pegar as luvas que tinha jogado no chão sem cuidado.

— Promete não se meter em confusão enquanto eu treino um pouco?

Olhei para ele por cima do ombro, visto que já havia começado a subir a escada.

— A você? Não prometo nada.

Tomei o banho de banheira mais longo da história e disse a Lupita que não queria descer para jantar. Não queria ver ninguém, não estava de bom humor. E menos ainda queria ver Sebastian, que havia me deixado morrendo de tesão, sem me deixar fazer a respeito disso.

Precisava respirar ar fresco, arejar a cabeça, pensar com clareza e tentar esquecer meu maldito guarda-costas.

Então, era mais de meia-noite quando subi na janela do meu quarto e desci pelo salgueiro que tinha me servido de escada a vida toda. Atravessei a área dos fundos e a imensa piscina e fui para o estábulo. Olhei para trás, para ter certeza de que ninguém estava me seguindo ou tinha percebido que eu estava saindo.

As cocheiras estavam bem limpas e, àquela hora, completamente vazias. Só se ouvia o relinchar de alguns cavalos e o barulho do vento.

Encontrei Philippe cochilando em uma das baias da direita, mas ele abriu os olhos ao me ouvir chegar.

— Oi, lindeza. Quer dar uma volta ao luar? Quer? — perguntei, como se ele fosse um bebê, e ao mesmo tempo abri a porta e o encaminhei ao lugar onde

ficavam as selas.

Ele respondeu relinchando, e eu soltei uma risada. Mas então senti a presença de alguém atrás de mim. Eu me virei assustada e peguei a primeira coisa que encontrei a meu alcance: um guarda-chuva.

Sebastian me observava da porta do estábulo, apoiado no batente de madeira.

Suspirei aliviada quando percebi que era ele.

— Um guarda-chuva? Sério?

— O que você quer, Sebastian? — respondi, dando-lhe as costas e pegando uma sela para Philippe.

— Isso é não se meter em confusão pra você? — questionou, observando como eu selava meu cavalo.

— Eu não te entendo — disse, bem fria.

Como esse cara sabia que eu estava ali?

Ele deu um passo para a frente, entrando no estábulo, e as sombras o engoliram totalmente, como haviam feito comigo. Estávamos na penumbra.

— Achei que havia deixado claro o que aconteceria se você saísse por uma janela no meio da noite de novo…

Mas até isso ele via…

— Estava me espionando?

Ele foi até Philippe e acariciou sua crina, sem me olhar.

— Eu não espiono, eu cuido de você.

Tentei subir no cavalo, mas ele se adiantou e me segurou pelo braço.

— Você não vai cavalgar sozinha a esta hora, Marfil.

Não tentei me soltar, mas fiquei tensa.

— Já fiz isso mil vezes.

— Seu pai sabe?

Bufei.

— Você contava pro seu pai tudo que fazia, Sebastian?

Antes de terminar de falar, me toquei que tinha feito merda. O Sebastian não tinha pais. Que imbecil.

— É perigoso sair sozinha — respondeu, como se não tivesse me escutado.

— Estou em casa, aqui não corro perigo.

— O perigo está em todo lugar.

Ele estava a apenas meio metro de distância. Mal podia ver suas feições, e as sombras davam a ele um ar ainda mais ameaçador que o normal.

— Como você sabe que eu saí pela janela?

Sebastian hesitou um instante.

— Câmeras… na janela do seu quarto. Eu vi você descer e quase cair quando seu pé escorregou do galho.

Quer dizer, então, que agora eu tinha a porra de uma câmera para me vigiar? Era só o que faltava!

Estreitei os lábios com força.

— É inacreditável — reclamei, e tentei montar meu cavalo de novo.

Quase consegui, mas, dessa vez, ele me pegou pela cintura e me puxou até me descer de novo, me encurralando entre o cavalo e seu peito.

— Você não vai — disse ele, tão perto da minha boca que senti sua respiração entre meus lábios.

— Me deixa em paz — contestei, quase rosnando.

Desde que descobrira que ele era amiguinho do meu pai, além do fato de que estava sendo distante comigo, agindo de forma indiferente enquanto me ensinava a me defender, eu me sentia traída. Fui substituída pelo meu pai e isso me incomodava, muito. Sebastian era meu, não dele… Era o que eu sentia. Era o que eu queria.

— Amanhã vou com você aonde quiser, mas agora vá para o seu quarto.

Senti meu peito roçar o dele… um toque que me arrepiou inteira. Não podia evitar. Não podia evitar me sentir daquele jeito com ele colado em mim.

— Não estou com sono… Minha cabeça está cheia de fantasias… Você e eu nus em uma academia…

Sebastian me soltou e deu um passo para trás. Levantou o braço e apontou para a casa.

— Vai. Agora — disse, com o maxilar tenso.

Seu tom me intimidou muito. Eu sabia que fazer referência ao lance daquela tarde era jogar muito baixo. Aqueles momentos entre nós dois ficavam escondidos sob um manto de silêncio imposto por ambos. Um olhar, uma carícia… Nós dois fingíamos que nada estava acontecendo, evitando falar sobre o assunto, evitando nomear o que havia acontecido três semanas antes, negando a atração que existia entre nós. Porque, apesar de ele ter feito de tudo para se mostrar indiferente desde a nossa chegada à casa do meu pai, eu não tinha esquecido como ele havia me acariciado no avião até me fazer dormir. Se ele tinha mudado, meu pai era o motivo.

— Você tem medo de que meu pai fique sabendo? — perguntei.

Estava muito mais puta com ele por me tratar daquele jeito, por negar o que sentia por mim… porque alguma coisa sentia. Eu sabia, eu percebia.

— Caralho, Marfil — ele quase gritou, me dando um susto. — Isso pode ser uma brincadeira para você, mas é o meu trabalho, porra!

Eu nunca tinha visto Sebastian tão nervoso, nunca. Entendia sua preocupação: se meu pai soubesse o que havia acontecido entre nós, por mais que fosse quase nada, iria acabar com a raça dele. Mas não estar em primeiro lugar em sua lista de prioridades me incomodava. Doía mais do que eu queria reconhecer.

Um relâmpago, que precedeu um sonoro trovão, iluminou momentaneamente o estábulo e fez os cavalos relincharem assustados.

— Pode ser seu trabalho, mas é a minha vida. Eu fiz tudo que você me pediu. Desde o show, não causei mais nenhum problema pra você, e eu já cavalguei à noite centenas de vezes, não vai acontecer nada.

Sebastian me olhou sem expressão.

— Você quer sair à noite, no meio de uma maldita tempestade, porque é a única forma de chamar atenção. Quer andar a cavalo à uma da manhã? Ótimo.

Ele não disse mais nada, então fui preparar Philippe para a cavalgada, mas vi Sebastian pegar o cavalo do meu pai e começar a selá-lo, exatamente como eu tinha acabado de fazer. Olhei para ele de cara feia

— O que você está fazendo?

— Vou com você. É isso ou vou te arrastar para casa pelos cabelos.

Lancei a ele um olhar atravessado e montei meu cavalo.

Antes que ele pudesse me impedir, saí a toda.

Naquele momento, o vento no rosto parecia uma vitória. Nunca foi minha intenção deixar que ele me acompanhasse, mas, sim, fazer exatamente o que estava fazendo: cavalgar sozinha, à noite e, com um pouco de sorte, embaixo de chuva.

Mas, infelizmente, Sebastian me alcançou, e precisei esporear Philippe para que corresse ainda mais. No entanto, Sebastian tinha escolhido o cavalo do meu pai, Marengo, e não demorou a me alcançar de novo. Marengo era o mais rápido de todos os cavalos que meu pai tinha. Era um puro-sangue, e já tinha ganhado um monte de corridas…

Eu escutei o barulho deles correndo ao meu lado. Não quis olhar, mas meus olhos se desviaram, curiosos, para ver como ele conduzia o cavalo.

Caralho, ele parecia totalmente à vontade.

De repente, a tempestade caiu e nos encharcou.

Os relâmpagos iluminavam o céu acima de nós e, em pouco tempo, já não era possível continuar correndo àquela velocidade. Puxei as rédeas de Philippe e fiz um "ôôô" acima do barulho da água.

Eu já tinha cavalgado muitas vezes embaixo de chuva, mas nunca numa tempestade como aquela. O campo começava a ficar encharcado. Morri de raiva por ver que Sebastian tinha razão. Mas o problema era simples: ordens. Eu não gostava

de receber ordens, nunca gostei, nem em casa nem no internato. Eu sempre quebrava as regras, era minha essência, meu espírito… Eu enfrentava até o meu pai — dentro dos limites e espaços que não me causassem problemas sérios.

Já morava sozinha havia dois anos, longe de todas aquelas normas rígidas, de todas aquelas pessoas que, desde pequena, tentavam me domar, exatamente como ao cavalo que eu montava naquele momento. Só que, por mais que se empenhassem, o espírito indomável de minha mãe sempre tentava se manifestar através de mim. Eu simplesmente não sabia obedecer.

— Está satisfeita? — gritou Sebastian, encharcado até os ossos e muito mais que puto da vida.

Olhei para ele com a água escorrendo pelo meu rosto e cabelos. Quando voltei meu olhar para o céu, quase dava para ver as gotas de água se precipitando à velocidade da luz sobre meu rosto. Lá em cima, alguém me observava e sorria, eu tinha certeza disso.

Esporeei Philippe de novo.

— Caralho, Marfil! Temos que voltar!

Ignorei seus gritos e segui um caminho que eu conhecia muito bem. Mesmo naquelas circunstâncias, eu não iria me perder. Não podia voltar para casa enquanto a tempestade não diminuísse, então decidi ir pelo celeiro dos nossos vizinhos — um celeiro abandonado onde Gabriella e eu tínhamos brincado muitas vezes quando saíamos para cavalgar e fingíamos estar cumprindo uma missão muito importante, secreta e cheia de aventuras com dragões, elfos, fadas e todo tipo de criaturas mágicas.

Avistei o celeiro ao longe e segui até alcançar abrigo. Um minuto depois, Sebastian chegou. Philippe estava contente por ter cavalgado na chuva, Marengo, ao contrário, relinchava e sacudia a água que escorria por toda sua pelagem.

— Você perdeu a cabeça?! — gritou Sebastian.

Mas eu apenas lhe lancei um olhar assassino e desmontei. Enquanto a tensão aumentava, os cavalos se dirigiam ao feno seco do celeiro, indiferentes à briga prestes a estourar ao lado deles.

— Não perdi, não. Acho que continua no mesmo lugar — respondi em um tom irônico.

Sebastian estava com cara de quem queria me matar, e bem devagar.

— Caralho, você é muito inconsequente!

— Imagino que nem sempre seus clientes sejam submissos!

A chuva caía com tanta força que tive que erguer a voz para que ele me escutasse. Comecei a tremer. Apesar de não estarmos no inverno, a tempestade tinha trazido

um vento terrível, uma péssima combinação para alguém tão encharcada quanto eu.

— Acabou… — disse ele, mais para si mesmo que para mim. — Acabou, pra mim, chega.

Olhei para ele com estranheza.

— Chega de quê?

Sebastian me olhou nos olhos e não gostei nem um pouco do que vi.

— Não vou mais cuidar de você. Não vou continuar trabalhando nessas condições.

Quando ele disse isso, meu coração parou.

— Que condições? Minutos atrás você disse que seu trabalho era o mais importante.

— Sim, e é mesmo… pode acreditar. Por isso vou me demitir.

Apertei o maxilar com força.

— Isso não faz sentido.

Sebastian me olhou como se eu não entendesse nada, como se fosse uma criança que precisasse ser tratada com paciência.

— Você está acostumada a fazer o que quer, não me respeita. Não posso fazer meu trabalho se o tempo todo você tenta fazer algo irresponsável. Você precisa entender o perigo que está correndo, mas vejo que, pra você, tudo não passa de uma brincadeira.

Não gostei de ouvir aquilo.

— Você não sabe o que diz, Sebastian. Eu sei muito bem que tem alguma coisa rolando e vocês não me contam. Me tratam como se eu fosse uma criança. A sequestrada fui eu, lembra?

Sebastian passou a mão no rosto, tirando o excesso de água, e do alto da sua estatura me olhou, imponente, frio, distante…

— Então, por que você dificulta tanto as coisas pra mim?

Olhei para ele sem hesitar. Sebastian sabia como eu era; ele estava exagerando.

— Você não está assim porque eu saí à noite sozinha sem avisar e sem proteção. Está assim porque está sob o mesmo teto que o meu pai, seu chefe, e tem medo de que ele descubra que tem alguma coisa acontecendo entre a gente.

Pronto. Tirei do peito, não aguentava mais guardar aquilo.

Sebastian permaneceu imóvel.

— Não tem nada acontecendo entre a gente.

— Pode repetir isso um milhão de vezes, se vai fazer você se sentir melhor.

Tentei me virar, não queria que ele percebesse o estrago que suas palavras tinham feito. Não queria dar a ele mais poder do que já tinha. Então ele segurou meu braço

e me obrigou a ficar cara a cara com ele.

— Já pedi desculpa pelo que aconteceu entre a gente. Concordamos que não se repetiria.

Soltei uma gargalhada irônica.

— Concordamos? — repeti. — Não me lembro dessa parte…

Sebastian soltou um palavrão sem tirar os olhos de mim.

— Você não pode ter tudo. Isso é só mais um capricho seu, você não faz ideia da importância do…

— Capricho? — repeti, erguendo a voz e o interrompendo. — Você acha que me conhece, mas está muito enganado. Você vê o que tenho, mas não sabe como eu sou, o que quero, o que eu desejo…

— O que eu sei é que, se eu continuar com você por mais tempo…

Ele não terminou a frase, mas eu sabia o que ia dizer.

Dei um passo para a frente.

— Se continuar comigo por mais tempo… o quê, Sebastian?

Ele balançou a cabeça, fazendo de tudo para não olhar para mim.

— Por que fez carinho em mim durante o voo? Por quê? Eu não pedi.

Ele não respondeu. Então, parei bem na frente dele e o empurrei. Ele nem se mexeu.

— Você sabe o que sinto. Sabe e não dá a mínima, mas, aí, age de um jeito que não faz nenhum sentido, tipo cuidar de mim quando a tatuagem infeccionou ou se preocupar porque eu não jantei e fazer comida saudável pra mim. Você gosta de me tocar, Sebastian, e me toca com mais frequência do que pensa. Mas eu percebo cada toque seu. Você acha que não? Acha que eu não sei que você aproveita qualquer oportunidade que aparece para encostar em mim, nem que seja um toque rapidinho e totalmente inocente?

Em resposta, ele tensionou o maxilar com tanta força que as veias de seu pescoço pareciam prestes a explodir.

— Caralho, Sebastian! Eu senti mais coisa naquele beijo que com todos os garotos que já fiquei!

Ele fixou seus olhos furiosos nos meus.

— Fica quieta, Marfil.

— Por que não aceita que me quer? Por que tem tanto medo de pegar o que quer?

— Porque nunca, nem em um milhão de anos, você poderia me dar aquilo de que eu preciso.

Aquilo doeu. Muito.

Usei a raiva para mascarar a dor e dei um passo para trás.

— Não me desafie, Sebastian, porque você sabe que eu pago pra ver.

Com os olhos dele cravados em mim, dei mais um passo para trás e, quando estava a uma distância segura, tirei a camiseta e fiquei de sutiã na frente dele. As veias de seu pescoço pulsavam e seu olhar passou de fúria a desejo quando me viu daquele jeito, de sutiã e jeans.

— Para… — disse ele quando fui tirar a calça.

Abri o primeiro botão e ele atravessou o espaço que nos separava em dois passos largos. Segurou a mão com que eu tentava abrir o segundo botão.

— Para — repetiu, quase rosnando.

Minha respiração estava acelerada. A dele também.

Estávamos encharcados, e sua proximidade fez minha pele se arrepiar.

— Não quero parar. Quero sentir o que senti aquela vez. Quero ir até o fim…

Minha voz tremeu ao terminar a frase. Eu nunca havia sentido algo assim por ninguém. Desejava Sebastian com todas as minhas forças. Meu corpo doía de tanto ansiar pelo seu toque, por qualquer coisa que ele quisesse me dar. Eu me conformaria com tão pouco…

— Não posso, Marfil — disse ele, ainda sem me tocar. — Para o seu próprio bem, você não pode sentir nada disso por mim.

Meus olhos brilhavam quando ergui a cabeça em busca dos dele.

— Você sente a mesma coisa — sussurrei. — Sei que você me deseja.

Eu estava de sutiã a meio metro daquele homem encharcado, forte, alto e musculoso. Por que ele não me beijava? Por que não fazia o que nós dois queríamos?

— Qualquer um desejaria você — disse, encarando a minha boca.

Eu sabia que ele estava se contendo e adorei ver como isso era difícil.

— Mas não vou tocar em você nunca mais — concluiu, virando de costas e se afastando.

Estreitei os lábios com força.

— Se não me beijar, vou contar — ameacei, e me senti a pessoa mais baixa da Terra.

Se não tivesse tanta certeza de que Sebastian me desejava tanto quanto eu a ele, não teria blefado. Mas eu não tinha a intenção de lidar com a intromissão do meu pai na minha vida de novo, especialmente porque sabia que aquele homem poderia acabar comigo só apertando algumas teclas…

Sebastian parou e se virou devagar para mim.

— Se você me chantagear, Marfil, as coisas podem ficar muito feias.

Seu olhar me assustou, mas reuni minhas forças e segui com meu plano.

— Você não disse que sou mimada, que é só um capricho? Talvez tenha razão. Quero sua boca aqui — falei, inclinando a cabeça e mostrando meu pescoço. A pele clara destacava minhas veias que, àquela altura, pulsavam aceleradas.

Minha voz estava um pouco trêmula, e rezei para que ele não percebesse.

— E, depois, quero que passe para o outro lado. Quero que me morda devagar. Quero que me faça gemer enquanto seus dedos exploram tudo que quiserem do meu corpo.

Juro que seu olhar escuro me deu medo. Eu não sabia se ele estava excitado ou furioso, mas, quando se aproximou de mim, dei um passo para trás por instinto. Quando atingi a parede, não pude deixar de ficar nervosa. Mesmo se eu quisesse, não teria para onde fugir.

— Retire o que disse — Sebastian apoiou as mãos na parede, uma de cada lado da minha cabeça.

Tremi de medo e excitação.

— Ou você me beija agora mesmo, ou meu pai vai saber que você esteve muito perto de provocar o meu primeiro orgasmo.

Seus olhos brilharam, mas vi desconfiança neles. Aparentemente, Sebastian acreditava na reputação que eu tinha na Columbia, e eu estava morrendo de vontade de transformar alguns rumores em verdades.

— Você está brincando com fogo, Marfil.

Ele estava tão perto de mim que eu sentia seu perfume por todo lado.

— Nossa relação sempre foi perigosa, Sebastian. Mas seu papel não é justamente me proteger?

— Proteger você está me custando sangue, suor e lágrimas, porra.

— Sabe o que acontece quando estou perto de você?

Levei a mão à sua nuca. Ele não me impediu, mas ficou parado feito estátua. Sua veia pulsante no pescoço era seu único sinal de vida.

— Se colocar a mão aqui embaixo, você vai descobrir — falei, sem rodeios.

Ele piscou só uma vez antes de responder.

— E você sabe o que sinto quando você tenta me chantagear? — disse ele, colocando a mão em cima da minha, que repousava em seu rosto. — Faz com que eu a odeie ainda mais.

Antes que pudesse assimilar suas palavras, sua boca já estava na minha. Nossos lábios se enroscaram, úmidos, frios, molhados de chuva… mas logo mornos por causa dos beijos, como se fosse a última vez que beijaríamos alguém.

Finalmente.

Quase pude ouvir o suspiro de alívio que soltamos mentalmente. Sebastian me

apertava contra a parede do celeiro, quando tentei enroscar as mãos em seus cabelos, ele as pegou e as segurou com força acima da minha cabeça, soltando um rugido de advertência.

Ele me levantou com facilidade, sem precisar interromper a mágica que fazia com a língua, provocando um calor intenso entre minhas pernas. Aquilo quase me matou de desejo. Seu jeito de beijar, caralho… provava que eu tinha razão: o que sentíamos um pelo outro existia e não era algo comum.

Arfei quando ele pegou meu queixo e se afastou um pouco para poder me olhar de novo.

— Você me tira do sério — confessou, e sugou meu lábio inferior e depois deu uma mordidinha de leve… — Eu te devoraria inteira só pra fazer você calar a boca, só pra parar de me provocar o tempo todo, a cada segundo que eu te vejo…

Eu já não enxergava nada, minha visão estava borrada por um desejo indescritível, incontrolável.

— Eu transaria com você aqui, em pé, durante horas, se não soubesse que você é virgem — disse ele.

Fiquei sem reação. Perguntas passaram pelos meus olhos, mas ele me calou com um beijo. Ele mexia a língua e me torturava com a pressão de seu corpo contra o meu. Minhas pernas enroscavam seus quadris e eu sentia sua ereção toda vez que ele me pressionava. Minha vontade crescia cada vez mais, exigindo ser atendida.

— Como eu sei? — disse ele, afastando-se de mim outra vez. — Porque está escrito na sua testa, elefante. Todos os poros de sua pele exalam uma inocência que você mal consegue disfarçar com respostas afiadas e esse seu corpo…

Senti que estava ficando vermelha. Como ele sabia que eu era virgem?

— Eu só quero que você me beije — falei, olhando nos olhos dele.

— Só isso? — perguntou, olhando para baixo, para os meus seios cobertos por um sutiã branco de renda que deixava meus mamilos durinhos à mostra, fosse de desejo ou de frio, lá estavam, desejando ser atendidos, como todas as outras partes do meu corpo.

Ele abocanhou meu seio esquerdo e eu joguei a cabeça para trás. Suspirei quando ele umedeceu meu mamilo com a língua e, ao mesmo tempo, apertava o outro seio com a outra mão.

— Estou com raiva de você e, quando estou com raiva, perco o controle, Marfil.

— Não faz mal perder o controle de vez em quando… — respondi, e soltei um gemido entrecortado quando ele mordeu suavemente meu mamilo esquerdo. — Você está sempre tão tenso…

Ele pressionou o quadril contra o meu e soltei um suspiro bem alto quando sua

ereção se encaixou perfeitamente entre as minhas pernas.

Sebastian enterrou a boca em meu pescoço e me deixou toda arrepiada. Um calafrio me percorreu enquanto sua língua, seus lábios e seus dentes me torturavam sem descanso. Eu estava adorando. Estava adorando o que ele fazia comigo. Queria senti-lo dentro de mim. Não ligava para a virgindade, não estava nem aí para as conversas do meu pai, para as advertências, para as aulas de catequese com as freiras ou para o pecado. Queria cometer todos os pecados com Sebastian e, quando acabassem, criaria outros só para pecar de novo com ele.

Senti meus pés tocando o chão, mas ele continuava me beijando. Beijou a pele entre meus seios. Meu umbigo. Devorou meu pescoço sem nenhum cuidado.

— Eu posso fazer você gozar só fazendo isso — disse ele, tocando-me por cima da calça.

O tecido da calça jeans entrou na parte mais sensível, e tremi de prazer.

— Sebastian…

Ele abriu minha calça e colocou a mão por dentro da calcinha.

Fechei os olhos quando seus dedos me tocaram… quando seus dedos entraram em mim…

— Meu Deus… — sussurrei, com a boca na dele.

Sem parar de me beijar, ele me penetrou com os dedos sem descanso.

Sebastian não disse mais nada. Sua boca estava na minha. Seus olhos estavam abertos, sem perder nenhum detalhe. Seus dedos fazendo mágica com meu corpo.

Apertei seu pulso quando, sem saber o que estava acontecendo, uma sensação grandiosa e avassaladora me tomou inteira, se apossou de todos os meus sentidos e enevoou minha mente…

— Só se entrega, Marfil… — grunhiu ele, seco.

Se eu não estivesse tão perdida no prazer daquele momento, teria conseguido perceber que a voz dele mudou.

Abri os olhos para não perder nenhum detalhe. O que mais podia acontecer depois daquilo? Como Sebastian passaria a se comportar quando aquele tesão todo acabasse?

Mas não pude pensar mais… Meu primeiro orgasmo aconteceu nas mãos daquele homem e minha mente apagou. Não tinha consciência nem dos sons que saíram de minha boca, nem de como Sebastian fez o prazer se prolongar até tirar de mim tudo o que podia..

Ele não tirou os dedos imediatamente, se demorou com eles dentro de mim, pressionando de leve. E, quando tirou, levou os dedos aos lábios. Lambeu sem tirar os olhos de mim e senti de novo um desejo incontrolável. Tive inveja dos seus

dedos.

A chuva já não estava tão forte. De repente, senti minhas pernas bambas. Eu me segurei nele, que me segurou contra seu corpo duro por uns instantes. Mas, então, quando eu ainda não tinha me recuperado totalmente, ele segurou meus pulsos com uma das mãos e me afastou.

— Já fiz o que você queria — disse, sério, sem sombra de desejo no olhar, como se tivesse tirado uma máscara. — Agora, vista sua roupa, suba no cavalo e vá para o seu quarto.

Foi como jogar um balde de água fria.

Sebastian me soltou e me deu as costas, depois se dirigiu ao cavalo do meu pai.

Eu ainda tremia por causa do orgasmo, mas o olhar dele apagou imediatamente qualquer resquício de prazer.

— Sebastian… — chamei com a voz trêmula.

Ai, meu Deus… eu ia começar a chorar. Ia chorar como um filhote sem dono se ele não voltasse e me abraçasse forte.

— Falei pra você se vestir — repetiu, me olhando de longe.

Senti vergonha, humilhação. Depois de pôr seus dedos dentro de mim, ele me olhava como se eu fosse uma estranha, que não provocava nada além de irritação.

Eu me vesti depressa, mais por vergonha que por outra coisa.

Sebastian estava de costas para mim, acariciando Marengo.

— Por que está me tratando assim? — perguntei, enxugando as lágrimas com o braço e o encarando.

Ele se virou outra vez.

— Não estou te tratando de jeito nenhum — disse ele, com uma calma fingida. — Você me chantageou para que eu te desse prazer. Eu só fiz o que você mandou.

Suas palavras me pareceram tão sujas, tão horríveis, tão absurdas…

— Você nunca faria nada que não quisesse, não vem com essa — respondi.

Eu tremia de frio. O calor havia abandonado meu corpo e me deixado ali, trêmula e vulnerável diante do homem com quem eu havia compartilhado algo que, para mim, tinha sido especial e maravilhoso.

— Nisso você tem razão… Deixei você me chantagear uma vez. Na próxima, eu é quem vou falar com seu pai e pedir demissão.

Ele estava falando sério.

Eu precisava sair dali. Não aguentava mais olhar para ele e ser tratada daquele jeito.

Fui até o meu cavalo sem dizer uma palavra.

Não parei para ver se ele me seguia. Montei, esporeei Philippe e saí dali como se estivesse sendo perseguida pelo diabo em pessoa. Minha virilha ainda pulsava forte e doía um pouco. Foi a primeira vez que alguém me tocou daquele jeito tão invasivo.

Estreitei os lábios com força e pestanejei depressa para espantar as lágrimas que nublavam minha visão.

Quando desci do cavalo e deixei ele na baia, saí correndo do estábulo. Não olhei para trás. Não quis ver a satisfação no olhar de Sebastian por me ver chorar, por eu ter deixado que ele me devolvesse o golpe de um jeito tão direto, tão doloroso.

Entrei embaixo dos lençóis e chorei até pegar no sono.

18

Manfil

Na manhã seguinte ao "ocorrido", decidi me maquiar. Não porque estivesse com vontade, mas porque me recusava a deixar que Sebastian visse o quanto o jeito como ele me tratou na noite anterior havia me afetado. Meus olhos vermelhos, minhas bochechas coradas e meus lábios inchados agora estavam cobertos por uma camada que escondia toda a tristeza. A base da Dior quase sem uso, apesar de ter sido comprada havia algum tempo, fez maravilhas na minha pele. Maquiagem realmente operava milagres, porque quando desci para a cozinha, na hora do almoço, estava radiante; por fora, claro, por dentro ainda me sentia humilhada. E decepcionada, nunca imaginei que Sebastian fosse capaz de me tratar daquele jeito. Ok, eu tinha chantageado ele, mas, pelo amor de Deus, era óbvio que não contaria nada pro meu pai. Até parece que eu ia contar que a gente tinha ficado. Claro que não. Ele sabia que eu não estava falando sério, e, embora tivesse sido errado de minha parte dizer aquilo, eu não pretendia engolir aquele papinho. A maneira como ele me tratou não tinha desculpa.

Passamos o resto do dia nos evitando. Não que a casa fosse pequena e tivéssemos que nos cruzar toda hora, mas, como ele sempre ia aonde eu fosse, para não ter que encontrar com ele passei muitas horas no quarto. Imaginava que, quando minha irmã chegasse, tudo seria muito mais fácil… Eu iria me distrair e, se permitissem, a gente podia até dar uma passadinha na feira da cidade

Na noite em que Gabriella ia chegar, vi Sebastian sair do escritório do meu pai com Logan, mais sério que nunca. Eu não tinha como saber o assunto, mas o fato de ambos me devolverem um olhar constrangido quando cruzaram comigo me fez questionar o que poderiam ter descoberto.

Não tive muito tempo para perguntar, porque a porta da frente se abriu e minha irmã apareceu com um sorriso em seus lindos lábios rosados.

— Cheguei! — gritou, largando a mochila no chão e correndo para mim.

Eu a abracei, feliz de verdade. Ela tinha crescido tanto nos últimos meses.

— Você está quase da minha altura! — comentei, olhando para ela fixamente.

Minha irmã era linda, uma menina de quinze anos que parecia ter dezoito. Tinha cabelo castanho-claro na altura dos ombros e seus olhos eram iguais aos do nosso pai, de um castanho-claro emoldurados por cílios volumosos. Seu corpo parecia de

modelo, mas isso também tinha a ver com a idade dela. Era alta e magra, com curvas bem discretas que, a cada ano, iam ficando um pouco mais acentuadas. A bermuda que vestia deixava suas pernas esguias à mostra. Fiquei muito feliz por ela ter chegado, era uma pena que passaríamos tão pouco tempo juntas. Reparei que atrás dela entrava Wil carregando as malas.

Nosso pai saiu do escritório para receber Gabriella. Minha irmã tinha uma relação um pouco mais próxima com ele. Ter a mãe por perto para equilibrar a época que morava com ele ajudou muito a reduzir os embates.

Meu pai abraçou minha irmã, olhou para mim por cima do ombro dela e se sentou um pouco com a gente na sala.

— Bom, meninas, agora que as duas estão aqui, preciso deixar algumas coisas claras — disse ele, levando o copo de uísque aos lábios.

Gabriella olhou para mim e seu sorriso desapareceu. Meu pai era assim, sabia como acabar com a alegria de qualquer um.

— Gabriella, sua irmã foi sequestrada e a deixaram jogada na porta de um hospital — explicou ele.

Gabriella já sabia disso, mas imagino que ele achava necessário narrar os fatos de novo.

— Por alguma razão que ainda desconheço, querem fazer mal a ela, e poderiam perfeitamente tentar com você também. Portanto, peço às duas que fiquem de olhos bem abertos e sigam as orientações dos seus guarda-costas. Gabriella, você está segura no colégio, mas você, Marfil, faça tudo que o Sebastian disser, está me ouvindo?

Tudo que o Sebastian disser…

Desviei o olhar para Sebastian, que entrou naquele instante,. Wilson se postou ao lado de Gabi e nos olhou bem sério.

Ficamos um tempo escutando Gabriella falar sobre suas notas e o internato e, quando meu pai mandou minha irmã para a cama, aproveitei para questioná-lo sobre algumas coisas.

— Não tenho muita coisa pra te contar, Marfil — respondeu, impaciente. Ele odiava quando gastávamos mais do seu tempo do que julgava necessário. — Não sei quem está por trás disso, mas desconfio… Veja, no mundo em que eu circulo, quando um negócio não dá certo ou alguém perde dinheiro, as coisas se complicam… As pessoas são capazes de qualquer coisa por alguns milhares de dólares, e eu lido com milhões, entende?

Claro que eu entendia, mas por que justo eu tinha que pagar por isso?

— Eu não vou aguentar muito tempo vivendo desse jeito — reclamei, olhando

de canto para Sebastian.

Era óbvio que ele tinha escutado toda a conversa. Estávamos na sala e, embora Sebastian, Wilson e Logan estivessem conversando na outra ponta, eu sabia que meu guarda-costas estava atento ao que dizíamos.

— É o que temos pro momento — disse meu pai, levantando e me dando as costas para voltar ao seu escritório.

É o que temos pro momento… maldita resposta.

Eu me levantei do sofá irritada e com o humor péssimo.

Sebastian nem olhou para mim, o que contribuiu para que meu sangue fervesse.

Fui para o meu quarto sem nem passar pelo da minha irmã.

Na manhã seguinte, me animei por ter o que fazer. Pelo menos poderia me distrair. Já fazia quatro anos que eu era voluntária em uma ONG fundada em 2005, depois da devastação provocada pelo furacão Katrina. Quando a catástrofe aconteceu, eu tinha apenas oito anos, e, apesar de estar na Inglaterra e não ter presenciado nada, ao voltar, vi as consequências da tragédia de perto. O furacão havia sido um dos desastres naturais mais devastadores da história de nosso país, e ver uma das minhas cidades preferidas, New Orleans, praticamente destruída ainda me provocava uma profunda tristeza. A Luisiana inteira tinha sofrido danos de custos inalcançáveis; os 1.836 mortos na tragédia ainda eram lembrados com dor no coração.

Sempre gostei de ajudar e sentir que fazia parte de algo importante, por isso procurei uma associação.

Com o passar do tempo, a ONG foi ajudando pessoas que estavam nas ruas, enquanto continuava reconstruindo edifícios e buscando alojamento para as famílias que ficaram sem casa. O melhor da ONG era o restaurante comunitário, que alimentava centenas de famílias e dava refúgio a crianças sem lar. Meu pai apoiava a causa, suas contribuições estavam entre as mais importantes, e muitos empresários ricos do meu bairro acabaram fazendo parte da associação depois da minha visita e pedidos. Em quatro anos, conseguimos arrecadar muito dinheiro. A ONG se chamava Juntos Somos Mais Fortes, mas a gente chamava de JSMF, para abreviar.

Com o tempo, evoluí de membro secundário a parte da direção; tomava decisões nas reuniões e minhas ideias eram ouvidas. Eu adorava aquele lugar e, apesar de ter tido que me distanciar por causa dos estudos, sempre ajudava em tudo que fosse possível, especialmente na festa que organizávamos todos os verões para arrecadar dinheiro.

Aquela manhã, coloquei uma roupa confortável — uma legging, uma camiseta

amarrada nas costas e tênis. Minha irmã também ajudava, mas, como havia acabado de chegar, decidi não chamá-la. Quando entrei na cozinha, encontrei Gabriella sentada no balcão, conversando sem parar com Sebastian, Wilson e Lupita, que estava amassando alguma coisa.

Achei estranho ver Sebastian observar Gabriella sorridente. Minha irmãzinha era muito divertida e eu a adorava, mas fiquei com ciúme ao vê-lo tão descontraído com ela.

Quando entrei, ele fixou os olhos em mim e imediatamente os desviou, como se eu fosse uma estátua horrível de um escultor principiante.

Wilson, ao contrário, não se limitou… A gente já tinha passado bastante tempo juntos, e eu notei como ele me olhava.

— Venha, Mar, estamos fazendo biscoitos — disse minha irmã, apontando para Lupe.

— *Estamos*? — repliquei com ironia.

Meu tom saiu ácido, coisa que não era comum. Eu não era de ficar de mau humor. Nunca. Era alegre; ficava irritada, sim, mas passava rápido… Com Sebastian, porém, eu tinha vontade de arrancar meus olhos de tanta impotência.

— Bom, estamos distraindo a Lupe enquanto ela faz — respondeu Gabi, sorridente. — Mas você gosta de conversar, né, Lupita? — perguntou, olhando para nossa cozinheira preferida.

Ignorei todo mundo e fui até a geladeira. Peguei uma garrafa de Evian gelada e fui para o balcão para abrir minha mochila e guardar a garrafa.

Sebastian se ajeitou no banquinho na beirada do balcão, e Wilson continuava me olhando de rabo de olho.

— Vou até a cidade de carro — anunciei, sem olhar para ninguém em particular.

— Posso ir com você?! — exclamou minha irmã, quase pulando do balcão.

— Vou à JSMF — respondi.

Minha irmã fez uma cara de horror.

— Então, é melhor eu ficar.

— Bonito, hein, Gabriella? Bom saber que ajudar os outros te causa tanta satisfação — respondi, seca como o deserto.

Minha irmã me lançou um olhar culpado.

— Se quiser, posso… — começou a se justificar.

— Esquece — interrompi. — Wil, você se importaria de me acompanhar? — pedi para o guarda-costas da minha irmã, toda simpática.

Wil se levantou quase imediatamente.

— Nem um pouco.

— Não — disse Sebastian, tomando o último gole de café e sem me dirigir o olhar. — Eu vou.

Ele se levantou. Cruzei os braços e me virei para ele.

— Não quero que você me acompanhe. Quero o Wil — respondi com frieza, sem encará-lo, para não fraquejar.

— O Wilson — corrigiu Sebastian, e continuou, sério — é o guarda-costas da sua irmã. Eu sou o seu.

— Tudo bem, tanto faz um ou outro, né? — falei, dessa vez olhando diretamente em seus olhos castanhos. — Acho que não é muito difícil andar atrás de mim, qualquer um é capaz de fazer isso.

Pronto! Desvalorizei totalmente seu trabalho com aquelas palavras. Lamentava por Wil, só que não me importava mais de ser uma cuzona.

A veia de Sebastian começou a pulsar visivelmente.

— Quem vai com você sou eu, Marfil, não há o que discutir.

Bufei, sendo ridícula.

— Eu não quero ir com você!

Minha irmã me olhou como se não me reconhecesse.

— Gente, alguém acordou com o pé esquerdo hoje — exclamou ela, olhando para Lupita, que estava me observando de olhos arregalados.

— Eu não me importo de acompanhá-la… — disse Wil, jogando mais lenha na fogueira.

Sebastian o fulminou com o olhar.

— Você vai fazer o que eu disser, sou seu superior — afirmou ele com a voz fria.

— Meu pai… — comecei, mas Sebastian me interrompeu.

— Seu pai me incumbiu de proteger você, portanto não perca seu tempo tentando convencer ninguém. Você vai comigo ou fica em casa.

Olhei para ele com ódio e girei sobre os calcanhares, fazendo meu rabo de cavalo dançar às minhas costas. Se tivesse alguém perto de mim, certamente teria levado uma rabada.

Caminhei até a porta sem nem olhar se ele me seguia. Saí pisando duro depois de pegar as chaves e o controle da garagem. Sentia sua presença logo atrás de mim.

Acionei a abertura do portão. A quantidade de carros que havia ali era inimaginável. Nunca liguei muito para marcas nem carros em geral, de modo que não poderia ser muito descritiva, mas entre uma ou outra relíquia automobilística que meu pai gostava de colecionar, havia uma Lamborghini, duas Ferraris, uma Bentley e uma quatro por quatro gigantesca que ele usava para caçar.

Meu precioso New Beetle verde-limão parecia ridículo em comparação com

aqueles carros, mas foi o que eu escolhi e meu pai comprou com gosto. Ele queria me dar um Audi, se bem me lembro, mas eu sempre quis o carro da Barbie…

A garagem ainda estava pouco iluminada quando a porta se abriu o suficiente para eu entrar.

— É melhor eu dirigir — disse Sebastian quando viu que eu me dirigia ao meu New Beetle.

— Nada disso. Já basta ter que aguentar sua companhia — respondi, entrando pela porta do motorista e olhando para ele pela vez primeira desde que tinha saído de casa. — Você pode me seguir com o carro do Peter.

Sebastian contornou o carro e se aproximou.

— Não confio em você — disse sem rodeios. — Na primeira oportunidade, vai tentar me despistar; então vou com você no mesmo carro. Quer dirigir? Ok. Meu testamento já está feito, graças a Deus.

— Era pra ser engraçado?

— O que não tem graça é o seu nível de hostilidade. Se continuar falando desse jeito comigo em público, vai arrumar problemas pra nós dois.

Sorri com alegria fingida.

— Desculpe, qual é nível de hostilidade que mais lhe agrada, senhor?

Sebastian fez uma careta e foi para a porta do passageiro.

Entrei, liguei o carro e o ar-condicionado. Coloquei o cinto e saí. Minha casa ficava em um bairro fechado nos subúrbios de Batton Rouge. As mansões ali tinham mais de cem anos. Às vezes, olhando as plantações e todos aqueles campos vizinhos ao rio Mississipi, dava para imaginar os sulistas da Guerra Civil, suas plantações de algodão e, infelizmente, os negros escravizados que trabalharam para eles sem descanso.

Minha casa havia pertencido a um nobre inglês que, antes da guerra de Secessão, tentou ir para o norte para preservar a segurança da família. Saber que as pessoas que tinham morado ali não eram a favor da escravidão me dava uma certa paz, mas, segundo dados históricos, o nobre foi morto antes que conseguisse fugir.

A estrada que separava o subúrbio era longa e quase sempre deserta, cercada de mansões e muita vegetação. Eu teria adorado passar mais tempo ali; era sulista, mas quase não tinha sotaque. Havia sido criada na Inglaterra, não ali, mas o verde das árvores e os maravilhosos campos me transmitiam uma paz que poucas vezes encontrava em Londres ou em Nova York. Muitas vezes eu me perguntava se meu desejo de sair daquela cidade não havia sido mais por ficar longe do meu pai que por não querer mais morar ali.

Abri o vidro do carro e deixei que o ar batesse no meu rosto. Estava um dia lindo

e quente, mas não a ponto de ser sufocante. A tempestade da noite anterior deixou poças d'água por todo lado, e o céu estava mais limpo que nunca.

Tentei ignorar Sebastian sentado ao meu lado, embora as lembranças de sua boca no meu corpo ainda me fizessem corar, eu não podia esquecer que ele não se importava nem um pouco comigo.

Irritada, pisei fundo no acelerador. O vento no rosto quase me machucava.

— Agora vai bancar a desequilibrada no volante também? — disse Sebastian.

— Você também dirige assim — respondi, curtindo a velocidade.

— Eu não passo dos cento e vinte, Marfil — disse ele, endireitando-se no banco e xingando baixinho enquanto eu pisava mais fundo. Eu sempre fazia aquilo, ninguém passava por ali.

— Marfil — repetiu meu nome, quase rosnando.

Revirei os olhos, mas pisei no freio para desacelerar um pouco.

O carro não respondeu.

— Desacelere, Marfil. Agora — exigiu, sem notar que eu estava tensa e branca como um papel.

— O carro não responde — falei, quase sem voz.

Pisei no freio, mas foi como se o pedal não existisse. Não estava funcionando!

— Não tem graça — disse ele com voz fria.

— Não está freando, Sebastian! — gritei, desesperada.

Senti muito medo. O suor começava a descer pelas minhas costas. Eu estava a cento e cinquenta quilômetros por hora e a porra do freio não respondia!

Sebastian soltou um palavrão quando viu que eu estava falando sério e se inclinou sobre meu banco, obrigando-me a segurar forte o volante.

— Se concentra na estrada — orientou ele, com a voz calculadamente calma.

— Não consigo frear! Está sem freio! Não consigo frear! — gritei, histérica e com a visão borrada pelas lágrimas.

— Escuta — ele me interrompeu, segurando minha mão no volante. — Fique calma, ok? Não vai acontecer nada, não tem mais ninguém na estrada. Só temos que perder um pouco de velocidade antes da curva.

— A gente vai morrer! — gritei, chorando descontroladamente. Senti meu pé ficando dormente, eu continuava pisando no freio com toda força que podia, e era inútil.

— Não vai acontecer nada! — disse ele, me tirando de um quase ataque de pânico. — Você tem que reduzir a velocidade com as marchas, usando o motor do carro.

— Não consigo! — respondi.

Minhas mãos tremiam. Meu corpo inteiro tremia.

— Passe a terceira — ordenou ele.

Obedeci. A velocidade diminuiu de cento e cinquenta a cento e trinta.

— Não é suficiente… — disse Sebastian, preocupado.

À frente, vi a curva de que ele falou. Chegamos a uma velocidade que nunca, em toda minha vida, eu tinha andado. De repente, lembrei o que havia aprendido na autoescola: em alta velocidade, um simples movimento do volante podia fazer o carro girar sem controle, em um movimento fatal.

— Sebastian… Sebastian, a curva…

— Presta atenção: vou puxar o freio de mão e quero que você, quando chegarmos à curva, vire o volante para a direita, ok?

— Mas vou perder o controle do carro! — respondi, alarmada.

— Vamos derrapar e, com sorte, o carro vai perder a velocidade aos poucos. Marfil, você tem que fazer isso, ouviu?

— Não, não! Sebastian…estou com medo, não consigo.

Eu estava morrendo de medo, Meu corpo inteiro estava travado pela tensão enquanto eu me agarrava ao volante, a velocidade permanecia incrivelmente alta… Seríamos estraçalhados, eu sabia. Eu ia morrer dentro de um carro. Ia morrer em um maldito carro com Sebastian ao meu lado.

— Caralho, Marfil, faça o que eu mando uma vez na vida, porra!

— Não estou vendo, não estou vendo nada! — falei, piscando freneticamente, porque as lágrimas não me deixavam ver.

— Respire fundo — disse ele, com a voz calma. — Vai dar tudo certo, prometo.

Eu acreditei. Bem, mais ou menos…

Quando chegamos à curva, tudo aconteceu muito rápido. Girei o volante ao mesmo tempo que Sebastian puxava o freio de mão, primeiro devagar, depois com toda sua força. E aconteceu o que tinha que acontecer: o carro perdeu o controle.

Tudo desapareceu diante dos meus olhos.

Senti um golpe forte e perdi a consciência.

19

Sebastian

Eu sabia exatamente o que ia acontecer, e teria dado tudo para enfrentar aquela situação sozinho.

Marfil fez o que pedi. Quando chegamos à curva, ela virou o volante para a direita e eu puxei o freio de mão. Com a ajuda das rodas traseiras, a velocidade excessiva diminuiria até fazer o carro parar.

Não funcionou como teria funcionado se eu estivesse ao volante. Quando o carro começou a derrapar e a girar sobre o próprio eixo, Marfil perdeu totalmente o controle; tentei ajudá-la, mas foi impossível. Batemos em alguma coisa e o carro derrapou para longe da pista e capotou. Os airbags foram acionados e os vidros estouraram. A última coisa que ouvi antes de bater forte a cabeça na lateral do carro foi o grito aterrorizado dela.

Perdi a consciência durante alguns segundos, mas, ao abrir os olhos e me ver de cabeça para baixo, entendi que a situação era pior do que eu imaginava. Olhei para Marfil, ela estava inconsciente. O cinto de segurança evitou que ela caísse e batesse no piso do carro.

Sentindo uma dor muito forte na mão direita, soltei o cinto e caí. Falei um palavrão, quase rosnando, e saí pela janela. Caralho… o carro estava destruído… e o motor estava pegando fogo.

Tentando ignorar a dor no braço, contornei o carro até chegar à janela de Marfil.

Ela começava a piscar, ainda meio inconsciente.

— Marfil — tentei alcançar o cinto de segurança, não queria que ela se machucasse ao cair, tinha que segurá-la e tirá-la dali o quanto antes. — Marfil, está me ouvindo? Acorda, garota…

Olhos incrivelmente verdes se abriram para mim. Ela piscou várias vezes até conseguir me focar.

— Se-sebastian? — perguntou, desorientada.

Reunindo todas as minhas forças, consegui entrar no carro para alcançar o fecho do cinto.

— Segura em mim, ok? Vou soltar o cinto e tirar você daqui.

— Está doendo… — gemeu ela, e vi que escorria sangue de seus lábios.

Não, caralho.

— Aguenta firme, ok? — pedi, desesperado.

Entrei pelo buraco e me estiquei o quanto pude até encontrar o fecho do cinto. Quando escutei o clique, agradeci mentalmente por não ter ficado travado. Ela caiu sobre minhas costas e fui saindo como pude, de quatro. Tive que colocar Marfil no teto do carro, que agora era o piso, visto que estava virado, para sair primeiro e depois puxá-la para fora.

Apesar da dor no braço, consegui pegá-la no colo e nos afastar do carro o suficiente para não corremos riscos se o motor explodisse.

— Marfil — chamei, colocando-a no chão e examinando-a imediatamente.

Ela estava respirando bem. O sangue na boca era de um corte no lábio, e não de algo interno. Eu torcia para não estar enganado. Ela bateu o rosto com força no airbag e tinha cortes nas pernas e nos braços por causa dos vidros quebrados. No mais, parecia estar bem, meio inconsciente, mas bem. Só não dava para saber se havia sofrido alguma fratura.

— Ei… fala comigo, por favor — implorei, afastando seu cabelo escuro do rosto.

Marfil piscou de novo e quando a ajudei a se sentar, ela olhou para o carro.

— Meu carro… meu carro da Barbie…

Eu fiquei em pé e a levantei também.

Caralho… só Marfil Cortés podia dizer uma coisa dessas em um momento como aquele.

Ela olhou para mim e, um segundo depois, começou a chorar.

Sem pensar, puxei-a para meu peito.

— Tentaram me matar… — disse ela contra o meu ombro, com a voz entrecortada.

Fiquei tenso ao ouvir aquilo dito em voz alta, apesar de ter chegado àquela conclusão sozinho no instante em que descobri que os freios não estavam funcionando.

— Não pensa nisso agora — falei, tirando o celular do bolso e a abraçando forte.

Estávamos no meio do nada… Se alguém tinha planejado aquilo e nos seguido para ver se havia dado certo…

— Precisamos sair daqui — falei, apontando para o bosque. — Você consegue andar? — perguntei.

Ela assentiu. Levou a mão ao lábio e à bochecha machucada e fez uma careta. Eu já estava ligando para Wilson.

— Vamos — disse, olhando para todos os lados.

Aparentemente não tinha nada por ali.

— O que aconteceu, Moore? — foi a resposta de Wilson ao terceiro toque.

—Vem buscar a gente, rápido. Sofremos um acidente. Estamos saindo da estrada secundária, quase na entrada da rodovia. Desliguei e, quando chegamos à entrada do bosque, tirei a arma do coldre e fiz Marfil se esconder atrás de uma árvore bem grande, para ficar protegida.

— O que está fazendo? — exclamou, alarmada, quando viu a arma na minha mão.

— É só por precaução…

Ela correu os olhos pelo bosque e pela estrada.

— Você acha que tem alguém aqui? — exclamou, assustada.

Eu não tinha a menor ideia. A única coisa que sabia era que alguém próximo da família Cortés tinha cortado os freios do carro, e isso me deixou puto.

Cinco minutos depois, Wilson apareceu com Logan na Mercedes de Cortés. Logan arregalou os olhos, sem acreditar, e me lançou um olhar que dizia tudo. Wilson puxou a arma e se aproximou de nós.

— Você estão bem? — perguntou imediatamente, observando Marfil e se aproximando dela.

Segurei-o pela camisa.

— Eu cuido da Marfil. Você já sabe quem precisa chamar — falei, encarando Wilson.

Ele assentiu e foi em direção ao carro, sem parar de olhar para o New Beetle destruído. Logan se aproximou, tão furioso quanto eu.

— Que porra aconteceu?!

— Os freios — respondi. — Só pode ter sido alguém próximo da família, não tem outra explicação…

— O carro esteva na oficina semana passada… — respondeu. Ele parecia ter se lembrado de alguma coisa. — Maldito filho da…

Quando olhou para Marfil, Logan se interrompeu.

— Coloque a Marfil no carro, temos que sair daqui imediatamente.

Marfil estava mais quieta que o normal. Quando a vi se sentar no banco de trás com o rosto machucado, a pele clara suja de fumaça e o lábio cortado, senti vontade de matar a pessoa que tinha feito aquilo. Esse sentimento me angustiou mais que qualquer outra coisa.

Quando chegamos à mansão, estavam todos nos esperando de olhos arregalados e preocupados. A primeira que saiu correndo até nós foi Gabriella.

— Mar! — gritou, abrindo a porta do carro com um puxão e ajudando-a a sair.

Fui ajudar, mas Marfil me deteve antes que eu encostasse nela.

— Estou bem, consigo sozinha.

Seu humor era ácido como o meu, e eu podia entender. Haviam tentado tirar sua vida; aquilo já não era uma brincadeira de mau gosto com sangue de animal e cartas ameaçadoras dentro de uma caixa. Tinham agido, e isso significava que Marfil Cortés estava marcada.

O pior de tudo foi descobrir que, se ela estava marcada, eu também estava…

20

Manfil

Só vi meu pai quando saí do hospital. Fiz uma ressonância e cuidaram dos ferimentos do meu rosto e corpo. Mas Sebastian estava pior; a contragosto, precisou aceitar a tipoia que colocaram em seu braço esquerdo. Não nos falamos no hospital, apesar de ele não ter saído do meu lado enquanto me atendiam, se recusando a ser atendido enquanto não acabassem de cuidar de mim.

Em casa, meu pai chegou à sala pálido e cuspindo fogo. Olhou para mim de um jeito que eu não soube decifrar e, a seguir, chamou Sebastian com um gesto para que o seguisse até o escritório.

Enquanto Lupita me servia chá com biscoitos, aproveitei para tentar ouvir a conversa dos dois. Gabi estava comigo, não havia parado de chorar enquanto eu estava no hospital, e agora dormia com a cabeça no meu colo.

Logan também estava no escritório; o que ouvi sobre o que tinham feito com o meu carro me preocupou. Quem tinha levado meu carro à oficina? O carro não estava com problema nenhum! Era praticamente novo, vivia na garagem porque eu passava muito mais tempo em Nova York.

Quando Lupita saiu da sala, eu me levantei com cuidado para não acordar minha irmã, atravessei o longo corredor sendo observada pelos olhos de animais empalhados e fui até a porta do escritório.

— Você vai ligar para o Bianic, está ouvindo? Vai ligar para aquele filho da puta e vai dizer que ou ele me ajuda com isso ou juro por Deus que nunca mais vai ver nem um centavo!

Quem afinal era Bianic?

Alguém falou, mas não consegui escutar porque não gritou como meu pai… Eu tinha certeza de que quem mantinha a calma era Sebastian.

— Você está enganado, caralho!

Escutei um barulho brusco na mesa e uma cadeira sendo arrastada no chão de madeira.

— Quero ver aquele merda na pior, e nada mais me importa!

Arregalei os olhos, surpresa. Ouvi outra frase entrecortada, mas não entendi e, a seguir, a porta se abriu. Eu me afastei um pouco e vi Sebastian fechar a porta ao sair. Quando me viu ali escutando, me olhou com reprovação; mas foi só por poucos

segundos. Na penumbra daquele corredor pouco iluminado, a preocupação tomou seu rosto e apagou todo resto.

— Como você está?

Senti um calafrio quando seus dedos tocaram meu queixo para examinar meu rosto e lábio com delicadeza.

— Melhor que você — respondi, notando que o ferimento no supercílio estava sangrado de novo e sujara o curativo que haviam feito no hospital. Seu braço enfaixado repousava contra o peito, sustentado pela tipoia.

Ele ignorou meu comentário e me puxou para longe da porta.

— Você não devia ficar escutando — ele disse.

Segui Sebastian pelo corredor e reparei que ele mancava um pouco.

— Você vai voltar pro hospital pra ver isso? — perguntei, observando sua perna.

— Estou bem — respondeu.

Estreitei os lábios com força.

— Quem é Bianic? — perguntei, parando ao lado da cabeça de um cervo especialmente grande.

Se ele não pretendia deixar que eu me preocupasse com os seus ferimentos, eu tentaria conseguir respostas.

— Ninguém com quem você precise se preocupar — disse ele, irritado.

— Claro que preciso, se é a ele que vocês precisam pedir ajuda para me manterem viva.

Sebastian se virou para mim e se aproximou. Levou a mão atrás da minha orelha e enterrou os dedos em meus cabelos até chegar à nuca.

— Eu vou te manter viva — disse ele, com um olhar sombrio, como se insinuar o contrário o tivesse ofendido.

Mas, ao se dar conta da própria reação, olhou para o fim do corredor e se afastou dois passos.

— Você precisa descansar — acrescentou ele, dirigindo-se à sala outra vez.

Minha irmã ainda dormia no sofá. Quando vi que Sebastian pretendia sair sem me dizer nem mais uma palavra, peguei sua mão e o fiz parar.

— Preciso que você me explique o que está acontecendo — pedi baixinho para que ninguém ouvisse. A raiva enchia meus olhos de lágrimas. Tentei piscar para espantá-las, contrariada, mas não surtiu muito efeito. — Meu pai não vai me contar nada, e a coisa já está fugindo do controle. Preciso saber quem quer me machucar e algo me diz que vocês já sabem, mas não querem me contar.

Sebastian cerrou os lábios com força, mas não se soltou nem foi embora. Ficou me olhando em silêncio, até que, com a ponta dos dedos, enxugou as duas lágrimas

que rolaram pelo meu rosto.

— Isso tudo logo vai acabar, Marfil. Enquanto isso, você precisa ficar em casa.

Dei um passo para trás, frustrada, e sua mão caiu entre nós, afastando-se da minha pele.

— Não sei em que momento você começou a saber mais sobre a minha vida do que eu mesma, mas pode ter certeza de que vou acabar descobrindo que merda está acontecendo. Não estou vendo a polícia aqui em casa fazendo perguntas sobre o acidente e tomando meu depoimento sobre o que, sem a menor dúvida, foi uma tentativa de assassinato.

Sebastian ia dizer algo, mas bem nesse momento a porta do fim do corredor se abriu e meu pai apareceu, com Logan atrás.

— Marfil, preciso falar com você, venha ao meu escritório — disse ele com voz cortante.

Lancei um último olhar desafiador a Sebastian e lhe dei as costas. Segui até o escritório e entrei, passando por meu pai, que mantinha a porta aberta para mim. Logan foi embora e meu pai fechou a porta.

— Precisamos conversar — começou, enquanto se servia um copo de uísque.

Eu ainda não tinha recebido nem uma palavra de consolo dele, nenhuma explicação, nada. Se isso já me chateava, o que ele disse a seguir me provocou taquicardia.

— Amanhã, tenho que me encontrar com uns amigos no hipódromo e quero que você me acompanhe.

O quê?

— Pai, você não vai dizer nada sobre o que aconteceu hoje? — perguntei, aumentando um pouco a voz.

Será que ele não estava vendo os meus ferimentos? Os olhos inchados de chorar, a expressão de medo no meu rosto?

— Mas é claro que eu disse alguma coisa, aliás, várias, mas não pra você. Você não tem nada a ver com esse assunto e não entenderia.

Eu não tinha nada a ver? Fui abrir a boca, mas ele me calou levantando a mão.

— Não comece, Marfil, por favor. — Ele bateu o copo com força na mesa, derramando boa parte do líquido em cima de uns papéis bagunçados. — Você não entenderia nem em um milhão de anos.

— Não sou nenhuma estúpida… — comecei, mas ele me interrompeu de novo.

— Claro que não é, mas você é mulher! — exclamou, e me olhou fixamente, fazendo um gesto com a mão. — Veja você! Não parou de chorar desde que chegou. Não aguentaria nem meia hora no meu mundo. Eu só estou te protegendo do que a

cerca, do que me cerca. O mundo lá fora é uma merda e eu sempre dei o melhor pra você e sua irmã! A única coisa que peço em troca é que agora, nesta situação, pela primeira vez na vida, você faça o que eu digo e espere que as coisas se resolvam. Praticamente todo meu pessoal e minha gente de confiança está trabalhando para encontrar quem está querendo te matar; e, para sua segurança, é melhor você não saber de nada, entende?!

Estreitei os lábios com força. Eu o mandaria à merda se não fosse pelo respeito e o medo que sentia. Era minha vida, eu tinha todo o direito do mundo de saber quem queria me matar e por quê.

Meu pai me olhou fixamente, como se me analisasse.

— Amanhã, preciso da sua ajuda com um assunto — disse, já com a voz mais calma. — Você é minha filha mais velha e, como adora ficar jogando na minha cara que é adulta, quero que me acompanhe a uma reunião informal que tenho com um amigo que eu gostaria que se tornasse meu sócio.

— E o que eu tenho a ver com isso? Se é que pode me dizer, claro.

Meu pai ignorou minha provocação e cravou os olhos nos meus.

— Sua presença vai ajudar a deixar o clima mais descontraído.

Só isso? Isso era tudo que ele pretendia me dizer?

— Você gosta de corrida de cavalos. Marengo vai correr amanhã e você vai simplesmente curtir um dia com seu pai. Não precisa fazer mais nada, só estar ali.

Eu não estava gostando nem um pouco daquilo. Quando ele me pediu para sair, eu me levantei sem hesitar, mas ele me interrompeu.

— Já escolhi sua roupa para amanhã, está em cima da sua cama — acrescentou ele. Tenho certeza de que vai adorar e me agradecer. Agora, descanse para se recuperar do que aconteceu hoje. Preciso de você linda e descansada amanhã.

Odiava me sentir como uma boneca, mas eu sabia que não havia como me livrar daquilo. Ou ia com ele ou ia com ele. Era sempre assim, eu nunca tinha escolha.

Quando cheguei ao meu quarto, vi três grandes caixas brancas com listras azuis que me esperavam, ansiosas para serem abertas. Não liguei para elas e fui até a janela. Se fechasse os olhos, ainda podia sentir o carro girando, os vidros se quebrando e o terror me dominando. Sebastian ficou comigo o tempo todo e me tirou do carro a tempo, antes que o acidente se transformasse em algo pior.

Ainda estava brava com ele?

Para que me enganar? O que tinha acontecido horas antes havia apagado qualquer vestígio de ódio que eu sentira dele. Eu me sentei na cama e me recostei nas almofadas. Estava esgotada. Aquelas férias estavam sendo as piores, e o que me esperava no dia seguinte me deixava ainda mais nervosa do que deveria. Meu pai

nunca tinha me pedido que o acompanhasse a nenhum evento social; normalmente, ele levava uma das muitas mulheres com quem transava. Por que havia me escolhido dessa vez?

Dei uma olhada nas caixas de roupas e me cobri até a cabeça com o edredom.

Acordei de madrugada, pois havia ido dormir na hora do almoço. Apesar de ter dormido profundamente, os pesadelos me acompanharam a cada hora de sono, sempre me torturando. Acordei gritando quando sonhei com o carro não só perdendo o controle, mas também atropelando todas as pessoas que eu amava. Demorei alguns segundos para perceber que estava segura e em casa.

Chutei longe a calça jeans e peguei minha camisola embaixo do travesseiro. Coloquei o roupão e fui comer algo rápido na cozinha. A casa inteira estava dormindo, por isso me surpreendi ao encontrar alguém acordado, apoiado na mesa da cozinha, tomando um café no meio da madrugada.

Sebastian se afastou da mesa quando me viu chegar.

— Vim comer alguma coisa — expliquei, torcendo para que ele não percebesse que eu tinha acordado chorando.

— Conseguiu dormir? — perguntou, preocupado.

— Um pouco… estou com dor de cabeça e tive um pesadelo horrível.

Sebastian se aproximou com o pretexto de deixar a xícara na pia.

— Quer me contar?

Ele estava parado na minha frente e me examinava, analisando cada ferimento.

— É proibido contar pesadelos antes do café da manhã — respondi, observando o ferimento no supercílio e o braço machucado.

Nós dois poderíamos ter morrido. Por minha culpa.

Sebastian sorriu.

— Por que?

— Porque podem se realizar.

Ficamos uns instantes nos olhando fixamente.

— Dessa eu não sabia.

— Precisa abrir sua mente — respondi, e me afastei, pois precisava de ar, espaço, pensar com clareza.

Abri a geladeira e peguei o leite. Quando abri o armário de cima para pegar o mel, tive que me esticar para tentar alcançar. Alguém tinha feito o favor de guardá-lo quase no teto.

Senti seu peito contra minhas costas e seu braço por cima de minha cabeça. Ele

pegou o mel, baixou o braço e o deixou no balcão, mas não se afastou.

Fechei os olhos um instante…

Apesar do que tinha acontecido, meu corpo desejava estar perto dele… Seu calor, seu cheiro, eram como um bálsamo, e eu ainda estava tão assustada, tão brava por causa de tudo que estava acontecendo, que esqueci tudo e me deixei levar.

Com a outra mão, ele acariciou meu braço por cima da seda branca do meu roupão, e toda minha pele se arrepiou.

— Eu não disse nada ontem, mas você foi muito corajosa. Apesar de estar assustada, conseguiu controlar o carro… podia ter acabado muito pior — disse ele, ainda passando os dedos pelo meu braço, subindo e descendo…

— Fiz o que você mandou — sussurrei.

— Uma vez na vida — replicou ele, e não pude evitar revirar os olhos.

— Meu pai quer que eu vá com ele ao hipódromo hoje — confessei, e percebi que minha voz ficou estranha.

— Eu sei — respondeu ele, interrompendo a carícia.

Eu me virei e ficamos frente a frente. Ele estava todo descabelado, como quem acaba de acordar, e fiquei morrendo de vontade de penteá-lo com os dedos.

— Você vai?

Ele assentiu e senti um certo alívio. Sebastian devia ter notado, porque enroscou a mão em meus cabelos e me acariciou com o polegar. Tenho certeza de que fez isso sem pensar.

— Eu tinha que ter verificado o carro… desculpa — sussurrou.

Sebastian me pedindo desculpa? Senti um redemoinho por dentro, e eu só queria que ele me abraçasse muito, muito forte. — Você não tem culpa, Sebastian — sussurrei, enquanto ele, com ternura, acariciava meu lábio inferior com o polegar. — Pelo menos disso, não.

Ele me olhou nos olhos e notei que ele tinha entendido minhas últimas palavras.

— Não vai acontecer de novo — disse ele, bem sério.

Eu não sabia se ele estava se referindo ao carro ou ao nosso encontro duas noites antes. Fiquei em silêncio; ele continuava me acariciando devagar. Por que estava fazendo aquilo? Por que se contradizia daquele jeito? Por que, se depois daria um jeito de se torturar por isso?

Fechei os olhos quando ele deslizou sua mão e começou a desfazer, devagar, o nó do meu roupão.

Eu deveria ter impedido. Não queria passar de novo por aquilo. Não queria sentir tudo de novo para, depois, não sentir absolutamente nada. Estava começando a ficar cansada daquele jogo.

— Quero matar qualquer um que tente te machucar, Marfil — disse ele, passando a mão pela minha cintura e segurando forte a seda branca da camisola. — Quero muito, e saber que não posso está acabando comigo — sussurrou, enterrando os lábios em meu pescoço e falando bem perto de minha orelha.

Ele parecia estar assustado e desesperado, como se uma parte dele estivesse lutando para ficar em silêncio.

Abri os olhos e fixei o olhar na porta da cozinha. Ele levou a mão às minhas costas, me puxou para si e me abraçou; depois de um segundo, fiz o mesmo. Passei os braços ao redor dele, me sentindo muito melhor.

Será que ele tinha mudado de ideia? O acidente mudou seu ponto de vista sobre o que estava acontecendo entre a gente?

Sebastian se afastou segundos depois, como se lesse meus pensamentos.

— Vou fazer o café da manhã pra você — disse, antes que eu pudesse falar qualquer coisa.

Eu me sentei no banquinho da ilha e fiquei olhando enquanto ele esquentava o leite, punha o mel, me dava a xícara e começava a fazer panquecas.

— Onde você aprendeu a cozinhar? — perguntei, observando-o.

Eu não estava acreditando que ele tinha me abraçado daquele jeito. Ainda havia esperança, mas não queria pensar muito naquilo. Sebastian já tinha mostrado que se deixava levar pelos impulsos e depois agia como se nada tivesse acontecido.

— Não tive escolha — respondeu, como se isso explicasse tudo.

— Não entendi — falei, mexendo o leite.

— Fui criado em casas de acolhimento… era comum que ninguém cuidasse das crianças nesses lugares, por isso decidi aprender a me virar… As crianças que moravam comigo ficavam muito gratas e eu descobri que cozinhar me tranquilizava.

Crescer sem pais e sem nenhum tipo de família não deve ter sido fácil. Eu meio que entendia, porque, embora tivesse pai e uma bela casa, muitas vezes me sentia completamente sozinha.

— O máximo que cheguei a fazer foi ir escondida pra cozinha do internato e tentar fritar ovos no meio da noite. A cozinha pegou fogo e tomei uma suspensão de três dias. Meu pai se recusou a me receber em casa porque estava ocupado, então precisei passar os três dias enfiada no quarto.

Sebastian colocou um prato com três panquecas de mirtilo diante de mim, apoiou os cotovelos na mesa e ficou me observando, perplexo.

— Não consigo te imaginar em um internato de freiras.

Sorri.

— Algumas abandonaram a tarefa, dizendo que, se Deus me colocou no

caminho delas, era pra testá-las, e elas não passaram no teste.

Sebastian sorriu.

— Você era tão ruim assim? — perguntou.

Mas, antes que eu respondesse, ele me calou com um gesto.

— Não, melhor não responder.

Sorri e levei um pedaço de panqueca à boca.

— E você? Como acabou entrando no exército?

Sebastian roubou um pedaço de panqueca, mastigou e me olhou pensativo.

— Quando uma pessoa faz dezoito anos, o Estado deixa de ser responsável por ela. Fui posto na rua, coisa que também não estranhei. Também tive minhas épocas ruins.

Arregalei os olhos, espantada, mas ele me deteve antes que eu dissesse alguma coisa.

— Épocas que deixei pra trás, Marfil. O exército era a única coisa que me interessava e que não precisava pagar para entrar.

Assenti, grata por estar descobrindo alguma coisa dele; mas algo me dizia que aquilo não era toda a verdade.

Continuei comendo, com Sebastian me observando em silêncio o tempo todo. Não me senti desconfortável nem intimidada com sua presença. Lembrei da sua boca na minha, das suas mãos me acariciando, dos meus dedos enroscados em seu cabelo castanho, e notei que estava ficando vermelha, sem poder fazer nada para evitar.

— Vai me contar seu pesadelo? — perguntou quando terminei a última panqueca.

Levantei o olhar e o fixei nele.

— Nada fora do normal — respondi com calma. — Todos vocês morriam e eu não podia fazer nada.

O silêncio tomou conta da cozinha.

— Acho melhor eu ir tomar banho — falei, e me levantei.

Precisava sair dali. Sebastian me olhou perplexo por um momento, mas logo assentiu.

— Eu também — disse.

Ele me acompanhou até a sala. A gente se olhou por um instante, e eu senti que um abismo se abria entre nós.

Eu me despedi rapidamente e subi a escada.

Depois do banho, ao contrário do que eu esperava, não me senti melhor. Pela manhã, minha irmã entrou no quarto entusiasmada para abrir as caixas e me ajudar a me vestir. Ela sempre quis que papai a levasse ao hipódromo de Fair Grounds. Eu só tinha ido uma vez participar de uma corrida de obstáculos organizada para arrecadar dinheiro para a JSMF, mas meu pai não me deixou ficar para a festa de encerramento. Por isso seu pedido parecia tão estranho.

Gabriella começou a abrir as caixas. Tirou de uma um lindo vestido branco, que chegava até um pouco acima do joelho e tinha duas tiras finas na cintura. Era simples, mas um Valentino; eu sabia que aquilo custava uma fortuna. Nas outras duas caixas tinha um par de Louboutin de salto muito mais alto do que eu estava acostumada a usar e um grande chapéu azul-marinho com um laço branco.

Olhei a roupa com preguiça… Não estava a fim de me montar toda. Ainda estava machucada e com dor de cabeça. Mas não podia fazer nada além de obedecer, então eu me sentei em frente à penteadeira e deixei que minha irmã me penteasse. Sempre gostamos de brincar de cabeleireira quando éramos pequenas e ela sempre se saíra melhor que eu.

— Você acha que o papai vai te levar porque não encontrou ninguém pra ir com ele? — perguntou Gabriella.

Ela estava fazendo duas tranças embutidas finas em mim, e as juntou no centro, sobre o resto do cabelo solto que caía sobre minhas costas em ondas naturais.

— Duvido — respondi.

Olhei meu rosto no espelho e praguejei mentalmente, me perguntando como conseguiria disfarçar os ferimentos. Se não fizesse direito, as pessoas iam pensar que eu tinha apanhado.

Aquele pensamento me fez estremecer.

Enquanto minha irmã mexia no meu cabelo, comecei a me maquiar. Cobri os machucados e o inchaço nos olhos como pude, e fiz uma maquiagem natural, que ressaltava meus traços.

— Passa esse batom, Mar, vai ficar maravilhoso — disse ela, me dando um vermelho paixão.

— Não acha demais?

— Você é demais — respondeu ela, me observando pelo espelho.

Só faltava pôr o vestido e o bendito chapéu. Meu rosto parecia de porcelana e meus olhos verdes se destacavam graças ao rímel que aumentava ainda mais meus cílios longos, deixando-os enormes.

Passei o batom, mas dando suaves batidinhas nos lábios, porque, assim, ficava um pouquinho mais natural, menos carregado.

Quando coloquei o vestido e os sapatos altos, só um pensamento me veio à cabeça: o que Sebastian vai achar quando me vir?

Não demorei muito para ver sua reação, ele estava me esperando perto do carro do meu pai, que aproveitava para fumar um charuto.

Quando saí pela porta, os dois me olharam e tiveram uma reação muito parecida, mas, ao mesmo tempo, completamente opostas. Meu pai me olhou com admiração e orgulho. Não com orgulho de pai, mas de quem compra uma Ferrari nova e se sente melhor que os outros por isso. Sebastian, ao contrário, olhava-me encantado, como se não esperasse me ver assim.

Desci os degraus e fui até eles.

— O chapéu pinica muito, só vou colocar lá — falei, usando aquela coisa para me abanar. — E os sapatos são superdesconfortáveis, pai. Devem ter custado uma fortuna, mas já estão me machucando.

E foi assim que o encanto se quebrou. Meu pai me olhou com cara de contrariado — o normal nele — e Sebastian sorriu, mas tentou disfarçar.

Entramos no carro, mas Sebastian não. Quem nos acompanhou foi Logan, sentado na frente. Olhei para trás e vi uma SUV nos seguindo pelo caminho de lama que levava à estrada onde havíamos sofrido o acidente no dia anterior.

— Quem são aqueles ali? — perguntei, ao ver quatro homens bem-vestidos nos seguindo.

Sebastian estava entre eles. E por sinal, ficava bem gato de terno e gravata.

— Contratei segurança extra — disse meu pai, pegando o celular e fazendo uma ligação.

Ele passou o caminho todo falando com um tal de Malcolm e eu me distraí tanto que quase dormi no banco de trás. Meu pai me chacoalhou quando chegamos; reparei na quantidade de gente que esperava para entrar.

Abriram a porta para eu descer. Ao ver aquelas pessoas, entendi que o costume de ir ao hipódromo todo elegante era coisa do passado. Muita gente que esperava para entrar estava de jeans, inclusive. Eu me senti ridícula, mas, quando chegamos ao camarote do meu pai, percebi que seu círculo era tão esnobe quanto ele.

O lugar tinha cadeiras bem confortáveis, de frente para a pista de corrida, e as portas de trás, de vidro, davam para uma sala equipada com absolutamente tudo, desde sofás e TVs enormes a garçons que passavam com champagne e canapés o tempo todo.

Fiquei nervosa ao perceber que Sebastian não estava em lugar nenhum. Depois de um tempo procurando por ele, por fim o vi do outro lado da sala, observando todo o espaço com seriedade. Usava até mesmo um equipamento na orelha. Estava

realmente no modo guarda-costas. Eu odiava aquilo tudo, principalmente o fato de estar cercada de gente que não conhecia e nem queria conhecer.

Dei um gole no champagne — até porque, se não bebesse, não aguentaria aquele evento —, e meu pai se aproximou acompanhado de dois homens muito altos e elegantes.

— Marfil, estes são Emilio e Marcus Kozel — disse, apontando para cada um respectivamente.

O primeiro, muito mais velho que o segundo, era obviamente o pai de Marcus, que era mais jovem e bonito. Estendi a mão, enquanto minha atenção se desviava, contra minha vontade, para Marcus Kozel. Ele era muito bonito, muito mesmo, e ficou me olhando bastante impressionado.

— Esta é minha filha Marfil, de quem tanto falei, Emilio — prosseguiu meu pai.

— E não exagerou, meu amigo — disse Emilio, apertando minha mão com um sorriso simpático.

Quando olhei para Marcus, senti um calafrio.

— Me falaram que você era muito bonita, mas achei que estavam exagerando — disse ele, beijando minha mão, em vez de seguir o exemplo do pai e simplesmente apertá-la.

Seu cabelo era bem escuro, e ele tinha olhos azuis impressionantes, que me provocaram uma sensação estranha.

— Normalmente exageram mesmo — respondi, feliz por liberar minha mão.

Marcus sorriu e ficou me olhando como se eu fosse uma obra de arte. Fiquei constrangida, mas, pela primeira vez na vida, não achei ruim receber a atenção de um homem como ele.

— Seu pai me contou o que aconteceu com seu carro ontem — disse Emilio Kozel, captando minha atenção e a do filho. — Que coisa horrível. Lamento que tenha vivido algo assim tão traumático.

— Tudo bem. O imbecil achou que podia me matar.

Imediatamente fiquei vermelha ao perceber que tinha me excedido na frente de um completo desconhecido.

Ao meu lado, Marcus soltou uma gargalhada.

— Ela tem personalidade mesmo, Alejandro. Achei que você também tivesse exagerado nisso. Meu pai sorriu e bebeu um gole de champagne.

— Em se tratando da minha filha, isso seria impossível, Marcus.

O que será que ele queria dizer com aquilo?

Ambos, pai e filho, olharam para mim e sorriram.

— Quer dar uma volta, Marfil? — perguntou Marcus, olhando para o meu pai

primeiro, como se estivesse pedindo permissão.

— Claro — respondi imediatamente, mas bem brava por ele achar que eu não podia decidir sozinha.

— Vão, vão. Os velhos vão ficar aqui falando de negócios, infelizmente — disse Emilio Kozel, não sem antes me lançar um olhar curioso.

Aceitei o braço que Marcus me ofereceu e percebi, ao colocar a mão nele, que por baixo daquele blazer de tweed azul-marinho e a calça cáqui que lhe caía tão bem, tinha um cara bem atlético e em ótima forma. Ele era mais velho que eu, imaginei que devia ter uns vinte e nove, trinta anos, mas era tão gato que nem liguei pra isso. Na verdade, parecia ter a mesma idade que Sebastian, que olhava para Marcus com cara de poucos amigos.

Humm… aquilo podia ser interessante.

Aparentemente, Marcus não estava ligando nem um pouco para o camarote, porque me tirou dali e me levou para o campo que contornava o hipódromo. Eu não sabia se a gente podia ficar ali, mas ele me garantiu que sim.

— Metade deste lugar é mantido pela minha família, relaxa, a gente pode fazer o que quiser.

Enquanto ele falava, notei que atrás da gente havia quatro guarda-costas, entre eles Sebastian e Logan, que nos seguiam dando espaço, mas vigiando os arredores e se certificando de que tudo estava sob controle. Marcus viu que eu tinha reparado e suspirou.

— São um saco, eu sei. Seu pai me disse que você não gosta de andar com guarda-costas — disse ele, enquanto caminhávamos por aquele campo bem cuidado, curtindo o ar livre.

— Não gosto que me sigam — respondi, grata por poder falar sobre como era horrível ter minha privacidade invadida.

Mas, então, ele disse uma coisa que me chocou.

— Se você fosse minha, teria ao menos cinco homens na sua cola — disse, parando e me olhando de cima a baixo. — Do jeito que você é linda, qualquer um poderia tentar algo.

Parei também e o encarei com os olhos arregalados.

— Você fala como se eu fosse um objeto — respondi, sentindo a raiva despertando dentro de mim.

Marcus se surpreendeu com a minha resposta.

— Por favor, não me entenda mal — disse, pousando as duas mãos em meus ombros. — Eu quis dizer considerando os acontecimentos dos últimos meses… você sabe, o sequestro, o carro…

Fiquei tensa.

— Você deveria ter a melhor segurança do mundo, Marfil — acrescentou.

— Eu tenho uma boa segurança. Sebastian Moore é responsável por isso — respondi com orgulho.

Ele olhou para Sebastian por um instante e franziu a testa.

— Eu o conheço… dizem que é um bom sujeito.

— Dizem? Quem diz?

Marcus se arrependeu imediatamente de ter falado aquilo.

— Conta um pouco de você, Marfil — disse, mudando de assunto de repente e ignorando minha última pergunta. — Seu nome, por exemplo, é meio diferente… por que Marfil? — perguntou, com um sorriso simpático.

Dei de ombros.

— Minha mãe escolheu… parece que, quando eu nasci, minha pele era muito clara.

Marcus me olhou de cima a baixo, parando em meu rosto. Tocou de leve minha bochecha quente com seus dedos frios.

— Nações se enfrentaram por mulheres como você, Marfil… Você poderia ser a Helena de Troia deste século — disse ele, divertido.

Achei a comparação engraçada. Ninguém nunca tinha me dito nada parecido.

— Talvez eu tenha uma personalidade parecida com a dela — respondi, me divertindo com aquilo.

Marcus sorriu.

— Você abandonaria seu marido por outro qualquer?

— Eu abandonaria a pessoa que me obrigasse a casar contra minha vontade e fugiria com o amor da minha vida, sim.

— Você é uma romântica, então — disse, retomando a caminhada e deixando cair a mão.

— Não sei, nunca me apaixonei — respondi.

Será que era verdade?

— Isso tem solução — disse ele, parando embaixo de uma árvore, bem onde começavam as cocheiras.

Reparei que, ali, era impossível que os seguranças nos vissem.

— Saia comigo, vamos jantar — disse ele, me olhando encantado.

Eu o observei com curiosidade. Era um homem incrivelmente bonito, seguro de si e simpático… Por que não jantar com ele?

Sebastian surgiu nos meus pensamentos. Mas o que eu poderia esperar de alguém que já tinha deixado claro que nunca ia existir nada entre nós?

Estava cansada de perder a cabeça por Sebastian, pois, no fundo, ele tinha razão. Eu merecia viver uma história apaixonante e cheia de amor, não é? Talvez Marcus Kozel pudesse ser meu príncipe encantado, por que não?

— Vou pensar — respondi.

Minha resposta provocou uma mudança em seu olhar; talvez porque não estivesse acostumado a ser rejeitado.

— Acho que vou me divertir muito com você, Marfil Cortés — disse ele.

Tive a impressão de ver em seus olhos azuis que a definição de diversão dele era bem diferente da minha, mas deixei aquela intuição de lado e prossegui o passeio.

21

Marfil

Finalmente, voltamos ao camarote e pudemos ver a última corrida. Marengo ficou em quarto, e o cavalo do principal adversário do meu pai, Mathew Byrne, ficou em sexto. Conhecendo Alejandro Cortés, esse fato já podia ser considerado uma vitória. Tive que conversar com outros amigos dele, como se estivesse em uma apresentação à sociedade, e achei bom que Marcus não saísse do meu lado. Assim, pelo menos, só tinha que lidar com um cara dando em cima de mim, não com todos os que queriam atrair minha atenção de qualquer jeito.

Por fim, chegou o entardecer de um dia lindo e a hora das despedidas. Meu pai e Emilio Kozel andavam mais à frente; Marcus me deteve um instante para que eles não o escutassem.

— Marfil, aceite jantar comigo — pediu pela oitava vez.

Aquilo já havia virado uma brincadeira: "Pego um champagne pra você se aceitar jantar comigo"; "quer que eu te ajude a se livrar desses chatos? Aceite jantar comigo…".

Sorri indecisa e, bem na hora que ia recusar, Sebastian apareceu.

— Temos que ir — disse, seco como sempre.

O olhar que lançou a Marcus não me passou despercebido.

— E aí, Moore? — disse Marcus, estendendo-lhe a mão.

Sebastian era um pouco mais alto e forte e ficou olhando para a mão de Marcus durante uns segundos que me pareceram eternos.

— Kozel — disse, apertando a mão dele muito brevemente.

— Você está segura, Mar — disse Marcus, me chamando como só meus amigos e minha família me chamavam; mas não achei ruim. — Tenho certeza que Sebastian vai cuidar da gente direitinho no dia do nosso jantar.

Sebastian não moveu um músculo sequer, mas eu percebi que não estava gostando nem um pouco de me ver com ele.

Fiquei animada. Eu podia fazer aquele jogo: provocar ciúme em Sebastian com Marcus. O que poderia dar errado? Marcus certamente tinha uma mulher por noite em sua cama, não se sentiria mal quando eu não quisesse mais sair com ele. Porém, Sebastian… Era só olhar para ver que ele não via a hora de me tirar dali. E, se pudesse dar um soco na cara de Marcus, melhor ainda.

Olhei para Marcus com meu melhor sorriso.

— Combinado, vamos jantar — disse, decidida.

As vibrações de ódio que me alcançavam pela direita eram inconfundíveis.

Marcus sorriu, parecendo feliz de verdade.

— Pego você amanhã às sete? — perguntou, ignorando meu guarda-costas como se Sebastian fosse uma planta.

A verdade era que Sebastian já tinha transmitido seu recado. Então, por que ainda estava ali?

Imaginei que, se marcássemos às sete, eu poderia passar o dia com Gabriella antes de ela ir para a casa da mãe. Com toda aquela confusão do acidente e do hipódromo, eu mal havia tido tempo de ficar com ela.

— Ok — respondi.

Eu estava desprevenida quando Marcus se aproximou, me pegou pela cintura e me puxou para me dar um beijo no rosto.

— Até amanhã, srta. Cortés. Fique bem bonita — disse, e se dirigiu ao meu guarda-costas: — Moore.

Sebastian nem respondeu.

Quando Marcus se afastou, eu me virei para ele, que me fitou sem nenhum tipo de emoção.

— Vamos — disse, seco, e saiu andando na minha frente.

Logan estava atrás, de modo que tive que seguir Sebastian. Senti uma pontada no peito. Era só isso? Ele realmente não se importaria se eu saísse para jantar com Marcus?

Ao chegar em casa, minha irmã nos recebeu entusiasmada, queria saber tudo sobre o dia no hipódromo. Contei a ela sobre Marcus Kozel.

— Ai, Mar, finalmente você vai ter um namorado! — exclamou, toda entusiasmada.

— Ninguém falou nada de namorado. A gente só vai jantar — esclareci.

Tirei os brincos de pérolas e os deixei em cima da caixinha na penteadeira. Gabriella estava com um pijama de cetim cor-de-rosa e o cabelo preso em meia-lua.

— Será que um dia alguém vai querer namorar comigo?

Olhei para ela surpresa.

— Claro que vai, você é incrível. Como alguém não ia querer namorar com você?

— Você sempre vai ser a mais bonita de nós duas, não negue — disse ela.

Senti uma pontada no coração.

— Eu chamo a atenção no primeiro momento, Gabriella, mas, depois, as pessoas se enchem de mim. Você é bonita, divertida e uma grande amiga. Qualquer um se apaixonaria por você como um bobo.

De repente, seu semblante me deu a entender que ela tinha algo para me contar.

— Sabe… conheci um cara — disse ela segundos depois. — Papai nunca aprovaria, ele é filho do dono da loja de doces da cidade, perto do colégio… É mais velho que eu, e lindo — acrescentou, com olhos sonhadores.

Fiquei meio tensa.

— Gabriella, você precisa tomar muito cuidado, não pode mais sair do colégio como antes. Se alguém…

— Eu sei, eu sei — disse ela, fazendo uma careta. — Pra você é fácil falar, mora sozinha em Nova York e pode ir aonde quiser.

Arregalei os olhos, surpresa.

— Gabriella, eu sou quatro anos mais velha que você e, caso não se lembre, passei exatamente pela mesma coisa. Só que sem nenhum cara na cidade ao lado, é importante lembrar.

— Mas antes era diferente. Você faz ideia do que é ter quinze anos e nunca ter beijado?

— Meu primeiro beijo foi aos dezoito, portanto sim, eu faço ideia.

Minha irmã arregalou os olhos, surpresa.

— Nossa, você demorou… As garotas perdem a virgindade aos dezesseis hoje em dia, e eu…

Meu coração acelerou. Peguei suas mãos com força.

— Nem pense nisso, Gabriella — falei, olhando-a com medo. — Nem pense em transar com alguém, você é uma criança!

Minha irmã se soltou e me olhou, brava.

— Você parece as freiras ou o papai! Você ainda é virgem?

Não respondi. Fiquei calada, tentando apagar uma lembrança da cabeça.

Como não respondi, minha irmã arregalou os olhos ainda mais surpresa e soltou uma gargalhada.

— Você tá de brincadeira, né? Você é virgem?!

— Shhh! — fiz. — Sim, sou. E, se não quiser morrer, é melhor você continuar sendo também.

— Que exagero! Como se alguém pudesse saber se eu não for.

— Existem maneiras de verificar, sabia?

Minha irmã se deitou na cama e ficou olhando para o teto, sorridente.

— Ninguém vai verificar nada, e se eu e o Timmy decidirmos…

— Gabriella, não se atreva. Você tem quinze anos, nunca nem beijou!

Minha irmã se sentou na cama.

— Um garoto, você quer dizer — disse ela, sorrindo. — Pedi pra Laura me ensinar. Não quero beijar o Timmy sem saber como fazer. Pra falar a verdade, achei bem nojento, tanta saliva e a língua entrando e saindo…

Ai, meu Deus.

— Você deve beijar alguém importante, por quem sinta alguma coisa, não sua melhor amiga do colégio.

Minha irmã deu de ombros.

— Quanto drama!

Olhei para ela, preocupada. A única coisa que me dava certa tranquilidade era saber que ela estava sendo vigiada e não poderia dar suas fugidinhas do colégio, pelo menos enquanto a ameaça que caía sobre mim ainda existisse.

Aquela noite, dormimos no meu quarto depois de ver um dos nossos filmes preferidos. Enquanto olhava o teto escuro, não consegui parar de me perguntar como seria beijar Marcus Kozel e, principalmente, se ele seria capaz de me fazer sentir tantas coisas, como Sebastian fazia.

O dia seguinte passou sem incidentes. Bom, tirando o fato de, ao descer para tomar o café da manhã, eu ter encontrado um buquê gigante de rosas vermelhas. Gabriella e Lupe ficaram me cercando querendo ver o cartão. Antes de abri-lo, olhei quase sem querer para Sebastian, que estava tomando seu café da manhã com Wilson na outra ponta da mesa. Nossos olhares se encontraram e senti algo se remexer dentro de mim, sem poder evitar. Sebastian interrompeu a conexão e continuou lendo o jornal.

Abri o envelope e li o que Marcus tinha escrito para mim.

> Desde que te conheci, não paro de pensar em você. Estou contando as horas para te encontrar, Marfil. Fique linda para mim.
>
> MARCUS KOZEL

Entreguei o cartão para Gabriella para que ela parasse de fazer perguntas e me sentei à mesa. Sebastian nem se mexeu.

— Nossa… “Fique linda para mim” — repetiu minha irmã em voz alta. — Esse Marcus é um perigo, hein?

— Cala a boca — arranquei o cartão dela e o guardei no bolso. — Se quiser

passar o dia no riacho, tem que andar logo. Quero voltar até as cinco para poder me arrumar.

Uma hora depois, estávamos cavalgando, rindo e apostando corrida como quando éramos pequenas, só que com Sebastian e Wil atrás de nós. Lupe montou uma cesta de piquenique com sanduíches, maçãs, queijo e uvas. Sebastian e Wil não quiseram nos acompanhar; eles tinham levado coisas para comer, então só tive oportunidade de falar com Sebastian quando chegamos às cocheiras, por volta das quatro e meia da tarde. Demorei um pouco mais porque queria escovar Philippe antes de levá-lo de volta ao celeiro. Por isso, quando Sebastian foi ao meu encontro na baia de Philippe, eu sabia que estávamos sozinhos.

Tentei me comportar como se ele não estivesse ali, mas foi muito difícil, especialmente quando ele se aproximou e, todo fofo, acariciou meu cavalo.

Guardei a escova no lugar, mas, quando fui sair, ele me segurou.

— Tome cuidado hoje à noite — disse, me olhando nos olhos.

— É só um jantar, Sebastian, já saí milhares de vezes com outros caras — falei.

Ele pegou meu queixo, me obrigando a encará-lo.

— Marcus Kozel não é como os caras com quem você já saiu. Ele é perigoso. Toma cuidado — repetiu.

Dei um passo para trás.

— Ele é filho de um amigo do meu pai. Se fosse perigoso, meu pai não ia deixar eu ir. E, pelo visto, ele está bem feliz.

Sebastian apertou os lábios com força.

— Quer me dizer mais alguma coisa ou prefere não correr o risco de demonstrar ciúme?

Sebastian ficou imóvel ao ouvir aquilo. Deu um passo para a frente e cravou os olhos castanhos com dureza em mim.

— Sim, mais uma coisa: não deixe o Marcus te beijar.

Olhei para ele, sem acreditar no que tinha acabado de dizer.

— Por que não?

— Porque, se você deixar, ele vai querer de novo.

Dito isso, virou as costas e foi embora, me deixando ali.

Mas que merda foi essa?

Não dava para negar que fiquei feliz por saber que Sebastian estava morrendo de ciúmes. No entanto, para além do ciúmes, ele parecia realmente estar me advertindo.

Eu estava ansiosa para o meu encontro, e decidi não pensar muito no que Sebastian tinha dito. Escolhi um vestido elegante verde-escuro justo e na altura do joelho, e sapatos de salto pretos que eu adorava e valorizavam minhas pernas. Optei pelo cabelo solto e liso, caindo pelas costas, e maquiei os olhos para ressaltar o verde. Deixei os lábios naturais, só com um pouquinho de gloss rosa.

— Você está um espetáculo — disse minha irmã, me olhando com admiração.

Agradeci, dei um beijo no alto da cabeça dela e saí. Não tinha a mínima ideia de como seria aquele encontro, mas não queria me preocupar nem ficar aflita. Já tinha saído com um monte de garotos nos dois últimos anos, eles não me intimidavam. Nem eles nem os encontros. A única pessoa que conseguiu me deixar nervosa em toda a minha vida foi Sebastian e, na verdade, eu esperava que Marcus quebrasse esse padrão. Queria que as coisas fossem mais fáceis; com Sebastian, tudo era complicado demais, intenso demais.

Não queria me preocupar, afinal era só um jantar. Um jantar romântico, provavelmente, e o esperado era que acontecesse o de sempre: que fosse um grande tédio ou que passasse uns momentos agradáveis, mas sem nada digno de nota.

Desci a escada e, no hall de entrada, vi que Wilson e Sebastian me esperavam.

Olhei para os dois: terno e gravata e cara de poucos amigos.

— Vocês dois não vão junto, né? — perguntei horrorizada.

— Eles vão, sim — disse meu pai, aparecendo na porta da cozinha.

Ele me olhou de cima a baixo e sorriu, satisfeito.

— Você está linda, filha. Fico muito feliz por estar se aproximando do Marcus Kozel. Ele é um ótimo partido.

Virei para ele.

— Primeiro, não estou me aproximando de ninguém, pai. Eu nem conheço ele direito, só vamos jantar. E segundo: por que os dois têm que ir? Não posso transformar um jantar a dois em um jantar em família.

Meu pai, contra todas as expectativas, deu um sorriso divertido.

— Não se preocupe, Marcus está acostumado a andar com guarda-costas, filha.

Eu me lembrei do que Marcus tinha dito: que, se eu fosse dele, teria cinco homens atrás de mim, e a vontade de sair com ele diminuiu bastante.

Era inútil discutir com meu pai, então tentei não me deixar afetar pelo fato de que Sebastian e Wil estariam vigiando cada movimento meu durante o encontro. Como é que eu ia dar em cima de outro cara com o Sebastian me encarando o tempo todo?

Por fim, Marcus chegou, vestido elegantemente com uma calça jeans escura e uma camisa branca. Estava um pouco mais informal que eu, mas não destoava tanto

assim. Ele pareceu realmente sincero quando, ao me ver, disse que eu era a mulher mais linda que ele já tinha visto na vida. Sorri, mas o elogio não chegou a causar um efeito positivo de verdade.

Estava acompanhado do combo completo. Ele dirigia uma Ferrari preta fosca, mas, atrás dele, esperando que entrássemos no carro, havia duas Mercedes paradas, também pretas.

Quando olhei na direção dos carros, ele me pegou pela mão e me puxou para a Ferrari.

— Não se preocupe com eles, faça de conta que não estão aqui.

Ele precisava de tantos seguranças assim para sair na rua? Quem de fato era Marcus Kozel?

Olhei para trás procurando Sebastian, mas Marcus seguiu meu olhar e parou um instante.

— Não precisa vir, Moore. Tenho seguranças suficientes para proteger a Marfil. Não vai acontecer nada enquanto ela estiver comigo.

Sebastian olhou para Marcus como se fosse engolir ele vivo e depois cuspir.

— Marfil não vai a lugar nenhum sem mim — enfatizou, sem deixar espaço para argumentos.

Marcus se adiantou quando Sebastian foi contornar o carro para ir até a Mercedes de Peter.

— Eu já falei — disse, pousando a mão no peito de Sebastian para detê-lo. — Esta noite, eu cuido dela.

Sebastian foi empurrá-lo para se livrar dele, mas, antes que conseguisse, eu decidi intervir.

— Marcus, eu quero que ele vá — falei, pousando a mão no braço que Marcus tinha estendido para deter Sebastian.

Marcus sorriu sem olhar para mim, com os olhos cravados nos de Sebastian. Demorou uns segundos para responder.

— Como quiser, princesa — aceitou, e me olhou uns segundos depois.

Princesa…

Ele estava tomando liberdade demais, mas eu não ia dizer nada.

Finalmente, ele abriu a porta do carro para mim. Vi Sebastian entrar na Mercedes que estava estacionada na frente da Ferrari.

Quando foi que eu passei a precisar de três carros com guarda-costas para jantar com um cara?

Quando Marcus entrou no carro, senti seu perfume Calvin Klein e relaxei no banco de couro.

— Foi mal por tudo isso, mas com tudo o que aconteceu…

— Não se preocupe — respondi, observando como ele mexia no câmbio.

Saímos voando pela estradinha de terra em frente à minha casa. Vi os três carros nos seguindo a vários metros de distância.

— Reservei um restaurante com uma vista linda para o Mississipi — disse ele, sorrindo. — Você vai ver, é uma cobertura incrível. A carne é da melhor qualidade e o vinho é espetacular.

Sorri, observando a paisagem que rapidamente ficava para trás. Marcus dirigia depressa, muito, mas eu não falei nada. Aquele carro pedia aquela velocidade.

— Você faz faculdade de quê? — perguntou, com uma mão apoiada no encosto de meu banco e a outra no volante.

— Economia — respondi.

Ele soltou uma gargalhada.

— Jura? — perguntou, me olhando de canto de olho e logo voltando a olhar para a estrada.

Por que ele tinha achado tão engraçado?

— Sim, estou terminando o segundo ano — respondi.

Observei seu perfil. Ele era muito bonito, parecia ter saído de uma revista *Dior*. Notei seu Rolex de ouro no braço esquerdo e um anel de cabeça de leão na mão direita.

— O que você faz? — perguntei com curiosidade.

Ele me olhou um instante com um sorrisinho.

— Trabalho com compra e venda de empresas — respondeu. — Compro empresas quebradas por um dólar e assumo todas as suas dívidas.

— Um dólar? — perguntei, sem acreditar.

— Sim — disse simplesmente. — Faço as reformas necessárias, negocio com os bancos para quitar as dívidas e depois leiloo as empresas.

— Parece arriscado — comentei, olhando para a frente e vendo o sol que estava começando a se pôr e as luzes que iluminavam a estrada quase deserta.

— Todo negócio é arriscado — respondeu, dando de ombros. — Você gosta de balé? — perguntou, apontando para o pingente em forma de sapatilhas no meu pescoço.

Fiquei surpresa com a pergunta.

— Adoro — admiti, sorrindo.

— E sabe dançar? — perguntou com curiosidade.

— Sim, mas não danço mais profissionalmente — respondi, e na mesma hora pensei na minha mãe.

— Está no sangue, né?

Olhei para ele, surpresa.

— A Paulina Kozlova era amiga dos meus pais. Se não me engano, foi meu pai que apresentou ela para o seu.

— Seus pais conheciam minha mãe? — perguntei, sem acreditar.

— Sim. Eu também, mas, naquela época, devia ter uns oito ou nove anos. Uma vez, ela dançou para a minha família; foi uma apresentação privada na nossa casa de Moscou. Lembro que metade da Rússia era apaixonada por ela. Era linda demais.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas. Ele prosseguiu:

— Nunca pensei que encontraria alguém mais bonita do que ela… até que vi você.

Quando me encarou, o peso de seu olhar me deixou hipnotizada. Já tínhamos chegado e eu nem havia percebido. Marcus enxugou uma lágrima que rolou pelo meu rosto.

— Dança pra mim… um dia?

Meu coração acelerou, não pude evitar. Ele queria mesmo me ver dançar?

— Claro — respondi em voz baixa.

Marcus sorriu e desceu para abrir a porta para mim. Ao sair do carro, vi que Sebastian já estava parado na entrada do restaurante, esperando. Ao me ver, sua expressão se transformou.

Imaginei que ele tinha ficado preocupado ao ver lágrimas nos meus olhos, então dei um sorriso para tranquilizá-lo. Com os três guarda-costas de Marcus e os dois meus, era um total de cinco homens bem-vestidos, que entraram com a gente no elevador que nos levaria à cobertura, onde pretendíamos jantar.

Marcus parecia acostumado a agir como se eles não estivessem ali, mas era difícil para mim. Principalmente quando senti sua mão na minha lombar e o jeito possessivo dele de me puxar para si na frente de todo mundo. Na frente de Sebastian.

O lugar era lindo, tinha uma vista muito bonita para o rio; e era muito intimista também. As mesas ficavam em frente a uma grande janela e eram separadas por divisórias, que ofereciam uma privacidade que poucos restaurantes tinham. Notei que, ali, seria complicado para os guarda-costas terem uma visão total de nós, e fiquei feliz por isso. Era muito constrangedor ter Sebastian ali; no fundo, estava arrependida de não ter aceitado a proposta de Marcus de confiar em seus guarda-costas e não levar Sebastian junto.

Depois que nos sentamos, um garçom muito elegante nos ofereceu o cardápio. Marcus pediu vinho e se aproximou mais; estava sentado ao meu lado naquele

pequeno espaço oval.

— Gostou das flores? — perguntou, enquanto ele mesmo me servia o vinho.

— São lindas, obrigada — respondi, levando a taça aos lábios, curtindo a atenção que ele me dava.

— Seu pai me disse que você mora em Nova York — comentou depois que deixei que ele pedisse por mim.

Assenti, admirando a beleza dele. Agora que estava mais perto, notei que devia ser um pouco mais velho que Sebastian. Não sei por que estava tão obcecada com a idade daqueles dois, mas precisava saber em que terreno estava pisando.

— Você mora sozinha? — perguntou, passando o braço por trás de meu encosto.

— Sim, mas é uma região muito segura — respondi, e bebi de novo.

Estava nervosa e não queria que ele pensasse que me intimidava.

— Seu pai me disse que Sebastian Moore mora com você… — disse ele, sem tirar os olhos de mim.

— Ah, sim, há alguns meses. Ele fica na ala dos empregados — expliquei.

— Então, por que disse que morava sozinha?

Não gostei nem um pouco do jeito como ele me olhou. Fiquei tensa.

— Por que perguntou, se você já sabia?

Marcus sorriu.

— *Touché* — disse, e levou a taça aos lábios.

Chegaram os pratos e, dali em diante, o papo ficou mais informal, mais descontraído. Marcus foi um verdadeiro cavalheiro o tempo todo e parecia realmente interessado nas coisas que eu contava. Mas notei que eu estava mais contida com ele; não estava mostrando a verdadeira Marfil e sabia que isso se devia ao fato de ele ser amigo do meu pai. Com Sebastian, eu havia sido cem por cento Marfil desde o instante que o vi, e não gostei de perceber que, com Marcus, estava tentando ser aquilo que eu achava que ele esperava de uma mulher bonita.

Quando chegou a sobremesa, Marcus já estava praticamente colado em mim. Aproximou a mão aos poucos, até tocar meu pescoço, um lugar sensível, e não a tirou mais dali.

— Trouxe um presente pra você — disse ele quando acabamos de dividir a sobremesa.

Ele levou a mão ao bolso interno do blazer e tirou uma caixinha quadrada de veludo preto. Era uma caixa de tamanho médio e parecia pesada. Colocou-a em cima da mesa, diante de mim.

Arregalei os olhos, surpresa.

— Não precisava me dar nada — falei, ficando repentinamente nervosa.

— Mas eu queria. Abra — disse ele.

Enquanto eu abria a caixa, ele continuava falando.

— Reparei que você não está com nenhuma joia, só esse pingente. Uma mulher como você merece diamantes e safiras, Marfil.

Fiquei olhando o colar sem saber o que dizer. Meu coração estava acelerado, mas não no bom sentido.

Eu não gostava de joias. Elas me lembravam minha mãe e a causa da sua morte.

Tentei encontrar as palavras.

— Eu… é demais, não posso aceitar — falei, passando o dedo pela pedra que, com certeza, era um diamante puro.

— Nada é demais se quem usa é você — disse, tirando-o da caixa e me olhando com um sorriso. — Posso?

Eu ia dizer não. Ia explicar que não usava joias assim, mas, antes que me desse conta, meu pingente de balé já tinha desaparecido do meu pescoço e sido substituído por um colar que, com certeza, havia custado milhares de dólares.

Quando olhei para ele, seus olhos tinham um brilho que eu não soube decifrar.

— Quero que você seja minha, Marfil Cortés — disse ele, colocando a mão na minha perna e acariciando meu joelho com seus dedos longos e masculinos.

— Você está indo depressa demais — alertei, colocando a mão em cima da sua quando ele começou a subi-la pela minha coxa.

Marcus interrompeu a carícia e cravou seu olhar em meus lábios.

— Quando quero alguma coisa, simplesmente vou atrás — declarou, muito seguro de si.

— Esse é um princípio muito ambicioso — respondi, tirando o colar —, mas você não vai me ganhar com flores e joias, Marcus.

Tive medo de que se ofendesse, mas ele apenas sorriu.

— Isso só faz eu te desejar mais ainda — admitiu com tranquilidade.

O garçom nos interrompeu e eu aproveitei para pedir a conta.

Ao meu lado, Marcus soltou uma gargalhada.

— Já quer ir?

— Minha irmã vai embora amanhã e prometi a ela que não chegaria muito tarde.

— Tudo bem, não se preocupe — disse ele, entregando um cartão de crédito preto ao garçom e, em seguida, me escoltando até o elevador.

Quando meus olhos encontraram Sebastian de novo, senti uma pontada no peito. Marcus pegou minha mão e não me soltou até chegarmos ao carro. Fizemos o caminho de volta em silêncio. Não foi um silêncio constrangedor, mas me fez questionar se o encontro tinha sido bom ou não.

Quando chegamos em casa e ele desligou o carro, percebi que ia tentar me beijar.

— Se eu dissesse que já quero te ver de novo, o que você responderia? — perguntou, virando o corpo para mim.

Sorri

— Responderia que ainda estou aqui.

Quando Marcus se inclinou para mim com a mão em minha nuca e seu perfume me envolveu inteira, uma parte de mim quis sair correndo, mas outra… Outra quis ver se ele seria capaz de me fazer estremecer como meu guarda-costas.

Quando nossos lábios se encontraram, Marcus não perdeu tempo com sutilezas. Ele me puxou para si e, segundos depois, estava enroscando a língua na minha e exigindo muito mais do que eu queria lhe dar.

Fui me afastar, mas ele me segurou com força; até que finalmente me soltou.

Nós dois arfávamos e, com um simples olhar, pude ver como estava excitado.

— Marfil… acho que acabei de provar uma nova droga.

Nossos olhares se encontraram e ele me beijou de novo, dessa vez com mais delicadeza.

— Entre em casa, senão quem vai te sequestrar dessa vez sou eu.

Olhei para ele sem acreditar.

— Estava brincando, desculpa — disse ele.

— Obrigada pelo jantar — falei, e desci do carro sem olhar para trás.

Foi Sebastian quem abriu a porta. Eu me sentia estranha, não conseguia olhar nos olhos dele. Sentia como se o tivesse traído e não gostava da sensação.

Como tinham deixado algumas lamparinas acesas, a entrada ficou com uma iluminação bem suave.

— Boa noite — disse Sebastian, dando-me as costas para ir para seu quarto.

— Espera — pedi, e corri em sua direção.

Ele me olhou sem dizer nada.

— Diga logo, Sebastian.

Eu estava furiosa, porque tudo aquilo que queria sentir com Marcus estava sentindo naquele instante, só por ter Sebastian a poucos centímetros de mim, aquilo me torturava.

— Vocês formam um belo casal — disse, e passou por mim para seguir seu caminho.

Ele não me olhou nos olhos. Também estava furioso, eu sabia. Mas a questão era que não importava que ele estivesse incomodado por eu sair com outro, porque continuava convencido de que não podia me tocar enquanto fosse meu guarda-costas, e isso me deixava ainda mais irada que qualquer outra coisa. Por que ele não

queria admitir que sentia alguma coisa por mim?

Aquela noite, acordei mil vezes. Nos meus pesadelos, Marcus me enforcava com um colar de diamantes, e Sebastian observava tudo a distância, sem intervir, imóvel. Eu chamava Sebastian, esticava o braço para que visse que precisava dele, mas ele olhava… só olhava.

No fim, era a sensação de solidão que me matava.

22

Marfil

Minha irmã foi passar o resto das férias com a mãe e o padrasto. Fiquei triste de ter que me despedir dela. Só a veria de novo no mês de verão que normalmente passávamos ali. Pelo menos Tami tinha mandado mensagem dizendo que poderia passar o último fim de semana de férias na minha casa e depois voltaríamos juntas para Nova York, para o início das aulas da faculdade.

Marcus Kozel me mandava rosas vermelhas todos os dias. Saímos de novo, mas não sozinhos, em grupo, e ele me apresentou a alguns amigos mais próximos. Todos me deixaram à vontade. Depois de um beijo intenso na frente de casa e de uma hora batendo papo, ele se despediu prometendo que viria me ver no fim das minhas férias, para se despedir.

Minha relação com Sebastian tinha esfriado de um jeito que não achei que pudesse acontecer. Eu o evitava, e ele fazia a mesma coisa… Era muito complicado, já que a gente precisava estar junto quase que o tempo todo. Embora tivesse passado vários momentos com Marcus, quem eu via nos meus sonhos era Sebastian. Entendi que, por mais que ele fosse um bom partido e por mais contente que meu pai estivesse comigo pela primeira vez na vida, não podia continuar saindo com Marcus enquanto pensava em outro.

Não era justo.

Minha intenção era contar ao Marcus o que eu sentia e propor que fôssemos apenas amigos. Esse era o plano quando ele veio me ver, três dias antes de eu ir embora.

— Você é uma verdadeira amazona — disse ele quando enquanto a gente cavalgava pelos campos do meu pai.

Sorri para ele a distância.

— Quer apostar corrida? — propus, olhando para ele por cima do ombro.

— O último a chegar ao celeiro é mulher do padre! — gritou e me pegou desprevenida quando passou por mim galopando a toda velocidade.

Disparei atrás dele imediatamente, sem perceber para qual celeiro ele estava indo. Quando ele — vencendo — entrou no mesmo lugar onde, uma semana antes, Sebastian e eu havíamos feito de tudo, menos agir de forma profissional, senti um calafrio.

Sebastian e Wilson estavam atrás de nós, mas ficaram do lado de fora para nos dar um pouco de privacidade. Eu não precisava olhar para Sebastian para saber que ele continuava com a mesma cara de paisagem dos últimos dias.

— Você perdeu — anunciou ele, e se aproximou para me ajudar a descer do cavalo.

Deixei que me ajudasse e, quando meus pés tocaram o chão, Marcus se inclinou para me beijar.

Porém me afastei com toda a sutileza que consegui.

— E o meu prêmio por ter ganhado? — perguntou ele, enterrando a boca no meu pescoço sem meu consentimento.

— Marcus… — avisei com delicadeza.

— Princesa — disse ele, com as mãos nos meus quadris e me puxando para si com vontade demais. — Quero alguma coisa de que eu possa me lembrar…

A verdade era que ele beijava muito bem, só que eu não sentia nada. Além do mais, beijar Marcus ali naquele lugar, com Sebastian do lado de fora, me deixava desconfortável.

Ele subiu as mãos e apertou meus seios, só então eu reagi.

— Você está muito apressadinho, Marcus. Eu não…

Mas ele me calou com um beijo.

Ele enfiou a língua até quase a minha goela, e aquilo me deu nojo. Comecei a empurrá-lo com as mãos, tentando tirar aquele cara de cima de mim, mas, quanto mais eu resistia, mais duro ficava o volume dentro da calça dele.

— Você me deixa louco — disse ele, levando as mãos à minha bunda e a apertando com força, me machucando.

— Me solta! — gritei, furiosa e assustada, porque minhas tentativas de me livrar dele não estavam funcionando. Eu não podia fazer nada. A história se repetia, e não dava para pôr em prática nada do pouco que Sebastian me tinha me ensinado naquele momento. — Caralho, Marcus!

— Eu mereço algo em troca por ter passado a semana toda atrás de você, caralho — retrucou ele, me pressionando com os quadris e me impedindo de tentar dar um chute no saco dele.

— Me solta, seu filho da…

Mas ele cobriu minha boca com uma das mãos e, com a outra, apertou forte meu seio esquerdo.

Nunca, em toda minha vida, tinham me tratado daquele jeito. Nem mesmo Regan.

Meu coração acelerou e o medo me dominou por completo. Eu soube na hora

que não adiantava dizer nada: se pudesse, ele me comeria ali mesmo, contra a minha vontade.

— Sebastian! — gritei a plenos pulmões quando Marcus tirou a mão que cobria minha boca para puxar minha blusa e rasgá-la.

— Quieta, caralho! — rosnou Marcus em um tom de arrepiar.

Engoli em seco, com um nó na garganta que mal me deixava respirar. Então ouvi um clique e Marcus ficou paralisado.

Abri os olhos cheios de lágrimas e vi que Sebastian estava com a pistola encostada na nuca de Marcus. O filho da puta sorriu, estava achando engraçado.

— Afaste-se dela — ordenou Sebastian com a voz muito calma.

Marcus riu e me soltou devagar. Ajeitei a roupa e corri para trás de Sebastian.

— Quem você pensa que é pra me dizer o que fazer? — desafiou Marcus, se virando e encarando Sebastian com seus olhos azuis, sem um pingo de medo.

A pistola agora estava bem na altura da sua garganta.

— Vai atirar em mim, Moore?

Sebastian nem se mexia. Continuava apontando a pistola, e o único sinal de tensão eram os músculos das suas costas.

— Saia — ordenou Sebastian.

Marcus riu de novo e se virou para mim. Eu chorava atrás de Sebastian.

— Diga ao seu pai que vou cobrar a dívida antes do combinado.

Seus olhos queimaram os meus com ameaças tão sinistras que senti um verdadeiro terror. Ele era incrível, por que passou a se comportar como um verdadeiro psicopata? Eu sabia: os homens só queriam meu corpo. O resto não importava, nunca tinha importado.

Marcus pegou seu cavalo e foi embora, acompanhado por Wilson. Eu não queria que Sebastian fizesse nem dissesse nada. Virei as costas para ele, enxuguei o rosto com a manga da camiseta. Ele tinha me alertado sobre Marcus, e eu ignorei o recado, como sempre.

— Marfil… — disse ele, aproximando-se por trás. — Ele nunca mais vai pôr as mãos em você.

Olhei para o lugar onde Sebastian e eu tínhamos nos beijado, arrependida de ter saído com Marcus. Por que estava tentando me enganar? Era por Sebastian que eu estava apaixonada, eu sabia. Era nele que eu confiava. Era ele que eu desejava…

Quando me virei novamente, vi que ele estava furioso, não comigo, claro. Ele mantinha os punhos cerrados nas laterais do corpo.

— Esqueci o golpe de taekwondo — falei, sem me mexer. — Você vai ter que me ensinar de novo.

Sebastian não sorriu, simplesmente me olhou enquanto atravessava a pouca distância que nos separava. Quando se aproximou, enxugou minhas lágrimas com a mão.

— Vou te ensinar tudo que você quiser — disse, e me acariciou com seu polegar áspero.

Seus olhos se desviaram para minha blusa rasgada, que deixava à mostra o sutiã rosa. Sem dizer nada, ele abriu o zíper do moletom e o segurou aberto para que eu colocasse primeiro um braço e depois o outro. Deu um passo à frente para fechar o zíper devagar, sem tirar os olhos de mim.

— Se ele encostar em você de novo, vai morrer.

Ele disse aquilo como se não existisse outra opção. Senti um calafrio, porque entendi que, finalmente, as coisas haviam mudado. Eu não queria admitir, mas Sebastian tinha tentado me avisar desde o início. Da noite para o dia, minha vida, que era comum e sem dramas como a de qualquer universitária, estava cheia de ameaças e perigos.

— Quero sair daqui — disse, abraçando a mim mesma. — Quero voltar para Nova York e esquecer tudo isso.

Sebastian ficou parado, só me observando. Dei um passo para a frente e, sem dizer nada, encostei o rosto em seu peito, ainda com meus braços ao redor de mim. Quando ele me abraçou forte, entendi que, independentemente do que acontecesse, Sebastian Moore me protegeria, não deixaria que nada de mau me acontecesse. E isso, sem que eu entendesse direito ainda, significaria absolutamente tudo.

Sebastian falou com meu pai. Foi o que me disse, pelo menos. Eu não fazia ideia do que Marcus quisera dizer com cobrar a dívida antes do combinado. Também não entendia como se atrevera a fazer aquilo comigo sabendo que nossos pais eram amigos, mas o que mais me surpreendeu foi o fato de meu pai não me dizer nada a respeito. Eu, transtornada como estava, só queria ir embora o mais rápido possível. Pedi a Lupe que comprasse as passagens e liguei para Tami para dizer que lamentava ter que cancelar o convite, mas que voltaria a Nova York no dia seguinte.

Aquela viagem tinha sido horrível e eu precisava voltar para minha casa, minha rotina, tentar esquecer tudo que havia acontecido e sentir que estava no controle da minha vida de novo.

Depois daquelas férias, eu tive certeza de três coisas: primeiro, que minha vida corria perigo de verdade; segundo, que meu pai escondia uma lista inimaginável de segredos; e, terceiro, que estava completamente apaixonada pelo meu guarda-costas.

23

Marfil

Na volta para Nova York, Sebastian foi de primeira classe comigo, sentado ao meu lado. Sem que eu pedisse, pegou minha mão e não a soltou praticamente durante todo o voo. Eu estava nervosa porque, além de tudo que tinha acontecido desde o sequestro, não sabia que tipo de relacionamento nós teríamos. Se antes a convivência com Sebastian havia sido intensa, depois daquela última semana e de eu saber, com toda a certeza, que estava apaixonada por ele, não fazia ideia de como me comportar perto do meu guarda-costas.

Dentro de mim, uma guerra era travada. Minha vida tinha mudado e, agora, na lista de prioridades, em primeiro lugar estava não só eu mesma e minha segurança, mas também a daquele homem que se sentava ao meu lado com os olhos fechados, acariciando a palma da minha mão com seu polegar. Eu queria enterrar a cabeça em seu peito, dormir aninhada nele, que ele me fizesse cafuné até eu dormir, como havia feito na viagem de ida, mas algo dentro de mim também tinha mudado. Nada mais era como antes da viagem, não só por ter vivido tão de perto meu possível assassinato, como também por tudo que Sebastian tinha feito e dito naqueles dias. Tudo aquilo acabou me deixando mais fechada e me fez perceber que, se não cuidasse do meu coração, acabaria vivendo o maior amor não correspondido da história.

Eu não iria aguentar o jeito dele de se afastar, de ficar calado e distante, não dava mais. Quando fechava os olhos, via Sebastian diante de mim, sentia sua boca na minha, suas mãos no meu corpo. De olhos fechados, sentia seu toque, meu coração pulsando e o prazer mais delicioso que já tinha experimentado.

Não conversamos muito durante o voo de volta. Quando Sebastian me conduziu até o estacionamento do aeroporto, eu sabia que ele iria se comportar como se nada tivesse acontecido, que sua atitude continuaria a mesma de sempre, e isso, em vez de me deixar com raiva, acabou me entristecendo.

Já no carro, eu me limitei a apoiar o queixo no punho e olhar pela janela os edifícios que se erguiam, imponentes. Eu sempre me sentiria como uma formiguinha insignificante naquela cidade, não importava quanto tempo passasse.

Demorei muito para entender que não estávamos indo para o meu apartamento, estávamos atravessando a ponte do Brooklyn no sentido contrário. Quando, por

fim, tirei os olhos da rua e olhei para Sebastian, ele já estava estacionando em frente a um restaurante de tijolinhos vermelhos. Ficava ao lado do Hudson. Odiei a inevitável sensação de alívio ao ver que ele não tinha adentrado muito o Brooklyn. Eu acabei adotando todos aqueles preconceitos por causa das pessoas com quem convivia desde que tinha chegado à cidade, mas Tami adorava o Brooklyn e, em várias ocasiões, nós duas percorremos as ruas visitando galerias de arte em Bushwick, uma área linda e muito hipster cercada de artistas pouco conhecidos, mas com muito talento.

— Por que estamos aqui?

Sebastian pegou a chave do carro e se voltou para mim.

— Vamos comer o melhor hambúrguer de Nova York.

Aquilo era a última coisa que eu esperava que saísse da boca dele. Antes que eu pudesse dizer algo, ele desceu do carro e foi andando para a porta.

Desci depressa e o alcancei bem quando ele parava para abrir a porta para mim.

— Por que me trouxe aqui? — perguntei antes de entrar.

— O que você acha?

Eu o encarei, confusa.

— Porque quer que eu engorde? — respondi.

Notei que meu humor estava começando a mudar e um sorriso foi surgindo em meus lábios.

Sebastian me olhou durante alguns segundos.

— Eu te trouxe aqui justamente porque precisava te ver sorrindo de novo.

Meus lábios congelaram e senti um friozinho na barriga. Ele não esperou que eu respondesse. Com um gesto da cabeça, indicou que eu entrasse no restaurante.

Era meio restaurante, meio fast food, mas tinha seu charme. Escolhemos uma mesa de canto. Quando o garçom perguntou o que iríamos pedir, falei para Sebastian pedir para mim o mesmo que para ele.

Quando a comida chegou, arregalei os olhos, espantada.

— Ser gentil pela primeira vez na vida fez você perder a noção de quantidade de comida? — perguntei, sem acreditar no tanto de pratos que o garçom colocava na nossa mesa. — Somos só dois.

— Eu como por quatro — respondeu, arrumando os pratos na mesa.

Eu achava graça das suas manias, que acabei conhecendo durante nossa convivência. Não que ele fosse obcecado por limpeza, mas com certas coisas, como a comida, fazia questão de que tudo estivesse sempre perfeito.

Eu me diverti vendo Sebastian arrumar a comida de um jeito extremamente organizado. Peguei uma batata frita e imediatamente percebi que faltava uma coisa.

Eu me levantei para ir até o balcão, mas Sebastian segurou meu pulso e me olhou estreitando os olhos.

— Aonde você vai?

— Comprar uma coisa, já volto — respondi com calma.

Sebastian hesitou por alguns segundos, analisou o restaurante e, depois de pensar um instante, soltou meu pulso.

Esse gesto me fez reviver tudo, mas fiz o possível para não deixar que afetasse meu ânimo.

Quando voltei à mesa, ele já estava no segundo hambúrguer. Olhou para mim com cara de poucos amigos quando coloquei um pote de sorvete de baunilha entre nós.

— Nem provou o hambúrguer e já vai comer a sobremesa?

Eu me sentei em frente a ele e, sem tirar os olhos dos seus, peguei uma batata frita e a mergulhei no sorvete, levei a batata à boca e comi, feliz.

Sebastian se limitou a me observar espantado.

— Mmm… que delícia. — Sorri, peguei outra batata e repeti o processo.

— Às vezes você é tão esquisita…

— Experimente — sugeri, peguei uma batata, passei-a no sorvete e estiquei a mão para chegar aos seus lábios.

— Não, obrigado — respondeu, ignorando minha batata e meu braço estendido.

— Vai, tenta — insisti, porque o sorvete estava derretendo em contato com a batata quente e escorria pelos meus dedos.

Sebastian olhou para mim e depois para a batata. Seus olhos brilharam de um jeito especial. Quando se inclinou para pegar a batata com a boca, manteve os olhos nos meus o tempo todo. Seus lábios roçaram meus dedos de propósito, cheguei a sentir a ponta da sua língua na minha pele e fiquei paralisada. Seus olhos escuros cintilaram antes de ele afastar a boca e se recostar de novo na cadeira.

Minha respiração estava entrecortada e meu coração batia enlouquecido no peito.

Ele pegou o copo de plástico e bebeu como se nada tivesse acontecido.

— Gostou? — perguntei, como se o que ele havia acabado de fazer não tivesse me afetado, mas xinguei mentalmente quando minha voz tremeu, sem que eu pudesse evitar.

Sebastian sorriu com o olhar.

— Adorei.

Ele estava dando em cima de mim?

— Coma — disse ele, recuperando sua seriedade natural.

Balancei a cabeça, mas fiz o que ele mandou, sorrindo, e provei o hambúrguer.

— Uma delícia! — exclamei, lambendo os lábios.

Enquanto comíamos, eu revirava meu cérebro pensando em como falar sobre nós sem provocar outra briga, mas, quando tomei coragem para falar, o sininho da porta tocou, ele afastou os olhos de mim e toda a descontração que eu estava fingindo se evaporou como num passe de mágica.

Segui seu olhar, virando o corpo lentamente, e vi uma mulher jovem se virar para nós como se nossos olhares a estivessem chamando aos gritos. Ela ficou pálida, mais ou menos como Sebastian. Antes que eu pudesse perguntar quem era, Sebastian se levantou para ir até ela. A garota teve a mesma ideia, porque se dirigiu à nossa mesa e eles se encontraram na metade do caminho.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Por favor, Samara… — disse Sebastian, em voz baixa para que eu não ouvisse.

Virei de costas para não parecer intrometida, mas continuei observando os dois pelo reflexo do espelho da parede.

Quem será que era aquela garota?

Vi Sebastian dizer algo que não consegui ouvir e ela negar com a cabeça e olhar para ele com desprezo. Isso me chamou tanto a atenção que, por um instante, não me dei conta de que Sebastian estava tentando impedi-la de ir até onde eu estava.

Ela se desvencilhou, seu cabelo loiro balançou de um lado para o outro e, toda esbelta, seguiu em minha direção.

— Mas que merda, Samara — xingou Sebastian ao mesmo tempo que a garota parava ao meu lado e me olhava diretamente nos olhos.

— Fique longe dele. — Ela me disse. Então, olhou para Sebastian com nojo e de novo para mim. — Ele é perigoso, acredite, fique longe dele — repetiu, dando ênfase nas últimas palavras.

Estremeci.

— Quando você se der conta, ele já vai ter estragado sua vida e desaparecido como num passe de mágica.

Sebastian perdeu a paciência que o caracterizava. Foi até ela e a pegou pelo braço.

— Já chega!

Dei um pulo na cadeira quando o ouvi gritar daquele jeito em público. Os olhos de Samara se encheram de lágrimas, mas ela puxou o braço com força para se desvencilhar.

— Está avisada — disse, olhando para mim. — E quanto a você… tomara que acabe no inferno.

E foi embora antes que alguém pudesse dizer mais alguma coisa. Sebastian a seguiu com os olhos e ficou olhando para a porta por onde ela havia desaparecido.

Depois, percebeu que eu ainda estava ali e voltou ao seu lugar.

Fiquei olhando para ele tentando entender o que tinha acabado de acontecer e por que Sebastian ficou tão abalado. Era a namorada dele? Ou melhor, a ex-namorada?

— Quem é ela, Sebastian? — perguntei ao ver que ele não pretendia dizer nada.

Ele não respondeu logo, como se sua cabeça estivesse a mil por hora e minha pergunta tivesse chegado atrasada.

— Ninguém — respondeu, seco, e se levantou. — Acabou?

Olhei para minha bandeja completamente cheia e para a dele, com metade da comida intacta.

— Vamos — acrescentou, sem me deixar responder.

Não abri a boca porque minha intuição me dizia que era melhor ficar calada, mas também não ia permitir que ele fingisse que nada havia acontecido.

Fui atrás dele até o estacionamento e me sentei no banco do passageiro. Sebastian ligou o carro e saiu em disparada. O espertinho ligou o rádio no volume máximo, tão alto que chegava a incomodar. Estiquei a mão para abaixar o volume, mas ele olhou para mim completamente fora de si.

— Deixa assim.

— Não fala desse jeito comigo — respondi, e desliguei o rádio.

O silêncio tomou conta do espaço, eu me virei para ele.

— Quem era aquela mulher, caralho?

Sebastian não respondeu e pisou ainda mais no acelerador. Olhei para fora, assustada com a velocidade.

— Sebastian, você está dirigindo rápido demais.

Ele não desacelerou, pior ainda, pisou mais fundo. A adrenalina corria por todo o meu corpo. Quem estava ao volante não era o Sebastian que eu conhecia, ele estava completamente fora de si. Aquela garota tinha mexido com ele e o transformado naquele homem sombrio, assustador e com um olhar descontrolado.

— Sebastian, pisa no freio, porra! — gritei quando a velocidade já beirava o suicídio.

Era como se ele não me ouvisse, como se não ouvisse nada além do que se repetia dentro da sua cabeça.

Gritei com ele, mas foi como falar com a parede. Bati em seu braço, o chacoalhei, mas seu olhar não se desviou da estrada nem por um instante, mas era evidente que ele não via nada.

Entrei em pânico. A cena do acidente se repetia na minha cabeça, revivi as mesmas sensações de dias antes, mas, naquele momento, quem me punha em perigo

era a última pessoa que eu achava que poderia me machucar. Gritei, histérica, quando um caminhão passou de raspão, obrigando Sebastian a dar uma guinada no volante que nos salvou por pouco.

Cobri o rosto com as mãos. Não queria olhar, não queria nem respirar.

As palavras de Samara se repetiam na minha cabeça sem parar: "Ele é perigoso, fique longe dele".

Notei que a velocidade estava diminuindo e que o carro finalmente tinha parado. Tirei as mãos do rosto e, sem nem olhar para fora, abri a porta e saí do carro.

— Marfil!

Quando o escutei me chamar, dei meia-volta muito puta da vida. Empurrei Sebastian com todas as minhas forças quando ele se aproximou.

— O que deu em você?! Ficou maluco?!

Sebastian me olhava com um peso no olhar, arrependido, com a culpa estampada naquele rosto imponente.

— Desculpa — disse, tentando me puxar para si.

Mas eu me soltei com um puxão e dei três passos para trás, me afastando dele. Os carros passavam ao longe, pois Sebastian tinha parado em uma baia de emergência. Eu via as luzes dos prédios no horizonte. Onde será que a gente estava?

Estávamos tão longe da cidade assim?

— Não chega perto de mim, Sebastian — disse quando ele tentou diminuir a distância que nos separava.

Ele parou e olhou para mim cheio de dor, seu rosto perfeito marcado pela preocupação.

— Não sei o que me deu… Me desculpe, por favor — disse, passando a mão no rosto.

— Quem é essa Samara? — perguntei com a voz fria como a neve.

Sebastian tirou a mão do rosto e me olhou com o maxilar tenso.

— Ninguém com quem você precise se preocupar.

Olhei para ele incrédula.

— Ela acabou de me dizer que você vai estragar a minha vida. Quem é ela, caralho?

Eu não tinha nem ideia de onde vinha minha ousadia, mas ver Sebastian com aquela mulher tinha me deixado transtornada, me afetado mais do que eu era capaz de entender.

— Marfil… por favor. — Ele quase implorava.

O que ele queria? Que eu não perguntasse nada sobre ela?

— Não era pra vocês terem se encontrado. Você não devia ter presenciado

aquilo.

— Só quero saber quem ela é, se é uma maluca que nem te conhece, se é sua irmã mais nova ou se é sua amante, caralho. Sebastian, só me diga quem é.

Ele ficou ali plantado, até que, finalmente, decidiu responder.

— Vou dizer, mas depois a gente entra no carro e vai pra casa. E nunca mais tocamos nesse assunto. Nunca.

O quê?!

— Prometa.

Ele estava falando sério.

— Muito bem — aceitei, mas, por dentro, sabia que aquilo duraria pouco.

Sebastian respirou fundo e me encarou.

— É minha ex-mulher.

24

Marfil

Sebastian já tinha sido casado?

Dá para imaginar a minha cara quando ele disse aquilo. Demorei alguns segundos para assimilar, depois passei por ele e entrei no carro. Não sei explicar por que me senti assim naquele momento, era uma raiva, uma sensação de ter sido traída. Eu sei, eu sei, é um absurdo. Sebastian e eu não tínhamos nada, só nos pegamos uma vez e ele trabalhava para o meu pai, mas, por dentro — no coração, especificamente —, eu sentia que Sebastian era meu. Não podia nem cogitar a ideia de que, em outro momento, havia sido de outra pessoa, que havia sido apaixonado por outra, que tinha decidido passar o resto da vida com ela e a considerado o amor da sua vida. Pela atitude daquela mulher, talvez o divórcio tivesse sido ideia dela, e talvez Sebastian continuasse perdidamente apaixonado por aquela loira de pernas longas.

Sinceramente, aquilo era a última coisa de que eu precisava naquele momento. Tentei rebobinar a fita até aquela breve aproximação na hamburgueria, até aquele leve roçar dos seus lábios na minha pele, até aquele olhar cúmplice que prometia… o quê? Mas não adiantou. Tudo foi ofuscado por aquele fator que eu tinha tentado ignorar desde que o conhecera: que Sebastian, eu gostando ou não, tinha uma vida antes de nos encontrarmos.

Ele parecia satisfeito por eu seguir tão à risca a promessa de não fazer perguntas. Pela primeira vez desde que nos conhecíamos, fiz o que ele queria e mais valorizava: fiquei quieta.

Quebrei o silêncio quando entendi que, naquela noite, depois de tudo que tinha acontecido na casa do meu pai — com ele, com Marcus — e de ver sua ex-mulher, eu não queria ficar perto dele. Precisava de espaço.

— Me leva pra casa do Liam, por favor — disse sem nem olhar para ele.

Notei que ele me olhou por um segundo, mas logo voltou a fixar os olhos na estrada.

— Acho que não é uma boa ideia…

— Eu tenho a chave do apartamento dele, assim como ele tinha do meu antes de você tirar dele. Liam é meu melhor amigo e preciso dele. Preciso… desculpe, mas, agora, preciso ficar longe de você.

— Marfil, você não pode fi…

— Não vou sair de lá — interrompi.

Sebastian apertou a têmpora e me lançou um olhar de desafio e frieza. Seus olhos se detiveram alguns instantes a mais no meu rosto, até que, suspirando, ele voltou a prestar atenção no trânsito.

— Qual o endereço?

Dei o endereço e mandei uma mensagem para Liam dizendo que precisava dormir na casa dele e que estava a caminho. Eu não sabia se ele estava sozinho, se tinha saído e nem mesmo se já estava dormindo, mas sabia que me receberia de braços abertos, e era só disso que eu precisava.

Quando chegamos ao edifício de Liam, que ficava no distrito financeiro, a poucos quarteirões de Wall Street, Sebastian desceu do carro e foi até a porta do passageiro.

Desci e fiquei olhando para ele uns segundos, e aquela maldita advertência se reproduziu de novo na minha cabeça.

"Ele é perigoso."

Era mesmo? Sem dúvida, podia ser, mas não comigo… Sebastian me protegia dos malvados… não?

Quando fui me virar de costas para atravessar a rua e entrar no prédio, ele me segurou pelo braço, impedindo que eu me afastasse do carro.

Por um instante, pensei que Sebastian se abriria, que me explicaria o que havia acontecido vinte minutos antes, que diria que ela não era ninguém para ele, que confessaria que, apesar de todos os seus esforços para evitar, sentia por mim o mesmo que eu sentia por ele. Mas nada parecido saiu de seus lábios quando ele abriu a boca para falar.

— Não faça nenhuma bobagem.

Eu o encarei.

— Tipo me apaixonar por você? — falei sem pensar, mas gravei sua reação para analisá-la na intimidade do meu quarto, quando estivesse sozinha.

— Marfil…

— Relaxa — interrompi, louca para sair dali, para apagar da mente a expressão de pânico dele naquele momento —, você já deixou bem claro que só quer saber de mim pra uma coisa.

Imaginei que ele fosse me segurar, pegar meu braço de novo para dizer que eu estava enganada, que mandasse eu retirar que o que eu tinha acabado de dizer, que aquilo era um absurdo, porque ele também estava apaixonado por mim.

Mas ele não me segurou, e senti meu rosto empalidecer. Corri para o prédio do

meu amigo e, quando entrei no elevador, estava ofegante. Abri a porta do apartamento e vi que estava tudo escuro. Atravessei o longo corredor até o quarto de Liam e vi que ele não estava. Tirei a roupa, peguei uma camiseta dele e me deitei na cama. Demorei para conseguir dormir, mas finalmente o cansaço me venceu.

Os pesadelos não foram os de sempre. Não tiveram nada a ver com a minha mãe nem com sua morte, e sim com Sebastian me abandonando, Sebastian me dando as costas. Por mais que eu o chamasse, ele continuava andando. Andava e andava, até que uma garota alta, loira e linda pegava a mão dele e o levava para a escuridão.

Abri os olhos sob a luz ofuscante de um novo dia. No começo, não sabia onde estava. Na Luisiana? Em casa? Onde? Demorei mais que o normal para me lembrar do que tinha acontecido e por que eu estava ali. E só consegui quando Liam entrou no quarto só de calça de pijama, com uma xícara de café fumegante na mão.

— Tenho que admitir que adoro te ver na minha cama — disse, aproximando-se, bonito como sempre, e se sentando ao meu lado.

Por que eu não me apaixonava por ele? Liam era perfeito para mim e, nossa, eu o amava tanto…

— Por que está me olhando assim? — perguntou ele, recostando a cabeça no travesseiro e me observando com curiosidade.

— Assim como?

— Como se estivesse pensando em coisas impossíveis.

Eu só podia sorrir. Ele me conhecia muito bem.

— Por que você dormiu aqui?

Puxei o edredom até o pescoço.

— Queria um pouco de normalidade.

Liam soltou uma gargalhada.

— Na sua vida? — retrucou, sorridente. — Garota, essa palavra não combina com você.

Suspirei.

— Posso perguntar por que seu guarda-costas está na calçada da frente, dormindo dentro do carro e congelando?

Dei um pulo, como se tivesse uma mola na bunda.

— O quê?!

Liam se endireitou também e apoiou as costas na cabeceira da cama.

— Eu vi o Sebastian de madrugada, quando cheguei da balada.

Saí da cama e fui até a janela, de onde podia ver a frente do prédio. De fato, o

carro de Sebastian ainda estava parado ali, com ele dentro, imaginei. Morri de culpa e comecei a recolher minha roupa para me vestir.

— Aonde você vai?

— Pra casa… Não imaginava que aquele… Que inferno! Você tem razão, minha vida é uma merda.

Liam soltou uma gargalhada.

— Eu falei isso?

Ignorei Liam enquanto, furiosa, enfiava as pernas na calça e dava pulinhos para puxá-la e fechá-la à altura do umbigo.

— Ei — disse Liam, levantando-se e se aproximando —, posso descer e mandar aquele imbecil embora, se quiser. Podemos pedir uma pizza e ver um filme. Deixo você escolher.

Neguei com a cabeça.

— Outra hora. Agora é melhor eu voltar pra casa e enfrentar as consequências do… — fiquei quieta quando me dei conta de que já tinha falado demais.

— Consequências do quê?

Desviei o olhar de seus olhos azuis e encarei a janela, imaginando que meu silêncio tinha me entregado.

Liam suspirou profundamente.

— Marfil… jura que você se apaixonou por aquele idiota?

Estava tão na cara assim?

Saí de perto dele e peguei minha bolsa.

— Nem vem — retruquei, irritada.

Liam balançou a cabeça.

— Eu sempre temi que esse momento chegasse.

Eu me virei para ele quando ouvi aquilo.

— O quê?

— Eu sabia que você iria acabar se apaixonando pelo único cara que caísse aos seus pés, o único cara que seu pai jamais aprovaria e, pior, que se apaixonaria profundamente. Eu sei faz tempo, é só ver como você olha pra ele.

— E como eu olho pra ele, posso saber?

Liam se apoiou na cômoda e cruzou os braços.

— Como se ele fosse te salvar da vida em que nasceu.

Fiquei calada, processando o que Liam acabara de dizer.

— Não preciso que ninguém me salve. Quando vocês vão entender isso?

Eu me virei de costas para ele sem esperar a resposta e entrei no elevador. Quando saí do edifício, Sebastian abriu a porta e desceu do carro.

— Que porra você tá fazendo aqui? — perguntei assim que o vi.

Aparentemente, ele já esperava aquela reação, porque me olhou impassível.

— É meio preocupante que, a essa altura do campeonato, você ache que vou te deixar sem proteção.

Apesar de, sem dúvida, ele não ter dormido nada, estava gatíssimo. Eu queria, precisava ser dele, e a intensidade desse pensamento me atingiu como nunca.

— Você disse que ia me esperar em casa.

— Eu não disse isso.

Caralho, aquele autocontrole me irritava. Bufei e entrei no carro.

Sebastian entrou depois de mim. Ele me olhou de um jeito que achei que fosse dizer alguma coisa, mas talvez tenha pensado duas vezes, porque olhou para a frente e pegou o caminho para o Upper East Side.

Quando chegamos ao edifício e entramos, havia um buquê gigante de flores em cima do balcão. Norman olhou sério para Sebastian.

— Senhora, mandaram essas flores — disse e, então, dirigiu-se a Sebastian. — Não toquei nelas nem levei lá pra cima, como o senhor mandou fazer quando chegasse qualquer coisa para a srta. Cortés.

— Muito bem, Norman. Obrigada — respondi.

Com as mãos trêmulas, peguei o cartão.

Perdão. Por favor, me desculpe e jante comigo.

MARCUS

Antes que eu rasgasse o cartão em mil pedaços, senti Sebastian atrás de mim. Ele arrancou o cartãozinho da minha mão e o leu sem pedir licença.

Não disse nada, apenas guardou o cartão no bolso.

— Jogue fora, Norman — disse ao porteiro e me seguiu.

Ele ficou atrás de mim, de modo que eu não conseguia ver sua expressão. Mas supunha que era tão sombria quanto a minha. Aquele babaca do Marcus tinha acabado de estragar o meu dia, e ainda eram dez da manhã.

Entramos no apartamento e Sebastian fechou a porta. Minha intenção era me trancar no meu quarto, e estava indo até lá quando sua voz grave me deteve.

— Marfil, espere um segundo.

Eu me virei lentamente para ele.

— Foi muito injusto fazer você prometer que não faria nenhuma pergunta sobre a Samara — disse, me pegando totalmente desprevenida —, mas é que eu prefiro que certas coisas do meu passado fiquem lá, entende?

Não respondi nem fiz nenhum gesto. A maneira como ele tinha pronunciado o nome dela me deixou desconcertada, porque foi com intimidade…

— Você a ama?

— Amo.

Meu coração parou de bater.

— Mas não estou apaixonado por ela.

Aquela frase, aquela explicação, podia significar muitas coisas.

— O que aconteceu entre vocês?

Sebastian se aproximou.

— Não posso contar — disse, olhando para mim como se com essa frase quisesse dizer mil coisas.

Estreitei os lábios com força. Ele e aqueles segredinhos de novo.

— Mas quero deixar uma coisa clara — continuou ele, acariciando meu rosto, como já tinha feito algumas poucas vezes. — Eu nunca vou te machucar nem deixar que você corra perigo. Sabe disso, né?

Assenti uns segundos depois. Seus dedos ainda acariciavam meu rosto. Ele parecia querer dizer muitas coisas, mas algo o impedia de prosseguir. Eu via isso na expressão dele e morria de vontade de saber por quê.

Seus dedos desceram para minha nuca e fiquei toda arrepiada. Por um instante, só se ouvia o som da nossa respiração e o palpitar do nosso coração.

— Fiz tudo errado, Marfil… Tudo que prometi a mim mesmo não fazer… — Ele aproximou perigosamente a boca da minha. — Jurei ficar longe. Jurei…

— Do que você está falando?

Ele apoiou a testa na minha e fechou os olhos, como se dizer aquilo machucasse sua alma.

— Como posso continuar se…

— Sebastian…

Ele abriu os olhos ao me ouvir dizer seu nome.

— Do que você está falando? — repeti, angustiada ao vê-lo assim.

— Nada, não ligue para o que eu falo — disse, afastando-se de mim e recuperando a compostura.

Fiquei olhando para ele por alguns instantes, avaliando se seria correto insistir ao vê-lo tão angustiado.

— Estou com medo — confessei e consegui fazer com que prestasse atenção em mim de novo. — Há muita coisa acontecendo, às vezes acho que vou explodir. Mas saber que você está aqui faz meu medo desaparecer.

Minhas palavras mexeram com ele de um jeito estranho.

— Você não precisa ficar com medo — disse, tão baixinho que eu não sabia se tinha escutado direito.

— Algo me diz que tudo que está acontecendo é só o começo de algo terrível.

Seus olhos cintilavam, em conflito, e ele pousou a mão no meu rosto.

— Escute, Marfil — disse, me olhando nos olhos. — Não confie em ninguém, nem mesmo em mim.

De todas as coisas que ele poderia ter dito, aquela era a última que eu esperava ouvir.

— Não pode me dizer que nunca vai me machucar e depois falar que não posso confiar em você.

Sebastian tensionou o maxilar, e vi, por um instante, as veias do seu pescoço saltarem.

— São coisas diferentes — disse ele, bem sério, quase sem mexer os lábios.

Foi então que me lembrei das palavras de Samara.

— Você é perigoso?

Ele fechou os olhos um segundo antes de responder:

— Não pra você… Eu nunca vou te fazer mal.

Suas palavras me tranquilizaram. Sorri ao perceber que sua mão continuava no meu rosto e sua boca estava a poucos centímetros da minha.

— Você passou a noite no carro?

Ele relaxou ao notar o clima menos tenso. Eu não queria mais ouvir Sebastian falar de segredos, confiança e ex-mulheres rancorosas.

— Minhas costas que o digam — disse, baixando a mão e se endireitando.

— Estão doendo? — perguntei com interesse.

— O que você acha?

Fiquei olhando para ele, com vontade de beijar o corpo dele todinho.

— Acho que eu poderia fazer a melhor massagem da sua vida e deixar suas costas novinhas.

— É mesmo? — perguntou, entrando na brincadeira pela primeira vez desde que a gente se conheceu.

— Posso provar quando e onde quiser.

— Acho que já abusamos demais da sorte.

Sem querer, meus olhos se dirigiram para a tipoia que ainda sustentava sua mão esquerda, a que ele tinha machucado no acidente de carro.

— Você vai conseguir fazer seu trabalho com uma mão só? — perguntei, mais por curiosidade que por outra coisa.

Sebastian olhou a faixa com o cenho franzido.

— Em alguns dias já vou estar novo… Mas posso chamar um colega se achar que… — começou ele, bem sério.

— Não! Pelo amor de Deus, não quero mais ninguém.

Sebastian deu um sorrisinho ao notar meu pânico diante da ideia de ter mais um como ele andando pelo meu apartamento.

— Você está com fome?

Assenti, notando que a angústia que estava sentindo desde a noite anterior ia desaparecendo lentamente.

— Então vem me ajudar.

Fui com ele até a cozinha e nos revezamos para lavar as mãos. Ele, só a direita.

— Comece peneirando a farinha — explicou, enquanto abria a geladeira.

Pisquei várias vezes.

— Começar fazendo o quê? — perguntei, como se ele tivesse falado grego.

Sebastian revirou os olhos e pegou a caixa de ovos da geladeira.

— Tem que peneirar a farinha pra fazer massa de panqueca. Venha, eu vou colocando e você vai dando umas batidinhas na peneira.

Eu me aproximei dele me sentindo uma inútil.

— Era mais divertido quando você cozinhava — comentei, olhando para sua mão com o cenho franzido. — Tem certeza de que precisa de tudo isso? Juro que vi você mexer os dedos várias vezes.

— Não estou com totalmente imobilizado, foi só uma torção. Apenas faça o que estou pedindo.

Escutei atentamente todas as instruções e, juntos, fizemos umas panquecas até que bem decentes.

— Quero fazer uma com a forma dos Estados Unidos… Espere! — falei de repente ao jogar a massa na frigideira e ela se transformar em algo divertido demais para ignorar e não brincar.

— Marfil, você tentou fazer o Mickey quatro vezes, acha mesmo que a forma de um país vai ser mais fácil? — Seu tom era duro. Estava claro que ele já estava perdendo a paciência. — Me dá isso aqui.

Sebastian arrancou a frigideira da minha mão. Quando foi mexer na gororoba que eu tinha feito, comecei a rir. Estávamos cobertos de farinha, restos de ovo e de massa.

Quando cozinhava sozinho, nem um fio de cabelo dele saía do lugar.

— Qual é a graça?

Caí na gargalhada e, ao cobrir a boca com a mão, me sujei mais ainda com massa de panqueca.

Sebastian ficou me olhando, mas, no fim, também achou graça daquilo tudo.

— A partir de agora, esse é meu território — disse ele. — Não quero você aqui nem de brincadeira, ouviu?

— Nada disso! Descobri que adoro cozinhar.

Sebastian balançou a cabeça, pegou a frigideira que ainda estava no fogo, jogou o resto da massa nela e continuou cozinhando. Quando se aproximou com dois pratos estrategicamente apoiados no braço direito e os colocou na mesa em frente a mim, senti um calorzinho por dentro.

A panqueca que ele tinha feito para mim em forma de elefante, com tromba e tudo, ficou quase perfeita.

O olhei de soslaio e vi que ele mal me olhava. Apenas comia sua panqueca como se não tivesse acabado de fazer o gesto mais fofo do mundo.

Sorri em silêncio e tomei meu café da manhã.

25

Sebastian

A tempestade se aproximava, literalmente. Eu estava encostado na bancada da cozinha esperando Marfil acabar de se arrumar para levá-la à faculdade. Já havia se passado uma semana desde que tínhamos voltado daquele inferno que ela chamava de lar.

Tinha pouco a dizer sobre o que acontecera na casa de Alejandro Cortés. Apesar de não me surpreender encontrar um babaca como Marcus Kozel, tenho que admitir que nunca pensei que acabaria sentindo Marfil tão de perto como naquele dia do celeiro abandonado.

Eu tentava todos os dias me comportar como se aquilo não tivesse acontecido, tentava com todas as minhas forças não me deixar levar e manter minhas mãos e meu corpo longe dela, mas a cada dia ficava mais difícil. Cada droga de dia que passava e eu via aquele babaca enchendo a casa dela de flores, tinha medo de que meu velho eu despertasse. Já tinha permitido que Marfil visse muito mais de mim do que eu queria, mas o encontro com Samara foi pior do que eu podia imaginar. Não foi ela, e sim a minha estupidez que me fez perder a cabeça.

Ela estava ali, radiante como sempre, e eu não podia deixar de sentir que, apesar da realidade em que vivíamos, em alguma dimensão, Marfil Cortés era minha e de mais ninguém. Ela sorriu, usando uma minissaia, meias-calças e uma blusa de lã larga que, quando se mexia, deixava seu ombro esquerdo nu. Minha vontade de beijar aquela mulher aumentava a cada segundo que passava. A vontade de tocar Marfil fazia meu temperamento, já ruim por natureza, piorar a ponto de até ela ter que sofrer as consequências.

— Está três graus lá fora — falei, olhando sua roupa com um olhar bem sério.

— Agora você é o homem do tempo? — respondeu ela, rápida como sempre, mas sem perder totalmente o sorriso.

Ela não se maquiava muito, mas seus lábios sempre tinham uma camada de algo que dava a impressão de que ela tinha acabado de passar a língua neles.

— Sou o homem que não vai sair daqui se você não se agasalhar — respondi, tirando o celular do bolso e olhando a tela para respirar e parar de devorá-la com os olhos.

— Às vezes você é pior que meu pai — retrucou ela, se virando de costas e

entrando de novo no quarto bagunçado.

Se você soubesse… pensei.

Um minuto depois, ela voltou com um gorro de lã rosa, um cachecol da mesma cor e uma jaqueta de couro por cima.

— Satisfeito?

Não respondi, fui até a porta e a segurei aberta para ela. Quando ela passou, parou por um segundo ao meu lado.

— Obrigada por se preocupar com a minha saúde — disse, ficou na ponta dos pés e me deu um beijo no rosto.

Senti todo o meu corpo se contrair por causa daquele simples contato. Marfil agora era outra, tomava certas liberdades que me deixavam em um estado de inquietação constante. Eu não conseguia afastá-la quando ela fazia essas coisas aparentemente inocentes, mas ambos sabíamos que queríamos algo mais. Um toque, uma carícia, um beijo no rosto não eram nada, certo?

Grunhi em resposta e, como sempre, ela fingiu que nada tinha acontecido.

Já no carro, liguei o aquecedor e o rádio para escutar as notícias. Aparentemente, eu não era o único preocupado com a tempestade que se aproximava. A temperatura tinha caído drasticamente em poucas horas e isso não era normal, considerando que estávamos quase em maio.

Pedimos a todos que permaneçam em casa e evitem se deslocar. A previsão é de chuvas que podem se transformar em tempestades de neve.

— O tempo está doidinho — constatou Marfil ao meu lado, preocupada.

Ela pegou o celular e começou a digitar depressa. Queria perguntar com quem tanto falava, mas fiquei calado e continuei dirigindo.

Já na universidade, chegou a hora de nos separarmos, porque ela não queria que achassem que estávamos juntos. Eu a observava de longe, sentado no fundo da classe e admirando seu sorriso constante, seu jeito de ser. Apesar de ser muito feminina, ela também sabia ser dura, se fosse preciso.

Fazia uns dez minutos que ela discutia com o professor sobre as melhoras ações diante uma crise econômica e argumentava que os erros cometidos durante a bolha imobiliária poderiam ter sido evitados.

— O problema é a ganância, o fato de os bancos mais importantes do país terem assumido riscos sem capital suficiente para sustentá-los.

Sorri vendo a cara do professor, que era banqueiro, e agradeci pelo sinal que tocou, encerrando a aula antes que ele a devorasse e eu fosse obrigado a intervir.

Marfil recolheu seus livros, guardou tudo na bolsa Prada e sorriu para um colega que estava sentado ao seu lado. Enquanto eu a esperava encostado na parede de

frente para a porta, várias colegas dela ficavam me olhando e cochichando como adolescentes. Mais da metade delas já tinha se apresentado com intenções nada sutis, mas meus monossílabos eram suficientes para fazer com que elas desistissem.

Marfil saiu da sala e, assim como tinha feito a semana toda, em vez de sair andando, parou ao meu lado como se fôssemos colegas.

— O que achou da aula?

— Muito edificante — respondi, olhando para a frente, para as portas, para os cantos escuros, para qualquer um que me parecesse minimamente suspeito.

— O professor Benet é fechado como você, só que, no fundo, sabe que eu tenho razão.

Assenti enquanto nos dirigíamos para a lanchonete. Antes de chegar à porta, umas garotas pararam para conversar com ela, animadas.

— Já falamos com quase todas as turmas do segundo ano, você não imagina quanta gente quer participar.

— Maravilha! — respondeu Marfil, colocando uma mecha de seu cabelo escuro atrás da orelha. — Quanto mais gente, melhor. Falaram sobre onde vamos nos encontrar?

— Sugeriram as escadas do Met pra começar.

— Legal — assentiu Marfil. — Não se esqueçam de ir bem agasalhadas. Se meu iPhone está certo, a temperatura vai estar abaixo de zero.

Franzi a testa ao escutar a conversa e, contra todas as expectativas, me intrometi, apesar das amigas dela que continuavam ali.

— O que você pretende fazer no Met hoje? — perguntei, ignorando os olhares das garotas.

Marfil ficou um pouco incomodada.

— Vai ser uma ação social. O frio que vai fazer hoje à noite e a tempestade que está chegando vão ser terríveis para as pessoas em situação de rua — explicou, e eu franzia a testa cada vez mais. — Estamos reunindo voluntários para ir com a gente distribuir cobertores e garrafas térmicas com sopa quente.

Eu não esperava aquilo nem em um milhão de anos, porém, embora a intenção fosse boa, Marfil Cortés não iria sair na rua naquelas condições meteorológicas, muito menos andar por bairros mais perigosos e falar com gente estranha.

Eu não disse nada, porque sabia que iríamos discutir, e não queria chamar atenção no meio do campus, mas, assim que entramos no carro, eu disse o que pensava a respeito:

— Você não vai.

— Claro que eu vou.

— Eu disse que não.

— Sebastian! — gritou ela, batendo as mãos nas pernas, frustrada. — Fui eu que organizei tudo, claro que vou. Eu sempre faço isso, como na JSMF. Eu estava indo pra lá quando a gente sofreu o acidente porque mexeram no meu carro. Não consegui ajudar na feira que organizamos todos os anos para arrecadar fundos por causa disso.

— Você mesma já respondeu: estava indo para a associação quando quase conseguiram te matar. Não vamos repetir a experiência — respondi, mantendo a calma.

— Você não se cansa de ter sempre a mesma discussão? — disse ela, olhando para a frente, mas continuou, sem esperar resposta. — Eu digo que vou fazer uma coisa, você reclama, eu insisto, você diz que não de novo, eu acabo pulando a janela e…

— Você não vai — interrompi.

Senti seu olhar fixo em mim.

— Podemos tentar um acordo, pelo menos? — perguntou, irritada, sem tirar os olhos de mim.

Virei bruscamente o volante ao entrar na rua da casa dela.

— Não.

— Podemos ir na primeira turma, vai estar de dia ainda. E nesse turno vai mais gente, tipo uma excursão escolar. Você fica me observando o tempo todo e eu posso distribuir um pouco de humanidade à sociedade.

Estacionei o carro, peguei a chave e me virei para ela.

— Uma hora — falei, furioso comigo mesmo por não saber dizer não e porque ela sempre dava um ajeito de me tirar do sério. — Uma hora, Marfil, ouviu bem? Não quero você fora de casa à noite, vai chegar uma baita tempestade.

Ela sorriu, meiga.

— É por isso mesmo que vale a pena correr o risco.

Duas horas depois, estávamos no estúdio de arte da Tami, aquela amiga da Marfil. Pessoas entravam e saíam com cobertores, comida, luvas, guarda-chuvas e todo tipo de roupas térmicas para distribuir naquele finzinho de tarde e parte da noite.

Marfil não parou um minuto desde que chegamos. O estúdio era grande, cheio de quadros, de tintas amontoadas num canto e quase não tinha móveis. Tami estava havia meia hora tentando organizar os grupos que iam começar a sair, enquanto Marfil indicava no mapa as áreas que deveriam cobrir.

Eu carregava as caixas que algumas pessoas tinham levado, sem deixar de observar a entrada principal e todo mundo que estava por ali. Por volta das sete, chegou Liam, o babaca. Não levou nada, foi com Marfil até um canto, disse algo e ela se jogou nos seus braços. Ele ergueu, girou e depois colocou Marfil no chão de novo.

Fiquei todo tenso e uma raiva irracional me fez desviar o olhar. Tinha que controlar aquele maldito ciúme que sentia toda vez que via Marfil com ele. Naquele momento, meus olhos foram atraídos para a outra ponta da sala, onde Tami olhava fixamente para Liam e Marfil. Por sua expressão, ela também não estava achando muita graça naquela demonstração de carinho em público.

Ela percebeu que eu a observava e disfarçou, voltando a dobrar cobertores.

Precisei estudar o passado de Tami, assim como de todas as pessoas que faziam parte da vida de Marfil, e tinha que admitir que, ao ler o relatório que meus colegas me passaram, senti pena daquela garota loira de aspecto angelical.

Vi que não estava conseguindo colocar a caixa de cobertores no alto do armário e decidi ir ajudar.

— Obrigada, Sebastian — disse ela, com o rosto vermelho pelo esforço.

Ela era muito pequenininha, não devia ter mais que um metro e cinquenta e cinco. Era horrível saber tudo que haviam feito com ela.

Será que Marfil sabia do passado da melhor amiga?

— De nada. O que mais posso fazer pra ajudar? — perguntei, preocupado por ela ser tão frágil.

— Isso mesmo, Tami, o que podemos fazer pra ajudar? — perguntou Liam atrás de mim.

Tami olhou para ele como quem olha para um inseto.

— Não quero a sua ajuda. E, aliás, não te dei permissão pra entrar aqui.

— Você tá falando desse quartinho que você chama de estúdio?

Tami ficou calada. Perplexos, Liam e eu vimos seus olhos se encherem de lágrimas sem que ela conseguisse evitar.

— Ei, idiota, deixe a Tami em paz — falei, colocando-me à frente dela.

Liam me olhou de cima a baixo.

— Olha só quem tá aqui: o soldadinho de chumbo.

Não deixei que aquele babaca perturbasse meu autocontrole. Tinha anos de treinamento demais para me descontrolar por causa de um imbecil.

— Liam, você ainda não se tocou que não quero você aqui?! — disse Tami, parando ao meu lado.

Liam olhou para ela. Fiquei surpreso ao ver em seus olhos que as palavras de Tami o tinham afetado mais do que ele mesmo imaginava. Eu diria, inclusive, que

aquelas palavras o magoaram.

Interessante…

Ele controlou sua expressão e disse:

— Achei que a gente tivesse combinado de se encontrar aqui para a ação social…

— O que está acontecendo? — Marfil se aproximou, mas seu sorriso congelou ao perceber o climão entre nós três.

Seu olhar passou de Tami a mim e depois se fixou na expressão de espanto de Liam.

— Sua amiguinha quer que eu vá embora.

— Tami! — exclamou Marfil, indignada. — Liam acabou de trazer dez caixas com doações e os colegas de trabalho dele se ofereceram para distribuir tudo pela cidade…

Tami não sabia onde se enfiar.

Fiquei com raiva, porque ouvi direitinho o jeito como o Liam falou só para provocá-la.

Tami não sabia das caixas, mas tinha todo o direito do mundo de não permitir certas atitudes.

— Se quiser, posso pedir pra eles levarem as caixas de volta… — disse Liam, sem tirar os olhos de Tami.

Liam gostava dela, isso estava claro. Mas era tão imbecil que corria o risco de perdê-la se continuasse se comportando como um machinho orgulhoso.

— Não! — Tami quase gritou, toda inquieta.

Liam abriu um sorriso diabólico.

— Chega, Liam — disse Marfil, finalmente se intrometendo. — A gente agradece a sua ajuda, mas agora vai lá ajudar seus amigos a subir as caixas.

Liam assentiu, ainda sem tirar os olhos de Tami.

— Você não vai me agradecer?

Eu quis quebrar a cara dele.

— Os mais necessitados vão te agradecer, não se preocupe — respondeu Tami.

Liam sorriu, como se o que ela tinha acabado de dizer fosse muito engraçado.

— Se a gente for falar de gente necessitada, Tami…

Tive que intervir.

— Cai fora — falei, tão perto que quase encostei meu nariz no dele.

Ele se preparou para me empurrar, mas reagi tão depressa que, quando ele caiu e bateu o lado esquerdo do rosto no chão, só Marfil e Tami notaram o que estava acontecendo naquele canto da sala.

— Deixa a Tami em paz, ouviu bem? — intimei Liam, bem baixinho, perto da

sua orelha. — Nem se os planetas resolvessem se alinhar você ia ter alguma chance com ela. Ele se debateu, inquieto, e eu o soltei.

Não demorou nem um segundo para se levantar.

— Pelo jeito você se diverte nesse seu trabalho, hein, guarda-costas? — disse ele, aparentemente ignorando que eu poderia matá-lo com uma mão só. — Mar, tome cuidado. Parece que sua melhor amiga e seu soldadinho de chumbo andam de segredinhos.

Marfil olhou para nós e eu soltei um palavrão baixinho, quase rosnando, quando vi uma sombra de ciúme cruzar seu rosto.

Afinal de contas, por que fui me meter naquela confusão idiota?

Liam nos deu as costas, atravessou o estúdio e saiu pela porta. Marfil nos lançou um olhar que eu não soube bem como interpretar e deu meia-volta para continuar ajudando a carregar as caixas também.

— Obrigada por me defender — disse uma vozinha atrás de mim.

Eu me virei para ela.

— Não precisa agradecer — falei.

E, notando que seus olhos azuis ainda seguiam aquele idiota, acrescentei:

— Tami… você sabe que ele gosta de você, né?

Ela piscou e me encarou. Quando entendeu o que eu tinha acabado de dizer, ficou quase roxa e negou com a cabeça.

— Gosta nada… ele me odeia. Nunca me suportou. Nem eu a ele, na verdade — disse ela toda atropelada.

Assenti. Meu papel naquela história acabava ali.

Continuei ajudando Tami com as caixas, sem deixar de notar que o elefante raivoso tentava nos evitar a todo custo.

Quando, por fim, chegou a hora da nossa ronda — que seria curta, por uma região que eu mesmo tinha escolhido —, foi divertido ver Marfil tão nervosa e com ciúme por uma bobagem tão grande: achar que eu gostava da amiga dela.

Nosso grupo era formado por dez pessoas. Quando chegamos à nossa região, nos dividimos em duplas para percorrer os quarteirões distribuindo agasalhos e comida quente para quem precisasse.

O frio na rua era tanto que nem com o casaco que estava usando eu conseguia me esquentar. Marfil caminhava ao meu lado: seu casaco e gorro vermelhos eram como um alvo, chamavam a atenção de todos que passavam por nós.

Eu a observava atentamente enquanto se aproximava das pessoas e alegrava a noite deles com um sorriso. Não pelos cobertores nem pela comida, mas simplesmente por sua presença. Quem não ficaria todo bobo olhando para ela?

— Senhora…

Marfil se dirigiu a uma idosa que tentava passar por aquela noite da melhor maneira que podia, deitada no chão sobre uns pedaços de papelão. Quando ela abriu os olhos e nos viu, algo iluminou seu rosto. Talvez… esperança?

Senti meu coração se apertar.

— Trouxemos cobertores e uma sopa bem gostosa que uma grande amiga minha fez — disse Marfil, curvando-se e lhe oferecendo a garrafa térmica quente.

— Ai, menina… — disse a mulher, aceitando a manta como se estivéssemos lhe dando vida.

— Pode pegar outro, não se preocupe — falou, pegando outra manta, um gorro, um cachecol e um par de meias térmicas. — Ponha isso, vai ajudar a enfrentar a noite.

A idosa se movia devagar e aceitou e se agasalhou com tudo que Marfil lhe deu.

— Está melhor assim? — perguntou Marfil.

Notei a voz trêmula. Franzi a testa, mas fiquei onde estava.

— Sim, muito obrigada, menina. Muito obrigada.

A mulher agradeceu pegando as mãos de Marfil, cobertas pelas luvas, e sorrindo. Ela retribuiu o sorriso e se levantou.

Nós nos despedimos da idosa e seguimos o percurso. Notei que ela estava muito quieta. Começou a nevar e eu a puxei para baixo de uma marquise. Ela estava chorando.

— Ei…

Enxuguei suas lágrimas com a ponta dos dedos.

— É tão injusto… — lamentou ela com a voz entrecortada.

— O que é injusto?

Ela balançou a cabeça e fechou os olhos.

— Eu tenho tanto e ela…

— A gente não escolhe onde nasce, Marfil — falei para ela, entendia como se sentia. — O que você está fazendo hoje é o que faz a diferença…

Ela riu amargamente.

— E todas as pessoas que não vão ganhar cobertores nem comida essa noite? Eu poderia fazer muito mais e não faço…

— Você não pode mudar o mundo… nem o salvar.

— Sou egoísta… e teimosa, nisso você tem razão. E sou uma pessoa ruim também… Sou…

— Pare com isso — interrompi, e peguei seu queixo para que parasse de falar aquelas bobagens. — Por que você está falando isso?

Ela levantou os olhos e os cravou nos meus. Senti um calafrio percorrer todo meu corpo. Ela era tão linda…

— Lá no estúdio… eu odiei a Tami por alguns segundos, porque pensei que…

Assenti em silêncio.

— Sei que você não tem nada com ela, mas só de imaginar…

— Você é humana, Marfil, e jovem demais pra entender que, às vezes, o fato de termos sentimentos negativos dentro de nós não nos torna pessoas ruins.

— Isso que estamos fazendo nessa noite… em parte, fazemos para nos sentir melhor… Não é horrível?

Balancei a cabeça. Seu nariz estava vermelho de frio.

— Ninguém faz nada de uma maneira totalmente desinteressada, elefante — falei, acariciando seu rosto. — O que importa é o que conseguimos alcançar com nossos atos. Muitas pessoas vão rezar por você essa noite, e isso nunca vai ser uma coisa ruim.

Marfil suspirou.

— Eu a levaria pra casa, sabe?

Franzi o cenho.

— Quem?

— A senhorinha.

Ai, meu Deus…

— Eu sei, eu sei…

— Nem todo mundo está nas ruas por falta de sorte, Marfil. Às vezes, as pessoas tomam caminhos errados e têm que arcar com as consequências. Por favor, prometa que não vai levar desconhecidos pra casa, por mais que sinta dó.

Eu já estava até vendo…

Ela revirou os olhos, mas pelo menos prometeu.

26

Marfil

Continuamos percorrendo as ruas por mais uma hora e meia. Precisei insistir para ficarmos mais, porém, ao perceber que eu estava batendo os dentes e meus lábios já estavam roxos, ele me obrigou a entrar num táxi. Quando descemos perto de onde nosso carro estava estacionado, eu já estava congelada. Foi então que o vi.

Um cachorrinho de tamanho médio todo encolhido na calçada, com o pelo todo coberto de neve.

Meu coração se encolheu.

— Sebastian — puxei a manga do seu casaco para que ele parasse.

Ele seguiu a direção do meu olhar e parou.

— Marfil, não.

Ignorei Sebastian e me aproximei do cãozinho com cuidado. Ele tremia. Tremia tanto que nem se assustou quando parei ao seu lado.

— Oi, amiguinho.

Ele me devolveu o olhar com olhos tristes.

— Marfil, esses cachorros estão acostumados com o frio — disse Sebastian chegando mais perto. — Está vendo todo esse pelo? É como um casaco de pele. Na verdade, é justamente isso.

— Não podemos deixá-lo aqui — falei, acariciando a cabecinha do cachorro.

Ele começou a abanar o rabo devagar e lambeu minha mão.

— Coitadinho!

Sebastian soltou um palavrão. Quando me levantei, o cachorro levantou junto. O coitado estava todo sujo, congelando, desnutrido.

— Por favor, Sebastian, não implique. Não posso deixá-lo aqui. Você disse que eu não podia levar estranhos pra casa e não reclamei! Mas esse cachorrinho precisa de mim.

— Que inferno, Marfil!

Segundos depois, ele saiu pisando duro para o carro.

Eu me sentei no banco de atrás e o cachorro me seguiu, meio desajeitado. Sebastian ligou o aquecedor e o cachorro começou a lamber minha mão sem parar.

— Não deixe o cachorro te lamber, ele pode estar com alguma doença — implicou, mas eu o ignorei.

Era um cachorro lindo, de pelo não muito longo, branco e com as quatro patas pretas. Uma de suas orelhas caídas era escura, e adorei esse detalhe. Pena que estivesse tão sujo e tão magrinho.

— Vou te dar tanta comida que você vai me pedir pra parar — falei para o cãozinho, sentindo um quentinho no coração.

Até então, eu não tinha me dado conta de que precisava dessa sensação com tanta urgência. Ver todas aquelas pessoas na rua e saber que eu não estava fazendo o suficiente me afetou profundamente. Sebastian tinha razão, eu não podia salvar nem mudar o mundo, nem levar estranhos para casa, mas podia salvar um cachorrinho e impedir que morresse sozinho e congelado na rua.

Eu me lembrei de todas as vezes que meu pai brigou comigo e com minha irmã porque levávamos bichinhos machucados para casa. Uma vez, encontramos um leitãozinho ferido que tinha fugido da fazenda vizinha e estava com a patinha machucada. Minha irmã e eu o resgatamos e quisemos ficar com ele. Mas meu pai o sacrificou, mandou assar e nos obrigou a nos sentar à mesa depois. Ainda me lembro da ânsia de vômito que senti a noite inteira.

Quando chegamos, Norman nos olhou com cara de poucos amigos.

— Senhorita Cortés, é seu? — perguntou, olhando com nojo para o meu cachorro.

— A partir de agora, sim — respondi, erguendo o queixo cheia de orgulho.

Maldito prédio de gente metida…

Sebastian entrou logo depois e pegamos o elevador até o apartamento.

Lá dentro estava quentinho, porque o aquecimento ligava sozinho quando a temperatura caía para menos de dezoito graus. Compreendi como era privilegiada por ter tudo que tinha. Meu pai podia não ser lá muito bom, mas sempre deu de tudo para mim e para a minha irmã.

Sebastian pendurou o casaco sem tirar os olhos do cachorro, que entrou no apartamento como se fosse dele. Sorri olhando para ele, que cheirava tudo, não tirava o focinho do chão, e, depois de dar três voltas sobre o próprio eixo, se deitou no tapete perto da lareira elétrica da sala.

— Viu como ele é esperto? — falei, e acendi a lareira.

Sebastian grunhiu alguma coisa e ficou nos observando.

— A gente precisa dar um nome pra ele.

— Vai ser…

— O que acha de Rico?

— Por que Rico?

— Não sei… foi a primeira coisa que me ocorreu.

Sebastian se aproximou e avaliou o cachorro com olhar sério.

Rico se levantou e foi cheirá-lo.

— Ele é meio feio.

— Ele não é feio! É diferente.

Rico latiu, como se me desse razão, e Sebastian sorriu pela primeira vez no dia.

— É melhor a gente levá-lo ao veterinário, ele está desnutrido. Precisa de cuidados, de adestramento…

Revirei os olhos.

— Eu sei cuidar de um cachorro, obrigada.

Eu me levantei e Rico me seguiu até a cozinha.

— O que posso dar pra ele comer?

Sebastian levantou as sobrancelhas, reforçando que eu não sei cuidar de um cachorro, e se aproximou.

— Não pode dar muito porque o estômago dele deve ser do tamanho de uma bola de gude. Vamos dar um pouco de frango e ver como ele fica, mas amanhã precisa procurar um veterinário.

Assenti, olhando para Rico com ternura.

— Quer tomar um banho enquanto tio Sebastian faz alguma coisa pra você comer? — perguntei ao cãozinho com voz de bebê.

— Tio Sebastian vai pra cama, você já abusou bastante da sorte hoje.

Ele me deu as costas e foi para o corredor.

— Ahhhh, Sebastian — pedi, olhando para Rico, que latiu, parecendo concordar comigo. — Você vai mesmo me deixar sozinha na cozinha?

Ele reconsiderou. Parou e me lançou um olhar atravessado.

— Vou preparar o peito de frango e ir dormir.

Fui para o meu quarto sorrindo, com Rico nos meus calcanhares.

— Eu também quero, tá?

Não escutei o que ele disse porque fechei a porta depressa. Tirei o casaco e levei Rico para o banheiro.

Deus do céu, teria que dar banho nele na minha banheira? Não era lá muito higiênico, mas, se eu pedisse para o Sebastian que me deixasse dar banho em Rico na banheira dele, eu e meu novo amigo de quatro patas acabaríamos na rua.

Abri a torneira de água quente e regulei a temperatura para não queimar meu novo amiguinho. Ele latiu quando o coloquei na banheira e peguei o chuveirinho.

O sapeca se sacudiu e me cobriu inteira de água e sujeira.

Gastei quase todo meu pote de xampu até que, finalmente, a água parou de sair preta. Seu pelo era superbranco agora que estava limpo. Sorri, contente com o

resultado. Peguei o secador e comecei a secá-lo, enquanto ele tentava escapar, abria a boca para o ar quente e latia feito um louco.

A porta se abriu quando Rico tentava fugir dos meus braços.

— O que você está fazendo com o coitado do cachorro?

Sebastian entrou no banheiro e o pegou antes que Rico conseguisse fugir.

— Me ajuda aqui, por favor!

Juntos, conseguimos secá-lo e escová-lo — com a minha escova —, e o resultado ficou incrível.

— Rico, você está lindo! — elogiei, observando seus pelos brancos meio cacheados e meio lisos.

Eu não fazia a menor ideia de qual era a raça dele, mas, para mim, ele era lindo.

Fomos para a cozinha com Rico dando pulinhos. Sebastian colocou o frango em um potinho que usava para comer cereais. Rico farejou o pote, meio desconfiado a princípio, mas logo começou a comer devagar. Fiquei triste ao pensar nas coisas que ele devia ter vivido, o medo e o frio que devia ter passado.

Sorri ao ver que havia um prato na bancada para mim: peito de frango grelhado, tomate temperado e cenoura cozida.

Eu me virei para ele com um sorrisinho nos lábios.

— O que eu faria sem você, Sebastian?

Ele me ignorou, mas ficou encostado na bancada da cozinha me observando enquanto comia.

Quando acabei, ele recolheu meu prato e o colocou na lava-louça.

Rico foi se deitar perto da lareira acesa.

Eu estava feliz por ter ajudado aquele cachorrinho.

— É melhor você ir dormir — ordenou mais que sugeriu quando fui até Rico para acariciá-lo.

— Talvez ele fique com medo, aqui é um lugar desconhecido — falei, em dúvida, apesar de ele parecer bem à vontade.

— Acredite, Marfil, qualquer lugar é melhor que a rua.

Ele falou de um jeito que me obrigou a levantar a cabeça para observá-lo.

Fiquei olhando para ele durante alguns segundos. Queria ter o superpoder de ler a mente das pessoas.

— Posso tomar banho no seu banheiro? — perguntei de repente.

Sebastian franziu o cenho na hora.

— O meu está cheio de germes do Rico — expliquei depressa.

— Tome banho onde quiser, eu vou pra cama.

Que simpático. Já estava com saudades desse Sebastian.

Fui buscar meu pijama. Eu me sentia meio estranha atravessando o território dele depois do que tinha acontecido entre nós. Bati à porta da sua salinha e ele me mandou entrar, mas, quando entrei, não o vi por ali. Ele havia deixado a porta do quarto aberta e vi que estava vestindo uma camiseta branca de algodão.

Foi até mim ao perceber que eu estava parada ao lado do sofá.

— Precisa que eu te explique como se abre o chuveiro? Porque é igual ao seu.

Revirei os olhos, passei por ele e entrei no banheiro.

Tirei a roupa, muito nervosa por saber que ele estava do outro lado da porta. Abri a torneira de água quente. Como tudo que ele fazia, o banheiro estava muito bem arrumado. Seu xampu e o gel de banho eram Dove Men. Inspirei e me arrepiei toda, era como sentir o cheiro dele, mas faltava o toque pessoal.

Ai, Marfil, você vai sofrer hoje à noite…, pensei enquanto me ensaboava e lavava a cabeça.

Saí do chuveiro cercada por uma nuvem de vapor — eu adorava tomar banho com água pelando. Eu me enxuguei e coloquei a camiseta que usava para dormir — branca e simples, de alcinha — e uma calça rosa de algodão. Sequei o cabelo com a toalha porque estava com preguiça de usar o secador. Terminei, abri a porta e saí do banheiro.

Ele não estava no quarto, a porta aberta me permitia ver um pedacinho da cama. Sebastian estava no sofá da salinha com o notebook sobre as pernas.

Fechou o computador assim que me viu.

— Você sempre faz a mesma coisa. Por acaso estava vendo pornografia e não quer que eu veja?

— Vá dormir, por favor.

— Achei que você já estivesse dormindo.

Ele deixou o notebook em cima da mesinha e suspirou.

— Eu não durmo antes de você.

Fui até ele devagar e me sentei ao seu lado no sofá.

— Como você sabe se eu já dormi?

— Você estar no seu quarto já é suficiente pra mim.

Sorri, me lembrando da escapada pela janela. Ele deve ter ficado muito aflito, sem dúvida, e pensar nisso fez o sorriso se apagar do meu rosto.

— Gostei do seu xampu — falei, bem quietinha no sofá.

Ele me olhou nos olhos pela primeira vez desde que eu tinha saído do banheiro.

— Estou com seu cheiro.

Vi seu peito se encher de ar e Sebastian olhar para a frente. Ele passou a mão pelo rosto e fechou os olhos um instante.

— Você se incomoda quando eu digo essas coisas?

— O que me incomoda é o que suas palavras provocam em mim.

Meu coração acelerou.

Ele estava de olhos fechados, e eu aproveitei que não estava olhando para me aproximar mais.

— Por que quer me fazer pensar que te tocar ou sentir algo por você é uma coisa ruim?

Ele abriu os olhos e me fitou.

— Porque é.

Ele estava bem sério.

— Por quê?

Sebastian suspirou de novo.

— Marfil, eu não posso fazer meu trabalho direito se você continuar com isso.

— O que muda no seu trabalho eu querer beijar você?

Sebastian olhou para os meus lábios, mas logo voltou o olhar para os meus olhos.

— Seria uma distração.

— Posso te beijar só quando a gente estiver em casa, e, lá fora, você pode se concentrar quanto quiser.

Sebastian riu, e meu coração começou a bater na velocidade das asas de um colibri.

— Não é assim que funciona, elefante — disse ele, e prendeu minha mão no sofá quando eu tentei pegar a dele. — Não podemos, simples assim.

Cerrei os lábios com força, suas palavras me incomodavam e me entristeciam.

— Você deveria sair com alguém da sua idade — acrescentou um instante depois.

— Você não está falando sério — retruquei, sem acreditar no que ele estava dizendo.

Sebastian se levantou, foi até a porta e a abriu para mim.

— Estou falando bem sério.

Eu me senti sozinha naquele sofá sem ele ao meu lado.

— Está insinuando que não se importaria de me ver com outros caras?

— Não estou insinuando nada, Marfil. Não estou aqui pra fazer parte da sua vida, só estou aqui para te proteger. Nada além disso.

Eu me levantei e fui até ele.

— Você sabe perfeitamente bem que é muito mais que isso, só que não vou insistir mais.

— Que bom que finalmente entendeu.

— Acho que sou meio lerda — respondi no mesmo tom que ele estava usando.

— Vá pra cama.

— Sim, sr. Moore.

Atravessei o corredor furiosa e magoada, tudo ao mesmo tempo. Rico levantou a cabeça e me observou.

— Quer dormir comigo?

Ele se levantou e abanou o rabo, bem feliz. Parecia até que tinha entendido.

Escutei a porta de Sebastian se fechar. Não fui para o meu quarto, me sentei no sofá com Rico ao meu lado.

Abracei meu novo amigo com força e chorei, sem conseguir evitar. Por que, de repente, tudo parecia girar em torno do que eu sentia por Sebastian? Por que eu não podia agir como se aquilo não significasse nada? Ele conseguia. Mas talvez estar apaixonada fosse assim mesmo: sofrer, sofrer como uma idiota que ninguém nunca levou a sério a ponto de corresponder.

Por fim, fui para o quarto com Rico atrás de mim e, ao contrário do que esperava, dormi sem pesadelos. Chorar cansava demais.

27

Manfil

Levamos Rico ao veterinário, ele tomou algumas vacinas — entre elas, a da raiva, claro —, vermífugo, e me explicaram exatamente a dieta que ele teria que seguir aquele mês. Depois, voltamos para casa para eu trocar de roupa, deixar o cachorro e sair para me encontrar com Tami na Quinta Avenida para ver algumas lojas. A gente precisava conversar. Eu não tinha gostado do clima entre ela e Liam na noite anterior e queria saber se estava tudo bem.

Apesar de termos sido criadas juntas — ela entrou com nove anos no colégio interno na Inglaterra —, de termos passado pelos anos escolares dividindo o mesmo quarto e os mesmos sonhos, de termos sido uma para a outra a família de que precisávamos, eu sabia que Tami tinha algo guardado dentro de si que não deixava ninguém ver.

Uma vez, tentei perguntar a respeito depois de confessar, chorando, o que eu tinha vivido quando era pequena, o quanto desejava ter minha mãe comigo, que ainda tinha pesadelos com a noite em que ela foi assassinada na minha frente, a relação ruim que tinha com meu pai… Mas ela disse que não tinha nada para contar, que simplesmente era a filha única de uma família rica de Londres e que fora mandada para um colégio interno como muitas filhas de ingleses que preferiam confiar a educação de seus filhos a uma boa instituição.

Eu sabia que ela estava mentindo e, a princípio, fiquei chateada por ela não se abrir comigo, mas não podia obrigar a Tami a confessar seus segredos mais obscuros. Porém, mesmo sabendo que existia um muro entre nós e que por isso ela não confiava totalmente em mim, eu a amava. Tami era uma garota que, só de olhar, as pessoas sentiam vontade de abraçar, de fazer com que ela risse, de estar envolvida naquela aura especial que sempre a rodeava.

Por isso eu não conseguia entender o que, de fato, rolava entre Liam e ela. Liam era um cara legal, de verdade, era meu melhor amigo e, comigo, ele era incrível. Muitas vezes, eu me perguntava o que teria feito se não o tivesse conhecido no primeiro ano da faculdade. Nós éramos um time, ele sabia tudo da minha vida e eu, da dele. Às vezes, ele era bem arrogante e até meio babaca, mas eu via que era só uma fachada que ele usava para dar em cima das mulheres. Eu entendia, era sua arma secreta, e funcionava.

Quando os apresentei, pensei que pudessem se gostar e até se apaixonar. Naquela época, eu ainda saía com o Regan, aquele idiota, e via tudo cor-de-rosa. Acreditava no amor verdadeiro e todas essas bobagens, mas logo descobri que o amor é uma merda que só nos faz sofrer. Eu que o diga.

Sem querer, meus olhos buscaram o fundo da lanchonete, onde Sebastian tomava um café enquanto vigiava as portas e as janelas do Pret A Manger, uma lanchonete inglesa que tinha acabado de ser inaugurada em Nova York e Tami e eu adorávamos por causa das tortinhas de banana. A gente não tinha trocado nem meia dúzia de frases depois da breve conversa da noite anterior, e ele não parecia querer fazer nada a respeito. Ele me rejeitou, simples assim, e eu não aceitei muito bem.

— Estou bem, de verdade — disse Tami pela quarta vez, levando a xícara de café aos lábios. — Só porque ele é seu melhor amigo e vocês se dão bem, não quer dizer que tenha que ser igual comigo. Ele é muito diferente de mim e a personalidade dele me tira do sério.

— Nunca pensei que fosse possível tirar você do sério, juro.

— Bom, existe sempre uma primeira vez pra tudo na vida. Ou uma primeira pessoa, no caso — acrescentou ela, olhando para as janelas pelas quais se via o Central Park.

Passamos grande parte da tarde comprando roupas, sapatos e acessórios. Já fazia uma eternidade que eu não renovava meu armário, tinha até esquecido como era gostoso fazer compras. Conhecíamos uma *personal shopper*, Tina, que nos adorava e que sempre nos mostrava as últimas tendências.

Pela cara do Sebastian, parecia que ele tinha passado horas em um manicômio, em vez de em lojas de alta-costura. E, lá no fundo, gostei de torturá-lo daquele jeito tão sutil.

Estávamos cercadas de bolsas e a conversa, por fim, tinha chegado aonde eu queria.

— Se Liam disse ou fez alguma coisa de que você não gostou… você sabe que pode me contar, né? Eu brigo com ele. Não ia ser difícil, agora que Sebastian me ensina defesa pessoal e essas bobagens japonesas.

Tami sorriu e duas covinhas marcaram suas bochechas de porcelana.

— Aposto que feri o precioso orgulho dele quando o expulsei do estúdio.

Arregalei os olhos, surpresa, e soltei uma gargalhada.

— Quem é você e o que fez com Tami Hamilton?

Ela deu de ombros e olhou para Sebastian.

— Não há mesmo nada rolando entre vocês?

Suspirei.

— Quem me dera… mas não.

Eu não contei nada sobre o que tinha acontecido entre nós e, apesar de Liam ter adivinhado que eu gostava do Sebastian, também acabei não entrando em detalhes com ele.

— Ontem ele me defendeu — disse ela, voltando o olhar para a xícara. — Gostei da sensação de ter alguém cuidando de mim. Você tem sorte por ter o Sebastian.

Meu cérebro anotou aquele último comentário, assim como fazia desde que nos conhecemos. Ela era tão reservada, que eu tinha que me valer desses comentários para tentar descobrir o que realmente tinha acontecido com ela, ou, pelo menos, entender o porquê daquela personalidade tão fechada.

— Eu sei — respondi, pegando um pedacinho da tortinha. — E, para ser sincera, fiquei com ciúme de ver como ele estava tratando você — admiti enquanto mastigava.

Tami se surpreendeu e parecia arrependida por ter me confessado aquilo.

— Mas eu não gosto dele, viu?

Sorri.

— Eu sei, não se preocupe. O problema sou eu, que estou obcecada por ele.

— O problema não é esse, é que você não está acostumada a ouvir não.

— Meu cabelo está verde? — respondi.

Tami fez uma cara estranha e me olhou como se, de repente, eu tivesse ficado maluca.

— Não.

— Viu? Eu sei receber um não como resposta. Não viro pedra nem nada — respondi com um tom de voz bastante frio.

Tami suspirou.

— Agora você ficou brava. Eu não devia ter falado nada.

— Não, não, caralho. Desculpa, é que, às vezes, acho que o Sebastian tem razão, que sou mimada e teimosa, e não sei aceitar um não.

— Você não é mimada, simplesmente nasceu com as armas que facilitam conseguir quase tudo que quer.

— Isso não é verdade — respondi baixinho, meio que sussurrando.

— Adorei a ação que fizemos ontem. A gente devia fazer mais vezes — disse ela, mudando sutilmente de assunto. — As pessoas se dedicaram de um jeito incrível, eu não estava esperando.

Sorri.

— Andei pensando em abrir uma filial da JSMF aqui em Nova York. Não seria legal?

Ficamos falando daquele projeto durante mais uma meia hora, nós duas sempre nos interessamos muito em ajudar o próximo. Por alguma estranha razão, sempre nos sentíamos culpadas por ter tanto e éramos as primeiras a levantar a mão quando precisavam de voluntários para as campanhas beneficentes do colégio. Nós duas tivemos a ideia "Uma caixa, um sorriso". Todas as meninas do internato tinham que forrar uma caixa de sapatos e colocar dentro dela presentes de acordo com uma faixa etária preestabelecida. Essas caixas eram distribuídas no Natal para crianças órfãs ou de países em desenvolvimento. Deu tão certo que recebemos um diploma e tudo. Desde então o projeto "Uma caixa, um sorriso" era realizado todo Natal.

Quando o papo acabou, Tami chamou um táxi, e Sebastian e eu ficamos sozinhos de novo. Fomos andando para o carro.

— É um pé no saco andar sempre de carro. A gente precisa usar mais táxi ou Uber — reclamei.

Sebastian estava olhando o celular, acho que tinha aquele aplicativo que indicava onde tinha estacionado.

Eram sete e meia e eu precisava passear com o Rico para que ele fizesse suas necessidades. Além do mais, queria mostrar para ele todos os brinquedos que comprei em uma loja muito legal para cães.

Quando, por fim, chegamos em casa quase sem trocar nenhuma palavra — apesar de eu ter dito uma coisa ou outra, mas não porque quisesse falar com ele, e sim porque era incapaz de ficar calada —, recebi uma ligação do meu pai.

Para minha surpresa, ele estava ligando para dizer que estava em Nova York e que queria que nos encontrássemos no dia seguinte às dez, para um brunch.

— Você já está aqui?! — perguntei, entrando em pânico.

— Cheguei há uma hora. Pensei em pegar você para irmos jantar, mas estou exausto. Amanhã nos vemos, tá?

Assenti enquanto deixava as sacolas em cima do sofá e ficava olhando para o celular com o cenho franzido.

— Que foi? — perguntou Sebastian, quebrando o silêncio do dia todo.

— Nada — respondi e me tranquei no quarto.

Naquele sábado, acordei cedo porque ia me encontrar com meu pai às dez no restaurante do Plaza Hotel. Ele sempre ficava lá. Um dos seus melhores amigos era filho do dono e futuro herdeiro, e sempre davam a melhor suíte para ele.

Tomei uma chuveirada rápida. Sebastian já devia estar acordado pelo menos desde as sete e meia. Ele saía para correr a essa hora e ia de novo quando eu decidia

correr à tarde, que era meu horário de costume. Então sempre que eu chegava à cozinha, ele já tinha feito mil coisas.

Coloquei um dos vestidos que havia comprado na tarde anterior. Era creme, bem bonito, mas, como o tempo estava meio maluco, vesti a meia-calça e peguei o casaco comprido e o cachecol. Nos pés, calcei uma sandália de saltinho.

Sebastian franziu a testa ao me ver tão arrumada.

— Aonde vamos? — perguntou, enquanto Rico ficava no pé dele pedindo comida.

Acariciei Rico atrás das orelhas.

— A um brunch, meu pai quer me ver.

— Seu pai está aqui? — perguntou, surpreso.

— Você não sabia? — retruquei com sarcasmo.

Eles não eram amiguinhos? Sebastian não respondeu e desapareceu pelo corredor. Como eu havia imaginado, ele estava com uma simples calça de moletom e uma camiseta esportiva. Na verdade, de simples aquela roupa não tinha nada. Sebastian usava Adidas da cabeça aos pés, o que me provocava curtos-circuitos cerebrais, mas era melhor não pensar muito.

Voltou quinze minutos depois, de banho tomado e vestido do jeito que eu odiava: terno e gravata. Não que eu odiasse, mas é que aquilo criava uma distância entre nós. Daquele jeito, ele era apenas um guarda-costas.

— Está faltando o fone de ouvido — provoquei.

— Não vou ficar em contato com ninguém, não precisa.

— Eu estava brincando — respondi, seca.

Eu me virei de costas e fui saindo.

Rico latiu para chamar minha atenção.

— Ai, merda! Tenho que sair com ele — lembrei, reparando que não teria tempo de sair com o cachorro e chegar ao hotel na hora marcada.

— Eu já saí com ele de manhã — informou Sebastian.

— Não é sua obrigação — respondi, indo atrás dele para o elevador.

— Eu faço muitas coisas que não são minha obrigação, Marfil. Não tem problema acrescentar mais uma à lista.

Ele estava reclamando?

— É, você faz coisas que não deveria mesmo. Como me dedar, por exemplo.

Sebastian parou o elevador apertando o botão de emergência e ficou em frente a mim em questão de segundos.

— Chega — disse, quase rosnando, furioso.

Seu pescoço estava a cinco centímetros da minha boca, eu via seu pomo de adão

subir e descer no mesmo ritmo da sua raiva.

Levantei os olhos e o encarei.

— Por que te incomoda tanto que eu comente isso? Só porque você consegue esquecer o que aconteceu entre nós não significa que eu queira esquecer também.

— Pois deveria.

— Tenho uma memória de elefante.

Então ergui a mão para acariciar seu pescoço. Na verdade, só o estava provocando, não queria tocá-lo. Bom, queria, mas ainda estava brava com ele.

Antes que eu pudesse tocá-lo, ele prendeu minha mão contra a parede.

— Você vai conseguir fazer um Sebastian nada simpático te proteger de agora em diante, Marfil, e garanto que não vai gostar do meu antigo eu.

Seu hálito roçou meu rosto e estremeci.

— Esse Sebastian que parte corações, perde a cabeça e pisa no acelerador até passar dos cento e quarenta por hora? Esse Sebastian que não tem medo de me tocar, de me beijar, de dizer sacanagens no meu ouvido? Porque é desse Sebastian que eu gosto.

— Pode acreditar — disse ele, roçando meus lábios com os seus ao falar —, você não daria conta desse Sebastian nem com aulas particulares.

Ele se afastou bruscamente e me soltou. Apertou o botão de novo e o elevador continuou a descer.

Fiquei arfando atrás dele, tentando fazer meu coração desacelerar.

Ele não me esperou nem abriu a porta do carro para mim. Então eu me sentei na frente e tive que passar os vinte minutos do caminho com um Sebastian mal-humorado e distante.

No Plaza, já me conheciam. Eu sempre me encontrava com meu pai lá quando ele ia à cidade. O brunch foi servido no terraço, mas do lado de dentro, não fora, porque estava frio. A vista de lá do Central Park e dos edifícios ao redor era espetacular. Lindo, ostentoso, desnecessário? Possivelmente, mas essa era a minha vida. Eu já estava acostumada.

Meu pai me viu assim que saí do elevador e entrei no restaurante. Foi até mim com um grande sorriso. Por que será que ele estava tão feliz?

— Você está linda, como sempre — comentou, e me deu dois beijinhos no rosto.

Sorri enquanto meu pai fazia um movimento com a cabeça para cumprimentar Sebastian.

Olhei para Sebastian, mas ele estava com aquela cara de sempre: nada, não transmitia nada.

Meu pai passou o braço por meus ombros e me guiou até a mesa. Gelei quando vi quem estava nos esperando.

Tum, tum, tum. Meu coração começou a pulsar no ouvido, como se quisesse me mostrar sua força e seu estado de saúde.

— Você se lembra do Marcus?

Continuei andando apenas porque minhas pernas decidiram. Marcus Kozel afastou a cadeira e se levantou com um sorriso para me cumprimentar.

Que porra ele estava fazendo ali? Por que meu pai tinha convidado o Marcus? Por que se, supostamente, sabia o que ele tinha tentado fazer comigo? Ou será que não sabia?

Olhei para Sebastian, cujos olhos demonstravam o que sentia: ira. Mantinha os punhos cerrados com força nas laterais do corpo e apertava os lábios com firmeza, mas não fez nada. Ficou ali, longe de nós, simplesmente observando.

— Você está ainda mais bonita que da última vez que a vi — sussurrou Marcus no meu ouvido.

Quase vomitei ali mesmo, em cima do reluzente tapete marfim. Meu choque e meu desconforto eram evidentes para todo mundo, mas meu pai não me deu tempo para pensar muito. Puxou a cadeira para mim e não se sentou enquanto eu não me sentei. Os pratos estavam vazios diante de nós, mas com os copos era o contrário, estavam bebendo uísque.

— Que alegria ver você, Marfil, minha filha. Como está a faculdade? — disse meu pai, todo simpático.

Meu choque era tão grande que respondi com um simples "bem" enquanto um garçom nos perguntava o que iríamos comer.

— Não estou com fome — respondi com frieza, tentando me recuperar aos poucos da desagradável sensação de estar vendo aquele filho da mãe que tinha tentado me pegar à força semanas atrás, que não parava de me encher de flores todo santo dia desde que eu tinha voltado para Nova York.

— Umas panquecas com mirtilo para ela — pediu Marcus. — Você tem que comer — acrescentou, virando-se para mim com seu olhar azul glacial penetrante.

Nesse momento, meu pai tirou o celular do bolso.

— Preciso fazer uma ligação urgente. Comecem sem mim, já volto — disse, e saiu do restaurante.

Eu o segui com o olhar e vi quando parou na frente de Sebastian. Trocaram meia dúzia de frases e então, não sem antes me lançar um olhar que eu não soube como interpretar, Sebastian o seguiu.

— Gostou das flores? — perguntou Marcus, pegando minha mão.

Puxei a mão rapidamente.

— Não encoste em mim.

Marcus sorriu, minha hostilidade não o surpreendeu nem um pouco. Claro que não, ele sabia o que tinha feito, mas parecia não se importar muito.

— Ah, Marfil — disse ele, levando o copo aos lábios e me olhando por cima da borda. — Já está na hora de você me perdoar, não acha?

— Você tentou me pegar à força — respondi com voz firme.

— Eu não fiz isso — disse ele com tranquilidade. — Eu só te beijei, não é o fim do mundo.

— Você rasgou minha blusa, me imobilizou e tentou me violentar.

Aí, sim, ele se incomodou com as minhas palavras.

— Não seja infantil — retrucou com a voz grave. — Acha que eu faria uma coisa dessas? Eu só queria olhar… não é para tanto. É tipo um *test drive* quando vai comprar um carro.

Arregalei os olhos e, indignada, comecei a me levantar, mas ele cravou os dedos no meu pulso.

— Sente-se aí — ordenou, furioso, apesar de tentar disfarçar.

Eu me sentei porque sabia que meu pai já voltaria e eu precisava entender o que realmente estava acontecendo para que aquele filho da puta se achasse no direito de me tratar como se eu fosse um pedaço de carne.

Ele me largou quando me sentei e levou o copo aos lábios de novo.

— Vou ser bem claro — disse, colocando o copo outra vez em cima da mesa. — Eu quero você pra mim.

Eu teria soltado uma gargalhada escandalosa se não tivesse notado a seriedade com que ele estava falando.

Aquele homem era burro, por acaso?

— Que bom que você quer coisas, seu babaca, mas bem-vindo ao século XXI. As mulheres não são mais mercadoria que os homens podem comprar, sabia?

Ele não pareceu se ofender com meu insulto, pelo contrário. Às vezes, eu tinha a sensação de que ele se divertia quando eu o enfrentava, como se em toda sua vida nunca ninguém tivesse se atrevido a isso.

— Dinheiro compra tudo, Marfil.

— Acha que eu preciso da droga do seu dinheiro?

— Você, não, mas seu pai, sim.

Fiquei olhando para ele tentando entender o que estava dizendo. Naquele momento, a comida chegou e tive que engolir a bile para não vomitar de verdade em cima da mesa. Olhei ao redor procurando Sebastian, meu pai, alguém. Queria

sair dali, queria apagar aquela conversa da minha cabeça, mas também queria saber mais.

— Meu pai é multimilionário, nunca me usaria pra conseguir alguma coisa. O que você está dizendo é ridículo.

— Por acaso você sabe quem eu sou? — perguntou ele, então.

— Um filho da puta machista que se acha o rei do mundo.

Eu ficaria orgulhosa da minha resposta, se não fosse pelas consequências.

Ele pegou minha mão e a levou para baixo da mesa.

— Se me insultar mais uma vez — disse Marcus, torcendo dois dedos meus até me fazer sufocar um grito de dor —, você vai ficar com oito dedos, em vez de dez, pelo resto da vida.

— Me solta — respondi.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas e eu me perguntava por que eu não gritava, por que não pedia socorro, por que não saía correndo.

Sebastian o mataria… Sebastian, onde será que ele estava?

— Não procure ninguém. Agora quem cuida de você sou eu, está entendendo?

Ele continuava torcendo meu dedo e precisei morder o lábio para não gritar.

— Você não p…

— Quando a pessoa tem muito dinheiro, também tem muitas dívidas, que podem criar inimigos perigosos — foi explicando como quem conta uma história interessante no café da manhã com amigos. — É como se a vida fosse um castelo de cartas: quando uma carta cai, tudo desaba, e você não quer que isso aconteça, não é?

— Quero que pare de me machucar — informei, quase rosnando.

— Ah, desculpe. Era só você pedir.

Soltei o ar que estava segurando e levei a mão ao colo, aninhando-a em mim com a outra.

— A sua vida, a vida do seu pai e a da sua linda irmãzinha agora dependem de mim — prosseguiu. — Eu faço isso de coração, seu pai e o meu são amigos desde sempre, fazem negócios juntos há tanto tempo que nem sei dizer quando começaram. E sabe da melhor? Eu só pedi uma coisa em troca — disse, olhando fixamente para mim. — Você.

— Meu pai nunca per…

— Ah, por favor! Não vamos falar do seu pai, garota, a gente ficaria séculos aqui.

— O que quer dizer com isso?

Nesse momento, antes que ele pudesse responder, meu pai voltou, se sentou ao meu lado e sorriu, como se tivesse acabado de fechar o melhor negócio da sua vida.

— Ainda não começaram?

— Pai… — disse com a voz trêmula, virando-me para ele.

O olhar que ele me lançou deixou claro que ele sabia perfeitamente o que estava acontecendo naquela mesa.

— Imagino que Marcus já tenha comentado sobre o novo negócio que vamos fazer juntos.

— Ah, sim — disse Marcus, abrindo seus ovos beneditinos com o garfo e levando-os à boca para saboreá-los sem pressa. — Mas ainda demora um pouco para termos tudo bem amarrado, se é que me entende. Essas coisas podem levar anos…

— Isso é verdade, não queremos nos precipitar, nem que as coisas não deem certo e acabem ficando esquecidas.

O salão começou a girar diante dos meus olhos.

— Marcus se ofereceu para cobrir todas as suas despesas enquanto estiver morando em Nova York, Marfil — prosseguiu meu pai. — Os negócios da família estão meio complicados agora, por isso temos que ser gratos a um grande amigo que nos estende a mão.

— Não quero que você pague nada pra mim. Sou perfeitamente capaz de me sustentar.

Marcus olhou para o meu pai sem dizer nada.

— Não seja ridícula, garota — disse ele, jovial. — Você sabe quanto custa um aluguel em Nova York, ou a sua faculdade, seus caprichos, suas compras?

Meu mundo estava desmoronando. De repente, senti nojo de mim mesma, do que tinha, do que estava acontecendo debaixo do meu nariz.

— Não quero nada disso, eu…

— Chega, Marfil — interrompeu Marcus. — Você está me ofendendo. Vim aqui oferecer minha ajuda à sua família e parece que você prefere pular do décimo andar desse prédio a aceitar minha proposta.

Exato.

— Não é você quem decide — acrescentou meu pai. — Se te contamos foi para que você soubesse como eles estão sendo generosos nos ajudando nesse momento complicado. Além do mais, não podemos esquecer que você continua correndo perigo, e isso é um grande problema.

— Pois resolva esse problema de uma vez por todas! Não me arraste junto com você.

— Baixe essa voz — disse meu pai, quase rosnando.

— Eu garanto que você vai estar mais protegida do que nunca.

Balancei a cabeça ao ouvir as palavras de Marcus. Precisava sair dali. Precisava sair daquele pesadelo, voltar à realidade.

— Que merda vocês querem de mim? Digam de uma vez.

Marcus se debruçou sobre a mesa e buscou meu olhar com o dele.

— Outra chance. Que você me perdoe, que a gente comece do zero de novo — disse ele na frente do meu pai.

— Não — respondi, mas minha voz ficou presa na garganta e saiu num sussurro rouco.

— Marfil, Marcus me contou o que sente por você. Esse é um dos principais motivos para ele querer nos ajudar. Ele só está pedindo que você deixe ele te conhecer.

Respirei fundo, sabia que não ia conseguir absolutamente nada naquele maldito brunch. A única coisa que podia tentar fazer era acabar logo com aquilo.

— Posso pensar?

Meu pai ia retrucar, mas Marcus se adiantou.

— Claro que pode — disse, abrindo um sorriso simpático que me deu vontade de arrancar meus olhos. — A gente conversa em breve e as coisas vão melhorando, você vai ver. O problema do seu pai é só uma pedra no caminho, ele logo vai se recuperar. Alejandro, não se preocupe — acrescentou, dirigindo-se a ele.

A partir daquele momento, começaram a falar de negócios, da Bolsa e de uma futura viagem à América Latina. Eu não abri mais a boca nem para comer.

Em dado momento, olhei ao redor em busca de Sebastian e o encontrei perto da porta me observando, como se para ele também fosse uma tortura estar ali.

Quando acabaram de comer, decidi abrir a boca pela vez primeira depois de uma hora em silêncio.

— Não estou me sentindo muito bem, posso ir?

Dessa vez, foi meu pai que não deixou Marcus falar.

— Pode, sim — disse, e se levantou e se inclinou para me dar um beijo no rosto.

Marcus também se levantou e me ofereceu ajuda com o casaco. Eu me senti suja quando seus dedos roçaram a pele nua do meu pescoço.

Saí dali como se o edifício estivesse pegando fogo. Passei diante de Sebastian sem nem mesmo dirigir um olhar a ele.

As lágrimas vieram à tona antes de chegarmos ao primeiro andar.

— Marfil…

— Não — falei, dando um passo para trás quando ele tentou me tocar. — Não fale comigo. Não me toque. Me deixe em paz.

28

Marfil

Chegamos à minha casa imersos em completo silêncio, só interrompido pelas minhas estúpidas lágrimas que não paravam de cair e pela raiva que pulsava em meus ouvidos e aumentava a cada segundo. Eu queria gritar com o mundo, queria chorar, queria quebrar coisas. Eu me sentia humilhada, como se realmente fosse um pedaço de carne, um objeto de troca num negócio. Alguém sem opinião, sem sentimentos, que só servia para uma coisa.

Quando entramos pela porta, passei feito uma fera por Sebastian, mas, antes de conseguir dar três passos, ele me puxou pelo braço, me deteve e me colocou à sua frente.

— Marfil…

— Me solta! — gritei, perdendo completamente o controle. — Você me deixou sozinha! Com ele! Como pôde!

Eu gritava e o empurrava.

Ele se endireitou, com o maxilar tensionado, e não me impediu de empurrá-lo.

— Você disse que ia matar o Marcus se ele encostasse em mim de novo!

O empurrão seguinte me fez sufocar um grito de dor. Meus dedos estavam doendo muito mais que antes por causa do jeito como Marcus os tinha torcido.

Sebastian baixou o olhar até minha mão e arregalou os olhos com uma expressão de horror. Sua respiração acelerou mais ainda. Sua raiva era latente, mas não me importava, ele me havia deixado ali!

— Foi ele que fez isso? — perguntou furioso, perdendo a expressão de autocontrole.

— Foi! — gritei, e me afastei quando ele tentou me tocar de novo. — Ele torceu meus dedos porque falei que ele era um filho da puta. O que você acha disso?

— Deixe eu ver sua mão — pediu, em um tom de voz tão controlado que conseguiu me deixar ainda mais furiosa.

— Não! — gritei de novo.

Nada mais importava. Eu tinha acabado de sofrer no meu corpo tudo aquilo que mais odiava nos homens e, ainda por cima, havia traído todas as minhas crenças por não ter começado a gritar quando aquele filho da puta me machucou, por não ter voado no pescoço dele ao ouvir aquele monte de barbaridades. Por que não fiz

nada? Por medo! Droga de medo, maldita desvantagem física. Ah, se eu tivesse força para matar o imbecil! Mas não tinha…

Só que eu tinha um maldito guarda-costas!

— Por que você saiu?! — gritei com a voz fraca, empurrando Sebastian mais uma vez.

Dessa vez, ele me acolheu em seus braços e me virou, de modo que fiquei colada em seu peito, com os braços imobilizados e sua respiração no meu ouvido. Agora sei que ele fez isso para eu parar de me machucar. Se não fosse por isso, eu teria continuado a empurrá-lo por horas e ele não faria nada para me impedir.

— Eu não podia fazer nada — disse em meu ouvido. — Agora eu trabalho pra ele, entende?

Fiquei paralisada.

— Você não acha que eu mataria aquele cara se não soubesse que, se o enfrentasse, perderia o emprego e não poderia mais proteger você?

Respirei fundo, tentando tranquilizar meu coração.

— Acha que não tive que conter a vontade de puxar minha pistola a cada segundo que passei fora daquele restaurante?

Ele pousou os lábios entre meu pescoço e meu ouvido.

— Me conta direitinho o que aconteceu — exigiu, acariciando-me com seus lábios ao notar que a raiva dava lugar à derrota.

Respirei fundo, tentando encontrar as palavras.

— Ele me comprou, foi isso que aconteceu.

Minhas palavras deixaram todo seu corpo tenso.

— Como assim, "te comprou"?

Senti todo o peso do meu corpo cair sobre ele. Sebastian me segurou. A adrenalina estava começando a baixar, me deixando exausta.

— Meu pai fez um acordo com ele. Marcus vai ajudá-lo com umas dívidas…

— Que acordo?

Balancei a cabeça.

— Marcus disse que está fazendo isso pra ajudar minha família, que eles são amigos há muitos anos e que só quer que eu dê outra chance pra ele.

Sebastian ficou calado.

— Tudo isso é surreal demais. Agora é ele quem paga meu aluguel, minha faculdade, minhas despesas… É como se…

— Se você pertencesse a ele — completou Sebastian, quase rosnando.

Eu me soltei de seus braços e me virei para poder olhar para ele.

— Eu não pertenço a ninguém — disse com muita raiva.

Sebastian se aproximou mais e afastou meu cabelo da testa, em um gesto que minha pele recebeu como um bálsamo.

— Claro que não — enfatizou, me encarando. — Posso dar uma olhada nos seus dedos? Por favor.

Assenti alguns segundos depois.

Ele me levou até a cozinha e fez eu me sentar em cima da ilha enquanto ia buscar o estojo de primeiros socorros.

Examinou minha mão com muito cuidado, parecia saber o que estava fazendo.

— Sem dúvida, foi uma leve torção — atestou ele, mexendo na gaveta dos talheres até encontrar um palito de sorvete. — Posso levar você ao hospital ou pôr uma tala eu mesmo. Já fiz isso mais de uma vez.

Assenti. A impotência diante do homem que tinha me maltratado me angustiava e me deprimia mais do que qualquer outra coisa em toda minha vida. Rico ficou sentado ao lado de Sebastian durante todo o processo, sem tirar os olhos de mim. Era como se soubesse que algo horrível tinha acontecido e precisasse ficar por perto para me proteger e se assegurar de que eu estava bem.

Quando Sebastian terminou, me entregou um copo de água e um paracetamol.

— Tome isso — ordenou, parando diante de mim —, vai aliviar a dor.

Concordei em silêncio e engoli o comprimido.

Sebastian parecia estar travando uma batalha interior. Quando nossos olhares se encontraram, parecia que ele me entendia, que via que os últimos acontecimentos tinham acabado comigo.

— Me desculpe — disse, bem sério —, por tudo. Preciso que você me perdoe.

Eu não disse nada, nem me mexi.

— Não imaginei que ele fosse machucar você em um lugar público e seu pai saiu para…

— Tanto faz — interrompi, cravando o olhar nos meus joelhos.

— Não é tanto faz — insistiu ele, levantando suavemente meu queixo para poder me olhar nos olhos. — Isso não vai se repetir, Marfil, eu prometo.

Assenti. Seus olhos iam me cativando devagar, como se tentassem me fazer ler todos os seus segredos. Quando notei algo que não esperava ver, seus lábios já estavam colados nos meus, e desfizeram o que estava acontecendo. Como sempre, quando sua boca tocou a minha, eu esqueci todo o resto.

O beijo começou delicado, reconfortante. Minhas mãos se mexeram sozinhas e o puxaram para mim, porque eu precisava de mais. Tudo era diferente. Não foi como os beijos de antes. Aquele foi de verdade. Mas não só isso: foi o primeiro beijo que Sebastian me deu sem que eu pedisse.

Ele foi descendo as mãos pelas minhas costas e me puxou para si, de modo que meus seios se colaram nele. Ele abriu caminho com a língua e a enroscou na minha, o que nos fez passar a outro nível quase sem que percebêssemos. Ele continuava acariciando minhas costas, mas logo levou as mãos aos meus joelhos e começou a subi-las pelas minhas coxas, ainda me beijando. Puxou meu lábio inferior com os dentes. Quando levei a mão não machucada para baixo da sua camiseta, ele soltou um gemido que aqueceu todo o meu corpo.

— Quero matar aquele filho da mãe — sussurrou, com os lábios colados nos meus lábios, e me fez estremecer. — Eu poderia… — prosseguiu, ainda saboreando minha língua com movimentos suaves, mas firmes.

As lágrimas voltaram a deslizar pelo meu rosto e ele as coletou com os lábios.

— Não chore, por favor — pediu, agarrado à minha nuca como se fosse uma âncora.

Ele começou a se afastar quando percebeu que um soluço escapava da minha garganta, mas não deixei. Puxei Sebastian e colei meus lábios nos dele de novo. Estávamos em sintonia, como se tivéssemos sido criados para nos beijar pelo resto da vida.

Ele entendeu o meu pedido sem que eu precisasse abrir a boca e falar. Sebastian cravou os dedos na minha coxa e arfei. Precisava que ele continuasse, que seguisse por esse caminho. Ele enterrou a cabeça no meu pescoço e começou a me dar beijos úmidos, até chegar ao ombro, e começou tudo de novo. Estremeci quando senti seus dedos por baixo do meu vestido, começando a me acariciar lentamente.

— É assim que você deve ser tocada, Marfil. Como se fosse um vaso de cristal — disse ele, me acariciando com uma lentidão assombrosa.

Fechei os olhos quando ele começou a traçar círculos na minha pele sensível. Eu precisava daquilo como precisava de ar para respirar. Soltei um gemido entrecortado quando o prazer aumentou e comecei a mexer meus quadris contra seus dedos. Era como se estivéssemos dentro de uma bolha onde eu me sentia a salvo, com ele, em seus braços, cercada de sentimentos nos quais estava ficando viciada.

— Por que está tão quietinha? — perguntou, beijando meu queixo e aumentando o ritmo.

Agarrei seu pulso grosso. Eu não sabia o que queria. Que parasse? Que fosse mais rápido? Meu corpo não conseguia decidir, só sabia que o orgasmo prometia ser grandioso.

— Porque é raro… quando você fala… — respondi, arfando.

Eu estava molhada e sabia que ele sentia.

— Eu devia fazer isso com você todos os dias — disse, se afastando dos meus

lábios e me olhando nos olhos.

Eu ia gozar e fechei os olhos.

Ele parou a mão e com a outra segurou firmemente meu queixo.

— Olha pra mim — exigiu.

— Não para — grunhi, brava.

— Abra os olhos.

Abri e bastou vê-lo para eu gozar. Ele me segurou com o braço enquanto eu soltava um grito que tinha estado preso tempo demais. Os espasmos de prazer duraram segundos infinitos, até que me larguei em seu ombro, exausta e arfante.

Ele acariciou meu pescoço com o nariz lentamente. Eu sabia por que ele tinha feito aquilo. Queria se redimir por tudo: por ter sido indiferente, por não me dar o que eu tanto pedia. Mas, principalmente, porque a culpa o estava corroendo por dentro por não ter me tirado daquele restaurante antes que me machucassem.

— Agora é quando você costuma voltar a ser indiferente comigo — sussurrei quando ambos recuperávamos o fôlego.

— Eu não sou indiferente com você.

Eu me afastei um pouco para poder olhar bem nos olhos dele.

— É complicado, Marfil — disse Sebastian, mudando de atitude, mas sem deixar de acariciar minhas costas.

É, era complicado. Se ele realmente trabalhava para o Marcus agora, eu sabia que a demissão seria o menor dos seus problemas se aquele filho da puta descobrisse sobre nós. Tive medo de pensar no que poderia acontecer. Marcus era perigoso, eu sabia, e meu pai…

— Em que negócios meu pai está metido, Sebastian?

Suas mãos se detiveram e seus olhos ficaram mais sérios.

— Não vou responder.

Ele se afastou e eu senti frio.

Desci da bancada, com as pernas ainda trêmulas, e exigi:

— Eu preciso saber. Essa história já foi muito além de qualquer coisa que eu pudesse imaginar. Acha que eu sou idiota? Que não vi o que estava acontecendo naquele restaurante?

— Por isso mesmo, Marfil. Eles são gente perigosa e é melhor você ficar fora disso.

— Meu pai está incluído nessa categoria?

Sebastian me lançou um olhar duro.

— O pai é seu, me diga você.

Claro que ele não era perigoso. Era exigente, autoritário e um homem

complicado, mas não era perigoso. Pelo menos não do jeito que eu imaginava que Sebastian queria dizer.

— Ele é meu pai, sim, e o amo apesar de saber que está metido em problemas. Mas não acho que deva ter medo dele nesse sentido.

Sebastian apoiou as mãos na bancada e me olhou durante alguns segundos sem dizer nada.

— Que bom que você acredita nele. É normal, é seu pai.

Não gostei do tom nem das palavras dele.

— Não seja arrogante — pedi, e me afastei até chegar à outra bancada.

Ele se aproximou e aninhou meu rosto entre suas mãos.

— Não estou sendo — disse ele, em um tom apaziguador. — Estou falando sério.

Desviei o olhar e o fixei na parede atrás dele.

— Há uma diferença entre ser perigoso e estar metido em coisas perigosas — falei.

Seus olhos castanhos cintilaram.

— Nisso você tem razão.

Ficamos nos olhando durante alguns instantes, até que ele pegou minha mão enfaixada e beijou a parte machucada.

— Vai dar tudo certo — garantiu, tentando me transmitir uma calma que agora eu sei que não sentia.

— Não quero ver o Marcus nunca mais, Sebastian — disse com voz trêmula. — Não quero que ele me toque nem que me olhe. O jeito como ele falou comigo…

Sebastian controlou suas emoções e me abraçou, sabia do que eu precisava.

— Fique tranquila — disse, acariciando meu cabelo —, tudo vai se ajeitar.

Passamos o resto do dia dentro de casa. Tentei adiantar um pouco um trabalho da faculdade enquanto jogava uma bolinha para Rico pegar. Sebastian estava mais introspectivo do que nunca. Eu entendia, também me sentia assim, mas, pelo menos, estava feliz porque a gente tinha dado mais um passinho na nossa relação. Ainda sentia um misto desconhecido de nojo e medo sempre que pensava em Marcus, mas agora Sebastian me abraçava toda vez que percebia que eu ia ficar mal.

Quando a noite chegou, fui procurar Sebastian. Abri a porta quando ele me disse para entrar e o encontrei esmurrando o saco de pancadas, sem luvas nem camiseta, mas com uma raiva que me fez me questionar se ter ido até ali havia sido uma boa ideia.

Ao me ver, ele imediatamente pegou uma toalha e, sem parar de me encarar, passou-a pelo rosto e veio até mim. Antes mesmo de eu me dar conta, sua língua estava no meu pescoço. Ele me tocava com ferocidade e foi me levando até a parede. Sebastian estava furioso e eu não entendia o motivo, além do que tinha rolado naquela manhã.

O corpo dele me prendeu e eu senti o quanto estava excitado. Ele desceu as mãos até chegar à bainha da minha camiseta e a puxou para cima, me deixando nua, exceto por uma calcinha preta. Minha respiração acelerou quando sentia suas mãos na minha pele.

— O que aconteceu? — perguntei, arfando, enquanto sua boca cobria meu pescoço e meu queixo de beijos. — Sebastian — sussurrei quando sua mão esquerda me tocou por cima da calcinha encharcada.

— Não fala nada, Marfil — disse ele, e me calou com um beijo profundo.

Passei as mãos por suas costas, seu peito, até chegar ao pescoço. Puxei-o para mim e aproveitei o calor dos seus lábios, da sua língua me acariciando de um jeito tão íntimo que me fazia derreter nos seus braços.

Ele me ergueu e me levou até o sofá. Fiquei sentada no colo dele e Sebastian continuou me beijando, mas a um ritmo um pouco mais tranquilo. Parou de me apertar com força e, com as mãos já mais calmas, passou a me acariciar com ternura.

Eu não sabia se gostava da mudança de intensidade…

— Posso falar agora? — perguntei e beijei sua orelha, bem onde tinha sussurrado.

Ele soltou um gemido quando encostei a língua e senti o sabor salgado da sua pele.

— Hoje você pode fazer o que quiser, elefante — respondeu, suspirando e enroscando meus cabelos escuros e compridos ao redor do pulso, e puxando para encontrar meu olhar. — Você sabe que eu passaria dias fazendo de tudo com você, não é? — perguntou, endireitando o corpo até que meus mamilos roçaram seu peito.

— Pode fazer — respondi, admirando sua beleza, sua masculinidade, sua força…

Sebastian me enlouquecia… Ai, meu Deus, eu estava apaixonada!

Ele se recostou no sofá, jogou a cabeça para trás e ficou olhando para o teto. Admirei seu maxilar masculino, o pomo de adão ficava marcado naquela posição e senti uma vontade enorme de beijá-lo e não parar nunca mais.

— Como está sua mão? — perguntou depois de suspirar profundamente.

Olhei para a tala e comecei a mexer na faixa.

— Quase nem dói mais — respondi, procurando a ponta.

Ele pousou a mão em cima da minha.

— Não, não mexa — brigou comigo —, e coloque isso.

Ele me entregou minha camiseta, que estava jogada no sofá.

— Você tira minha roupa e agora quer me vestir? — perguntei, confusa, quando ele passou a camiseta pela minha cabeça sem se importar com as minhas frágeis tentativas de afastá-lo.

— Perdi a cabeça, desculpa — disse, me ajudando a passar os braços.

Olhei para ele e um sentimento bem diferente de desejo me emocionou. Meu Deus, eu o amava. Amava e não podia fazer nada para me proteger desse sentimento.

— Posso perguntar uma coisa?

Sebastian suspirou, mas assentiu em silêncio.

— Quantos anos você tinha quando se casou com a Samara?

Minha pergunta o pegou de surpresa, para ser sincera, até pegou a mim de surpresa. Mas eu precisava conhecer um pouco daquela história. Precisava saber o que levou Sebastian a se casar. Precisava entender se já tinha superado, se ainda estava apaixonado, o que realmente havia acontecido…

— Eu tinha vinte e ela, dezoito — respondeu.

Nossa… Ele tinha a mesma idade que eu naquela época.

— Por que não deu certo?

Sebastian passou a mão pelo rosto, contrariado.

— Tirando o fato de que a gente era jovem demais? — perguntou, sem esperar resposta. — Não sei, Marfil, eu fiz coisas… tomei decisões que nos afetaram e simplesmente foi tudo para o caralho.

Pensei na sua resposta durante alguns segundos.

— Por que ela acha que você é perigoso?

Sebastian fixou os olhos nos meus.

— Como já contei, fui criado em casas de acolhimento. Samara também, então a gente passou por coisas… — Ele hesitou por um segundo, mas logo continuou: — Digamos que houve um tempo em que eu frequentava ambientes que não eram adequados para crianças… isso deixa algumas marcas… que podem influenciar o caráter.

Fiquei aliviada ao notar que ele continuava acariciando minhas pernas, distraído.

— Você me conhece assim hoje, mas, quando eu era mais jovem, tive que fazer muita terapia para conseguir ter o domínio e o autocontrole de agora.

— É difícil imaginar você naquela época — falei, depois que ele terminou. — O Sebastian que eu conheço é obcecado por controle e domínio.

— O exército me ajudou a controlar esse meu lado, mas seria mentira se eu

dissesse que nunca perco o controle e faço…

Bastou eu me lembrar daquele dia no carro para entender o que ele estava dizendo.

— Coisas de dar medo?

Nossos olhares se encontraram.

— Você tem medo de mim? — perguntou, preocupado.

Neguei com a cabeça, mas, no fundo, eu sabia que estava mentindo um pouquinho… daquela vez ele tinha me assustado.

— Saber que você consegue matar uma pessoa com uma mão só é meio assustador — confessei, brincando.

Ele sorriu.

— Você poderia me ensinar — acrescentei, e seu sorriso desapareceu.

— Ainda tenho dúvidas sobre se o que te ensinei foi uma boa ideia.

— E se alguém tentar de novo algo parecido? — respondi, levantando a mão enfaixada e fazendo uma careta.

Sebastian tensionou o maxilar um segundo.

— Ataque os olhos — disse simplesmente. — Enfie os polegares nos olhos da pessoa até furar o cérebro.

Senti um calafrio e ele percebeu.

— É demais pra você?

— Cara…

Ele sorriu de novo.

— É melhor você ir pra cama, está tarde.

Revirei os olhos.

— A manhã é domingo, não seja chato — respondi. — Vamos ver um filme?

Sebastian me olhou como se estivesse se perguntando como chegamos àquele ponto. Uma coisa tão simples como nos sentarmos no sofá para ver TV significava uma mudança enorme na nossa relação.

— E depois você vai pra cama?

Pensei um pouco.

— Só se você me deixar escolher o filme.

Desci do colo dele — foi difícil, tenho que admitir — e estiquei a mão para pegar o notebook dele na mesinha.

Ele se esticou antes que eu pudesse alcançar.

— Só um segundo.

Ele fechou algumas coisas com tanta rapidez que não vi nada. Bom, vi um nome: Lucas Miranda.

— O que você quer ver?

Pensei um pouco e peguei o notebook, sorrindo, e abri a Netflix.

— Você vai adorar.

Nós nos acomodamos no sofá. Ele não parecia muito a fim de ficar agarradinho comigo, então invadi seu espaço sem pensar duas vezes. Deixei o notebook em cima da mesinha de um jeito que nós dois conseguíssemos ver e o abracei, apoiando a cabeça em seu peito.

A música de abertura começou a tocar e fiquei toda arrepiada imediatamente.

— É sério, Marfil? — perguntou, e eu sorri. — *O guarda-costas*?

— Não vai me dizer que não tem graça — respondi, segurando a risada. — É um dos meus filmes preferidos.

Sebastian ficou calado e logo começou a me fazer um cafuné. Seus dedos se perdiam entre os fios e desciam até as pontas… Fechei os olhos, sentindo cada carícia no fundo da minha alma.

O que iria acontecer com a gente? Será que a gente iria continuar com aquilo que tinha acabado de começar? Não gostei nem um pouco de ter sido o rosto de Marcus, não o do meu pai, que apareceu na minha mente quando cogitei um relacionamento com Sebastian.

O filho da puta do Marcus… Eu o odiava pelo que tinha feito, pelo jeito como havia falado comigo, por tentar me violentar e me machucar, mas o odiava ainda mais porque o medo que tinha dele ameaçava dominar todos os aspectos importantes da minha vida.

29

Sebastian

Em vinte minutos, Marfil estava dormindo e eu fiquei vendo o filme enquanto milhares de pensamentos desconexos brigavam para ocupar mais espaço no meu cérebro. Não parei de observar Marfil durante as duas horas e dez minutos de duração daquela trama ridícula, encantado com a beleza dela. Ela era maravilhosa, mas, nas últimas semanas, eu tinha compreendido que não era só sua aparência que me deixava louco, era ela toda. Sua doçura, suas provocações, seu interesse em ajudar os necessitados, mas especialmente sua maneira de ver o mundo.

Ela tinha sido machucada, tratada como um objeto, precisou aguentar o próprio pai a entregando de bandeja a um homem que ele sabia que havia tentado violentá-la e, ainda assim, Marfil Cortés era capaz de voltar a sorrir.

Eu sabia que minha vida iria virar um inferno, que as consequências de estar com ela podiam custar tão caro para nós dois que tinha medo até de pensar, mas alguma coisa me fazia querer protegê-la de maneiras que iam além do trabalho de um guarda-costas. Nessa profissão, nós sabíamos que, se necessário, teríamos que dar a vida para salvar as pessoas a quem protegíamos. Se bem que isso nunca me convenceu muito. Se precisasse, eu faria, claro, porque era meu dever, mas, com Marfil, eu nem questionava. Não existia outra possibilidade: se tivesse que interceptar uma bala para salvá-la, eu não pensaria duas vezes e morreria feliz.

E isso era preocupante.

Quando o filme acabou, eu a peguei no colo para levá-la ao quarto dela. Marfil era magra, esbelta, não lhe faria mal acrescentar uns quilinhos àquele seu corpo de bailarina, mas eu já sabia que ela não dava muita importância para comida.

Marfil abriu os olhos quando entrei no quarto.

— Está pondo em prática o que aprendeu com o Kevin Costner? — perguntou ela, bocejando e se segurando forte em meu pescoço.

— Shh — respondi, para que voltasse a dormir.

Quando ela estava acordada e ficávamos a sós, as coisas tendiam a sair do controle, mais do que eu gostaria.

Deitei Marfil na cama, mas ela não me soltou. Ela se agarrou ao meu pescoço e me obrigou a me abaixar.

— Durma comigo — propôs, tão perto que senti o cheiro delicioso da sua pele,

sua respiração entrando na minha boca e uma vontade incontrolável de morder seu lábio inferior com tanta força que chegaria a machucar.

— Marfil…

Ela me interrompeu.

— Só quero dormir, de verdade.

Ok, garota, mas o problema não é você, sou eu, pensei.

— Não.

Peguei suas mãos e a soltei de mim. Precisava me afastar dela, pensar com clareza, pôr meus pensamentos em ordem…

Saí do quarto sem saber o que estava perdendo. Se pudesse voltar àquele momento, garanto que ninguém teria conseguido me tirar daquele maldito quarto.

Acordei cedo, como sempre, e fui correr, aproveitando que Marfil ainda estava dormindo, mas ainda a vigiava, graças ao aplicativo que me permitia ver as câmeras do apartamento. Naquela manhã, o Central Park estava cheio de madrugadores como eu, gente que queria aproveitar as primeiras horas da manhã antes que o parque se enchesse de turistas ou de crianças. Eu tinha levado Rico. O cachorro estava se recuperando e, pela energia que demonstrava, estava bem claro que o veterinário tinha acertado a idade dele: pouco mais de um ano.

Ao chegar ao lago, decidi parar e brincar um pouco com ele. Eu jogava a bolinha enquanto pensava no que tinha acontecido com Marcus Kozel. A raiva me cegou e a bola acabou indo muito mais longe do que eu pretendia. Rico disparou feito uma flecha e eu tive que ir atrás para que ele não saísse da minha vista. Só me faltava agora perder o cachorro da Marfil.

Estava voltando para casa quando vi um carro preto parecido com o que o pai de Marfil tinha me dado para trabalhar, estacionado em frente ao edifício.

Nesse exato momento, meu celular tocou. Marcus.

Respirei fundo, tentando me acalmar antes de atender.

— Moore? — disse ele com tranquilidade.

Ao fundo, dava para ouvir sons que poderiam ser de um bar.

— Não tenho muito tempo. Só estou ligando para informar que, a partir de agora, mais dois homens vão trabalhar com você na segurança da Marfil.

Merda.

— Não precisa, eu…

— Não me interessa o que você acha — interrompeu. — Quem manda aqui sou eu, lembra? E essa garota é valiosa demais para permitir que a matem.

Cerrei os lábios ao ver dois homens bem-vestidos descendo do Audi cinza.

— E, Sebastian… — prosseguiu, agora mudando de tom —, espero que Cortés tenha te informado sobre as mudanças. Se pisar na bola, mato você.

Apertei o telefone com tanta força que achei que se quebraria entre meus dedos.

30

Manfil

Acordei com um sorriso no rosto. Eu tinha muitas razões para não despertar desse jeito, mas Sebastian Moore tinha esse efeito sobre mim. Eu sempre li que, quando a pessoa está apaixonada, vê tudo cor-de-rosa. Bom, eu ainda não estava com um filtro na retina, mas me sentia muito feliz. Na noite passada, apesar de não termos cruzado nenhuma barreira nova, tudo tinha sido superespecial. Vermos um filme juntos como se fôssemos um casal me fez sonhar com certas coisas… acho que dá para imaginar quais. O ruim desses sonhos é que acordamos sempre na melhor parte.

Apesar do sorriso, meu corpo não estava lá muito feliz. Sebastian tinha o costume de mudar de ideia quando bem entendia, mas eu não estava a fim de continuar com aquele joguinho. Tomei um banho rápido com uma única coisa em mente: queria transar com ele.

Falando desse jeito pode parecer frio, mas era o que meu corpo pedia. E, embora minha mente sempre tivesse relutado com isso, o encontro com Marcus e meu pai acabou me fazendo perceber que eu não podia mais viver sob a premissa do que Alejandro Cortés achava que era certo. Eu tinha vinte anos, era uma mulher independente que não pretendia ficar esperando…

O quê? Que ridículo…

Calei aquela voz que dizia que, se eu perdesse a virgindade, meu pai me mataria, e saí do quarto nua, envolta apenas em uma toalha branca.

Sebastian estava ao telefone. Demorei alguns segundos para entender que estava discutindo com alguém. Quando me viu, três sentimentos atravessaram seus olhos. O primeiro, surpresa; o segundo, medo; e o terceiro, raiva.

— Que porra você está fazendo? — rosnou, em vez do usual "bom dia".

Seu tom e suas palavras me surpreenderam tanto que fiquei paralisada, como se tivesse batido num muro.

— Daqui a pouco eu ligo de novo — disse ele ao telefone.

Então Sebastian se aproximou com os olhos tomados de ira e disse:

— Vá agora mesmo para o seu quarto e vista alguma coisa.

Não era bem esse o efeito que eu pretendia causar…

— Que foi, Sebastian?

— Vá se vestir, Marfil — ordenou ele, olhando para mim de um jeito estranho.

Eu me senti tão ridícula e humilhada que dei meia-volta e entrei no quarto.

Que merda estava acontecendo?

Vesti uma legging e minha blusa de moletom preta favorita e saí do quarto com muita raiva. Tudo bem que Sebastian não costumava se render aos meus encantos naturais, mas precisava ser tão grosseiro? Lancei um olhar rápido a ele ao sair do quarto: dessa vez, não estava falando com ninguém. Estava sentado, esperando que eu aparecesse. Bom, era o que parecia.

— Vai correr? — perguntou, dessa vez num tom normal, cordial, frio.

— Pretendo — respondi, cruzando os braços e o encarando. — E você? Vai continuar me tratando assim? Você não se cansa dessa bipolaridade?

— Agora não, Marfil — disse ele, cravando os olhos em mim.

Franzi a testa, minha raiva alcançou outro nível. Sebastian se levantou e passou por mim, atravessando toda a sala e me obrigando a dar meia-volta para segui-lo. Ele se encostou na parede e ficou me olhando, sério como sempre.

— Por que você é assim, Sebastian? — perguntei, magoada. — Nunca sei o que esperar de você. Estou cansada de um dia você me beijar e, no outro, ficar me ignorando!

Ele não disse nada.

— Ontem você arrancou minha roupa e hoje manda eu me vestir só porque saí de toalha?! — comecei a erguer a voz. — Eu não sou uma porra de um brinquedo!

— Claro que não — concordou ele bem baixinho, quase sem mexer os lábios.

— Pois parece — respondi, odiando sua atitude. — Ontem eu pedi que ficasse comigo, que dormisse comigo, e você foi embora depois de só dizer um "não".

— Eu precisava fazer uma coisa.

— O quê?

Ele não respondeu, simplesmente ficou me olhando como se fosse uma estátua que às vezes piscava.

Aquilo era ridículo! Eu precisava sair dali.

— Cadê o Rico?

— Saí com ele de manhã, deve estar dormindo.

Eu o fulminei com o olhar e saí de casa feito uma fera. Ele foi atrás de mim, esperamos o elevador sem nos olharmos. Então, quando as portas se abriram e eu entrei, ele me pegou pelo braço e suavemente me encostou no espelho.

— Eu não podia falar em casa — disse, acariciando rapidamente meu rosto e me deixando perplexa. — Você não é um brinquedo, caralho. Por acaso não ficou claro que gosto de você? Mas houve uma mudança.

— Que mudança? — perguntei o encarando, sem entender nada. — Do que você está falando?

O elevador parou e as portas começaram a se abrir.

Sebastian se afastou de mim como se minha pele queimasse e eu o segui, ainda mais confusa que antes.

Em frente a Norman, sentados nas cadeiras do hall de entrada, estavam dois homens de terno que chamaram minha atenção por conta do tamanho deles. Ambos se levantaram ao me ver e, instintivamente, parei.

Sebastian não se afastou muito de mim, mas, quando abriu a boca, meu estômago se revirou.

— Marfil, estes são Jakov e Egor — disse, indicando os dois com a mão esquerda. — A partir de agora eles vão trabalhar comigo na sua segurança.

Ambos me olharam sem expressão. Apertei os lábios com força e fulminei Sebastian com uma raiva que não deveria dirigir a ele.

— Nem fodendo — respondi, dando um passo para trás e pegando meu celular.

Sebastian se aproximou e se colocou entre mim e aqueles dois capangas.

— Marfil, são ordens dele — disse Sebastian baixinho.

— Ele não é ninguém, caralho — respondi, e o empurrei para afastá-lo de mim e sair correndo para a porta.

Sem pensar, corri para o Central Park e quase fui atropelada. Ao olhar para trás, vi Sebastian e os outros dois me fulminando com o olhar enquanto eu me afastava e eles eram obrigados a parar por causa dos carros.

Minha cabeça estava a mil. Tudo estava mudando. Tudo estava acontecendo rápido demais e eu continuava não entendendo absolutamente nada.

Se você fosse minha, teria cinco homens na sua cola.

Corri ainda mais. A adrenalina tomava todo o meu corpo, eu sentia meu mundo desmoronar sem que eu pudesse fazer nada. Parei embaixo de uma das pontes, subi nas pedras e me escondi. Não queria encontrar aqueles homens, não queria ver nem o Sebastian.

Ele aprovava aqueles caras? Será que ele tinha solicitado mais homens para realizar o trabalho? Desde quando ele sabia?

Por fim, Sebastian me encontrou, não sei como. Não me olhou com raiva, mas aliviado.

— Desce daí, por favor — pediu, a respiração acelerada por causa da corrida.

— Quero ficar sozinha, Sebastian — respondi, olhando para ele lá de cima.

— Eu disse pra eles esperarem em casa. Precisamos conversar.

— Agora você quer conversar? — respondi, sem a menor intenção de sair dali. —

Muito bem, comece explicando como me encontrou — acrescentei, desconfiando de coisas que não me agradavam nem um pouco.

Sebastian suspirou e pegou o celular.

— Há um rastreador no seu celular — explicou com calma. — Eu o sigo por um aplicativo que só eu controlo.

Caralho… agora estava entendendo muitas coisas.

— Foi assim que você soube onde eu estava no dia do show, não é?

Ele não disse nada, mas isso bastava.

Desci das pedras e parei na frente dele.

— Pretendia me contar?

— Se eu tivesse contado e você quisesse fugir de mim, seria fácil demais, não acha?

Olhei para o outro lado. Realmente, eu tinha tentado fugir dele… Se soubesse, simplesmente teria deixado o celular em casa e ele nunca saberia onde eu estava. E, levando em consideração os últimos acontecimentos, minha escapada daquela noite poderia ter acabado muito pior.

— Por que mais guarda-costas?

— Marcus quer controlar você. E a mim também.

Olhei Sebastian nos olhos de novo.

— Você? Por quê?

Sebastian parecia não saber se falava ou não.

— A gente se conhece faz tempo… Não nos damos muito bem, pra resumir.

— De onde você conhece o Marcus? Foi guarda-costas dele?

— Quanto menos você souber, melhor, Marfil.

— Meu Deus! — grunhi, frustrada. — Até quando você pretende ficar escondendo as coisas de mim? E por que me tratou daquele jeito em casa? Você poderia ter me avisado daqueles dois! Mas, em vez disso, se comportou como um filho da puta que só sabe soltar três palavras pela boca e…

Meu cérebro tentou unir os acontecimentos com o que ele tinha acabado de me contar e alguma coisa fez *clic*.

Eu não podia falar em casa.

Sebastian me olhava com cara de paisagem.

— Tinha mais alguém no apartamento? — perguntei, horrorizada.

Meu Deus. O Marcus estava lá??!

Sebastian se adiantou e pegou meu braço, chegando mais perto de mim.

— Fisicamente não havia ninguém lá além de nós dois, mas isso não significa que não pudessem nos ver.

Arregalei os olhos segundos depois.

— Colocaram câmeras?!

Seu silêncio foi suficiente. Eu me desvencilhei dele, tentando controlar um ataque de pânico.

Mas ninguém poderia ter posto câmeras sem que eu percebesse. Eu teria ouvido!

Eu me virei com violência para Sebastian.

— Foi você quem colocou, não foi? — gritei, já entendendo tudo. — Por isso sempre sabe o que estou fazendo e aparece quando preciso de você! Por isso soube que eu caí dançando! Por isso sempre antecipou todos os meus movimentos!

Sebastian continuava em silêncio, e isso me deixou ainda mais nervosa.

— Você fica me espionando?!

Era absurdo perguntar. Meu Deus, eu me sentia humilhada! Na outra noite, por exemplo, fiquei chorando na sala por causa do jeito como ele me tratou. Quantas vezes eu tinha parado no corredor que levava ao quarto dele decidindo se entrava ou não? Ele me via, ali, parada como uma idiota, e não dizia nada?

— Eu te odeio, Sebastian! — gritei.

Ele não me deixou sair dali e me segurou antes que eu pudesse fugir outra vez. Mas do que adiantaria, se ele podia rastrear meu celular?

— Me solta, inferno — gritei e me debati. — Você mentiu pra mim!

— Eu só estava fazendo o meu trabalho.

— O seu trabalho é uma merda! Você não pode invadir minha privacidade e não me contar!

— Eu precisava instalar as câmeras, Marfil. Só não coloquei no seu quarto e no banheiro, mas precisava controlar o resto da casa.

— Você tinha que ter me contado!

Sebastian tencionou o maxilar.

— Tem razão — concordou e me olhou nos olhos. — Eu ia contar, mas, quando te conheci e vi como não gostava da ideia de ter um guarda-costas, soube que você tentaria burlar minha vigilância. Desculpa, mas minha prioridade sempre foi proteger sua vida.

Ele levou a mão ao meu rosto. Tentei virar a cara, mas ele me impediu.

— Sempre foi proteger sua vida, Marfil — repetiu, olhando para mim com intensidade.

Meu coração batia desenfreado. Eu estava tão furiosa, tão assustada…

— Era só pela vigilância? — perguntei, desafiando-o a mentir na minha cara.

Nós dois sabíamos a verdade e eu queria que ele admitisse.

Sebastian hesitou, nervoso pela primeira vez desde que eu o conhecera.

Finalmente, abriu a boca:

— Eu não esperava te ver dançar.

Eu o empurrei com todas as minhas forças.

— Você não tinha esse direito.

Dançar era algo íntimo para mim, tão importante que eu não podia acreditar que ele estava me observando aquele tempo todo. Se eu soubesse…

— É verdade, não tinha — disse ele, me encarando com ferocidade —, e também não tinha o direito de te tocar, te beijar nem de sentir nada do que sinto por você, mas as coisas seguiram esse caminho.

Não deixei que suas palavras me fizessem esquecer a realidade. Na noite anterior, eu desejei ouvir tudo aquilo que ele tinha acabado de dizer, mas já não valia de nada. Eu não confiava nele. Sebastian Moore tinha muitos segredos, e o pior é que seus segredos se relacionavam com os da minha família e Marcus Kozel.

Eu não queria ter nada a ver com aquilo.

— Acabou — afirmei, convicta, mas meu coração se partiu em mil pedaços.

Os olhos de Sebastian ficaram sérios, mas, de resto, ele se manteve impassível.

— Finalmente você disse algo sensato.

Eu ri, e me senti morrendo por dentro.

— E agora? — perguntei, controlando a vontade de chorar.

— Marcus tem acesso às câmeras — explicou —, por isso te tratei daquele jeito.

— Quero que tire as câmeras, todas! — gritei, furiosa.

Eu não tinha a menor intenção de deixar aquele psicopata me observar sempre que quisesse.

— Não posso.

Balancei a cabeça, tentando assimilar tudo aquilo.

— Isso é um pesadelo…

— É só por um tempo — disse ele, querendo me consolar.

Eu o fulminei com o olhar, não era ele que estava sendo vigiado!

— Quero que tire a do estúdio de balé.

Sebastian abriu a boca, mas o interrompi:

— Invente alguma coisa, Sebastian! — gritei. — Ele não vai me ver dançar. Não admito.

Sebastian pensou um pouco e disse depois de alguns segundos:

— Posso hackear a câmera durante um tempo, mas vou continuar tendo acesso — disse ele, sem deixar espaço para reclamação. — Lamento, mas aquela sala tem uma janela que dá para a escada de incêndio.

Estreitei os lábios com força e segurei a vontade de mandá-lo à merda.

— Pois então aproveite o espetáculo.

Dei meia-volta e fui correndo para casa. Sebastian me seguiu. Enquanto o vento secava minhas lágrimas, comecei a bolar um plano para que todos os meus guarda-costas implorassem a Deus para terem escolhido outra profissão.

31

Sebastian

Aguentar Marfil aquela semana foi uma tortura. Ela não só desafiava Egor e Jakov, como também estava me deixando completamente louco. Depois de saber que havia câmeras a vigiando a casa, ela decidiu passar o mínimo de tempo possível ali. Dormiu várias noites na casa da Tami e, um dia, pegou suas coisas e foi para a casa do Liam, aquele babaca. Isso me obrigava a ficar fora noite após noite na companhia daqueles imbecis.

Durante o pouco tempo que passávamos no apartamento, ela fazia questão de complicar não só sua segurança, como também o meu trabalho. Eu a vigiava pelas câmeras mais do que nunca, não apenas porque fazia sete dias que não nos falávamos, mas porque sua rebeldia aumentava a cada dia. Os gestos agressivos diante das câmeras eram diários depois que ela descobriu onde estava cada uma, e, quando dançava, misturava piruetas e passos de balé que me deixavam louco.

Ela parecia saber que me torturava lentamente e que eu a observava desde a hora que entrava no estúdio até a hora que saía. Era o único momento de privacidade que a gente tinha, e ela o aproveitava com um só propósito: me irritar.

Naquele dia, por exemplo, voltávamos da casa do Liam. Marfil estava sentada no banco de trás e Egor e Jakov nos seguiam em outro carro a poucos metros de distância. Eu não só estava de saco cheio de ter que passar a noite no carro, como também saber que ela tinha passado a noite com Liam me tirava do sério. Marfil sabia e, quando desceu do carro e eu vi uma marca de chupão no pescoço de porcelana dela, bati a porta e quase a quebrei.

Eu precisava controlar o ciúme que ameaçava nos delatar. Eu não sabia se Marcus Kozel ficava grudado nas câmeras vinte e quatro horas por dia, mas sabia que podia nos observar quando bem entendesse.

Marfil entrou em casa sem notar meu mau humor e, pouco depois, passou pela minha porta de novo com um daqueles collants pretos que deixavam pouco para a imaginação.

Ela me olhou nos olhos, entrou no estúdio de balé e fechou a porta.

Abri a câmera número dez e a observei. Ela não dançava mais de frente para o espelho, e sim olhando fixamente para mim. Começou a fazer movimentos que, sem dúvida, não eram de balé clássico. Vi suas pernas se abrindo e fechando, formando

figuras impossíveis no chão. Seu corpo era uma obra de arte, poderia ter causado estragos se a deixassem dançar em um teatro.

Minha respiração acelerou quando vi o chupão no pescoço dela de novo. O jeito como seu cabelo estava preso parecia gritar para eu ir me foder por ser tão imbecil.

Observei suas piruetas impossíveis, até que ela parou, se apoiou na barra que ficava de frente para a câmera e, arfando, esperou, sem tirar os olhos da lente.

Em um segundo, desliguei todas as câmeras e entrei no estúdio.

32

Marfil

Eu queria que ele entrasse, mas tinha certeza de que se controlaria. Como, não sei, mas estava claro que Sebastian Moore tinha um autocontrole que deixaria muitos com inveja.

Provocar Sebastian era meu objetivo número um da semana. Estava muito brava com ele e com o mundo, não só por ter mentido para mim, mas também por deixar que Marcus me observasse quando quisesse. No fundo, eu ainda esperava que Sebastian mandasse o trabalho à merda e me tirasse dali… mas aquela ideia parecia fora de cogitação.

Dormir na casa da Tami e do Liam havia sido sacanagem. Eu sabia que ele teria que ficar no carro, que não tinha dormido bem naqueles últimos dias, mas minha raiva era maior que tudo. Eu não pretendia deixar que Marcus me vigiasse pelas câmeras, não admitia! Eu sabia que estava me comportando como uma criança provocando Sebastian sempre que tinha a oportunidade, mas com o chupão no pescoço eu passei dos limites.

Queria enlouquecê-lo e quebrar sua armadura de autocontrole, não havia nada que eu quisesse mais. A gente tinha acabado com o pouco que existia entre nós e me irritava a rapidez com que ele se havia se conformado, quão pouco ele tinha lutado por mim.

Ele entrou batendo a porta e parou no meio do estúdio, com os olhos fixos nos meus.

— É isso que você pretende? — perguntou, com as pupilas dilatadas e a respiração agitada. — Você gosta de me ver assim?

Nem pisquei.

— Adoro ver você assim.

Ele cerrou os lábios e, em dois passos, estava diante de mim.

Fechei os olhos quando sua boca se colou na minha e, por alguns instantes, me esqueci até de respirar. Ele me pegou pela nuca com força e, com a outra mão, prendeu as minhas às costas.

Arfei quando senti sua ereção colada em mim.

— Sebastian… — supliquei quando ele se afastou da minha boca, chupou meu lábio inferior com força e desceu para o meu pescoço.

— Calada — ordenou.

Ele foi beijando meu pescoço até chegar ao lugar onde Liam tinha deixado aquela marca, porque supliquei que me ajudasse a deixar Sebastian com ciúme. A princípio ele se negara — eu não sabia o que estava acontecendo ultimamente com meu amigo —, mas, depois de eu insistir por meia hora, ele aceitou.

Sebastian repetiu o que Liam tinha feito aquela manhã, mas, ao contrário da minha reação com meu amigo, que foi ficar rindo o tempo todo, a sucção dos lábios de Sebastian na minha pele me deixou molhada em questão de segundos. Eu me esfreguei nele quase desesperada para sentir algo que me ajudasse a acalmar o desejo que sentia, mas Sebastian me imobilizou com um movimento brusco.

— Diga ao seu amiguinho que, se ele encostar em você de novo, é um homem morto. — Ele me soltou quando viu que eu me remexia, inquieta, e deu dois passos para trás, arfando também. — Não brinque comigo, Marfil — ameaçou.

Seu peito, assim como o meu, subia e descia sem descanso.

— Foi você quem começou esse joguinho — respondi, louca de vontade de me jogar nos braços dele, mas me obrigando a controlar meus impulsos. Ainda estava furiosa com Sebastian, furiosa e decepcionada. — Como é dormir no carro?

Ele me devolveu um olhar de censura. Eu estava agindo como uma filha da puta e ambos sabíamos, mas meu orgulho me fazia continuar provocando. O mesmo homem que tinha me machucado e tentado abusar de mim agora podia me vigiar, e Sebastian permitia!

— Quando eu sair por essa porta, você vai parar de fazer isso de uma vez por todas — disse ele, se aproximando. — Eu sou seu único aliado aqui, não desperdice isso.

Ele me beijou com força e, em seguida, se virou de costas e foi embora.

No fundo, eu sabia que ele tinha razão. Enxuguei a única lágrima de raiva que deslizou pelo meu rosto antes que ele pudesse ver pela tela do computador e retomei a dança do ponto em que havia parado.

Continuei dançando para a câmera.

Quando, por fim, tive que parar de invadir a cama dos meus dois melhores amigos, os dias ficaram insuportáveis, não só por me ver obrigada a andar com três homens no meu encalço, como também porque, na faculdade, todo mundo ia acabar percebendo que não era normal três brutamontes estarem sempre onde eu estava. Além do mais, Egor e Jakov não deram ouvidos às minhas queixas sobre a roupa e continuavam usando aqueles ternos pretos, gravata e até o rádio para se comunicar

entre si e com Sebastian.

Sebastian estava… irreconhecível. Se antes eu achava que ele era fechado, agora era o Polo Norte dentro do congelador, e não só pelo jeito como me tratava, mas também porque ficava muito mais em cima de mim, sem me dar liberdade para ir e vir. Ele estava sempre, sempre mesmo, na minha cola, e seu costume de observar os arredores com preocupação tinha aumentado ao nível de suspeitar de qualquer um que se aproximasse.

— Que pena que aqui você não pode entrar, não é? — falei, fechando a porta do banheiro feminino na cara dele.

Fui almoçar com a Tami e pretendia convencê-la a sair à noite. Fazia duas semanas que eu vivia aquele inferno e precisava encher a cara e dançar.

Depois de retocar o batom vermelho, saí do banheiro, passei por Sebastian e voltei para a mesa.

Estávamos almoçando em um dos melhores restaurantes japoneses da cidade, chamado Catch. Nós duas adorávamos a comida dali.

— E então? — insisti pela quarta vez. — O plano é o seguinte: vamos ao PHD, tomamos champanhe à vontade, comemos uns espetinhos de muçarela, que eu sei que você adora, dançamos um pouco e, depois, vamos pra sua casa.

Tami suspirou.

— Não sei… — disse ela, levando um maki à boca. — O Liam vai?

Revirei os olhos.

— Ele trabalha à noite, mas vai colocar a gente na lista. Não se preocupe, ele vai estar bem ocupado, quase não vai ficar com a gente, prometo.

— Às vezes eu me pergunto por que será que ele é *promoter*.

— Porque ele gosta de balada, mulheres e álcool — esclareci, dando de ombros e levando o copo aos lábios. — E ganha uma boa grana — acrescentei.

Achei engraçada a cara da Tami. Não que eu defendesse muito o trabalho do meu amigo, mas era só um extra e ele gostava. Mas às vezes…

— Acho que o plano já não me incomoda tanto — respondeu ela, com a testa franzida.

— Vamos, Tami! O Liam é muito legal, você precisa relaxar com ele um pouco. Você julga meu amigo demais e por isso ele fica te provocando. Não entre no jogo dele! Não vê que é isso que ele quer?

— Por quê? Você consegue me explicar por que ele gosta tanto de me provocar?

Pensei por alguns segundos.

— Talvez ele goste de você…

Dizer isso em voz alta me deu o que pensar… O Liam gostava da Tami?

Que babado!

E ela?

Não, era impossível.

— Não fale besteira — respondeu ela, bem seca.

Não insisti mais no assunto porque precisava pensar. Além do mais, pretendia perguntar aquilo a Liam. Se ele gostasse da Tami e não tivesse me contado, juro que mataria meu amigo!

Depois do almoço, nós nos despedimos à porta. Combinamos nossa saída à meia-noite no PHD, uma balada na cobertura do Dream Hotel, no centro.

No carro, no caminho de volta, decidi informar meus planos a Sebastian.

— Você precisa mesmo sair hoje à noite? — perguntou, com a testa franzida e o olhar fixo no trânsito.

— Aham, é importante pra minha saúde mental.

Ele balançou a cabeça, mas não disse mais nada. Quando chegamos à minha casa, fui direto para o meu quarto, o único lugar que ainda me pertencia e onde eu podia fazer o que me desse na telha sem ter que dar satisfações a ninguém. À noite, Marcus Kozel iria saber com que tipo de mulher ele tinha se metido.

Coloquei o vestido mais sexy que tinha, curtíssimo, preto, colado, marcando todas as minhas curvas, e sapatos altos vermelho-sangue que me deixavam vários centímetros mais alta. Eu teria adorado ver a cara do Marcus quando seus lacaios lhe passassem o relatório daquela noite.

Fiz um rabo de cavalo e uma maquiagem bem sensual. Quando saí do quarto, Sebastian me observou sem dizer nada. Pelo menos não tive que aguentar seus comentários. Se bem que, no fundo, eu tinha me vestido daquele jeito para ele também, mas a gente continuava sem se falar.

— Os capangas estão lá embaixo? — perguntei enquanto checava minha bolsa e aproveitava para retocar o batom na frente dele.

— Egor e Jakov estão nos esperando, sim — corrigiu ele com paciência, detendo o olhar em minhas pernas alguns segundos a mais.

Saímos de casa e entramos no elevador, cada um apoiado em paredes opostas, nos olhando como se o que quiséssemos gritar um ao outro fosse proibido para nós.

— Não estrague minha noite, Sebastian.

— Não faça nenhuma bobagem e não teremos razão para isso.

Percebi que ele não estava mais de tipoia. Estava muito bonito de jeans escuro e uma blusa de moletom cinza. Simples, mas era como eu gostava desde que o conhecera. Sua indiferença pela moda e sua aparência acabavam deixando Sebastian mais atraente do que já era. Reparei em seus braços, me lembrei do que era capaz de

fazer com as mãos e senti um calor repentino no corpo todo. Chegou até as minhas bochechas.

— Quem dera eu pudesse ler sua mente… — disse ele, me encarando.

— Você não ia gostar do que estou pensando, pode acreditar — respondi.

Ele se aproximou e apoiou as duas mãos na parede, nas laterais da minha cabeça.

— É mesmo? E por que não?

Seus lábios estavam tão perto dos meus que senti sua respiração entrar na minha boca.

Nesse momento, as portas se abriram e ele se afastou com toda a tranquilidade que o caracterizava. Eu me recompus e passei por ele com o passo firme. Não fraquejaria mais, de jeito nenhum.

A noite não estava fria, a tempestade tinha passado deixando uma temperatura mais típica de maio, e a cidade estava linda. Não me passou despercebido o gesto de Sebastian de abrir a porta para mim nem o leve roçar dos seus dedos na minha cintura antes de entrarmos no carro.

Como eu não queria falar com ele e estava muito mais nervosa que o normal, fingi que falava no celular com a Tami. Fiquei assim todo o trajeto de casa até o hotel, falando comigo mesma, enquanto ele não tirava os olhos do trânsito.

Não demoramos muito para chegar, graças aos céus, e saí do carro depressa, porque precisava respirar ar fresco. Vi Tami me esperando com Stella e Lisa. Ambas ficaram olhando o grupo que me acompanhava, mas fingi que eles não existiam e as cumprimentei toda animada.

— Estão a fim de encher a cara hoje? — perguntei, segura.

Stella e Lisa riram. Ficamos esperando que Liam descesse para nos buscar. Tami estava meio nervosa, mas incrivelmente bonita. Seu cabelo loiro platinado estava cheio de cachos que chegavam quase até a bunda e ela usava um top branco bem sexy. O jeans escuro a deixava ainda mais magra do que já era e, ao contrário que o de costume, estava de salto.

— Você está incrível — elogiei, olhando-a de cima a baixo.

— Não sei… — disse ela, nervosa.

Revirei os olhos e sorri de orelha a orelha ao ver Liam. Ele respondeu com outro sorriso, mas, ao notar quem me acompanhava, parou um segundo. Depois, ele se aproximou com uma expressão preocupada.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntou, todo grosso.

— Liam! — briguei, e sua cara mudou, mostrando que só estava brincando.

Ele riu ao ver que Tami tinha ficado pálida.

— Não me olhe assim, sua esquisitinha — disse ele, medindo minha amiga de

cima a baixo e sorrindo.

Tami olhou para ele com raiva e foi ficar ao lado de Stella, com o olhar fixo na direção contrária. Liam riu, mas logo seu riso se apagou quando viu Sebastian.

— Você continua por aqui? — perguntou, e depois notou meus capangas.

Eu tinha contado tudo — bom, quase tudo — a Liam. Ele sabia que agora eu andava com três homens para todo lado.

Sebastian não respondeu, estava concentrado nos arredores. Naquele momento, olhava para o final da rua em estado de alerta.

— Entrem — disse às minhas amigas e a mim.

Stella e Lisa entraram, felizes, e eu as segui. Eu me virei para trás quando vi Liam parar diante da Tami para interceptá-la.

Revirei os olhos. Sério isso?

— Diga algo que você gosta em mim e te deixo passar — falou, grosseirão.

Tami cerrou os lábios e cruzou os braços.

— Você é insuportável.

Liam foi dar meia-volta para deixar Tami ali, mas ela o segurou pelo moletom. Durante uns instantes, ele ficou olhando a mão que tocava seu braço por cima da roupa. Juro, faíscas saíram daquele toque. Como eu não nunca tinha percebido?!

Tami olhou para ele, nervosa… sem saber muito bem o que dizer.

— Eu gosto do cadarço dos seus sapatos.

Liam soltou uma gargalhada, se inclinou para ela e sussurrou:

— Não vale.

Fiquei olhando para eles, chocada.

— Ok, ok, espere! — disse ela.

Liam ficou prestando atenção.

— Eu gosto das suas costas — admitiu Tami, e ficou vermelha.

Quase soltei uma gargalhada. Liam respondeu, impassível.

— Minhas costas?

— Aham — disse ela, vermelha como um tomate, mas tentando disfarçar. — Gosto de ver suas costas para não ter que olhar pra sua cara — acrescentou.

Ela estava constrangida e irritada, eu sabia pelo jeito como apertava as mãos com força.

— Podemos entrar logo? — disse Sebastian, interrompendo o momento.

Achei ótimo. Liam olhou para ele e abriu o cordão para deixar Tami passar. Sussurrou algo no ouvido dela, que eu não consegui escutar, e Tami passou por mim feito uma fera.

— Você podia parar com isso, não acha? — disse a Liam, contrariada.

Eu me virei com a intenção de seguir minhas amigas até o elevador, mas escutei Sebastian dizer, bem sério:

— Vamos entrar com ela.

— Mil dólares cada um — disse o segurança.

— Mil dólares pra entrar?

Fui até eles. Liam ignorava os guarda-costas, deixando entrar outras garotas e as cumprimentando com beijinhos no rosto.

— Sim, mil dólares para entrar — repetiu John, brusco.

— Eles estão comigo — falei para John.

Ele me conhecia, não ia criar caso.

— Suas amigas estão com você, eles têm que pagar — insistiu o segurança, de cara feia.

— Liam? — chamei.

Queria fazer alguma coisa, pois vi Sebastian pegar o cartão de crédito, de mau humor. Não tinha a intenção de deixar que ele pagasse mil dólares para proteger minha vida, não era tão filha da puta.

Liam se aproximou, me pegou pela cintura e me deu um beijo bem perto dos lábios.

— Diga, princesa — disse, olhando só para mim, ignorando a situação que se desenrolava diante dos seus olhos.

— Deixa o Sebastian entrar, Liam — pedi baixinho, para que só ele me ouvisse.

— Tem certeza? — perguntou, de cara feia.

Assenti em silêncio. Liam se voltou para eles sem tirar as mãos de mim.

— John, ele está comigo. — Sebastian guardou a carteira. — Os outros que esperem aí fora, não vou encher a balada de guarda-costas soldadinhos.

Sebastian concordou e eu quase pulei de alegria. Se eles não entrassem, eu poderia… O quê? Também não significava que eu fosse pular no pescoço de Sebastian, por mais que desejasse. Minha raiva ainda não tinha passado.

Vi Sebastian dar instruções e indicar pontos da rua que os outros dois tinham que vigiar. Fiquei nervosa por vê-lo tão sério. Não queria sentir medo, mas às vezes era impossível não me lembrar dos últimos acontecimentos, especialmente depois do que tinha descoberto sobre os negócios do meu pai…

— Vamos subir — sugeriu Liam, e foi me puxando.

— Calma — respondi, esperando que Sebastian entrasse.

Quando ele se voltou para mim, vi em seus olhos que alguma coisa não estava bem. Não sabia o quê, mas senti um calafrio na espinha.

Sem nem mesmo me dar conta, quando Sebastian se aproximou, fiquei pertinho

dele. Eu me sentia segura ao seu lado. Liam me olhou com a testa franzida. Fomos juntos para o elevador que nos levaria até a cobertura do hotel.

— Que foi? — perguntei a Sebastian enquanto subíamos.

— Esse lugar tem entradas demais.

Não falou direito comigo, ficou de cara feia, então imaginei que ele não estava achando graça nenhuma ao ver o Liam colado em mim. Eu não disse nada. Quando as portas do elevador se abriram, fui direto para a nossa mesa. As meninas estavam lá, cercadas de gente dançando. De vez em quando, uma delas se servia de uma das bebidas que estavam em cima da mesa, ao lado de um balde de gelo. Suco de laranja e de framboesa, tequila e vodca, o que a gente sempre bebia.

Eu preferia tequila quando queria ficar bêbada.

Tami estava sentada em um sofá com um copo que parecia ter só suco de laranja. Fui até ela.

— Diga que há pelo menos um dedinho de tequila aí — falei e me abaixei para cheirar seu copo.

— Cai fora, pentelha — reclamou ela, afastando o copo e levando-o aos lábios.

Segui a direção do seu olhar e vi que estava com os olhos fixos em Liam, que naquele momento dava em cima de uma peituda no bar.

— Vem, vamos dançar — puxei Tami para o meio da pista.

Ela tinha feito balé na escola comigo, além de esgrima e hóquei. Era uma atleta, então sabia mexer o corpo. Nós duas sempre ficávamos responsáveis pela coreografia do festival de Natal da nossa classe, e as garotas sempre agradeciam nosso trabalho e incentivo.

Fazia muito tempo que a gente não saía junto porque ela não gostava de balada, eu ainda me perguntava como tinha conseguido convencê-la a sair, mas estava feliz com ela ali.

Em pouco tempo, éramos o centro das atenções. Dançávamos muito bem e éramos muito bonitas. Poderia definir nós duas como polos opostos: ela loira platinada, eu morena; ela baixinha, eu alta, e estávamos tão à vontade que foi inevitável que uns caras começassem a encher o nosso saco. Puxei Tami pela cintura para afastá-la de um babão ao mesmo tempo que ela fulminava com o olhar outro que se aproximara de mim por trás. Rimos e finalmente a arrastei para o bar. Estava precisando de outra bebida imediatamente.

— Dois shots de tequila, por favor — pedi ao garçom, enquanto Tami balançava a cabeça. — Não seja chata! — insisti, e agradeci ao garoto pelo sal e limão.

— Você sabe como eu fico quando bebo — disse ela, olhando de cara feia o shot que estava à sua frente.

— Eu adoro a Tami bêbada. Aproveita. — Ergui meu shot. — A todos os shots necessários para você parar de pensar tanto e se soltar de uma vez por todas — acrescentei.

Brindamos e viramos o shot. Rimos e colocamos o limão na boca.

Ela desviou os olhos a um ponto que ficava atrás de mim e sua expressão mudou.

— Adivinha quem acabou de chegar.

Olhei para ver quem era e, ali, com dois amigos, estava Regan.

— Merda — virei a cara quando nossos olhares se cruzaram.

— Ele está vindo pra cá — disse Tami, com a testa franzida.

Então, dois minutos depois, senti uma mão na minha cintura.

— Oi, gata — disse ele, me virando.

— Não me chame assim — respondi, tirando suas mãos de mim e lhe dando as costas para pedir outro shot. — Você também quer, Tami?

Tami assentiu, sem tirar os olhos de cima do meu ex.

— Caramba, Marfil. Quando você vai me perdoar?

Erguer as sobrancelhas foi minha única resposta.

— Você sabe muito bem que não era verdade, eu nunca apostei nada que tivesse a ver com você. Mas, como você é desconfiada, acredita nas fofocas.

— Nas fofocas e no vídeo que me mostraram de você confessando, seu babaca — respondi, pegando o copo do barman. — Vamos, Tami — e saímos.

— Que imbecil — xingou Tami, com o rosto já vermelho por causa do álcool.

Não consegui evitar e comecei a procurar Sebastian com os olhos. Será que ele tinha visto que o cara que se aproximou de mim era o mesmo que tinha tentado me beijar à força na outra festa?

Por fim, encontrei Sebastian perto de uma janela. Havia uma loira com ele, bem perto, aliás.

Era assim que ele trabalhava?

Virei o copo e fui buscar mais.

Quando voltei à mesa, Liam estava sentado ao lado da minha amiga, falando com ela. Tami olhava para a frente, seu terceiro copo já estava meio vazio e a raiva, latente em suas feições.

Porém Liam parecia estar conseguindo argumentar com ela. De fato, já não estava com cara de bad boy, mas parecia meio contrariado.

Tami viu que eu a observava, disse alguma coisa a Liam e se levantou como se tivesse uma mola na bunda.

— Acho que preciso de mais um — disse, mostrando-me o copinho.

Fui com ela até o balcão, onde pedimos mais um shot para cada uma. Se

continuássemos assim, a coisa iria acabar muito mal.

— Escute… o que é que tá rolando entre você e o Liam? — perguntei bem séria, ou melhor, o mais séria que o álcool me permitia.

Do sofá, Liam nos observava com cara de poucos amigos.

— Nada — respondeu Tami, afastando o olhar e dando as costas a ele.

— Tami, eu vi como você olha pra ele. Demorei pra perceber, mas não sou tão idiota — respondi, tentando ignorar a ceninha que estava se desenrolando diante dos meus olhos.

Sebastian continuava conversando com aquela loira, que parecia estar cada vez mais perto dele.

— Olha, não quero falar disso agora, ok? Mas prometo que conto quando estiver preparada.

Tami era assim, fechada. Por isso Liam estava com aquela cara. Chegar na Tami iria lhe custar muito mais que uma simples conversinha e meia dúzia de cantadas.

— Tudo bem, vamos dançar — sugeri, puxando-a outra vez.

O som era ótimo, uma mistura de sucessos nacionais e música latina. Nós não sabíamos as letras das músicas, mas a gente adorava dançar. Não sei quanto tempo se passou, mas, quando me dei conta, Liam estava dançando com a gente. O problema é que, em vez de dançar com minha amiga, ele me abraçou por trás e me apertou contra si.

— Liam… — falei, tentando me afastar.

Então ele levou a boca ao meu pescoço, no mesmo lugar onde estava a marca que Sebastian tinha deixado.

Tami parou de dançar, olhou para mim magoada e nos deu as costas.

Liam e eu esticamos a mão para segurá-la. Tami voltou cambaleando e ficou de frente para nós.

— Não me metam no rolo de vocês! — gritei, e me desvencilhei.

Deixei os dois ali discutindo e, me enchendo de uma coragem que não sentia, fui direto para o canto onde meu guarda-costas estava quase se enroscando com outra.

Ao chegar, enganchei dois dedos no passante da calça jeans da loira e a puxei para trás. Ela cambaleou e derrubou a bebida, molhando as mãos e a roupa.

— Tá maluca?! — disse, sacudindo as mãos.

Parei entre ela e Sebastian.

— Vaza daqui — gritei, a olhando nos olhos.

Ela era um pouquinho mais alta que eu, mas eu não estava nem aí. Tinha noções de artes marciais graças a Sebastian — bom, era isso que eu estava pensando quando puxei seus cabelos no instante que ela foi para cima de mim.

Sebastian me pegou pela cintura e me arrastou até o outro lado da balada.

— Ficou doida? — gritou por cima da música, e me colocou no chão.

— Você está trabalhando! — censurei Sebastian, furiosa porque ele parecia estar defendendo a loira.

— Desde quando você se preocupa com a maneira como eu faço o meu trabalho?

Cruzei os braços.

— Desde que a minha vida está nas suas mãos, imbecil.

— Neste momento, sua vida está nas mãos do álcool. Garanto que não perdi você de vista nem um segundo.

— Ah, não? Então consegue olhar um par de peitos e me vigiar ao mesmo tempo?

Que dom…

Sebastian soltou o ar pelo nariz.

— Marfil…

Ele começou a se virar, mas o puxei pelo pulso.

— Não gostou dela, né? — perguntei, em um tom de voz choroso e ridículo.

Precisava parar de beber imediatamente.

Sebastian me olhou nos olhos durante alguns segundos e se inclinou para falar no meu ouvido.

— Não. Eu só gosto de você.

E foi embora sem me deixar devorar seus lábios, o que era minha intenção. Procurei Tami pela balada, mas não a encontrei. Nem Liam. Um sorriso enorme se desenhou no meu rosto diante da perspectiva de que os dois pudessem começar alguma coisa… Se bem que, claro, conhecendo Liam, tinha medo de que ele magoasse a Tami.

Precisava ter uma conversa muito séria com ele.

Fui até Stella e Lisa, que estavam dançando no meio da pista com dois caras bem gatos. Fiquei com eles e deixei que minha mente embotada tomasse as rédeas dos meus movimentos. Em dado momento, eu me vi sozinha na pista. Bom, não exatamente sozinha, havia muita gente dançando em volta, mas minhas amigas tinham ido dar uns amassos com seus respectivos caras. Procurei Sebastian, desejei com todas as minhas forças que não fosse meu guarda-costas. Desejei poder ir até ele com um sorriso nos lábios, sussurrar em seu ouvido que o amava e abraçá-lo, envolvidos pela música.

Por que ele não vinha dançar comigo? Que mal faria? Porém lá estava Sebastian com outra garota que se aproximara e, claro, ele era educado demais para mandá-la cair fora. Ou talvez gostasse. Não me interessava o que ele tinha me dito: se

realmente gostasse de mim, teria feito muito mais, teria largado tudo para me proteger. Se fosse meu namorado, não meu guarda-costas, teria acabado com a raça daquele imbecil do Marcus. Mas ali estava ele… preferia o emprego.

Senti alguém me abraçar por trás. Fechei os olhos por um instante, achando que minha fantasia tinha se tornado realidade.

— Só de olhar pra você já fico duro, Marfil — disse uma voz que não se parecia com a do Sebastian.

Eu me virei, era Regan de novo.

— Que romântico — respondi, entediada.

Ele acariciou meu rosto devagar.

— Você é linda.

Hesitei pela intensidade das suas palavras, ou talvez pelo álcool.

— Desculpe pelo que fiz — disse, aproximando-se mais. — Eu não sabia o que tinha até te perder.

Regan havia sido o primeiro garoto por quem eu achava que estava apaixonada e ele partira meu coração. Ele me pedir desculpa era importante para mim, por mais que eu tentasse negar, ou por mais que afirmasse que não tinha o menor interesse nele. O primeiro amor sempre deixa marcas. Se bem que aquilo não foi amor, disso eu tinha certeza.

O que eu sentia por Sebastian era dez mil vezes mais forte do que tinha sentido por Regan e nem a metade do que poderia chegar a sentir por Sebastian no futuro. O amor estava me dominando por dentro. Ainda restavam algumas partes que eram minhas, mas eu sabia que, se continuasse com Sebastian ao meu lado vinte e quatro horas por dia, se ele me tocasse de novo, se me beijasse… Sebastian poderia ser o amor da minha vida. Eu simplesmente sabia.

Sem que eu percebesse, Regan me levou até um lugar mais vazio e pegou meu rosto nas mãos.

— Você se lembra do nosso primeiro beijo? — perguntou, bem perto dos meus lábios.

Por que eu estava deixando que me tocasse?

— Eu me lembro do último — respondi, sentindo um nó no estômago.

Foi depois do nosso primeiro momento íntimo. Depois de meses saindo, nós nos beijamos e depois tiramos a roupa e começamos a nos tocar. Até cogitei a possibilidade de perder a virgindade com ele, apesar de todas as minhas reservas em relação a esse assunto.

Ele me beijou no carro, em frente ao meu prédio, e disse que me amava. No dia seguinte, eu descobri tudo.

Ele grudou a boca na minha e senti nojo. Ele mexia a língua de um jeito meio grosseiro e me tocava sem carinho, sem nada.

Apenas Sebastian sabia me tocar, sabia me dar aquilo de que eu precisava.

Empurrei Reagan com força, mas ele voltou para cima de mim. Eu não me assustei, dessa vez estava preparada. Ia pôr em prática o que Sebastian tinha me ensinado…

Mas Reagan sumiu.

Sebastian puxou e jogou Regan no chão com força.

— Ei! — gritei, brava.

Sebastian disse alguma coisa para Regan e depois voltou até mim, transtornado.

— Eu dava conta sozinha! Se você sempre se mete, como quer que eu aprenda?!

— Vamos embora — disse ele, pegando minha mão com força e me puxando para o elevador.

Tentei me soltar, mas ele me segurou com mais força, me machucando.

— Me larga! — gritei, fincando os pés no chão para que ele me deixasse em paz.

Ele não me soltou, e, antes que eu pudesse fazer alguma coisa, um guarda se aproximou dele por trás com a intenção de afastá-lo de mim.

Num movimento tão rápido que meus olhos não conseguiram registrar, o guarda já estava com a mão na boca, que sangrava.

Arregalei os olhos.

Sebastian perdeu a paciência com meu showzinho. Então me ergueu pelo quadril e entrou comigo no elevador, onde me colocou de volta no chão antes que eu percebesse o que estava acontecendo.

— Você enlouqueceu?!

— Vi uma pessoa… temos que sair daqui.

Olhei para Sebastian como se fosse possível que ele me achasse tão burra.

— Você está com ciúme, esse é o problema!

Sebastian primeiro me olhou incrédulo e depois, em pânico quando as portas do elevador se abriram e dois sujeitos que nos esperavam sacaram uma pistola cada um ao nos ver.

Sebastian me puxou para trás, me protegendo com seu corpo, e alguém atirou antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo.

Gritei com todas as minhas forças e me joguei no chão, me encolhendo como um novelo no cantinho da parede.

Sebastian agiu depressa. Com um golpe seco no pulso, fez com que um dos bandidos soltasse a pistola, que caiu no chão e deslizou para longe de seu alcance. Sebastian o nocauteou com mais um golpe seco, enquanto o outro sujeito apontava

a pistola para mim.

— Sebastian! — gritei, horrorizada.

Em seguida, escutei um grito de dor, uma pancada surda e, depois, braços me erguiam do chão. Sebastian me pegou pela mão e me puxou para a rua como se fugíssemos do próprio diabo.

— Marfil! — gritou uma voz atrás de mim.

Eu me virei e vi Tami correndo até nós, Liam vinha atrás de olhos arregalados, assustado. Eu não sabia o que eles estavam fazendo ali. A última vez que os vi tinha sido uma meia hora antes.

Sebastian parou um instante e olhou para os dois lados. Foi quando eu os vi. Egor e Jakov no chão, mortos.

— Meu Deus! — sussurrei, horrorizada, levando a mão à boca.

Então tudo aconteceu como se estivesse em câmera lenta. Um carro virou a esquina cantando pneu e parou perto de nós. Sebastian me empurrou para dentro do prédio e eu caí de costas no chão vendo-o apontar a pistola para o homem que apontava uma arma para nós.

Ouviu-se um tiro e gritos das pessoas que corriam em todas as direções. E o grito de alguém que eu conhecia muito bem.

— TAMI! — gritei, corri para ela e me joguei ao seu lado, no asfalto. — Meu Deus! Meu Deus!

Minha amiga estava caída no chão, sangrando. Tinha levado um tiro na lateral do corpo, e o sangue estava começando a formar uma poça ao seu redor.

Liam se jogou ao meu lado e, em choque, começou a apertar o ferimento com força enquanto gritava para que alguém chamasse uma ambulância.

— Tami! — Eu gritava, e as lágrimas embaçavam minha visão.

Mãos me ergueram do chão.

— NÃO! — gritei, me debatendo com força.

Eu ia matar a pessoa que fez aquilo.

Chegamos ao carro antes que eu tivesse tempo de reagir. Sebastian me colocou no banco da frente, sentou-se ao volante e pisou fundo. Saímos voando dali.

— Caralho! — gritou ele, batendo no volante.

Seus olhos disparavam do retrovisor aos espelhos laterais, ele ia virando o volante e pegando umas ruas que certamente eram contramão ou proibidas para veículos.

— Quero voltar, me leva pra lá! — gritei, horrorizada. — Atiraram na Tami!

— Eu sei, eu sei — disse ele, sem tirar os olhos da rua. — Mas a ambulância já está chegando. Você não podia ficar lá, Marfil, iam matar você.

— Me leva pra lá! — gritei feito uma histérica, e puxei a maçaneta para abrir a

porta, mas estava travada.

— Vão matar você! — gritou ele, me fazendo ficar quieta.

Assustada, olhei pelo retrovisor, mas o carro começou a tremer e isso me distraiu e me obrigou a me segurar firme.

Por que o carro estava tremendo? Será que o pneu tinha furado?

— Se acalme… — pediu Sebastian, agora falando mais tranquilo.

Ao notar seu olhar preocupado, entendi que não era o carro o que estava tremendo, e sim eu. Meu corpo sofria espasmos tão violentos que até meus dentes batiam.

Tinham tentado me matar, e Tami acabara ferida. Talvez até morta…

Sebastian pegou uma rampa que nos levou a um estacionamento com uma vista da cidade de dar inveja para qualquer prédio famoso. Parou o carro e tirou o celular do porta-luvas. Ligou para um contato favoritado e o atenderam quase imediatamente.

— Fomos atacados — disse, olhando para o céu limpo e estrelado. — Três homens, não deviam ter mais de trinta anos… Sim, no Dream Hotel… Ela está bem — olhou rapidamente para mim. — Fale com Suárez, a câmera de segurança gravou tudo, a do elevador da esquerda… Ok.

Tentei entender alguma coisa daquela conversa, mas meu cérebro só repassava uma cena gravada: o que eu havia acabado de vivenciar e minha amiga se esvaindo em sangue no chão. Peguei o celular e liguei para Liam. Caiu na caixa postal.

— Tome — disse Sebastian, tirando a blusa de moletom e me obrigando a vesti-la, tinha o cheiro dele. — Você está gelada, fique calma. A Tami vai ficar bem, tenho certeza.

Ele ligou o ar quente no máximo, olhou a hora no relógio de pulso e ficou observando fixamente o espelho retrovisor.

— Como você sabe? — perguntei.

— Já vi muitos ferimentos de bala. O dela não foi dos piores.

Olhei para ele horrorizada. Então ele empurrou o banco para trás, me puxou para seu colo e me abraçou.

— Você está a salvo — disse, enquanto eu escondia a cabeça no pescoço dele e deixava as lágrimas molharem sua roupa. — Fique calma, vai dar tudo certo. Eu prometo.

Sebastian me acariciou, até que escutamos um carro subindo a rampa e parando atrás de nós.

— Fique aqui — ordenou, e me deixou no meu banco.

Ele desceu do carro e fechou a porta. Pelo retrovisor da direita, vi um homem

alto como Sebastian o cumprimentar com a mesma seriedade e autocontrole do meu guarda-costas.

O que estava acontecendo?

Cinco minutos depois, o homem foi embora e Sebastian entrou no carro.

— Quem era?

Sebastian ligou o carro e seguiu para a rampa.

— Ninguém.

— Ninguém?! — gritei, perdendo o controle.

Sebastian estava muito mais preocupado com as mensagens que estavam chegando no celular dele do que com as minhas perguntas.

— Pare o carro — ordenei, olhando para minhas mãos, que não paravam de tremer.

Ele me ignorou.

Olhei para a porta e a abri com o carro em movimento.

Sebastian parou e eu pulei do carro. Eu tinha acabado de ver duas pessoas mortas aos meus pés. Tinha acabado de ver minha melhor amiga baleada no chão por minha culpa. Tinha acabado de sentir o que certamente minha mãe sentira antes de morrer, a sensação de alguém apontando uma pistola para sua cabeça. Ter escapado me angustiava ainda mais, porque significava que aquilo estava só começando…

Sebastian desceu do carro.

— Que porra está acontecendo?! — berrei, olhando para ele.

Sebastian levantou as mãos, tentando me acalmar, como se eu fosse um animal assustado e ele tivesse que se aproximar com cautela.

— Marfil, eu sei que você está assustada, mas temos que sair da cidade.

Olhei para ele boquiaberta.

— O quê?! Não!

— Há muitas coisas que você precisa saber e prometo que vou explicar tudo, mas temos que ir embora daqui.

— Para onde?

— Vamos para o meu apartamento, em Nova Jersey. Lá, eu te explico.

Enxuguei as lágrimas com o braço, olhando para ele com desconfiança.

— Quero falar com meu pai — pedi, choramingando.

— Vai falar, prometo, mas temos que ir.

Olhei para a direita, os prédios se erguiam lindos contra o céu estrelado. De repente, Nova York estava me traindo, erguendo-se perigosa e ameaçadora. Uma cidade que me acolheu dois anos antes, que me recebeu com amor, uma cidade onde eu havia descoberto o que era ser eu mesma. Eu não queria ir embora. Não

queria ficar trancada em casa esperando… o quê? Que um dia não quisessem mais me matar?

Acabei entrando no carro e, no caminho para Nova Jersey, consegui falar com Liam. Tami estava no centro cirúrgico. A bala tinha perfurado um vaso sanguíneo e estavam fazendo todo o possível para salvá-la.

Chorei os quarenta minutos que levamos para chegar à casa de Sebastian. E ele simplesmente foi dirigindo, nervoso, atento a tudo e olhando para mim de vez em quando.

O prédio dele ficava na esquina de uma rua bem silenciosa. Havia um parque bem em frente e uma lanchonete na esquina.

Subimos de escada até o 4B. O lugar não era nada de outro mundo, mas estava limpo.

Eu nunca havia estado em Nova Jersey nem tivera interesse em visitar aquela cidade. Sebastian abriu a porta e entrei em um loft bem pequeno. Uma cama de casal ocupava a parede dos fundos, à direita ficava uma cozinha americana pequena e à esquerda, um sofá e uma TV.

Havia muitas caixas espalhadas, como se ele tivesse acabado de se mudar.

— Você mora aqui? — perguntei, entrando em seu espaço pela primeira vez.

— Morava — respondeu, seco.

Foi para a cozinha, pegou um copo d'água e algo de uma gaveta. Voltou e me fez sentar no sofá.

— Tome isso — disse, me entregando um comprimido.

— O que é? — perguntei com desconfiança.

— Um calmante — respondeu.

Então ele desviou os olhos para meus joelhos ensanguentados. Eu não senti nada quando me joguei no meio da rua ao lado de Tami.

— Vou fazer um curativo nisso, espere aqui — avisou ele, levantando-se e entrando no banheiro.

Voltou com um estojo de primeiros socorros e começou a limpar minha ferida.

— Você não comentou que era de Nova Jersey — falei para me distrair, apesar do tremor que não me deixava relaxar.

Sebastian não respondeu. Foi até o armário e pegou uma manta de lã grossa cinza. Colocou-a sobre meus ombros e continuou cuidando dos meus joelhos.

— Você sabe perfeitamente o que está acontecendo — disse a ele quando acabou de limpar a ferida.

Ele se sentou ao meu lado e me olhou muito mais sério do que jamais tinha me olhado.

— Você sabe quem está tentando me matar e sabe no que meu pai anda metido — insisti.

— Você precisa descansar, Marfil — disse ele, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Por que sinto que o que você sabe vai me deixar arrasada?

Sebastian me olhou fixamente.

— Porque vai.

33

Sebastian

Ela demorou horas para dormir. Não consegui fazer Marfil fechar os olhos enquanto Liam não ligou para dizer que Tami estava estável e bem. A cirurgia tinha sido um sucesso, e ela ia se recuperar nas próximas semanas.

Eu deveria ter ouvido meus instintos. Devia ter cancelado a balada quando vi aquele carro parado na esquina e o homem olhando para nós. Deveria ter arrastado Marfil para casa assim que percebi que seria complicado vigiar todas as entradas do hotel. Mas não fiz nada disso porque não queria discutir com ela de novo. Queria que tivesse a vida mais normal possível. Queria que ela pudesse sair e se divertir, se quisesse, mas fazia semanas que as coisas já não eram mais como no começo.

Agora, era Marcus quem tinha o poder. O Alejandro eu podia controlar, mas aquele filho da puta… e, ainda por cima, agora Marfil era seu novo capricho. Eu soube imediatamente que as coisas acabariam assim na noite que Marfil saiu com ele. Alejandro Cortés sabia muito bem o que estava fazendo quando apresentou sua filha mais velha a uma das pessoas mais poderosas e influentes do país. Eu tinha certeza de que ele guardava esse ás na manga desde que Marfil nascera. No mundo do pai dela, Marfil era sua galinha dos ovos de ouro.

Apertei o copo com tanta força que ele se quebrou entre meus dedos e me cortou. Soltei um palavrão, quase rosnando, e enfiei a mão embaixo d'água. O sangue fluiu e fez o corte parecer pior do que era. Enrolei a mão num pano de prato e me sentei para vê-la descansar.

Quando soubesse a verdade, ela me iria me odiar. Eu me odiaria tão profundamente que estar ali vendo a Marfil dormir era um privilégio que eu teria que guardar para sempre como algo único.

O que eu deveria contar para ela? Toda a verdade ou só parte dela?

Fechei os olhos, me lembrando do momento em que jurei que iria fazer o meu trabalho.

Não podia falhar.

Tinha que seguir o plano.

34

Manfil

Quando abri os olhos, ainda estava escuro. A princípio, eu não entendia onde estava, mas, quando meus olhos encontraram Sebastian, que cochilava no sofá ao lado da cama, as lembranças da noite anterior voltaram para me atormentar.

A primeira coisa que fiz foi olhar o celular. Liam tinha mandado mensagem dizendo que os pais da Tami chegariam no dia seguinte e que ele ficaria com ela até então. Também perguntava o que tinha acontecido e me informava que a polícia estava interrogando todas as testemunhas e que Sebastian e eu teríamos que prestar depoimento.

Respondi que falaria com Sebastian e, quando me mexi, ele abriu os olhos, atento a todos os meus movimentos.

— Não queria acordar você.

Ele se levantou e veio até mim. Sentou-se na cama.

— Já estava acordado — falou, e pegou uma mecha do meu cabelo, passando os dedos até chegar às pontas. — Lamento por tudo isso, elefante.

Fechei os olhos quando senti seus lábios roçarem meu rosto. Ele me beijou com ternura e se afastou um pouco para me olhar.

— Conseguiu descansar?

Pensei nos pesadelos que tive. Não, inclusive, estava mais cansada do que quando me deitei, mas não achava necessário deixar Sebastian preocupado. Assenti. Eu sabia que estava chegando o momento de uma conversa que eu não queria ter, mas que me ajudaria a entender o que realmente estava acontecendo na minha família.

Sebastian suspirou e, por um instante, tive a impressão de que ele estava lendo minha mente. Ele buscou meu olhar e senti uma inquietação.

— Quando olho nos seus olhos, parece que estou olhando os olhos de um anjo — disse ele, acariciando meu lábio inferior devagar. — Quem dera você não fosse tão bonita…

Achei aquelas palavras muito estranhas. Eu ia retrucar, mas ele colou os lábios nos meus com suavidade.

Suspirei, e ele aproveitou que meus lábios se abriram para intensificar o beijo e me acariciar de um jeito que fez meu coração acelerar. Eu não esperava, mas também não reclamei. Ele me reclinou e se deitou sobre mim. Era a primeira vez

que estávamos juntos em uma cama e sozinhos, completamente sozinhos.

Ele tinha me emprestado uma camiseta para dormir e era a única coisa que eu estava usando. Sua mão não demorou a subir por minha perna até chegar ao meu joelho. Minha respiração acelerou ao seu toque, à sua proximidade, diante de todas as possibilidades.

— É angustiante o que sinto por você, Marfil — confessou, com a boca na minha, e me beijou de novo.

Senti meu coração alçar voo quando o ouvi admitir que sentia algo por mim. Acariciei seus cabelos desde a nuca. Enterrei meus dedos neles e o puxei para mim, arqueando o corpo para ficar mais colada a ele.

— O que me assusta é não saber nada de você e sentir o que sinto — respondi com a voz trêmula.

— Você sabe mais do que deveria, pode acreditar.

Ele me pressionou contra a cama e me deu exatamente o que eu queria. Sentir seu peso em mim — ele era tão grande, e eu, tão pequena — me fez desejá-lo em todos os sentidos da palavra.

Coloquei uma mão por baixo da sua camiseta e acariciei seu corpo como se fosse uma estátua de mármore recém-esculpida. Todos os seus músculos eram perfeitamente delineados e senti vontade de pousar meus lábios em cada pedacinho do seu corpo.

Ele me ajudou a tirar sua blusa quando a puxei para cima.

Estávamos mesmo fazendo aquilo? Naquele momento?

Algo me dizia que era seu jeito de estar comigo antes de me afastar para sempre, e isso me assustou tanto que o abracei com força, porque não queria ter que soltar Sebastian nunca mais.

Sua masculinidade e sua perfeição eram avassaladoras. Saber que ele tinha que controlar sua força comigo, que era capaz de me matar, se quisesse, me deixava louca. Era estranho, mas eu adorava saber que ele era tão forte, tudo que sabia fazer…

— Me ensine, Sebastian — pedi, buscando-o com o olhar. — Me ensine a te dar prazer.

O olhar que ele me dirigiu foi apenas o que bastou para passarmos ao próximo nível. Ele me girou e fiquei montada nele.

— Me beija — exigiu, deitado embaixo de mim.

Eu me inclinei e fiz o que ele pediu. Primeiro beijei seus lábios e depois selei os meus em seu corpo escultural e fui deixando beijos úmidos por toda sua pele, em cada músculo abdominal definido, até chegar à lateral do seu corpo.

Ele me olhava tão sério ali, em cima dele e me aproximando daquela parte que eu morria de vontade de saborear… O medo desapareceu, esqueci os problemas, o que iria acontecer e o que em breve eu descobriria. Naquele instante, a única coisa que eu queria era dar prazer ao homem por quem estava apaixonada. Pela primeira vez, não fui egoísta. Pela primeira vez, pensei nele, e não em mim, e no que ele me fazia sentir quando me beijava e me tocava.

Abri os botões da calça, e ele me ajudou a tirá-la. Sua ereção marcava a cueca, captando toda minha atenção. Ele me encarou e me incentivou a prosseguir, como se me desse permissão.

Ao ver que eu não fazia nada, ele pegou minha mão e a levou até lá. Estava duro, e apertei com força por puro instinto.

Ele fez uma careta e fechou os olhos.

— Devagar — disse, soltando o ar pelo nariz. — Assim…

Ele me ensinou como tocá-lo. Arregalei os olhos, encantada, quando o senti na minha mão. Eu só tinha tocado Regan e Liam por cima da calça, e fazia pelo menos dois anos. Tocar Sebastian, ver sua reação, notar sua respiração entrecortada…

Não hesitei.

Coloquei-o na boca e fiz o que achava que devia fazer. Escutei-o rosnar alguma coisa, senti seu corpo estremecer embaixo do meu, e isso me deixou louca. Acariciei seu membro com a língua devagar, não tinha pressa. Queria curtir aquela experiência tanto quanto meu corpo permitisse.

Mas Sebastian pensava diferente.

Ele me pegou pelos ombros e se colocou sobre mim. Puxou minha camiseta até quase a arrancar e começou a me beijar inteira. Eu não estava de sutiã e meus seios ficaram livres para seus olhos. Ele os beijou e os apertou com força, enfiou a outra mão por dentro da minha calcinha e começou a brincar com o ponto mais sensível do meu corpo.

— Você é deliciosa — disse, com a boca no meu umbigo.

Ele me olhava com as pupilas dilatadas, como se quisesse me devorar.

Eu me remexia, inquieta, enquanto ele ia descendo pouco a pouco, até pousar os lábios entre minhas pernas.

— Ah… — Fechei os olhos quando senti sua língua.

Eu ia explodir. Ia explodir em mil pedaços que nunca mais se juntariam. O prazer era intenso demais.

Quando ele viu que eu não conseguia parar de me remexer, soltou um palavrão e colocou minhas pernas sobre seus ombros.

Quase tive um troço, mas também não conseguia pensar muito. Estava excitada

demais e ele estava mais que disposto a me dar o que eu queria.

— Quieta — ordenou, afastando-se um instante.

— Sebastian… — sussurrei quando ele voltou a me saborear.

O jeito como sua boca me tocava, sua língua sabia exatamente o que fazer para me deixar louca… Não tive muito mais tempo para curtir o prazer, o orgasmo chegou depressa e gritei seu nome bem alto.

Sebastian se afastou e ficou me observando, sério.

Demorei uns instantes para me recuperar, mas meu corpo queria mais. Precisava de mais.

— O que está esperando? — perguntei.

Queria que ele me tomasse, queria Sebastian dentro de mim.

Ele passou a mão no rosto, um gesto que eu já conhecia muito bem.

— Você é virgem, caralho — disse ele, bem sério.

— E? — respondi, me levantando um pouco e o puxando pela nuca.

Ele me beijou com ferocidade e senti seu membro roçar meu sexo.

Estremeci.

— É melhor esperar — hesitou.

Por sua expressão, parecia que estava sendo torturado.

— Está de brincadeira? — perguntei e me arqueei para ele para que me possuísse.

— Pare — disse ele, prendendo meu corpo na cama com a mão na minha barriga.

Desci a mão até pegar seu membro ereto.

— Me fode, Sebastian — ordenei.

— Não fala assim — disse ele, mordendo meu lábio inferior, mais como distração que por qualquer outra coisa.

O que estava acontecendo com aquele homem?

— Você não quer que eu fale assim porque sou uma princesinha idiota que não pode dizer o que quer?

Sebastian afastou minhas mãos e as segurou acima da minha cabeça.

— É, você é uma princesinha, minha puta princesinha, para ser exato. E, embora morra de vontade de foder você, não posso fazer isso agora, antes de você saber tudo que sou, tudo que faço…

"Sua puta princesinha" não era o termo mais romântico do mundo, nem com o qual eu mais me identificava. Eu não era nenhuma princesa e odiava que me chamassem assim, mas ouvi-lo dizer em voz alta que eu era dele me deixou louca.

— Eu sei quem você é, Sebastian — respondi, olhando em seus olhos castanhos. — Você é o homem por quem estou apaixonada. É isso que você é.

Sebastian fechou os olhos e, em vez de responder da mesma forma, afastou-se de mim e se jogou ao meu lado na cama.

— Você não você sabe o que está falando — disse ele com o olhar fixo no teto.

Minha declaração de amor parecia ter caído nele como um balde de água fria. Sebastian se levantou e vestiu a calça.

— Eu sei o que estou dizendo porque sei o que sinto — respondi, puxando o lençol para me cobrir.

De repente, estava sentindo muito frio.

— Você não faz a menor ideia, Marfil — disse ele, e me lançou um olhar amargo. — Você está apaixonada por uma pessoa que não existe.

— Você é um holograma e não me avisou? — perguntei, bem séria.

Ele me lançou um olhar condescendente, se afastou da cama e foi apoiar as mãos na mesa da cozinha.

— Eu fiz coisas que te deixariam horrorizada — disse, depois de alguns instantes sem que nenhum dos dois abrisse a boca.

Ele se voltou para mim e me olhou bem sério.

— Você esteve no exército, é normal que pense assim. O que você teve que enfrentar…

Ele soltou uma gargalhada.

— O tempo que eu passei no exército é o que menos deveria preocupar você.

Ele estava começando a me assustar. Eu sabia que Sebastian tinha um passado obscuro, tudo indicava que tinha sofrido muito até chegar aonde havia chegado, especialmente por causa da infância que teve, mas isso não significava que fosse uma pessoa ruim.

— Pare de se demonizar.

Sebastian ia falar, mas seu celular tocou.

Ele me lançou um olhar sério e me deu as costas para pegar o telefone.

Aproveitei que ele estava de costas e coloquei a camiseta e a calcinha. Por que um momento tão íntimo entre nós tinha se transformado em um debate estúpido sobre se Sebastian era uma pessoa boa ou ruim? Aquilo era ridículo.

Ouvi Sebastian discutir com alguém. Quando desligou o telefone, deu um soco na janela da cozinha. Estilhaçou o vidro e conseguiu fazer meu coração parar na garganta.

Eu me levantei e me afastei, até bater as costas na parede. Sebastian olhou para mim com a mão ensanguentada e sua máscara de ódio desapareceu, substituída pela de arrependimento.

Aproximou-se de mim devagar.

— Desculpe — pediu, e foi esticando a mão lentamente.

Permiti que acariciasse meu rosto sem deixar de me olhar.

— Diga a verdade logo, Sebastian.

Ele hesitou, mas finalmente assentiu.

— Você não vai gostar do que vou dizer, mas, considerando os últimos acontecimentos, você já iria descobrir. Você é esperta demais.

Eu não disse nada, apenas fiquei esperando que prosseguisse.

— Seu pai é traficante, Marfil.

Ele falou sem titubear, como se arrancasse um band-aid do corpo. Melhor rápido que devagar, assim dói menos, teoricamente. Mas meu mundo parou e a frase que tinha acabado de sair dos seus lábios ficou se repetindo na minha cabeça até que consegui processá-la.

— Isso é mentira — rebati, e me afastei o máximo possível, até chegar à parede oposta.

Sebastian ficou me olhando de longe.

— Não, não é — frisou, olhando para mim com pena.

Odiei aquele olhar com todas as minhas forças.

— Como você sabe?

Ele apertou os lábios e soltou o ar pelo nariz.

— Porque eu também sou.

35

Marfil

— Comecei na rua, o dinheiro que ganhava mal dava pra comer e ser aviãozinho era a opção mais fácil. No bairro em que eu morava, as drogas eram o pão de cada dia e eu fiz o que precisava para alimentar a mim e às pessoas que moravam comigo.

Eu o escutava sem me mexer. Ele não se aproximou, e eu não queria que se aproximasse.

— Comecei com catorze anos. Samara sempre soube e me odiava por isso, mas ela também comia graças ao dinheiro que eu levava para casa, da venda das drogas.

Enquanto ele falava, eu via em seus olhos que se lembrar de tudo aquilo era doloroso.

— Quando você entra nesse mundo, é muito difícil sair, sabe? São máfias grandes, eles controlam tudo: com quem você fala, com quem sai, pra quem vende… e, se dedurar ou cair fora, eles matam você.

Ele se aproximou um pouco e esticou o braço tatuado para que eu o visse.

— Sou dependente químico desde os dezesseis — admitiu. — Heroína.

Fechei os olhos quando senti as lágrimas vindo.

— Seu pai me encontrou — prosseguiu, e voltei a fixar meus olhos nele. — Foi ele quem me ajudou a me desintoxicar. Ele viu potencial em mim, um potencial que ninguém nunca quis ver. Sempre fui tratado como escória. Ele pagou a máfia que me mantinha de mãos e pés amarrados e me colocou no exército. Seu pai complementava meu salário todos os meses e, quando terminei o serviço como um dos melhores da minha patente, ele pagou para eu aprender tudo que sei. Eu era bom, Marfil, o melhor.

Eu não queria escutar mais. Não queria saber de mais nada. Não queria descobrir coisas que me fariam odiar o Sebastian.

— Pela primeira vez desde que nasci eu vi que tinha talento, que finalmente havia encontrado meu lugar… e então seu pai me chamou para trabalhar com ele. Não era como o que eu tinha vivido, não era como trabalhar na rua. Seu pai controla uma das maiores rotas de tráfico do país. Seu tio é o chefe de um dos cartéis mais poderosos da Colômbia.

— Pare.

Ele não se calou, mas continuou longe de mim.

— Há alguns meses, uma das máfias russas sediadas em Miami tentou pegar uma das rotas do seu pai. Iniciamos uma operação para intervir no momento da negociação. Eu era o líder, sou muito bom em estratégia, mas deu tudo errado. A gente não sabia quem estava enfrentando, e o filho de um dos traficantes russos mais importantes do mundo morreu em um tiroteio. Isso foi umas semanas antes do seu sequestro. Não sabemos se fomos nós que o matamos ou se foram eles mesmos, mas, desde então, eles querem se vingar do seu pai.

"Olho por olho." Agora eu entendia.

— Por isso querem me matar…

Ele assentiu em silêncio e deu dois passos na minha direção. Levantei a mão para que parasse.

— Não se aproxime.

Sebastian parecia estar preparado para minha rejeição, mas, mesmo assim, vi em seus olhos que minhas palavras o machucaram.

— Foram eles que me sequestraram? — perguntei, apesar de não fazer sentido. — Eles poderiam ter me matado facilmente.

Algo cintilou em seus olhos, mas ele disfarçou depressa.

— Ainda não conseguimos entender esse sequestro. Chegamos a acreditar que não foram eles, porque não faz sentido o modo como agiram. Também não sabemos o que pretendiam. Porém, como dá pra ver, você corre perigo de verdade, por isso seu pai se aliou a Marcus Kozel. Ele é o único que pode enfrentar a máfia russa.

Balancei a cabeça, não conseguia acreditar no que ele estava dizendo. Eu imaginava que meu pai já tinha enganado muita gente, que devia dinheiro e que, por isso, precisou pedir ajuda a Marcus. Mas máfia russa? Tráfico de drogas?

— Que porra você está dizendo, Sebastian?

— A verdade.

— Uma verdade de merda! — respondi, em lágrimas.

Quando ele voltou a se aproximar, gritei de novo:

— Nem se atreva a me tocar, caralho! — E me virei para a porta.

Eu precisava sair dali. Precisava me afastar de tudo aquilo. Eu iria para Londres, isso. Lá, ninguém iria saber de nada daquilo, ninguém me reconheceria. Poderia pedir a Tami para ficar na casa dela, os pais dela me receberiam e…

Ele me segurou antes que pudesse abrir a porta e sair correndo.

— Você queria a verdade, Marfil, essa é a verdade — disse ele, me apertando contra seu peito.

Tentei me soltar. Queria sair dali. Já não confiava em ninguém. Não acreditava

no que meu pai nem Sebastian, nem ninguém da minha família dizia… Meu Deus, minha irmã!

— Gabriella! — gritei, em pânico.

— Sua irmã está bem. Ela não sabe de nada. Ninguém está mexendo com ela.

— Me solta, inferno! — gritei.

Ele me soltou, mas se postou diante da porta para me impedir de sair.

— Como você consegue dizer tudo isso tão tranquilamente?! Como pôde mentir pra mim por meses?!

— Estava fazendo o meu trabalho — respondeu.

Senti tanta raiva que lhe dei uma bofetada.

Ele prendeu a respiração e tensionou o maxilar com força. Eu fiquei olhando sem acreditar no que tinha acabado de fazer.

— Quer bater de novo? — perguntou.

Dei um passo para trás e deixei um soluço escapar.

— Não acredito que você mentiu pra mim… Que deixou que eu…

— O que sinto por você não é nenhuma mentira.

— Você nem conseguiu dizer o que sente por mim!

— Porque eu nunca devia ter tocado em você, Marfil!

— Mas tocou!

Sebastian estava perdendo a calma com que começara a contar tudo aquilo e eu sentia que sufocava na minha própria vida.

— Nunca esteve nos meus planos me apaixonar por você, Marfil. Nunca.

Apesar de tudo que ele tinha acabado de dizer, sua confissão tocou meu coração. Era incrível como coração e mente podiam seguir caminhos totalmente diferentes. Minha mente o odiava, o desprezava. Eu ainda estava tentando assimilar tudo que ele havia confessado, mas, ao ouvi-lo dizer que estava apaixonado por mim, meu coração se derreteu, e não havia nada que eu pudesse fazer para evitar.

— Odeio você — soltei, desejando que essas palavras fossem verdadeiras.

Sebastian recebeu o golpe com integridade.

— Eu não esperava menos.

Dei as costas a ele e abracei a mim mesma para tentar me consolar. Por que tudo isso tinha que acontecer comigo? Por que meu pai tinha que ser quem era? Por que eu não havia nascido em uma família normal? Por que não podia ter uma mãe a quem recorrer, que fizesse bolos de chocolate deliciosos, que fosse minha amiga para que eu pudesse confessar meus medos e minhas ambições? Por que não podia ter um pai carinhoso, um pai que cuidasse de mim e que me protegesse mais que tudo?

Minha mãe…

— Minha mãe não morreu em um assalto, né?

Senti Sebastian se aproximando e parando atrás de mim. O calor do seu corpo tentava descongelar o meu, mas não conseguia.

— Isso você vai ter que perguntar para o seu pai, Marfil… mas duvido.

Minha mãe havia sido morta por ser casada com alguém como meu pai, e eu acabaria seguindo seus passos.

— Por isso sua mulher deixou você? Porque você era uma porra de um traficante — perguntei, sem me mexer.

— Por isso e por uma lista enorme de motivos.

Eu ri.

— De tantas coisas que poderiam ter saído da sua boca…

— Essa era a única que afastaria você de mim, eu sei.

Eu me virei para olhar nos olhos de Sebastian.

— Sabe, consigo entender o que o meu pai faz. Nunca imaginei que estivesse metido em algo tão grande assim, tão horrível, mas eu sempre soube que ele era um homem ruim. No fundo, eu sabia que muitas coisas não faziam sentido — sussurrei —, mas nunca pensei que você pudesse ser como ele.

Eu tentava encontrar o homem que tinha cuidado de mim e me observado enquanto eu dormia naquele mesmo homem à minha frente.

Sebastian ficou calado.

— É claro que você não é quem eu achava que era. Você me fez viver uma mentira e não vou te perdoar nunca.

— Você é uma garota muito inteligente, Marfil — disse ele, me olhando bem sério —, não me julgue tão rápido. Não é todo mundo que nasce em berço de ouro.

— Berço de ouro? Acho que você quer dizer berço roubado.

— Nenhum dos dois pode mudar onde nasceu, Marfil, nem quem são nossos pais. Eu fui abandonado em uma lixeira, sozinho, com vinte e quatro horas de vida, você nasceu cercada de traficantes e assassinos, mas, pelo menos, teve vinte anos para crescer e olhar para todo mundo de cima. Eu não tive esse privilégio: tudo que fiz foi para sobreviver.

— Sempre é possível escolher o caminho certo.

— Diz aquela que vive no meu mundo há cinco minutos.

— Desculpe por não ser uma droga de uma delinquente! — gritei, furiosa, porque agora ele estava contra mim.

Tentei me afastar, mas ele me segurou. Sebastian me puxou para si e o olhei com raiva.

— Um dia você vai entender tudo, prometo.

— O que você quer dizer com isso?

— Não somos todos farinha do mesmo saco.

— Ninguém te obriga a traficar, porra! — gritei, me debatendo para que ele me soltasse.

— Você acha que sair disso é assim tão fácil? Você sabe tudo que eu sei? Eles me matariam só de eu pensar em sair!

— Meu pai nunca…

— Seu pai é um assassino, Marfil, como todos nós.

— Você está se ouvindo?!

Ele assentiu, sem me soltar. Depois me segurou pela nuca e aproximou a boca da minha.

— Não passo um dia sem lamentar tudo que fiz, e pode ter certeza de que também não passo um dia sem que eu não tente consertar meus erros.

Fiquei em silêncio, olhando para ele fixamente, buscando a verdade em seu olhar.

— Como?

Sebastian fechou os olhos um instante, como se olhar para mim fosse difícil, por causa do que poderia descobrir.

— Continuo aqui, não?

— Está me dizendo que tenta se redimir enfiando a mão na minha calcinha?

— Chega! — disse ele, furioso. — Não fale assim de nós, caralho. Você sabe perfeitamente que não é só mais uma, pelo amor de Deus! Eu poderia ter comido você na primeira semana, mas veja só onde estamos meses depois!

— Está insinuando que eu sou fácil, é o que está dizendo agora?

— Estou insinuando que o que sinto por você é a única coisa que me faz continuar aqui, arriscando minha vida por você, entende?

— Então vá embora! Não quero que você me proteja, vai ter outro pra fazer isso, não preciso de você! Não mais!

Sebastian demorou alguns segundos para assimilar minhas palavras e, então, disse:

— Pois seus desejos vão se tornar realidade, porque não vou mais proteger você.

O quê?

Não!

— Como assim?

Sebastian tirou o celular do bolso.

— Tenho ordens para levar você pra casa do Marcus. A partir de agora, é ele quem vai decidir sobre sua proteção. Aparentemente, meu trabalho de ontem à noite foi inaceitável para ele. Vão me substituir.

Balancei a cabeça ao ouvi-lo pronunciar o nome de Marcus.

— Você não pode me levar pra ele…

Sebastian estreitou os lábios com força e, então, a raiva que sentíamos pareceu desaparecer e dar lugar ao medo. Ele pegou meu rosto entre as mãos e encostou a testa na minha.

— É por pouco tempo… vou dar um jeito de resolver isso.

Meus olhos se encheram de lágrimas e olhei para ele com terror.

— Ele vai me matar, Sebastian…

— Não vai, ele quer você.

— Ele vai me machucar!

— Faça o que ele mandar, Marfil. Prometo que vou tirar você de lá.

Olhei para ele como se estivesse falando grego comigo.

— NÃO! — gritei, e corri para pegar minha bolsa. Peguei o celular e digitei os três números. — Vou chamar a polícia.

Nervoso, Sebastian levantou as mãos se foi se aproximando.

— Não faça isso, Marfil — pediu ele, mas liguei mesmo assim. — Eles vão descobrir sua localização, vão vir atrás de você. Desligue! — gritou.

Eu me assustei quando ele gritou e o telefone caiu da minha mão. Sebastian o pegou antes que eu pudesse reagir e o guardou no bolso de trás da calça.

— Ninguém pode saber de nada disso. Eles estão nos procurando pelo que aconteceu no hotel, não percebe?

— Não me inclua nisso! Eu não sou traficante! Vou contar tudo que sei, e seja o que Deus quiser!

— Você vai estar morta antes de contar até cinco.

— Pare de falar isso!

Eu me abaixei até me sentar no chão e abracei os joelhos.

Meu Deus, quero acordar desse pesadelo!

Ele se abaixou ao meu lado.

— Eu daria minha vida por você, elefante — disse, em tom conciliador. — Eu não a levaria para o Marcus se achasse que ele pode te causar um dano irreparável. Odeio dizer isso, mas, nesse momento, é o lugar mais seguro pra você.

— Desde quando estar com um assassino traficante abusador é um lugar seguro pra mim?

Sebastian demorou alguns instantes para responder.

— Desde que a máfia russa esteja querendo matar você.

Arregalei os olhos e o encarei com horror.

— Eu sei que tudo isso é horrível, mas, apesar de Marcus ser o que é, ele tem

muitos recursos e não vai parar enquanto não acabar com todo mundo que quer matar você.

— Por que ele se daria ao trabalho?

Sebastian me olhou como se fosse óbvio.

— Porque ele está apaixonado por você — respondeu com frieza.

Pensar nisso me dava ânsia de vômito. Aquele homem não era apenas tudo aquilo que Sebastian dizia, também era um abusador e um filho da puta.

— Tem que existir outro jeito. Não me leve pra ele, Sebastian. Não fique longe de mim, por favor — implorei, me aproximando e deixando que ele me envolvesse em seus braços.

De repente, todos eram inimigos e, dentre eles, Sebastian era o único a quem eu podia recorrer.

Na minha cabeça, o abraço durou horas, mas acabei me afastando dele, como se me queimasse. Olhei para ele com ódio e entrei no banheiro. Fiquei uma hora e meia sentada no chão pensando nas minhas alternativas. Não eram muitas, visto que eu não tinha a quem recorrer.

Passou pela minha cabeça ir para a casa de Elisabeth, mãe de Gabriella. Mas será que ela sabia daquilo tudo? Será que foi por isso que acabou se divorciando do meu pai? Mas então me lembrei que Harold, o marido dela, era policial. Elisabeth não esconderia uma coisa dessas do marido, era impossível… Mas será que ela não tinha percebido nada? Meu pai era mentiroso profissional, claro, além disso, era verdade que ele tinha empresas pelo mundo todo. Evidentemente, precisava lavar o dinheiro que ganhava no tráfico de drogas de algum jeito…

Meu Deus…

Decidi não recorrer a Elisabeth, porque a colocaria em perigo, mas também porque Gabriella poderia acabar descobrindo tudo, e isso era a última coisa que eu queria na vida. Minha irmã adorava meu pai. Era bom que ficasse em Londres, longe de toda aquela merda.

Eu estava meio em transe, como se, de repente, tivessem roubado minha vida. Liguei para Liam não só para saber como estava Tami, mas também porque precisava ouvir a voz dele. Tive vontade de pedir que fosse me buscar, que me levasse para longe, mas eu sabia que ele não chegaria nem a meio quarteirão de distância.

E Sebastian… Era possível que descobrir que ele fazia parte daquele mundo tão horrível doesse mais que saber que meu pai era um dos traficantes mais perigosos do país?

Eu não apenas me sentia traída, como também me perguntava se algo de tudo

que a gente tinha compartilhado era verdade. Ele sempre me dizia que não era bom para mim, mas eu achava que se referia ao fato de ser guarda-costas, de trabalhar para o meu pai, à idade… Nunca imaginei que ele poderia ser um assassino. Era como se referira a si mesmo: "Seu pai é um assassino, Marfil, como todos nós."

Por fim, ele bateu à porta. Fiquei olhando para a porta fechada tentando discernir que tipo de homem me esperava do outro lado.

— Abra de uma vez, Marfil — disse ele, batendo suavemente com o nó dos dedos. — Não me faça ter que derrubar…

Acabei me levantando e abrindo a porta. Lá estava ele, não mais de peito descoberto. Havia posto uma blusa de moletom preta que eu nunca tinha visto.

Traficante ou não, ele continuava incrivelmente bonito e sexy.

Ficamos nos olhando. Fechei os olhos quando ele acariciou meu rosto e depois meu pescoço.

— Lamento muito por tudo isso — sussurrou no meu ouvido, e estremeci. — De verdade, elefante — repetiu, beijando a pele sensível da minha orelha.

Isso me reconfortou por alguns segundos, mas logo lembrei o que ele iria fazer e o empurrei de leve, como se seu toque ardesse.

— Não me beije nunca mais, Sebastian.

Eu me afastei dele e me deitei na cama em posição fetal. Não sabia o que estávamos esperando nem quais eram suas ordens. Mas sabia que ele iria me entregar a Marcus, porque nunca tinha visto Sebastian tão arrasado e preocupado.

— Tome — disse ele um pouco depois, me dando um copo d'água e um comprimido como o de antes.

— Não quero relaxar, estou bem.

— Você precisa descansar.

— Eu preciso é acordar desse pesadelo.

Sebastian simplesmente me olhou com o comprimido ainda na mão. Finalmente o peguei e o coloquei na boca. Precisava dormir sem ver a cara dos meus guarda-costas mortos no chão nem minha amiga se esvaindo em sangue na minha frente, nem Marcus me esperando em seu calabouço para me devorar.

Adormeci logo e, quando ele me pegou no colo, entendi que não ia acontecer o mesmo que antes. Ele não estava me levando para a cama dele, e sim para o carro.

A última coisa que vi antes de meus olhos se fecharem sem que eu pudesse impedir foi uma lágrima rolar pelo rosto de Sebastian.

Talvez tenha sido só um sonho.

Epílogo

Sebastian

Ela dormiu durante todo o trajeto até o aeroporto de Newark. Dessa vez, eu não iria com ela, não pegaria sua mão na decolagem nem na aterrissagem. Mas não apenas isso: eu tinha que me separar dela, tinha que deixá-la ir.

Eu estava havia mais de meia hora sentado ao seu lado no carro, esperando pacientemente que, por fim, acordasse. Diante de nós estava o avião privado de Marcus Kozel. Todo mundo estava esperando que eu a fizesse embarcar no avião que a levaria a milhares de quilômetros de mim.

Ao meu lado, Marfil começou a se mexer e eu me preparei para o que iria acontecer. Primeiro, ela abriu os olhos devagar. Ao me ver ao seu lado, um brilho único surgiu em seu olhar, aquele brilho que me deixava louco fazia meses. Aquele mesmo brilho que me perseguiria até que pudesse vê-la de novo. Mas não durou muito, seu cérebro devia ter se lembrado das últimas horas, dos últimos acontecimentos, e uma sombra apagou do seu rosto qualquer sinal de felicidade, esperança ou alívio ao me ver.

— Onde estamos? — perguntou olhando para todo lado e se endireitando ao ver o avião a poucos metros.

Era um Dassault Falcon 7X, um dos melhores jatinhos do momento, com alcance de 5.950 milhas náuticas. Custava quase cinquenta milhões de dólares, o que mostrava a quantidade de dinheiro que aquele mundo do tráfico gerava.

— No aeroporto de Newark — respondi, com medo de olhá-la nos olhos.

Eu não queria nem saber o que se passava pela cabeça dela, como devia estar assustada. Saber que não podia fazer nada para mudar aquilo me dava vontade de matar, de matar todos eles e levá-la para longe.

— Você me drogou?

Olhei para ela e, antes que ela pudesse sair correndo, travei a porta do carro. Precisava de alguns minutos com Marfil. Precisava ter certeza de que ela entendia o que iria acontecer.

— Era só um calmante, precisava que você estivesse descansada…

— E precisava me trazer aqui à força.

Ela tentou abrir a porta e, ao ver que estava trancada, me fulminou com seus lindos olhos. Apesar da raiva, eles não conseguiam esconder o pânico que não os

abandonava havia duas noites, quando tudo foi para o caralho.

— Abra essa droga dessa porta, Sebastian.

— Já vou abrir, só preciso que você entenda por que eu te trouxe aqui.

— Não vou entrar nesse avião.

Suspirei e me virei para ficar de frente para ela.

— É por pouco tempo…

— Não vou entrar nesse avião — repetiu ela, com uma seriedade e uma determinação invejáveis.

— Você precisa entrar, estão te esperando em Miami. É o único lugar onde vai ficar segura, pelo menos até eu descobrir como…

— Não vou entrar nesse avião! — gritou ela, e começou a puxar a maçaneta.

Vi que ela chorava e senti nojo de mim mesmo.

— Marfil, escute! — gritei, vendo que ela começava a ter um ataque de pânico.

Segurei suas mãos com força, obrigando-a a olhar para mim.

— É por pouco tempo, vou tirar você de lá.

Ela foi assimilando minhas palavras bem devagar.

— Por que eu deveria acreditar em você? Você mentiu pra mim desde que nos conhecemos.

— Vai acreditar porque estou apaixonado por você. Eu te amo, ouviu? — confessei.

Puxei-a pela nuca e até encostar a testa na dela. Notei sua respiração entrecortada e meu coração se acelerou.

— Se houvesse um lugar mais seguro para você agora, eu pegaria esse carro e iríamos embora. Mas não há, e não vou permitir que matem você, entendeu?

Marfil piscou várias vezes, tentando tirar dos olhos as lágrimas que embaçavam sua visão, que caíram umedecendo suas bochechas e dilacerando minha alma.

— Você está mentindo de novo… — sussurrou em meus lábios, balançando a cabeça.

— De que adiantaria mentir, se eles poderiam me matar por sentir isso por você?

Ela ergueu o olhar até encontrar o meu e senti um friozinho na barriga.

— Por que não me disse antes?

— Porque eu tinha esperança de que esse sentimento desaparecesse. Porque eu me recusava a me apaixonar por você, Marfil. Mas, quanto mais resistia, mais forte era meu amor.

Ela fechou os olhos e desejei levá-la para longe, escondê-la e lhe contar toda a verdade. Mas não fiz nada disso, simplesmente esperei…

Ela respirou fundo e levantou a cabeça.

— Não vou dizer o mesmo, Sebastian. Você não vai ouvir essas palavras saírem da minha boca… nunca.

Foi como se ela cravasse uma adaga no meu coração, mas eu não esperava nada diferente. Já a conhecia o suficiente para saber que Marfil Cortés nunca me perdoaria pelo que estava fazendo naquele momento.

— Você é linda e fria como marfim… mas eu sempre serei ébano.

— Não interessa. Você sempre será aquele que me deixou nas mãos de um assassino.

Sem que eu percebesse, ela apertou o botão para destravar as portas e abriu a dela para descer do carro e sair correndo.

Consegui alcançá-la a vários metros e a segurei com força. Por mais rápida que fosse, eu tinha pernas mais longas.

— Me solta! — gritou, debatendo-se enquanto eu a segurava firmemente por trás.

— Não dificulte mais as coisas, Marfil!

Ela tentou me morder e a segurei para que não conseguisse alcançar meu braço.

— Eu não vou! — chorou.

— Você não tem opção… — sussurrei em seu ouvido.

Ela foi assimilando minhas palavras pouco a pouco e parou de se debater.

Quando se acalmou, a coloquei no chão e a girei para ficar de frente para mim.

— Vou descobrir uma maneira de cuidar de você, só preciso de um tempo…

Marfil estava ofegante e me doía tanto ver seus olhos cheios de lágrimas que não pude evitar e a abracei.

A princípio, ela resistiu, mas então passou os braços por baixo da minha jaqueta e me abraçou.

Um segundo depois, ela me empurrou e se afastou, e apontou minha pistola para minha cabeça.

Soltei um palavrão e levantei as mãos, cauteloso.

Marfil chorava e sua mão tremia enquanto ela tentava se acostumar com o peso da arma.

— Mar…

— Você vai me levar pra casa…

— Não posso…

— Dê um jeito!

Ficamos nos olhando por minutos, que pareceram horas.

— Você não vai atirar em mim — falei baixinho, tranquilo.

Eu não tinha medo por mim, e sim por ela. Ver Marfil empunhando uma arma

era meu pior pesadelo se tornando realidade.

— Me dá essa arma…

Ela piscou com força para afastar as lágrimas e ver melhor. Então segurou a pistola com as duas mãos.

— Não vou ficar com Marcus Kozel…

Dei um passo para a frente.

— Não se mexa! — gritou, mas a ignorei e continuei avançando.

— Sebastian, se continuar…

Cheguei até ela e a pistola encostou no meu peito. Olhei nos olhos de Marfil.

— Você não vai atirar.

Ela levou poucos segundos para desabar.

Peguei a pistola e puxei Marfil para mim. Dessa vez, ela me abraçou de verdade, e tive que usar todo meu autocontrole para não desabar ali mesmo com ela.

— Confie em mim, Marfil — pedi, com os lábios nos seus cabelos. — Vou tirar você de lá, prometo — completei a olhando nos olhos.

Queria dizer milhares de coisas, mas torcia para que ela conseguisse me entender só com um olhar.

Ao ver que ela não dizia nada, eu me desesperei e a beijei com força. Quem sabia quando poderia beijá-la outra vez?

— Um dia você vai entender tudo, elefante. Eu prometo.

— Pare de fazer promessas que nunca vai poder cumprir — disse ela, bem séria.

Ela se afastou de mim, me olhou com mágoa e desviou os olhos para o avião que a esperava.

Marfil respirou várias vezes antes de falar:

— Adeus, Sebastian.

Passou por mim e se dirigiu ao avião. Vi seus longos cabelos escuros caindo pelas costas, agitados pelo vento. Ela não olhou para trás. Não hesitou ao chegar ao avião. Estava indo embora, e não havia nada que eu pudesse fazer.

Peguei o telefone e digitei uma mensagem.

Estava feito, não tinha volta. E foi assim que o amor da minha vida foi embora, para as garras do meu pior inimigo.

Quando se vende a alma ao diabo, se apaixonar por um anjo pode levá-lo direto para o inferno.

Agradecimentos

Aqui estou eu outra vez, escrevendo os agradecimentos de um novo livro pelo qual tenho um carinho especial. Não é fácil deixar personagens antigos que nos acompanharam durante anos e tentar nos conectar com novos, mas Marfil e Sebastian roubaram meu coração, assim como Nick e Noah já fizeram, e devo isso a todas as pessoas que me incentivaram a escrever algo novo, que me escreviam todos os dias perguntando: Quando vamos ter o novo livro de Mercedes Ron?

Em primeiro lugar, quero agradecer à equipe da Penguin Random House por continuar confiando em mim, por querer fazer dos meus livros algo incrível e por me dar o apoio de que eu precisava para voar. Obrigada, Rosa, por ter me aberto as portas de uma casa tão grande e especial. Obrigada, Ada, por ser minha editora estrela, por me escutar e me animar sempre que precisei. Espero tê-la sempre ao meu lado neste caminho.

Eu poderia dizer muitos nomes da Penguin: obrigada a Manuel, por suportar todas as minhas exigências em relação às capas e ajustar a imagem, a cor, o tamanho… Espero que não me odeie! Obrigada a Conxita e Alba, por querer expandir *Culpados* a novos horizontes, que tenho certeza de que, com o tempo, acabaremos alcançando com sucesso. Cada vez que recebo um e-mail de vocês meu coração acelera! Obrigada a todos, no geral, porque, se não fosse por vocês, *Atraídos pelo destino* não estaria nas livrarias hoje.

Agradeço ao meu pai por ter me ajudado com temas que eu desconhecia, por se sentar comigo na sala, com papel e lápis na mão, por me ajudar a criar um mundo, pois ainda hoje essa tarefa continua me custando um bom preço.

A minha mãe, minha melhor amiga, por estar sempre ao meu lado independentemente da distância, dos problemas ou dos imprevistos da vida. Você é meu exemplo.

As minhas irmãs, todas as três, por se entusiasmarem com cada conquista que alcanço, por falarem de mim com orgulho para todos os conhecidos e por me amarem como sou: louca, entusiasta e, às vezes, meio chata.

A minha prima Bar, por ser meu braço direito, um exemplo de superação, de Mulher Maravilha. Você é incrível, não deixe que ninguém nunca lhe diga o contrário.

A Ana, por ter compartilhado comigo a viagem que ajudou este livro a ser ainda mais especial. Levo aqueles meses em Nova York tatuados na pele, literalmente, e eles não teriam sido os mesmos sem você. Não sei como você consegue, mas nossas viagens sempre têm como resultado o que, para mim, é um livro perfeito. Obrigada, Wachi, por me ajudar também com a capa. Seu talento no Photoshop me impressiona, porque eu não sei nem inserir um título. As minhas amigas, todas elas: Alicia, Irene, Alba, Ana, Patri, Blanca, Gala, Laura, Eva, Andrea, Miriam, porque vocês me inspiram todos os dias. São exemplos de mulheres fortes, guerreiras e sonhadoras. Não deixem que ninguém roube seus sonhos, são todos especiais e valem a pena. Obrigada por serem como são.

Obrigado aos meus "culpados", minha família, pelo entusiasmo, pelos memes, pelos comentários… Tudo que vocês fazem é incrível. Obrigada por me fazerem chegar até aqui. Vocês são a melhor coisa que poderia ter me acontecido e amo cada um de vocês.

E por último, apesar de certamente ter esquecido um monte de nomes, quero agradecer a você que lê estas linhas. Obrigada por ter confiado em mim, por ter parado em uma livraria, seja porque o título, a capa ou a história chamou sua atenção. Espero que eu o tenha feito curtir, se apaixonar, rir e sofrer um pouco, porque, sejamos sinceros: se não o fizesse sofrer um pouco, este não seria um dos meus livros.

Este e-book foi desenvolvido
em formato ePub por Flex Estúdio para
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Atraídos pelo destino

Perfil da autora no Instagram
https://www.instagram.com/mercedesronn/

Perfil da autora no TikTok
https://www.tiktok.com/@mercedesron

Página da autora no Facebook

Página sobre a autora na Wikipédia
https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercedes_Ron

Página da autora no Skoob
https://www.skoob.com.br/pt/author/77075

Página do livro no Goodreads
https://www.goodreads.com/book/show/248336967-drawn-together

Página da autora no Goodreads
https://www.goodreads.com/author/show/16594382.Mercedes_Ron
